

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL MESTRADO**

MAICO BIEHL

**NATUREZA, CIÊNCIA E HISTÓRIA NA EXPERIÊNCIA DA VIAGEM:
O *OLHAR* DE JOHANN RENGGER SOBRE O PARAGUAI (1818-1835)**

SÃO LEOPOLDO

2018

MAICO BIEHL

NATUREZA, CIÊNCIA E HISTÓRIA NA EXPERIÊNCIA DA VIAGEM:
O *OLHAR* DE JOHANN RENGGER SOBRE O PARAGUAI (1818-1835)

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em História
pelo Programa de Pós-Graduação em História
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Cristina Deckmann Fleck

São Leopoldo

2018

B586n Biehl, Maico.
Natureza, ciência e história na experiência da vigem: o
olhar de Johann Rengger sobre o Paraguai (1818-1835) /
Maico Biehl. – 2018.
285 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2018.
“Orientadora: Prof^ª. Dra. Eliane Cristina Deckmann
Fleck”.

1. Historiografia. 2. História natural. 3. Paraguai 1819-1825.
4. Relatos de viagem. I. Título.

CDU 989.2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Silvana Teresinha Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

MAICO BIEHL

NATUREZA, CIÊNCIA E HISTÓRIA NA EXPERIÊNCIA DA VIAGEM:
O OLHAR DE JOHANN RENGGER SOBRE O PARAGUAI (1818-1835)

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em História,
pelo Programa de Pós-Graduação em História
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Aprovado em 10 de setembro de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Eliane Cristina Deckmann Fleck (Orientadora) – Universidade do Vale do Rio dos
Sinos (UNISINOS)

Prof^a. Dr^a. Luciana Murari – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Bohn Martins – Universidade do Vale do Rio dos Sinos
(UNISINOS)

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Korndörfer – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Aos meus pais, por tudo.

AGRADECIMENTOS

Se pensarmos na experiência da viagem, possivelmente, este seria o momento de retorno. Percorrido o caminho da pesquisa e da escrita da dissertação, este olhar para trás é um pequeno relato de gratidão por todos que tornaram possível a partida e o regresso. Nessa travessia de dois anos, a solidão tem seu lugar, ainda assim, muitas foram as pessoas que apontaram caminhos, ajudaram a corrigir as rotas tomadas e me acompanharam nos momentos de marasmos em que as incertezas, a ansiedade e a angústia quiseram se impor. A estes, segue o meu agradecimento.

Começo agradecendo à minha família, aos meus pais e à minha irmã, pela compreensão em relação às minhas ausências, pelo incentivo e suporte ao longo desses anos. Poder contar com a companhia de vocês nos momentos de dificuldades e de alegrias, ou para uma simples conversa, tornaram os caminhos mais tranquilos e seguros. A vocês, meu maior e eterno agradecimento.

Agradeço aos meus colegas de curso, em especial, aos amigos que conheci na universidade, Dionathan, Eric, Mirele, Andressa, Elocir e Mariana Schossler, pela presença constante, pelo companheirismo nas aulas, por toda ajuda e pelas descontraídas conversas. Aos colegas do grupo de pesquisa, Letícia, Rogério e Bernardo, pela agradável convivência e pelas proveitosas discussões acerca de nossas pesquisas. Agradeço, em especial, à Mariana Alliatti, que conheço desde os tempos de graduação, pela amizade com que pude contar ao longo desses dois anos e pelo gentil envio de materiais valiosos para o meu trabalho. E, à Bruna, que conheci durante o mestrado, uma pessoa incrível, forte e alegre, cuja amizade é para mim um presente. A todos, agradeço pela amizade!

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, agradeço pelo permanente apoio, dedicação e interesse em relação à minha pesquisa, manifestados nas aulas, nos cafés durante o intervalo, ou mesmo nas conversas pelos corredores. Menciono, em especial, os professores Marcos Witt e Cláudio Pereira Elmir, pela ajuda na localização e no envio de materiais e de bibliografia para o trabalho, bem como o professor Jairo Henrique Rogge, cujo auxílio foi primordial na elaboração dos mapas que integram a presente dissertação. Também não posso deixar de agradecer à Saionara, sempre gentil e disponível, por toda atenção e ajuda na resolução das demandas burocráticas do curso.

Agradeço às professoras Maria Cristina Bohn Martins e Ana Paula Korndörfer, que, por ocasião do Exame de Qualificação, contribuíram para o aperfeiçoamento do trabalho com suas observações e sugestões.

Agradeço, também, aos professores Herib Caballero Campos, Ignacio Telesca e Bartomeu Melià pela carinhosa recepção e acolhida em Assunção, pelas agradáveis conversas e, especialmente, pelas orientações, sugestões e questionamentos feitos à pesquisa, que a enriqueceram enormemente. Às equipes do Archivo Nacional de Assunción, do Museo Etnografico Andres Barbero, da Academia Paraguaya de la História e da Biblioteca Nacional, pela constante atenção, ajuda e dedicação na coleta de fontes documentais e bibliográficas. Aproveito para estender o meu agradecimento ao professor Roberto Zaugg, pelas orientações sobre a pesquisa em arquivos e bibliotecas digitais da Suíça, e ao professor Carlos Paz, pelas aulas ministradas no PPGH-UNISINOS e pela disponibilidade e interesse em contribuir através do envio de bibliografia complementar, bem como por todas as produtivas conversas mantidas ao longo desses dois anos. A todos, muito obrigado!

Agradeço, de forma muito especial, à minha orientadora, a professora Eliane Fleck. Inevitável lembrar aqui o convite que me fizeste, lá no final de novembro de 2013, para integrar o seu grupo de bolsistas de Iniciação Científica. Recordo esse momento com grande contentamento, pois foi ao longo desses anos que formei a minha prática em pesquisa, contando sempre com o seu apoio, dedicação e confiança. Obrigado pelo incentivo constante, pela autonomia, pela ajuda e pela compreensão nas decisões que tomei ao longo desse período. Na construção da presente dissertação, sua orientação foi fundamental. Sempre com uma leitura atenta e com sugestões enriquecedoras, que a cada encontro de orientação, a cada conversa me inspiravam e me deixavam seguro e animado para seguir em frente. Obrigado pelo exemplo de pessoa humana e profissional. Sou sempre grato!

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelos recursos financeiros investidos, que viabilizaram a realização do Curso de Mestrado, da pesquisa e da escrita da presente dissertação em regime de dedicação integral.

Assumindo o risco do esquecimento, gostaria de agradecer a todos que, ao seu modo, contribuíram para o meu aprendizado, me acompanharam tanto nos momentos de dificuldades, quanto nos de alegrias que vivi na UNISINOS, que, ao longo destes anos, foi meu segundo lar. Levarei sempre comigo essas recordações e os autênticos e fraternos sentimentos que elas evocam.

Inverno de 2018.

“O outro é o fantasma da historiografia. O objeto que ela busca, que ela honra e que ela sepulta” (CERTEAU, 2011, p. XVI).

RESUMO

A presente dissertação analisa as representações sobre a natureza e a sociedade do Paraguai expressas no conjunto das narrativas de viagens do médico suíço Johann Rudolf Rengger (1795-1832), intituladas *Ensayo Historico sobre la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorio del Doctor Francia*, publicada em 1827, e *Viaje al Paraguay en los años 1818 a 1826*, publicada postumamente em 1835. No início do século XIX, Rengger em companhia de seu colega e, também médico suíço, Marcel Longchamp, empreenderam, por livre iniciativa, uma viagem à América do Sul. A opção por explorar o Paraguai, à época sob a ditadura de José Gaspar Rodrigues de Francia, impôs dificuldades aos viajantes, que foram obrigados a permanecer no país por aproximadamente seis anos, entre 1819 e 1825. Após o retorno à Europa, Rengger dedicou-se à sistematização do material que conseguiu trazer consigo e à publicação dos primeiros resultados de sua viagem, processo abreviado pelo seu prematuro falecimento, em 1832. Inicialmente, nos detemos na trajetória de Joahnn Rengger, refletindo sobre sua formação em vários países europeus e a importância das viagens realizadas, quer em seus estudos, quer em suas atividades posteriores. Para tanto, além das narrativas de Rengger, nos valem de registros históricos produzidos pelo governo de Francia, de narrativas produzidas por outros viajantes que estiveram no Paraguai e de escritos biográficos redigidos por indivíduos próximos ao médico suíço. À luz de referenciais da História Cultural, reconstituímos o processo de escrita e de edição das obras de Rengger e analisamos suas impressões sobre a natureza e a população paraguaia, notadamente, sobre os indígenas e os *criollos*, não descuidando de relacioná-las com as teorias estéticas e científicas vigentes no período e presentes em outros relatos de viajantes. Na continuidade, analisamos a atuação de Rengger no Paraguai enquanto médico e naturalista, atividades que mais o notabilizaram, acrescentando a esta análise uma reflexão sobre sua obra *Ensayo Historico* e sobre suas percepções e avaliações sobre a história do Paraguai. A análise dos relatos de viagens de Johann Rengger nos possibilitou problematizar não apenas sua trajetória e sua produção intelectual, mas também refletir sobre suas percepções sobre a natureza, a sociedade e a história do Paraguai independente das primeiras décadas do Oitocentos.

Palavras-chave: Johann Rengger. Relatos de viagem. História Natural. História da Saúde. Historiografia. Paraguai 1819-1825.

ABSTRACT

The present thesis analyzes the representations of Paraguai's society and nature expressed in a set of travel narratives by Swedish physician Johann Rudolf Rengger (1795-1832), entitled *Ensayo Historico sobre la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorio del Doctor Francia*, published in 1827, and *Viaje al Paraguay en los años 1818 a 1826*, published *post-mortem* in 1835. In the beginning of the nineteenth century, Rengger along with his colleague, the also Swedish physician, Marcel Longchamp, undertook, on *laissez-faire*, a trip to South America. The decision to explore Paraguay, in the time under the dictatorship of José Gaspar Rodrigues de Francia, imposed difficulties for the travelers, who were forced to remain in the country for nearly six years, between 1819 and 1825. After returning to Europe, Rengger dedicated himself to the systematization of the material he managed to bring along and to the publishing of his trip's first results, a process that was shortened by his premature death, in 1832. At first, we are going to focus on Joahnn Rengger' trajectory, reflecting upon his formation in several European countries and his performed trips' importance, either in his studies, or in his following activities. Therefore, besides Rengger's narratives, we are going to make use of historical records produced by the government of Francia, of narratives produced by other travelers who had been to Paraguay and of biographic writings written by individuals closely related to the Swedish physician. In the light of Cultural History, we restored the process of writing and edition of Rengger's work and analyzed its impressions on nature and the Paraguayan population, notably, about Indians and *criollos*, carefully relating them to scientific and aesthetic theories in force during that time and present in other travelers' reports. Following, we analyze the Rengger's performance in Paraguay as a physician and naturalist, roles that made him notable, adding to this analysis a reflection on his work *Ensayo Historico* and on his perceptions and evaluations on Paraguay's history. The analysis of Johann Rengger's travel reports allowed us to problematize not only his trajectory and his intellectual production, but also reflect upon his perceptions about Paraguay's history, society and nature, regardless of the first decades of the eighteen hundreds.

Keywords: Johann Rengger. Travel Narrative. Natural History. Health History. Historiography. Paraguay 1819-1825.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Viagens de Johann Rengger pela Europa, 1795-1832	55
Figura 2 – Viagens de Johann Rengger pelo interior do Paraguai, 1819-1821	70
Figura 3 – Viagem de Johann Rengger ao Paraguai, 1818-1826	75
Figura 4 – Frontispício da segunda edição em francês da obra <i>Ensayo Historico</i>	116
Figura 5 – Frontispício da edição em alemão da obra <i>Ensayo Historico</i>	117
Figura 6 – Anexo do passaporte de saída do Paraguai de Rengger e de Longchamp	119
Figura 7 – Frontispício da edição original de <i>Viaje al Paraguay</i>	121
Figura 8 – Imagem de abertura na edição original da obra <i>Viaje al Paraguay</i>	125
Figura 9 – Mapa do Paraguai desenhado por Rengger	156
Figura 10 – Mapa dos Estados da Bacia do Prata de Azara com correções de Rengger.....	157
Figura 11 – Primeira prancha de ilustrações da obra <i>Viaje al Paraguay</i> de Rengger	173
Figura 12 – Segunda prancha de ilustrações da obra <i>Viaje al Paraguay</i> de Rengger	174
Figura 13 – Casa de campo de um <i>criollo</i> de mediana fortuna na obra <i>Viaje al Paraguay</i> ...	216
Figura 14 – Espécie <i>Cuphea pterosperma</i> Koehne coletada por Rengger	239

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Registros de intertextualidade nas obras de Johann Rengger.....	99
Quadro 2 – Comparativo entre as traduções da obra <i>Ensayo Historico</i> de Rengger.....	114
Quadro 3 – Comparativo entre o projetado e o publicado da obra <i>Viaje al Paraguay</i>	129
Quadro 4 – Enfermidades e suas causas mencionadas na obra <i>Viaje al Paraguay</i>	212

LISTA DE SIGLAS

ANA	Archivo Nacional de Asunción
ETHZ	<i>Eidgenössische Technische Hochschule Zürich</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 ENTRE ORIGENS E DESTINOS: O VIAJANTE	43
2.1 Dos Alpes aos Trópicos: trajetórias e formação	43
2.2 A viagem: protagonismo ou detalhe?	57
2.3 O Paraguai dos viajantes	76
3 “SON LOS RESTOS DE UN NAUFRAGIO LOS QUE AQUÍ OFRECEMOS AL PÚBLICO”: DA IDEALIZAÇÃO À INTERRUPÇÃO DO PROJETO EDITORIAL ...	86
3.1 Um mercado e muitos leitores	86
3.2 Apropriações e intertextualidade: a escrita e a publicação das obras	95
3.2.1 Marcas da leitura: a intertextualidade.....	97
3.2.2 Da publicação às várias edições: estratégias autorais e editoriais	110
3.3 Johann Rengger: um autor sobre o Paraguai?	123
3.4 Repercussões do projeto editorial	134
4 CENAS PARAGUAIAS: NATUREZA E SOCIEDADE	142
4.1 Nos domínios da alteridade: presença, encontros e teorias	142
4.2 Olhares e lugares: a paisagem	153
4.3 O homem americano: a etnografia de Johann Rengger	168
4.4 A sociedade: impressões da viagem	189
5 PRÁTICAS CIVILIZATÓRIAS: MÉDICO, NATURALISTA E HISTORIADOR ..	205
5.1 No campo da Medicina: observações de uma atividade secundária	206
5.2 O trabalho de naturalista: entre ideias e práticas científicas	227
5.3 <i>Ensayo Historico</i>: uma narrativa historiográfica?	241
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	259
REFERÊNCIAS	266

1 INTRODUÇÃO

“Na sua forma mais elementar, escrever é construir uma frase percorrendo um lugar supostamente em branco, a página” (CERTEAU, 2011, p. XIX).

Nas linhas finais do Prólogo da sua obra *Ensayo Historico sobre la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorio del Doctor Francia*, datado de 16 de março de 1827, Johann Rengger registrava que “Según las últimas cartas que hemos recibido de Buenos Aires, hay motivos para creer que el Paraguay se halla en el mismo estado en que le dejamos”. (RENGGER; LONGCHAMP, [1827] 1828, p. XXI). Aos leitores que, portanto, viessem a se aventurar na leitura das páginas seguintes da obra, Rengger adiantava que encontrariam um retrato fiel do Paraguai no qual ele e Marcel Longchamp haviam vivido entre 1819 e 1825. Assim, ao menos, desejava o autor.

De acordo com Márcia Naxara (2004, p. 140), “O conhecimento nos séculos XVIII e XIX, tanto do ponto de vista artístico como científico, foi produzido a partir da ambição humana de alcançar uma crescente inteligibilidade do mundo, tanto natural como social”.¹ Desse modo, a realização das viagens – inclusive a de Rengger – atendiam e, ao mesmo tempo, eram motivadas por essa ambição em poder melhor conhecer o mundo social e natural, especialmente, pela oportunidade da observação *in loco*.

Natural da Suíça, Rengger dirigiu-se à América do Sul em um momento de forte tensão política na região, período em que os impérios europeus estavam perdendo as suas colônias, e conseqüentemente, os recém-independentes Estados americanos iniciavam a sua experiência de consolidação e autonomia política. É neste contexto, que Johann Rengger, acompanhado de seu amigo Marcel Longchamp, chegou a Buenos Aires, em 1818, tendo como destino o Paraguai, onde permaneceram por seis anos, na maior parte do tempo, de maneira forçada por decisão do governo local.

Farmacêutico e médico de formação, e com forte inclinação para o estudo e atuação em História Natural, Rengger pode ser percebido como médico, naturalista e, ainda, como autor de uma obra histórica sobre o Paraguai. Sua trajetória é, portanto, marcada por estas *três*

¹ As narrativas de viagens compõem uma temática ampla, cujos exemplos e estudos abrangem relatos desde a Antiguidade ao período contemporâneo, demonstrando a importância e a dinamicidade que estes escritos assumiram nesta perspectiva de longa duração. Neste percurso, os relatos se distinguiram por abordarem desde o mítico e o maravilhoso, até os estudos de cunho mais científico, sendo a experiência da viagem o elemento a unir estas variantes discursivas. O interesse na temática das narrativas de viagens nas Ciências Humanas não é recente, sendo possível distinguir várias abordagens e enfoques dados pelas várias disciplinas da área que tomaram como objeto de estudo estes relatos. Em uma perspectiva cultural, estas narrativas contribuíram e contribuem para a formação de múltiplas imagens e representações sobre o observado, bem como a formação de identidades e de alteridades. Reforçam, portanto, o duplo processo que se evidencia nos relatos de construção do *Outro* e do próprio narrador, informando, ainda, sobre o contexto sociocultural no qual ele se encontra inserido.

faces e pela viagem realizada. Experiência essa que o colocou em contato com a natureza e com a sociedade paraguaia e que foi registrada em seus relatos. A partir de duas de suas obras – a saber: *Ensayo Historico sobre la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorio del Doctor Francia* (1827) e *Viaje al Paraguay en los años 1818 a 1826* (1835) –, o presente estudo pretende analisar as impressões de Rengger com relação a natureza e a sociedade por ele observadas, não descuidando de aspectos da sua trajetória, tais como a viagem e o processo de escrita e publicação das suas narrativas à luz do ambiente oitocentista europeu, fortemente influenciado por teorias científicas e estéticas.²

Natureza e sociedade formam duas dimensões muito caras aos viajantes que se destinaram a América ao longo do século XIX. Do encantamento às desilusões e da pura descrição às sentimentais relações com as paisagens, a natureza sempre foi alvo de comentários dos viajantes. Como bem avaliou Maria Lígia Prado (1999, p. 197), “A natureza não é, portanto, um objeto neutro [...] Suas representações são carregadas de ideias que produzem imagens e símbolos, contribuindo para compor o imaginário de uma sociedade”, evidenciando assim, a “[...] cumplicidade entre natureza, política e história”.

A sociedade, por sua vez, foi pensada em termos de civilização. Sua organização, instituições e habitantes foram descritos sob esta perspectiva, o que leva a historiadora Karen Lisboa a afirmar que, “É com base nesse conceito que os viajantes definem a sua identidade e projetam-na no país estrangeiro, matizando as descrições dos aspectos sociais, históricos, etnológicos e culturais” (LISBOA, 1997, p. 24).

Não obstante, apesar de localizarmos na produção historiográfica latino-americana uma extensa e qualificada produção sobre a natureza e a sociedade americana a partir de narrativas de viajantes, não encontramos trabalhos que se detivessem, sob esta perspectiva, nos escritos de Johann Rengger. Ademais, a revisão bibliográfica que realizamos revelou uma escassa produção acadêmica sobre Rengger e Longchamp, ainda que seus relatos não sejam totalmente desconhecidos, especialmente, pela historiografia do Paraguai, por serem tidos como os primeiros observadores da sociedade paraguaia independente.³

² Utilizamos o termo *científicas* para designar o conjunto de teorias e estudos que, reivindicando a autoridade da ciência em suas conclusões, procurava confirmar a tese da inferioridade e da degeneração dos homens e da natureza americana. Estas ideias desenvolveram-se ao longo do século XVIII e tiveram como principais defensores autores como o Conde de Buffon, Cornelius De Pauw, Abade Raynal, entre outros. Já o termo *estéticos*, é empregado para referir os movimentos artísticos, políticos e filosóficos que influenciaram os modos de percepção da realidade ao final do século XVIII e início do XIX tributários, em grande medida, do Romantismo.

³ Deve-se observar que o primeiro estrangeiro a observar o Paraguai independente foi o comerciante britânico John Parish Robertson (1792 – 1843), a quem se uniu, posteriormente, o seu irmão William Parish Robertson (1794 – 1850). Permaneceram em terras paraguaias de 1811 até a expulsão de ambos, em 1815, pelo ditador José Gaspar Rodríguez de Francia. Seus escritos relativos ao Paraguai - *Letters on Paraguay: comprising an account*

Contudo, dentre as publicações de Rengger, destaca-se como a mais citada pelos estudiosos a obra *Ensayo Historico sobre la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorio del Doctor Francia*, de 1827. Possivelmente, as respostas para a presença dos relatos do médico suíço possam ser procuradas no próprio desenvolvimento da historiografia paraguaia, cuja produção tem notadamente privilegiado três temas: o governo de Francia (1814 – 1840), a Guerra do Paraguai (1864 – 1870) e a Guerra do Chaco (1932 – 1935). Interessa-nos, aqui, o tema do primeiro período, isto é, o governo de Francia, que vai muito além dos aspectos concernentes ao seu governo: “Es un personaje único en sus actos, en sus obras, en sus expresiones. No imita a nadie y nadie puede imitarlo” (CHÁVES, 1998, p. 23). Estas palavras, de autoria de um dos seus biógrafos e entusiastas, o historiador e ensaísta paraguaio Julio César Cháves, evidencia a dimensão da importância que parte da historiografia do país atribuiu à figura de Francia.⁴ Influenciada por esse contexto, a obra de Rengger assumiu uma grande relevância nos estudos sobre o período francista no Paraguai.

A segunda possível explicação para o uso difundido do *Ensayo Historico* tem relação com a edição da segunda obra de caráter histórico escrita por Rengger: *Viaje al Paraguay en los años de 1818 a 1826*. É preciso ressaltar que esta publicação, de 1835, só veio a ser traduzida para o espanhol em 2010 e, ainda, que a obra tenha tido capítulos escritos em língua francesa e outros em alemão, o que, certamente contribuiu para uma menor circulação e, conseqüentemente, para uma utilização mais restrita da obra. Portanto, oferta e interesse podem ter decidido a favor da primeira obra escrita por Rengger.

Soma-se a estas considerações, o fato de que a historiografia, até a transição das décadas de 1980 para 1990, ainda compartilhava do entendimento de que relatos de viagens eram registros autênticos da realidade observada. Esta perspectiva teórica sobrelevou a obra de Rengger, afinal, além de ter vivido por quase sete anos no Paraguai, ainda teve contatos com o ditador. Sua narrativa foi entendida como um testemunho autorizado, o que, como destaca Angela de Castro Gomes, ao abordar diários pessoais, é característico destes relatos, por possuir “Um tipo de discurso que produz uma espécie de ‘excesso de sentido do real pelo vivido’. Pelos detalhes que pode registrar, pelos assuntos que pode revelar [...]” (GOMES, 2004, p. 15).

of a four years residence in that republic, under the government of the dictator Francia (2 vols.) e *Francia's Reign of terror, beign a Continuation of Letters on Paraguay* – foram publicados, respectivamente, em 1838 e em 1839 (BREZZO, 2011). Portanto, ainda que os irmãos Robertson tenham estado antes de Rengger no Paraguai, os escritos do médico-viajante suíço antecedem aos dos ingleses em onze anos.

⁴ José Gaspar Rodríguez de Francia (1766 – 1840), natural de Assunção, obteve o grau de doutor em Direito Civil e Canônico pela Universidade de Córdoba. Em seu retorno ao Paraguai, exerceu advocacia e ocupou cargos na administração colonial. Envolvido no processo de independência em 1811, atuou como membro da Junta Superior Governativa, após como Cônsul e por fim como Ditador até 1840 (CABALLERO CAMPOS, 2010).

Nesta linha interpretativa dos relatos de viagem é que se situam as obras de Efraim Cardozo (1988) sobre o Paraguai independente, de Alfredo Viola (2009) sobre a atuação de Francia na consolidação da independência e, mesmo a já citada biografia do ditador escrita por Julio César Chaves (1998). Poderíamos acrescentar a estas, a célebre obra do estadunidense Richard Alan White (1989), resultado da sua tese de doutorado escrita nos anos de 1970, em que a partir de uma análise de cunho marxista, identifica uma radicalização do processo de independência e do governo de Francia em favor de um estado social. Estas obras se caracterizam por uma forte ênfase nos fatos políticos e pelo uso de farta documentação oficial, limitando-se a algumas rápidas citações à obra *Ensayo Historico* de Rengger.

Uma primeira tentativa, ainda que muito breve, de ultrapassar as menções feitas aos relatos de Rengger, e de refletir sobre sua atuação no Paraguai, foi realizada pelo médico Dionisio María Gonzáles Torres, em seus livros *Temas Médicos*, de 1968, e *Boticas de la Colonia*, de 1978. Nestas duas publicações, o autor destaca o trabalho de Rengger e de Longchamp como médicos das tropas do exército paraguaio.

No entanto, foi no contexto das comemorações do bicentenário da independência do Paraguai, em 2011, que se pode identificar uma retomada dos escritos de Rengger e um crescente interesse por sua trajetória. Reedições de importantes livros da historiografia paraguaia e a edição de novos, como os de Nidia Areces e Beatriz Gonzáles de Bosio (2010), e *Historia del Paraguay*, coordenado por Ignacio Telesca (2011), revelam a continuidade do uso da obra *Ensayo Historico* de Rengger pelos historiadores. Contudo, estes novos trabalhos já não repetem suas descrições e impressões como expressão fiel da realidade.

Não obstante, a publicação da primeira edição em espanhol da *Viaje al Paraguay* de Rengger, em 2010, precedida de um prefácio dos tradutores Alfredo Tomasini e José Braunstein, constitui-se no primeiro e mais completo estudo sobre Rengger, sucedendo-se ao prefácio escrito pelo tio de Rengger, Albrecht, e que integra o próprio relato de viagem. Tomasini e Braunstein (2010), além de destacarem o caráter de testemunho sobre um período delicado na região platina, afirmam que a narrativa de Rengger deve ser considerada como pertencente à primeira geração de escritos científicos sobre a realidade sul americana, composta por autores como Félix de Azara,⁵ Auguste de Saint-Hilaire,⁶ Aimé Bonpland⁷ e Alcide d'Orbigny.⁸

⁵ Félix de Azara (1742 – 1821) foi um militar, explorador e naturalista espanhol. Enviado a América meridional em 1781, em vista do estabelecimento dos limites firmados no Tratado de Santo Ildefonso (1777), retornou a Europa em 1801. Dentre suas principais obras destacam-se *Apuntamientos para la Historia Natural de los Cuadrúpedos del Paraguay y del Río de la Plata* (1801), *Apuntamientos para la Historia Natural de los Pájaros del Paraguay y del Río de la Plata* (1805) e *Viajes por la América Meridional* (1809) (CARDOZO, 1959).

Dentre as novas contribuições, destacamos as publicações de Alfredo Boccia Romañach (2010; 2011; 2013), que tem procurado destacar a atuação de Rengger no Paraguai enquanto viajante e também como médico durante o período de Francia, utilizando-se, para isso, tanto de fontes documentais, como das obras *Ensayo Historico* e *Viaje al Paraguay* de Rengger.

Deve-se, ainda, destacar o trabalho de Leila Gómez, *Iluminados y tráfugos*, publicado em 2009. Nesta obra, a autora, sob a perspectiva da literatura, discute a construção de discursos identitários e nacionalistas e as apropriações que alguns dos autores a eles filiados fizeram de relatos de viajantes que percorreram a Argentina, o Paraguai e o Peru entre os séculos XIX e XX. Ao longo de seu texto, Leila Gómez se detém na descrição que Rengger e Longchamp fizeram das prisões paraguaias na obra *Ensayo Historico*, relacionando a política do governo de Francia com as ideias científicas vigentes no período, as quais, no seu entendimento, orientavam as observações dos médicos suíços. Ainda que circunscrito a um tema específico, a autora é uma das primeiras a se utilizar de forma mais crítica dos relatos feitos por Rengger e Longchamp.

No seu país de origem, os trabalhos já realizados sobre Johann Rengger se situam, em sua maioria, no campo da botânica. Fundamentados em uma vasta bibliografia europeia, os artigos de Lorenzo Ramella e Patrick Perret (2011a; 2011b; 2012) avançaram significativamente no estudo da trajetória de Rengger, especialmente, sobre a sua participação em instituições científicas na Suíça. Além disso, realizaram um mapeamento e uma tipificação das coleções botânicas de Rengger, concluindo que o viajante suíço coletou espécimes tanto no Paraguai, quanto no Brasil, já que Rengger e Longchamp realizaram uma parada na costa nordeste brasileira em função da necessidade de reparos na embarcação que os levava de volta à Europa, em 1825. A dedicação de Rengger à História Natural também foi destacada por Oscar Ferreiro, em um artigo publicado na *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, em 1965. Conhecedor de todas as obras publicadas por Rengger, ainda que as

⁶ Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire (1779 – 1853) foi um destacado botânico, naturalista e viajante francês. Realizou explorações pela América Portuguesa entre 1816 e 1822, financiado pelo governo da França, das quais resultou uma vasta publicação de relatos de viagens e obras referentes a História Natural (KURY, 2014).

⁷ Aimé Jacques Alexandre Goujaud Bonpland (1773 – 1858) foi um médico e botânico francês, que se notabilizou ao acompanhar Humboldt em sua viagem pela América entre 1799 e 1804. Após seu retorno à Europa, publicou algumas obras em parceria com Humboldt, sendo que a acolhida foi exitosa. Optou por retornar à América do Sul em 1817, falecendo na Província de Corrientes.

⁸ Alcide Charles Victor Marie Dessalines d'Orbigny (1802 - 1857) foi um naturalista francês com grande destaque na área da paleontologia, e o autor da obra *Voyage dans l'Amérique Méridionale*, em 9 volumes, publicadas entre 1839 e 1847. Viajou para a América do Sul com apoio do Museu de História Natural de Paris, entre 1826 e 1834, percorrendo regiões que atualmente correspondem aos países do Uruguai, Brasil, Argentina, Chile, Peru, Bolívia e Paraguai.

tenha apenas citado e não analisado, Ferreiro foi um dos primeiros a refletir sobre o viajante suíço enquanto um naturalista em terras paraguaias.

Deve-se, no entanto, destacar que, se o *Ensayo Historico* é conhecido e utilizado há muito tempo pelos historiadores, a obra *Viaje al Paraguay*, antes mesmo de ser traduzida para o espanhol, já era reconhecida pelos antropólogos. Bartomeu Melià, Marcos Saul e Valmir Muraro, em 1987, destacaram a importância da localização dos grupos nativos, das descrições físicas, das vestimentas, dos comportamentos, das moradias e dos utensílios descritos por Rengger, somadas às duas pranchas de ilustrações agregadas ao seu relato. Segundo os autores, “Graças a este viajante, a etnografia guarani contemporânea ganhou em profundidade histórica [...]” (MELIÀ; SAUL; MURARO, 1987, p. 32). Face à importância da narrativa de Rengger para a antropologia, parecem-nos evidentes as motivações que os antropólogos argentinos, Alfredo Tomasini e José Braunstein, tiveram para traduzir o relato para o espanhol.

Examinando a produção historiográfica latino-americana, com exceção da do Paraguai, o que se percebe é um significativo desconhecimento dos relatos de Johann Rengger, sendo que a própria historiografia paraguaia ainda não trabalhou de forma mais sistemática e crítica as suas narrativas. Tomada como fonte secundária em diversos trabalhos, a obra *Ensayo Historico* não foi ainda examinada como objeto de pesquisa, e tão pouco a obra *Viaje al Paraguay*, sendo que nos propomos a analisá-las de forma conjunta nesta dissertação.

Se os trabalhos que referimos até aqui atestam certo avanço no estudo da trajetória de Rengger, conferindo-lhe destaque para sua atuação como médico no Paraguai, o mesmo não pode ser dito em relação às suas descrições sobre a natureza e à sociedade e, especialmente, à história do Paraguai. É, em razão dessa lacuna, que nos propomos a analisar as obras *Ensayo Historico sobre la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorio del Doctor Francia* e *Viaje al Paraguay en los años 1818 a 1826*. O presente trabalho, portanto, visa contribuir com estes estudos que enfocam a produção de relatos de viagens sobre a América no século XIX e à análise das representações textuais e imagéticas da natureza e do homem americano.

Considerando este propósito, realizamos uma ampla revisão da produção historiográfica brasileira e latino-americana, em especial, de estudos sobre viajantes e literatura de viagens, que pudessem auxiliar na reflexão sobre os temas supracitados e de interesse para o presente trabalho. Os estudos aqui citados possuem como elemento comum a reflexão sobre a problemática das viagens, dos viajantes e das narrativas, a partir de abordagens variadas, apresentando especificidades de acordo com os objetivos de pesquisa propostos por seus autores.

As diversas viagens impulsionadas pelas ideias iluministas e reformadoras colocadas em prática pela Coroa e empreendidas ainda pelo Império espanhol às suas colônias americanas, especialmente, a partir da segunda metade do século XVIII, constituíram um marco significativo no conhecimento destas regiões, não tendo sido desconsideradas pelos viajantes que as percorreram no Oitocentos.⁹ Juan Pimentel (2003), a partir de uma ampla sistematização de relatos concentra a sua investigação na relação entre ciência e literatura nas narrativas de viagens ao longo do período da Ilustração. Para o autor, “La relación entre Ilustración y viajes es intensa” (PIMENTEL, 2003, p. 14), de modo que os constantes deslocamentos do período contribuíram decisivamente para o desenvolvimento das Ciências, especialmente as Naturais, e para a conformação do imaginário sobre os demais continentes e da própria cultura europeia. Ao mesmo tempo, a dimensão textual do relato não é desconsiderada por este autor, bem como o processo que passa a identificar o viajante como um testemunho abalizado. Nesse sentido, as dimensões da escrita e da viagem favorecem a aproximação de dois elementos, que, para o autor, se caracterizam por sua natureza oposta: a descrição pautada pela filosofia e pelo cientificismo e a poética da literatura emanada do ato de escrever (PIMENTEL, 2003).

Preocupação semelhante à de Pimentel é expressa por Margarita Pierini (1994). Segundo a autora, “La literatura de América se abre con un libro de viajes: el *Diario de Colón*.” (PIERINI, 1994, p. 163). Concentrando a sua análise nos viajantes que estiveram na América do Sul entre o final do século XVIII até a primeira metade do século XIX – portanto, o período de independência das antigas colônias espanholas – a autora destaca, a partir da frase do viajante francês, Georges Clemenceau, em 1910, “[...] que en el texto de viajes se reúnen ‘un arte de ver y un arte de decir’” (PIERINI, 1994, p. 164). Desse modo, a autora estrutura a sua análise dos relatos de viagens a partir do olhar e do discurso elaborado pelos viajantes, não desconsiderando o contexto histórico em que estão envolvidos os sujeitos.

Ainda em relação aos relatos de viagens, Rogelio Paredes (2011) destaca a importância do Renascimento, enquanto um processo histórico de retomada dos autores clássicos e de uma nova forma de perceber e de se relacionar com a alteridade, a partir da expansão ultramarina. A invenção da imprensa também é destacada pelo autor como um fator multiplicador destas narrativas no mercado editorial (PAREDES, 2011).

⁹ A respeito das expedições científicas realizadas pela Espanha em suas colônias, ver os trabalhos de Miguel Ángel Puig-Samper (2011), a obra organizada por Manuel Sellés, José Luis Peset e Antonio Lafuente (1989) e a publicação organizada por Antonio Lafuente e José Sela Catalá (1992).

A viagem como expansão da cultura europeia é o ponto inicial das reflexões desenvolvidas por Mary Louise Pratt (1999). A partir da perspectiva das trocas culturais – expressas pelo conceito de *transculturação*¹⁰ – ocorridas em espaços denominados pela autora de *zona de contato*,¹¹ Pratt apresenta interpretações sugestivas acerca das alterações evidenciadas nos relatos de viagens em um longo recorte temporal – entre a metade do século XVIII e as últimas décadas do século XX. Assim como os demais autores, Pratt enfatiza as “[...] conexões entre o relato de viagem e as formas de conhecimento e expressão que com ela interagem ou se coadunam, fora e dentro da Europa” (PRATT, 1999, p. 29), gerando, portanto, representações sobre as demais culturas e a própria cultura europeia.

Nesse sentido, há uma aproximação entre os estudos de Pratt (1999) e de Leila Gómez (2009). Ainda que voltada para a importância dos relatos de viagens na construção das ficções nacionais argentinas, peruanas e paraguaias – preocupação similar a de Flora Süssekind (1990) para a realidade brasileira –, Leila Gómez parte da conceituação de *anticonquista* de Pratt¹² para acrescentar a estas formas e estratégias europeias de dizer o *Outro*, a primitivização, a naturalização e a idealização.¹³ Essas categorias, como bem destaca a autora, não devem ser dissociadas do contexto científico e intelectual que as produziram: “Se trata de

¹⁰ Para Mary Louise Pratt, a transculturação é um fenômeno próprio das ações colonizadoras ao colocarem em contato grupos culturais distintos. Para a autora o conceito serve para refletir “[...] como grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir de materiais a eles transmitidos por uma cultura dominante ou metropolitana. Se os povos subjugados não podem controlar facilmente aquilo que emana da cultura dominante, eles efetivamente determinam, em graus variáveis, o que absorvem em sua própria cultura e no que utilizam” (PRATT, 1999, p. 30-31).

¹¹ De acordo com a autora, a expressão é utilizada para referir-se “[...] ao espaço de encontros coloniais, no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contacto (sic) umas com as outras e estabelecem relações contíguas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada” (PRATT, 1999, p. 31). Deve-se observar, que para a autora são fundamentais as relações estabelecidas neste encontro, portanto, uma noção de encontro que não apenas pressuponha a presença no mesmo espaço, mas, sim, uma perspectiva de interação.

¹² O conceito de anticonquista é compreendido como uma estratégia narrativa presente nos relatos de viagens a partir do século XVIII, que marca uma atitude mais passiva e menos agressiva por parte dos europeus no trato com a alteridade americana – em contraste com as ações que caracterizaram o período da Conquista e da Colonização - o que não deixa de revelar para a autora as suas intenções imperialistas. A sua definição, segundo Pratt, refere-se “[...] às estratégias de representação por meio das quais os agentes burgueses europeus procuram assegurar sua inocência ao mesmo tempo em que asseguram a hegemonia europeia” (PRATT, 1999, p. 32).

¹³ De acordo com a autora, “La *primitivización* y la *arcaización* son estrategias de construcción y clasificación de la Otredad de acuerdo a parámetros evolutivos de Occidente, [...] Según estos parámetros, los pueblos catalogados como primitivos, arcaicos (y antiguos) se consideran sin fuerza evolutiva y se ubicarían en estadios de desarrollo anteriores al actual de Occidente. Los pueblos antiguos, como, por ejemplo, los incas, se piensan como fosilizados, es decir, paralizados en el tiempo. La *naturalización*, en estrecha relación con las estrategias anteriores, significa principalmente pensar al Otro en un mínimo desarrollo de sus instituciones políticas, culturales y artísticas, y gobernado por sus instintos, pasiones y deseos inmediatos. El concepto de naturaleza se explica en el binarismo dialéctico eurocéntrico, cuyos términos polarizados son ‘Oriente versus Occidente’; ‘Primitivo versus Moderno’; ‘Naturaleza versus Civilización’. Entre los aspectos más sobresalientes de la *idealización* como estrategia de la Otredad, se encuentra el de recortar al hombre y la naturaleza no occidental de sus contextos históricos, políticos y económicos y presentarlos como objetos estéticos, ejemplos universales o piezas de museo”. (GÓMEZ, 2009, p. 17).

una doble temporalidad: la relativa contemporaneidad de sus viajes y publicaciones a lo largo del siglo XIX y principios del XX, entre 1818 y 1912, y la temporalidad disciplinaria que asignan al hombre y la naturaliza del Nuevo Mundo” (GÓMEZ, 2009, p. 17).

Karen Lisboa (1997), por sua vez, concentra sua análise no relato *Viagem pelo Brasil* dos naturalistas Spix e Martius,¹⁴ do início do século XIX, abordando o contexto de produção da obra, as ideias científicas que influenciaram as suas observações e retoma as teorias degenerativas sobre a América, para elucidar o pensamento dos dois viajantes acerca do Brasil. A interpretação dos escritos à luz do par conceitual natureza e civilização revelam o eurocentrismo das avaliações dos autores, entusiasmados com a fauna e a flora brasileira, mas por outro lado, descrentes em relação aos grupos nativos, ainda que, esperançosos quanto ao progresso da civilização no Brasil.

Já Luciana Murari (2009), problematiza as relações estabelecidas entre os homens e o meio natural no período de 1870 a 1922, fortemente marcado por um discurso de defesa do modernismo. A partir de um vasto conjunto de fontes – relatos de viajantes, documentos e obras literárias – a autora se dedica a analisar as representações da natureza no pensamento social brasileiro e na literatura, ambos marcados por uma tensão entre o apego a uma tradição e o desejo pelo avanço modernista.

Somando-se aos estudos de Karen Lisboa e de Luciana Murari, o trabalho de Márcia Regina Naxara (2004) também destaca a importância das representações da natureza, contudo, na perspectiva da formação de uma nacionalidade para o Brasil no século XIX. Dois aspectos aproximam os trabalhos de Luciana Murari e de Márcia Naxara. Primeiramente, o uso da literatura nas pesquisas realizadas e, em segundo, o cuidado na contextualização das observações e a sua inserção no pensamento vigente da época. Neste sentido, Murari se dedica, especialmente, às teorias mesológicas, substrato para as representações da relação entre os homens e o meio em que viviam, enquanto que Naxara detém-se no cientificismo e no romantismo, defendendo que “[...] não somente a razão e o conhecimento são representados como atributos especiais ao homem civilizado, mas também a sensibilidade” (NAXARA, 2004, p. 72).

Neil Safier (2008), por sua vez, recorre aos relatos de expedições setecentistas ao interior da América portuguesa com o intuito de não apenas analisar as descrições da natureza

¹⁴ Johann Baptist von Spix (1781 – 1826) foi um médico e naturalista bávaro que foi protagonista de uma expedição a América Portuguesa entre 1817 e 1820, com objetivos de estudar a fauna e flora. Spix acompanhava seu colega, o também médico e naturalista bávaro, Carl Friedrich Philipp von Martius (1794 – 1868). Após o retorno de ambos para a Europa, publicaram em 3 volumes a obra *Viagem pelo Brasil* entre 1823 e 1831, além de outros escritos científicos em autoria conjunta ou separadamente (LISBOA, 1997).

nas narrativas, mas, sim, como a própria natureza se faz presente nesses relatos. Presença essa, que está associada à viagem realizada, com seus desafios e imprevistos, cujos reflexos narrativos são perceptíveis por meio de quebras no desenvolvimento do texto, de modo que, “[...] a descrição da natureza frequentemente abre um espaço descritivo que contrasta com o tom seco e oficial do relato” (SAFIER, 2008, p. 295). Novamente, destaca-se a relação entre o visto e o narrado, bem como as diferenças entre os vários escritos (cartas, relações, diários, narrativas, etc.) resultantes dos deslocamentos realizados.

Alguns estudos, no entanto, têm se utilizado das descrições dos viajantes não para caracterizar a natureza de forma geral, mas, sim, para analisá-la de modo mais específico e à luz de conceitos como paisagem, região, espaço e território. Neste sentido, o trabalho de Guillermina Paula Jacinto (2010) sobre as imagens territoriais argentinas difundidas pelos viajantes entre o final do século XVIII e início do XX e o de Tiago Bonatto (2014) sobre o sertão brasileiro são exemplos desta perspectiva.

Sendo a viagem, em muitos casos, empreendida com objetivos científicos, seus resultados, conseqüentemente, contribuíram para o aprimoramento destes conhecimentos, como, por exemplo, os relativos às Ciências Naturais. De acordo com Lorelai Kury (2001a, p. 865), “A viagem é em geral considerada pela história natural como uma das etapas necessárias para a transformação da natureza em ciência”. Além da posição de destaque que ocupou no campo científico ao longo do Setecentos e mesmo em meados do Oitocentos,¹⁵ as Ciências Naturais foram impulsionadas por significativas contribuições, como a classificação das espécies propostas pelo sueco Carl Linneu, em 1735,¹⁶ e por discussões acerca da origem e desenvolvimento das espécies manifestadas por renomados naturalistas do período, como Jean-Baptiste de Lamarck¹⁷ e Georges Cuvier.¹⁸ Como bem observou Paolo Rossi:

O fato de analisar e interpretar uma substância não significa apenas decompô-la, reduzindo-a ao movimento de partículas, e estuda-la nos seus aspectos geométricos.

¹⁵ Clarete Paranhos da Silva, citando Paul Harzard, afirma que “a História Natural foi a ciência daquele século [XVIII]. Era a natureza que fornecia os fatos a serem observados e destes se extraíam leis; ‘cessara o tempo das abstrações’”. (SILVA, 2002, p. 27).

¹⁶ Carl Nilsson Linneu (1707 – 1778) foi um médico sueco que se destacou por seus estudos botânicos e zoológicos, e, especialmente, por ter desenvolvido a nomenclatura binomial em sua obra *Systema naturae*, de 1735.

¹⁷ O naturalista francês Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet, Chevalier de Lamarck (1744 – 1829) atuou no Museu de História Natural de Paris. Convencido por suas observações de que as espécies tendiam para o aperfeiçoamento, elaborou a teoria evolucionista – já superada – dos caracteres adquiridos, exposta em sua obra *Philosophie Zoologique*, de 1809.

¹⁸ Georges Cuvier (1769 – 1832) foi um destacado naturalista francês que atuou junto ao Museu Nacional de História Natural. Seus estudos no campo da Anatomia Comparada possibilitaram avanços na Paleontologia e lhe auxiliaram na elaboração de um sistema de classificação dos seres. Devido à influência das ideias de Cuvier em Rengger, outras informações acerca de seu pensamento serão desenvolvidas ao longo do trabalho.

Começam a adquirir sentido também outras perguntas, como por exemplo: de que maneira a natureza produziu, no tempo, um determinado objeto? (ROSSI, 2011, p. 322).

Aos questionamentos referentes à natureza, coube o entendimento de que as suas respostas deveriam vir da História Natural, sendo que a própria natureza cada vez mais deveria auxiliar no desenvolvimento da humanidade. Submeter e controlar o meio natural por meio de novas técnicas configuravam indícios evidentes do avanço da civilização (KURY, 2001b).

No entanto, como bem assinalado pela autora, ao longo deste período a própria História Natural passou por um processo de renovação visando uma “cientificização”, o que favoreceu a especialização dos saberes já em curso, e implicou em alterações nas habilidades e na formação dos naturalistas (KURY, 2001b), cujos resultados, dentre outros, consistem no desenvolvimento de coleções naturais e no surgimento de Academias. Estes espaços se configuraram, inicialmente no Setecentos, como locais de discussão e trocas de informação, assumindo no Oitocentos a função de transmissão de saberes, especialmente por meio dos Institutos (ROSSI, 2001).¹⁹ Já as coleções, com exemplares naturais de várias regiões do globo,²⁰ não mais serviam apenas como uma simples exposição de objetos exóticos, mas, sim, como fonte de estudo da vasta e complexa diversidade animal e vegetal. Nesse sentido, os autores Luis Miguel Ceríaco e João Carlos Brigola alertam para a diferença entre os gabinetes de curiosidades típicos do Renascimento e do início da Idade Moderna e aqueles de História Natural do final do século XVIII:

[O gabinete de curiosidade] é um fenômeno de herança gótica, principalmente presente no centro da Europa, na qual eram especialmente valorizadas as peças maravilhosas, singulares e pouco comuns da natureza e da arte e que não apresentava um objetivo classificatório ou científico, mas sim um modelo de representação da complexidade e do caos de todo o universo. [...] Já o gabinete de

¹⁹ Paolo Rossi enfatiza o abandono do ofício solitário dos homens cultos a partir do trabalho coletivo realizado nas Academias, sendo que, “Reuniões, elaboração de regras de comportamento, crítica dos produtos alheios são três elementos que devem ser destacados” (ROSSI, 2001, p. 371). Essa perspectiva social é ressaltada por Maria Amélia Dantes (2001), como um fator decisivo na mudança da escrita da história das ciências. Segundo a autora, até os anos de 1970 a historiografia sobre as ciências não a compreendia como algo socialmente construído, mas sim, como algo autônomo. Nesse sentido, a mudança para uma perspectiva social das ciências, contribuiu para o desenvolvimento dos estudos sobre as instituições científicas vistas não mais “[...] como espaços que são conquistados pelos cientistas e que passam a sediar suas atividades” (DANTES, 2001, p. 13), mas sim, como este espaço coletivo que congrega interesses científicos e sociais, como destacado por Rossi. A respeito da historiografia sobre a história das ciências, ver o artigo de Dominique Pestre (1996).

²⁰ Certamente, as coleções não renunciaram à pretensão de reunir um conhecimento amplo e variado, sendo que a própria materialidade do objeto era entendida como uma garantia da objetividade do conhecimento que representava. Como bem expressou Mariana Françaço (2014, p. 56), “A atração especial desses objetos residia no princípio da *contiguidade*: os objetos reestabeleciam um contato tangível com uma realidade distante, que, porém, era parte de uma mesma unidade – o globo terrestre. Tais objetos evocavam uma cultura exótica pelo princípio da parte pelo todo e, desse modo, a cultura material servia como índice da cultura humana”.

história natural apresentava um critério mais especializado na escolha das peças, na sua descrição, revelava um plano conceitual baseado numa epistemologia particular e, contrariamente ao gabinete de curiosidades, de natureza privada, era já um local aberto ao público com intenções didáticas e de pesquisa (CERÍACO; BRIGOLA, 2014, p. 280).

Portanto, mais do que uma mudança nas peças expostas, a prática colecionista do final do século XVIII e início do XIX revela a mudança nos paradigmas científicos do período em relação àqueles observados no início da Modernidade.

Abdicando da sua condição de propriedade particular para colocar-se à disposição do público interessado, os gabinetes de História Natural também indicam que há um espaço reconhecido para a prática científica. Em linhas gerais, é possível reconhecer que se a viagem é o momento de coleta, o gabinete é o momento de análise, cabendo às academias e aos institutos que atuassem como ambientes de divulgação. Ainda que a relação viagem e gabinete tenha motivado disputas e recriminações àqueles sujeitos que se negavam a viajar e a observar o seu objeto de pesquisa *in loco*, não é prudente tomá-la de modo excludente. Lorelai Kury (2001a), ao citar o caso do naturalista francês Georges Cuvier, que nunca foi um viajante, chama a atenção para a coexistência da prática científica que se desenvolvia em gabinete e para a realizada no campo ao longo do século XIX.

No entanto, é crescente a valorização da viagem, uma vez que, além da razão, as sensações experimentadas pelo viajante em seu deslocamento deveriam, também, compor a narrativa. O conhecimento sistematizado por estes viajantes em seus relatos contemplava diversos campos disciplinares, tais como a História, que, como salientou Manoel Luiz Salgado Guimarães (2000), é, neste período, compreendida como uma prática civilizada. Dizer o *Outro* e o seu espaço para estes homens de ciência da transição do século XVIII para o século XIX implicava em manejar uma gama de assuntos e de conhecimentos.

Considerando que nas narrativas do médico e viajante suíço articulam-se as experiências de viagem e o manejo desses assuntos e conhecimentos, o objetivo principal da presente dissertação é o de analisar as representações sobre a natureza e a sociedade do Paraguai, presentes nas obras *Ensayo Historico sobre la Revolución del Paraguay, y el gobierno dictatorio del Doctor Francia* (1827) e *Viaje al Paraguay en los años 1818 a 1826* (1835) de Johann Rengger. Não desconsiderando, a inserção destas produções em seu contexto cultural e científico de origem, assim como, na elaboração de uma imagem sobre o país observado pelo autor. Dentre os objetivos específicos, estão os de: a) reconstituir a trajetória de Johann Rengger, abrangendo os períodos de formação e de regresso da América do Sul à Europa, destacando ainda, a importância da experiência da viagem na sua trajetória;

b) analisar o processo de escrita das obras *Ensayo Historico* e *Viaje al Paraguay*, privilegiando as apropriações de outras narrativas de viagens por Rengger e as evidências de intertextualidade existentes nos relatos; c) identificar e analisar as descrições sobre a natureza, o homem americano e suas mútuas relações presentes nos relatos de Johann Rengger, à luz do conceito de paisagem e das teorias científicas e estéticas vigentes no início do século XIX na sociedade europeia; d) identificar e analisar a atuação de Johann Rengger como médico, naturalista e historiador, destacando as suas concepções com relação aos tratamentos medicinais e às condições de saúde locais, suas práticas e observações sobre a fauna e a flora paraguaia e a construção da sua narrativa histórica sobre o governo do Paraguai; e) analisar a prática historiográfica de Johann Rengger evidenciada em suas obras e identificar como estas foram percebidas e qualificadas pela historiografia paraguaia.

Visando ao atendimento dos objetivos expostos acima, definimos quatro questões que estruturam o presente trabalho: 1) quais as representações sobre a natureza e a sociedade paraguaia do início do século XIX expressas no conjunto de suas obras? 2) enquanto autor de uma obra histórica sobre o Paraguai, é possível percebê-lo como desempenhando o ofício de um historiador no início do Oitocentos? 3) a partir das suas narrativas, qual é a imagem formada à respeito do Paraguai recém-independente? 4) de que modo o seu interesse pelos campos da Medicina, da História Natural e da História contribuíram na formação dessa imagem?

Compreendidas como fontes e objetos de pesquisa, as narrativas de Johann Rengger, apresentam-se como as fontes principais do presente trabalho, o que não diminui a importância do cotejo destas narrativas com outras fontes de pesquisa, tais como outros relatos e documentos do período de Rengger no Paraguai.

A obra *Ensayo Historico sobre la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorio del Doctor Francia*, foi publicada originalmente em 1827, em francês e em alemão, sendo a sua autoria dividida entre Rengger e Longchamp. Neste trabalho, utilizaremos a primeira tradução para o espanhol da obra, publicada em Paris no ano de 1828, e disponível de forma digitalizada no site *Google Books*.²¹ A outra narrativa, *Viaje al Paraguay en los años 1818 a 1826*, foi publicada em 1835, sendo que a única tradução deste relato é de 2010, edição em espanhol que utilizamos no presente trabalho.²² Consta, ainda, nesta obra de Rengger, uma

²¹ Esta obra de Rengger foi a que teve maior circulação, sendo traduzida para o inglês (1827) e para o italiano (1837), além de outras reedições em espanhol. É possível localizar estas versões e também a que se encontra em língua alemã no site *Google Books*. A versão em francês encontra-se disponível digitalizada no site da Biblioteca Digital da França – Gallica.

²² A edição original dessa obra pode ser localizada na plataforma de obras raras da Biblioteca da Suíça (e-rara).

pequena, mas completa biografia do viajante suíço escrita pelo seu tio e editor do relato, Albrecht Rengger. Essa fonte de caráter biográfico será cotejada com o necrológio de Johann Rengger e o artigo do historiador suíço Max Oetli-Porta.²³

Além das narrativas de viagens de Rengger, será também de grande relevância a coleção de documentos referentes ao período do governo de Francia no Paraguai, publicados em 2009, pela Editorial Tiempo de Historia, bem como outros documentos custodiados no Arquivo Nacional de Assunção (ANA). Por fim, destacamos os comentários de Francia à publicação da obra de Rengger sobre o seu governo e a réplica suscitada, ambos reproduzidos no periódico bonaerense *El Lucero* em 1830.²⁴

Dentre outras narrativas que serviram de referência para Rengger em seus relatos, e que, portanto, oferecem profícuas possibilidades de cotejo, destaca-se a obra do engenheiro militar espanhol Félix de Azara, *Viajes por la América Meridional*. Assim como as obras de Martín Dobrizhoffer, *Historia de los Abipones*,²⁵ e de Pedro Lozano, *Descripcion Chorographica [...]*,²⁶ ambos padres jesuítas que atuaram na antiga Província Jesuítica do Paraguai no século XVIII.

A *Instrução para os viajantes e empregados [...]* constitui-se de uma pequena publicação do ano de 1818 realizada pelo Museu de História Natural de Paris e que foi traduzida por ordem régia do monarca luso ao português, em 1819, com o objetivo de servir para a montagem, à época, do Museu Real do Rio de Janeiro – atualmente Museu Nacional do Rio de Janeiro. Em um contexto marcado pelo colecionismo e pelo intenso envio de remessas de espécies, nosso intuito ao analisar esta fonte é o de verificar em que medida as práticas relativas à História Natural descritas e utilizadas por Rengger - como, por exemplo, a coleta, a herborização, a dissecação, etc. - aproximam-se das empregadas nos principais centros europeus, tais como Paris.

Nesse sentido, Rengger vem somar-se a vários outros viajantes que percorreram a América meridional no início do Oitocentos, sendo que a viagem pode ser compreendida

²³ Tanto o necrológio como o artigo citado foram traduzidos do alemão para o português para uso no presente trabalho.

²⁴ Além das publicações no jornal *El Lucero*, dispomos de uma versão dos comentários de Francia à obra de Rengger publicada na *La Revista de Buenos Aires*, de 1868.

²⁵ Martín Dobrizhoffer (1718 – 1791) foi um padre jesuíta natural da região da Boêmia, atual República Tcheca. Foi enviado à América em 1749 e missionou entre os indígenas de 1750 até a expulsão da Companhia de Jesus, em 1767. Após ser enviado para os Estados italianos, seguiu para Viena onde escreveu sua obra *Historia de los Abipones*, de 1783 (FLECK, 2014).

²⁶ Pedro Lozano (1697 – 1752) foi um padre jesuíta espanhol que iniciou sua atuação na Província Jesuítica do Paraguai em 1714. Como historiador da Companhia, escreveu várias obras destacando características históricas, geográficas e etnográficas da região chaquenha, dentre as quais se destacam *Descripción chorográfica [...]*, de 1733 e *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*, impresso entre 1754 e 1755.

como um ponto fundamental em suas trajetórias. Motivados e, ao mesmo tempo, à sombra da representatividade (LORIGA, 1998) do viajante símbolo da modernidade, Alexander von Humboldt,²⁷ a publicação da narrativa de suas viagens confere uma permanência - um não esquecimento -, uma legitimidade ao deslocamento realizado por estes viajantes. Ao nos determos na trajetória de Rengger, especialmente, como alguém dedicado à Medicina e à História Natural, faz-se necessário, portanto, que não percamos de vista o contexto intelectual no qual ele estava inserido.

Desse modo, a trajetória de Rengger constituiu um fio explicativo para a reconstituição do contexto na qual estava inserido, tanto na Europa, quanto na América. Segundo Pierre Bourdieu, a noção de trajetória pode ser compreendida como uma “[...] série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (BOURDIEU, 2002, p. 189). Contudo, como bem define Sabrina Loriga, não partimos da noção biográfica literária de indivíduo, “[...] baseado na unicidade de uma existência [...]”, mas, sim, do entendimento histórico de que o sujeito está integrado em um “[...] tecido social e cultural mais vasto” (LORIGA, 1998, p. 247). Logo, o esforço que empreendemos é o de explorar este contexto e a atuação de Rengger, sem que este, necessariamente, sirva como prova do desenvolvimento daquele, o que nos levaria a ideia de uma representatividade (LORIGA, 1998), da qual não compartilhamos.

Ao utilizarmos estes pressupostos dos estudos biográficos pretendemos, assim como proposto por Andrea Reguera, “[...] destacar lo verdaderamente significativo del comportamiento de un individuo en un tempo y un medio determinado, a fin de ubicarlo en una cierta pertenencia social, reconstituir su sistema de valores y el universo cultural de su comunidad” (REGUERA, 2012, p. 74). O que é possível, justamente pela noção de indivíduo acima explicada. Um sujeito que se caracteriza pela soma das relações sociais que manteve em variados meios ao longo de um período temporal específico.

Estudar a trajetória de um indivíduo não é simples. Ainda que não seja o objetivo central do presente trabalho, lidamos com os desafios que tal investigação impõe. Como já informado anteriormente, as poucas fontes existentes sobre a vida de Johann Rengger partem de uma mesma perspectiva, ou seja, são produzidas por um familiar próximo e por amigos,

²⁷ Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt (1769 – 1859) natural do Reino da Prússia, foi um dos mais destacados naturalistas e exploradores do século XIX. De suas viagens pelo continente europeu, americano e asiático, resultou a publicação de um amplo conjunto de obras científicas, dentre as quais destacam-se *Viagens às regiões equinociais do Novo Continente*, em 34 volumes publicados entre 1805 e 1839 e *Cosmos*, em 5 volumes publicados entre 1845 e 1862. A respeito da vida e do pensamento de Humboldt, ver WULF (2016).

por ocasião de um momento sensível que é a morte prematura de Rengger. A perda do sobrinho, do companheiro e do homem de letras é que motiva a escrita; registro que se apresenta como oficial e marcado pelo tom elogioso e linear de uma breve existência. Reconhecer essas características é o primeiro passo na tentativa de nos desviarmos da *ilusão biográfica*, como apontado por Bourdieu (2002). Foi em razão disso que procuramos uma abordagem que não singularizasse o médico suíço e que evidenciasse no texto as margens de liberdade e autonomia do sujeito, a partir de uma leitura atenta das fontes, bem como da adoção de uma estratégia narrativa que suavizasse a cronologia enfatizando, em um primeiro momento, sua atuação na Europa, e, posteriormente, na América meridional.

O estudo da trajetória e das relações estabelecidas por Rengger nos diversos ambientes nos quais atuou e dos escritos que produziu permite uma interessante aproximação com a História Intelectual. Jean-François Sirinelli (2003), ao dissertar sobre os intelectuais na política, assinala a importância do uso das noções de itinerário, geração e sociabilidade. Ou seja, refletir sobre a trajetória, a formação, os vínculos de solidariedade ou de hostilidade estabelecidos pelo sujeito, ou grupo de intelectuais pesquisados, bem como os lugares em que ocorreram essas solidariedades. Pois, como bem salientou o autor, “No meio intelectual os processos de transmissão cultural são essenciais [...]” (SIRINELLI, 2003, p. 254), logo, há lugares e sujeitos autorizados para esta tarefa que assumem uma posição de referência na trajetória do indivíduo. Portanto, apostamos na valorização do contexto histórico em que se desenvolvem as ideias, não em seu sentido estático como realizado pela História das Ideias,²⁸ mas, sim, no estudo das suas significações, articulações, transmissões e recepções, por conseguinte, na produção de seus sentidos (FALCON, 1997).

Contudo, a definição de intelectual tem se constituído, independentemente da orientação teórica do pesquisador, em uma árdua tarefa. A fragilidade de várias das explicações propostas reside no fato de que uma tipologia para os intelectuais implicaria em um conceito muito amplo, caso contrário, excluiria desta condição uma quantidade expressiva de sujeitos, atualmente, assim considerados. Este é o fato comum aos intelectuais: definem-se pela sua pluralidade, ao menos, social e profissional, de modo que, tal imprecisão os situa em “um meio polimorfo e polifônico”, segundo Sirinelli (2003, p. 242).

²⁸ Sobre a História das Ideias, a partir do século XIX, e mais recentemente sobre a História Intelectual, bem como as suas correntes francesa, alemã e anglo-saxônica, ver os trabalhos de Francisco Falcon (1997), Hugo Cancino (2004), Carlos Altamirano (2007), Elías Palti (2007) e o livro organizado por Rogelio de la Mora e Hugo Cancino (2015). Atualmente, vários estudiosos têm se posicionado a favor de uma História Intelectual, especialmente, em virtude das suas conexões com a história social e cultural, com a antropologia e com a sociologia (FALCON, 1997).

Apesar destas conclusões, o próprio autor apresenta uma possível definição de intelectual que se subdivide em uma noção reduzida pela condição do sujeito engajado e outra mais “[...] ampla e sociocultural, englobando criadores e os ‘mediadores’ culturais”, abrangendo “[...] tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito” (SIRINELLI, 2003, p. 242). Neste sentido, percebemos uma intersecção entre o postulado de Sirinelli e as reflexões do filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov. Este, ao refletir sobre a função do intelectual na modernidade, inclina-se pela adoção de um intelectual crítico, sujeito também ativo e engajado na sociedade.²⁹ No entanto, há mais uma aproximação possível entre os dois autores que independe de qualquer definição possível de intelectual: a necessidade do contato com a sociedade. E, justamente, por conta disso é que Sirinelli retorna a sua questão original, da definição de intelectual, para relativizá-la:

Exatamente por esta razão [a natureza sociocultural], o debate entre as duas definições é em grande medida um falso problema, e o historiador do político deve partir da definição ampla, sob a condição de, em determinados momentos, fechar a lente, no sentido fotográfico do termo (SIRINELLI, 2003, p. 243).

A partir destas considerações, pode-se definir Johann Rengger como um intelectual? Não, se levarmos em conta que o uso da palavra intelectual data do final do século XIX, a partir do *caso Dreyfus*.³⁰ Guillermo Zermeño afirma que, “La figura del intelectual como se le conoce actualmente no existió en la primera mitad del siglo XIX. Hubo sí la del ‘ideólogo’ desarrollada en el período posterior a la Revolución francesa” (ZERMEÑO, 2004, p. 19). Apesar do autor não ter apresentado maiores esclarecimentos acerca da função do ideólogo, é possível que a sua atuação seja compreendida como alguém que compartilha de um conjunto de ideias políticas, sociais, filosóficas, etc.

Portanto, a aproximação da trajetória e da produção de Rengger com a História Intelectual permite uma análise mais atenta em relação à dimensão sociocultural que o

²⁹ Segundo Todorov, o intelectual crítico “[...] não se contenta com pertencer à sociedade; age sobre ela, tentando torna-la mais próxima do ideal a que ela faz apelo. Julga a sociedade presente, não do exterior, mas voltando a dar aos seus princípios uma intensidade que estes já não possuem. Os seus votos fazem apelo, não a uma revolução radical, nem a um regresso ao passado, mas à reanimação de um ideal um tanto enfraquecido. Agir desta forma é mais que um direito: é um dever que lhe é imposto pelo próprio lugar que ocupa na sociedade democrática” (TODOROV, 1991, p. 283).

³⁰ Caso de grande repercussão na sociedade francesa entre 1894 e 1906, e que é percebido como um ponto de inflexão na atuação e na tomada de consciência dos intelectuais. As divergências referem-se à acusação e condenação do judeu e capitão do exército Alfred Dreyfus por espionagem política. Uma nova revisão do processo considerou, por fim, Dreyfus inocente em 1906. A relação do caso com os intelectuais é que estes se dividiram entre os que estavam a favor (progressistas) e contra Dreyfus (conservadores), sendo que o termo “intelectual” foi então utilizado por estes em sentido pejorativo contra aqueles (MARTINS, 2015). No entanto, estudiosos ligados à História Intelectual, como Hugo Cancino (2004), utilizam o termo “intelectuais” para se referirem a personalidades latino-americanas, como Domingo Faustino Sarmiento e Andrés Bello, cuja atuação inicia-se ainda na primeira metade do século XIX, o que indica certa relativização deste marco cronológico.

circunda. Resulta deste entendimento, o nosso interesse em sublinhar, minimamente, a passagem de Rengger por instituições de formação, tais como a Universidade de Tübingen, e também por locais de atuação, como a Sociedade de História Natural de Aargau. Espaços estes que atuam como centros autorizados de circulação de ideias, que permitem a produção de saberes (CERTEAU, 2011) e que se distinguem pela oportunidade de estabelecer relações sociais, que não apenas ocorrem nestas instituições europeias, mas também ao longo da viagem que Rengger fez ao Paraguai.

No que tange à viagem de Johann Rengger ao Paraguai, podemos considerar como resultados deste deslocamento a escrita e a publicação de três obras, sendo duas referentes à História Natural – *Naturgeschichte der Säugethiere von Paraguay* (1830)³¹ e *Viaje al Paraguay en los años de 1818 a 1826* (1835) – e uma sobre a história do Paraguai - *Ensayo Historico sobre la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorio del Doctor Francia* (1827). Portanto, em menos de dez anos, Rengger publicou três obras que, mesmo tratando de aspectos distintos do Paraguai, como desejado pelo autor, permitem a percepção de uma continuidade, cuja síntese é o seu relato de viagem publicado em 1835, já postumamente.

A complexa relação existente entre o autor, a viagem e a narrativa tem suscitado a atenção de vários autores, especialmente no que se refere ao uso destas como fontes para a pesquisa em história.³² Classificações entre as distintas narrativas de viagens têm sido apresentadas, tanto como ferramentas metodológicas, quanto como tentativas de estabelecer definições dentro do próprio *corpus* documental que constituem tais relatos. Uma das primeiras tentativas realizadas nesse sentido no Brasil é a de João Pacheco de Oliveira Filho (1987), ao propor uma distinção entre viagens e viajantes a partir das categorias: de financiamento, qualificação intelectual do viajante, composição da viagem e prêmios e recompensas obtidas.

O historiador português João Rocha Pinto (1989), a partir de uma série de cartas, diários de bordos, roteiros e crônicas produzidas no período dos descobrimentos e da expansão marítima lusa (1497 – 1550), propõe uma tipologia com relação à proporcionalidade entre as características de “Tempo e narração” e “Espaço e descrição”. De modo que para o autor, o aumento da temporalidade e da narração implica na queda do espaço e da descrição.

³¹ Esta obra de Rengger ficou restrita à sua edição original em alemão, cujo título traduzido é “*História Natural dos Mamíferos do Paraguai*”. Para o proposto no presente trabalho, foi realizada a tradução apenas do prólogo da obra.

³² Dentre os estudos que versam sobre o uso de narrativas de viagens nas pesquisas, sob uma perspectiva metodológica, destaca-se pela sua detalhada contribuição e pioneirismo o trabalho de João Pacheco de Oliveira Filho (1987), a respeito da importância dos relatos de viagens para a antropologia. Soma-se à validade de muitas das observações de Oliveira Filho, outras contribuições destacadas em trabalhos atuais, como os de Mary Anne Junqueira (2011), Stella Maris Scatema Franco (2011) e Heloisa Jochims Reichel (1999).

Assim, por exemplo, as crônicas ou outras fontes narrativas, apresentariam um máximo de temporalidade e narração e um mínimo de espaço e descrição, enquanto que obras técnicas, como guias náuticos, se caracterizariam por um máximo de descrição e espaço e um mínimo de temporalidade e narração (PINTO, 1989).³³

A historiadora brasileira Cláudia Santos (2013), em estudo sobre viajantes franceses e a abolição da escravidão no Brasil ao longo da segunda metade do século XIX, avança na questão ao propor uma tipologia das viagens considerando tanto as viagens como as narrativas produzidas. Desse modo, estabelece distinções entre: viagens turísticas, viagens de investigação, viagens jornalísticas, viagens de negócios e viagens artísticas (SANTOS, 2013).³⁴ A mesma iniciativa por estabelecer uma tipologia para as viagens foi proposta por Ronald Raminelli (2000), porém, especificamente para o período colonial brasileiro. Para o autor, as viagens se caracterizaram pela produção de “[...] inventários do espaço, dos costumes e da natureza”, sendo que “[...] Essa tipologia permite explorar as jornadas tanto como parte do processo de conquista e colonização, quanto como fruto da consolidação dos paradigmas científicos” (RAMINELLI, 2000, p. 27).

Outros autores, além dos aqui citados, também apresentaram suas considerações a respeito de possíveis tipologias para viagens e viajantes. Contudo, considerando as duas últimas propostas destacadas, a elaboração de Raminelli apresenta-se como a mais operacional, na medida em que a tipologia de Cláudia Santos indica uma construção metodológica que atende de forma mais eficiente aos seus problemas e fontes de pesquisa do que o uso das narrativas de um modo geral. No entanto, é perceptível que ambos os autores entendem e valorizam o ato de viajar enquanto uma instância fundamental para o sujeito e para a sua obra. De igual modo, Tzvetan Todorov assinala que:

Também a narrativa se alimenta de mudança; neste sentido viagem e narrativa implicam-se mutuamente. [...] A viagem transcende todas as categorias, até, e inclusivamente, a da mudança, do mesmo e do outro, já que desde a mais alta antiguidade são postas lado a lado viagens de descoberta, explorações do desconhecido e viagens de regresso, reapropriação do familiar: os Argonautas são grandes viajantes, mas também Ulisses o é (TODOROV, 199, p. 93).

³³ Comentários acerca da tipologia de João Rocha Pinto também são encontrados na obra de Tiago Bonato (2014).

³⁴ Deve-se destacar que as tipologias propostas por João Pacheco Oliveira Filho (1987) e por Cláudia Santos (2013) são construídas em uma perspectiva que considera o uso concomitante de vários relatos de viajantes como fonte de pesquisa. É possível estabelecer aproximações entre as definições de Cláudia Santos (2013) e de Ilka Boaventura Leite (1996), especialmente, pelo fato de ambas as autoras considerarem a importância da viagem e da narrativa em suas análises. Ainda que Leite não tenha proposto uma tipologia, mas sim uma divisão dos relatos em seus aspectos externos (tipo de registro e o tempo da viagem) e internos (conteúdos e objetivos da viagem), os temas gerais (lazer, comércio, reportagem e turismo) e específicos (estudos, trabalhos e pesquisas) identificados nos relatos dos viajantes que analisa, aproximam-se das categorias propostas por Cláudia Santos.

Para Todorov, a viagem e a narrativa são processos mútuos. Nesse sentido, se a viagem, na maioria das vezes, implica em um deslocamento de ida e de retorno, o mesmo ocorre no nível da narrativa: o explorado precisa ser apropriado pelo familiar, ir do desconhecido para o conhecido.³⁵

O trabalho com estas narrativas implica compreendê-las como uma produção cultural fortemente apreciada na Europa do início do século XIX. O gosto pela leitura desses relatos pode ser compreendido como um sintoma da expansão europeia, que a colocou em contato com diversas alteridades gerando a necessidade, primeiramente de uma descrição e, posteriormente, de uma organização sob princípios científicos.³⁶ Este processo descritivo, no entanto, foi possível por aquilo que Michel de Certeau denominou de a “prática mítica ‘moderna’: a escriturística” (CERTEAU, 1996), o ato de escrever.

Escrita e leitura são as duas faces de uma mesma moeda. A primeira pressupõe a segunda. Esta modifica aquela. Um texto é lido com expectativas e intenções, especialmente, os relatos de viagens, cujo efeito, não raramente leva o leitor à condição de viajante; à experiência do real deslocamento espacial. Neste sentido, Certeau afirma que, “Uma *credibilidade* do discurso é em primeiro lugar aquilo que faz os crentes se moverem. Ela produz praticantes. Fazer crer é fazer fazer” (CERTEAU, 1996, p. 241).

Por sua condição de produções textuais que se vinculam um discurso pautado pela fiabilidade, desenvolvemos a análise das obras de Rengger a partir do proposto por Roger Chartier (2010): o entrecruzamento de um eixo sincrônico que situe no tempo e no espaço os escritos, e outro diacrônico, que os insere na história do gênero ou da disciplina em questão. Portanto, formas discursivas e materiais são levadas em consideração na análise, articulando o “mundo do texto” e o “mundo do leitor” (CHARTIER, 1994). O primeiro ponto limita-se ao texto, sua análise, gênero, etc. o segundo, mais amplo e sensível, pressupõe um cuidado com as edições, o suporte físico do escrito e as maneiras de ler. Aqui, novamente, a relação entre escrita e leitura aparece na tensa busca pelo controle do sentido do texto, conforme Chartier:

[...] a leitura não está, ainda, inscrita no texto, e que não há, portanto, distância pensável entre o sentido que lhe é imposto (por seu autor, pelo uso, pela crítica, etc.)

³⁵ Sobre esse processo de tradução da realidade observada para a realidade própria, denominado por Michel de Certeau (1982) de *economia da tradução*, ver do autor o capítulo *Etno-grafia. A oralidade ou espaço de outro: Léry* em sua obra *A Escrita da História*.

³⁶ Conforme Rogelio Paredes (2011, p. 5), “Los relatos de los viajeros y colonizadores europeos en América, África y Oceanía constituyen el acervo de textos quizás más genuino de la modernidad [...] Ninguna otra cultura, en ningún otro momento de la historia, ha construido una experiencia del mundo, de su expansión de ultramar, del modo sistemático y prácticamente universal con que lo han hecho los europeos entre los siglos XV y XIX.” Sobre os relatos de viagens e as diversas mudanças na sua produção, circulação e consumo, entre a metade do século XVIII até o final do século XX, ver a obra de Mary Lousie Pratt (1999).

e a interpretação que pode ser feita por seus leitores; conseqüentemente, um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado (CHARTIER, 1994, p. 11).

O controle pelo sentido nos coloca diante de dois conceitos importantes para o presente trabalho: o de apropriação e o de intertextualidade. Johann Rengger, ao escrever os seus relatos, não os faz sem antes ter o conhecimento das obras de autores que, antes dele, também estiveram no Paraguai. O seu texto não traz apenas a sua voz, mas, sim, as de outros sujeitos, que conferem ao escrito um caráter polifônico, pois, conforme apontado por Michel de Certeau, “[...] a voz aparece essencialmente sob as figuras da *citação* [...]” produzindo interpretações [um texto] ou alterando-o (CERTEAU, 1996, p. 249-250). Essa situação de polifonia, ou de co-presença de um texto em outro,³⁷ ademais de reforçar, autorizar ou discordar de uma interpretação, revela um processo de apropriação que, atuando como uma continuidade da leitura, que marcada por “[...] esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta” (CHARTIER, 1999, p. 77). Deve-se destacar que toda apropriação é realizada a partir do arcabouço cultural próprio do leitor, estabelecendo, portanto, uma reelaboração destas ideias na construção de um novo e próprio discurso que, mantendo-se conectado, ou não, na tradição anterior que lhe serviu de base em seu ato criativo possui, também, uma autonomia frente a esta inspiração antecessora. Nas próprias palavras de Roger Chartier: “Mas, sempre igualmente, a apropriação é criadora, produção de uma diferença, proposta de um sentido possível, porém inesperado” (CHARTIER, 2010, p. 25).

Diante desta liberdade leitora e ciente dos mecanismos empregados pelos autores e editores para garantir algum controle sobre o sentido do escrito, cabe o questionamento acerca do papel de autor desempenhado por Rengger. Nesse sentido, a noção de *função-autor* desenvolvida por Michel Foucault e, posteriormente, aprimorada por Roger Chartier contribuiu para a reflexão sobre a autoria.

Identificável já no início da Idade Moderna, tanto nos manuscritos, quanto nos impressos (CHARTIER, 1994), a autoria apresenta uma complexidade que, ainda segundo Chartier (2012, p. 62), “[...] reside na relação material e intelectual entre um objeto, uma obra (ou conjunto de obras) e um nome próprio”. Portanto, não basta apenas que uma obra, em sua materialidade, apresente um nome como sendo seu autor. Há uma diferença apontada tanto por Foucault, como por Chartier e, mesmo por Roland Barthes, entre escritor e autor.

³⁷ Esta definição é apresentada por Gerard Genette para quem a intertextualidade é “[...] uma relação de co-presença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e o mais freqüentemente, como presença efetiva de um texto em um outro” (GENETTE, 2006, p. 8).

Enquanto que o primeiro é o sujeito que escreve e que possuiu uma existência real, o segundo possuiu uma presença apenas em nível de discurso, operando aproximações e oposições entre outros textos na construção do seu próprio, conferindo-lhe, desse modo, uma unidade (NAVARRETE, 2013). Assim como bem observado por Chartier:

A ‘função-autor’, portanto, pressupõe uma radical distancia entre o próprio indivíduo e a construção do sujeito a quem o discurso é atribuído. Trata-se de uma ficção semelhante à das leis que definem e manipulam sujeitos jurídicos que não têm ligação com indivíduos concretos. Por um lado, a unidade da ‘função-autor’ como princípio para garantir a coerência do discurso pode referir-se a vários indivíduos que competem e cooperam entre si. Por outro lado, a pluralidade das vozes e das posições do autor no mesmo texto é remetida de volta a um único criador. Neste sentido, a ‘função-autor’ está fundamentalmente separada da realidade fenomenológica e da experiência do escritor como indivíduo (CHARTIER, 2012, p. 38-39).

Assim como os conceitos de apropriação, de intertextualidade e de autoria são fundamentais para o estudo das narrativas de Johann Rengger, o mesmo ocorre em relação ao conceito de representação. Identificar e analisar as descrições e as avaliações sobre a natureza e a sociedade paraguaia realizadas por Rengger implica em compreender que a experiência do viajante se constrói na relação com a alteridade, que pode ser tanto humana, como espacial. Contudo, este *Outro* só assume um sentido quando em perspectiva relacional. Segundo François Hartog:

Dizer o *outro* é enunciá-lo como diferente – é enunciar que há dois termos, *a* e *b*, e que *a* não é *b* [...]. Mas a diferença não se torna interessante senão a partir do momento em que *a* e *b* entram num mesmo sistema. Não se tinha antes senão uma pura e simples não-coincidência. Daí para frente, encontramos desvios, portanto uma diferença possível de ser assinalada e significativa entre os dois termos (HARTOG, 1999, p. 229).

A partir do reconhecimento destas diferenças, e não necessariamente do seu entendimento, o sujeito constrói o seu discurso sobre esta experiência além das suas fronteiras. No nosso caso, é a partir da escrita que Rengger *apresenta* suas conclusões e *representa* o que percebe, misturando à realidade observada o meio social de quem a observa (CHARTIER, 2010). Estas representações, segundo Chartier:

[...] não são simples imagens, verídicas ou enganosas, de uma realidade que lhes fosse exterior. Elas possuem uma energia própria que convence de que o mundo, ou o passado, é realmente aquilo que dizem que é. Produzidas em suas diferenças pelos distanciamentos que fraturam as sociedades, as representações, por sua vez, as produzem e reproduzem (CHARTIER, 2010, p. 26).

Conduzidas pelos escritos, estas representações sobre a alteridade revelam em seu interior disputas de poder entre os distintos modos de ver e compreender a realidade social, logo, estas construções abdicam de qualquer neutralidade por parte dos grupos que as forjam (CHARTIER, 1990).

O contato com a alteridade ultrapassa a dimensão humana do encontro de sujeitos de uma realidade distinta. As reações e avaliações suscitadas por este contato estendem-se ao ambiente natural e as suas relações, e de forma mais presente ainda, aos escritos de alguém interessado pelas Ciências Naturais. Neste sentido, o *olhar* do viajante é fundamental. Um *olhar inquiridor* (CARDOSO, 1988), que se apresenta como um instrumento legítimo para a obtenção de um conhecimento seguro manifestado no relato (HARTOG, 1999). Conseqüentemente, o *olhar* é tanto base para o registro, quanto para a elaboração da paisagem, evidenciando, desse modo, a complexa relação existente entre o objeto que se vê e o *olhar* que o percebe.

O conceito de paisagem utilizado no presente trabalho parte das definições conceituais desenvolvidas por estudiosos que se inserem em uma abordagem cultural e simbólica da paisagem, que tem como um de seus maiores representantes o geógrafo inglês Denis Cosgrove.³⁸ De acordo com o autor:

A paisagem sempre esteve intimamente ligada, na geografia humana, com a cultura, com a ideia de formas visíveis sobre a superfície da terra e com a sua composição. A paisagem, de fato, é uma ‘maneira de ver’, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’, em uma unidade visual (COSGROVE, 1998, p. 98).

A afirmação de Cosgrove destaca inicialmente três aspectos que, articulados com a cultura, formam a paisagem: formas naturais ou construídas, a sua posterior organização e a formação de uma unidade a partir de uma parcialidade vista. Portanto, a paisagem apresenta-

³⁸ Os avanços no campo da Geografia Cultural, já a partir da segunda década do século XX e seguido de uma retomada nos anos de 1970, com a denominada Nova Geografia Cultural, contribuíram decisivamente para o aprimoramento do conceito de paisagem. Contudo, as várias disciplinas que trabalham com o conceito e as diversas correntes epistemológicas que orientam a discussão contribuíram decisivamente para a sua complexidade. Segundo os autores Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl, a paisagem possui as dimensões morfológica, funcional, histórica, espacial e simbólica, sendo privilegiada cada uma destas em virtude da orientação epistemológica seguida pelos seus autores e adeptos. Neste sentido, a dimensão morfológica da paisagem reflete o “[...] conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação humana, e uma dimensão funcional, isto é, apresenta relações entre as suas diversas partes. Produto da ação humana ao longo do tempo, a paisagem apresenta uma dimensão histórica. Na medida em que uma mesma paisagem ocorre em certa área da superfície terrestre, apresenta uma dimensão espacial. Mas a paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias: tem assim uma dimensão simbólica” (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998, p. 8). Sobre os autores de cada uma destas dimensões e suas principais ideias sobre a paisagem, ver os trabalhos de Demian Castro (2009), Vicente de Paulo da Silva (2007), Tiago Bonato (2014) e Marcelo Moura-Fé (2014).

se como uma construção cultural e social para Cosgrove, a partir do *olhar* do observador que opera um enquadramento e uma seleção dos conjuntos reais naturais ou construídos.³⁹

Nesse sentido, o geógrafo Vicente de Paulo da Silva opta por uma definição de paisagem como algo concreto por poder ser vista, tocada, pisada e, também, abstrata em virtude do modo como é vista, consumida, contemplada e vivida (SILVA, 2007). Ainda segundo o autor, a paisagem é mais uma imagem do que efetivamente a própria realidade e, como uma representação não escapa às manipulações da sociedade e as suas disputas de poder (SILVA, 2007).

A própria etimologia da palavra “paisagem” é destacada por vários autores, no intuito de evidenciar a nova relação que o indivíduo estabelece com o meio natural e o momento em que isso passa a ocorrer.⁴⁰ Situada no marco da modernidade, no período do Renascimento, a palavra “paisagem” para as línguas de origem latina deriva do termo latino *pagus* que se refere a demarcações territoriais, como no caso francês – que influenciou o português –, em que *paysage* está relacionada a país, região e território (BONATO, 2014). Já o vocábulo inglês *landscape* deriva do holandês *landschap*, que, por sua vez, está associada à palavra alemã *landschaft*, que, anterior a todas as demais, se refere igualmente à terra, ao solo, ao campo – por meio da fração *land* – e ao cultivo e a criar – a partir da fração *schaft* –, portanto, criar a terra, produzir a terra, assim como a “[...] qualquer coisa que pudesse ser o aprazível objeto de uma pintura” (SCHAMA, 1996, p. 20; JÚNIOR, 2005; CASTRO, 2009; BONATO, 2014).

Desse modo, a paisagem possuiu várias dimensões que atuam de forma complementar, como bem salienta Bonato (2014), sendo algumas delas os aspectos materiais, a visualização destes e a sua representação a partir de diversos meios, como a escrita, a pintura, a fotografia e a cartografia entre outros. Contudo, a análise da historicidade do conceito evidencia que o sentido estético da paisagem logo se destacou, especialmente por meio da Arte, alterando a relação que o homem mantinha com o meio natural e as suas construções. Trata-se de um sujeito e de uma paisagem consciente nos dizeres do crítico literário Raymond Williams (2011).⁴¹ Ainda segundo o autor, os sentimentos despertados pelas formas da natureza (rios,

³⁹ Sobre a relação entre o *olhar* e a construção da paisagem, ver o artigo de Denis Cosgrove (2002).

⁴⁰ Ao tratar sobre a historicidade do conceito de paisagem, a filósofa francesa Anne Cauquelin (2007) destaca que o meio ambiente e a natureza estiveram e, ainda permanecem, muito próximas à noção de paisagem, a ponto de serem frequentemente empregadas como sinônimos desta.

⁴¹ Para Anne Cauquelin (2007), a noção de paisagem, no contexto da pintura, também é localizável no período do Renascimento, sendo que a elaboração da perspectiva se constituiu como elemento central na autonomia adquirida pela paisagem enquanto uma imagem que aos poucos ultrapassaria a dimensão de ornamento para consolidar-se como uma realidade para além da pintura. Portanto, a perspectiva não apenas incidiu sobre a pintura, mas também sobre os *modos de ver* que orientavam o homem. De acordo com a autora, “Parece bem

árvores, montanhas, etc.) sempre estiveram presentes na trajetória da humanidade, no entanto, a ruptura ocorre quando se dividem entre observações *práticas* e *estéticas* realizadas agora por um sujeito portador de uma *sensibilidade elevada* (WILLIAMS, 2011). De acordo com as palavras do autor:

O observador consciente de sê-lo: o homem que não apenas contempla a terra, mas também tem consciência do que está fazendo, como uma experiência em si, e preparou modelos sociais e analogias tiradas de outros campos para apoiar e justificar a experiência: esta figura que precisamos procurar: não um tipo de natureza, mas um tipo de homem (WILLIAMS, 2011, 202).

Em seu estudo sobre o campo e a cidade na história e na literatura inglesa, Raymond identifica esse homem nas classes burguesas após a Revolução Industrial, destacando a importância do observador, da sua cultura e da sua subjetividade, pois, “É no ato de observar que essa paisagem se forma [...]” (WILLIAMS, 2011, p. 211). Somam-se ao esforço cognitivo, os sentidos como os principais instrumentos nesse ato de observar e após formar a paisagem. Nesse processo, a visão cumpre um papel fundamental, operando como instância legitimadora do descrito; ao mesmo tempo, a visão não é um ato autônomo, pois está condicionada pela cultura do observador, como destaca Cosgrove (2002). É nesse sentido que Simon Schama postula a *memória da paisagem*, uma vez que, “Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas”. (SCHAMA, 1996, p. 17).

No entanto, a memória da paisagem, frequentemente, apresenta-se de forma inconsciente ao observador. Diante da natureza, nossos sentidos são educados, especialmente por meio da Arte, e partimos de noções coletivas que orientam o nosso entendimento a respeito da paisagem. Conforme a filósofa francesa Anne Cauquelin:

Inocentemente presos à armadilha, contemplávamos não uma exterioridade, como acreditávamos, mas nossas próprias construções intelectuais. Acreditando sair de nós mesmos mediante um êxtase providencial, estávamos muito simplesmente admirados com nossos próprios modos de ver (CAUQUELIN, 2007, p. 27).

A paisagem não apenas implica em admitir a existência de alguém que a observe e que nela imprima determinado conjunto de valores, mas, também, passa pelo entendimento da relação que a sociedade mantém com as formas naturais ou construídas ao longo do tempo.

pouco verossímil que uma simples técnica – é verdade que longamente regulada – possa transformar a visão global que temos das coisas: a visão que mantemos da natureza, a ideia que fazemos das distâncias, das proporções, da simetria. Mas é preciso render-nos à evidência: o mundo de antes da perspectiva legítima não é o mesmo em que vivemos no Ocidente desde o século XV” (CAUQUELIN, 2007, p. 38).

Conforme Denis Cosgrove (1998, p. 108), “Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem”, a ponto de a paisagem poder ser compreendida como uma mediação entre o que o indivíduo vê e as relações que estabelece com os elementos concretos (COSGROVE, 2002).⁴²

Cabe destacar que existem diferenças na aplicação do conceito de paisagem nas pesquisas históricas e nas geográficas. Esta reflexão é desenvolvida pela historiadora Dora Shellard Corrêa, que, por sua vez, alertando “[...] para o fato de [que] investigamos paisagens diversas” (CORRÊA, 2012, p. 67), problematiza a relação entre paisagens pretéritas e documentos escritos. Segundo a autora:

Os estudos da Geografia, da Arquitetura e da Arqueologia em geral remetem a um objeto que não é intermediado pelo documento. Entre o historiador e a paisagem retratada está o cronista com seu tempo e lugar e o próprio pesquisador com sua historicidade, visões de mundo, que condicionam o que se enxerga e o que não se nota. A percepção do mundo é transformada pela intervenção e pelos olhos do cronista, reelaborada entre o ato de ver e sentir e de transcrevê-la no papel. No geral, a História acaba trabalhando com os apontamentos e a memória de um espaço geográfico, de uma árvore ou de um rio. São raros os casos em que o ver é acompanhado simultaneamente do escrever ou do pintar. E, ao analisar esse quadro, o próprio historiador não deixa de projetar sobre ele memórias, estruturas de percepção do espaço ideologicamente determinadas e questões de seu tempo, que obscurecem a apreensão de formas diversas de relação com o espaço físico (CORRÊA, 2012, p. 68).

Muito mais que um distanciamento conceitual, entendemos que as especificidades de cada disciplina, as fontes disponíveis e os objetivos de pesquisa traçados exigem um cuidado na aplicação do conceito, na medida em que para os geógrafos é possível olhar, perceber e gerar um conhecimento sobre o que está ao alcance da sua vista. Já para os historiadores, as paisagens constituem-se de representações passadas, resultado de um processo de observação e de registro escrito ou iconográfico do avistado por um terceiro.⁴³

Uma tentativa de ultrapassar estas dificuldades é elaborada por Lucrécia d’Alessio Ferrara, e comentada por Demian Garcia Castro, que propõe que o concreto e o visível da paisagem são uma visualidade, diferenciando-se da visibilidade, que, por sua vez, seria o

⁴² Segundo o autor: “Si consideramos la Geografía como una disciplina que examina las relaciones entre las formas de ocupación humana y los espacios bien naturales o bien los creados, es decir, aquellos que los hombres construyen o de los que se apropian, entonces se podría decir que el paisaje sirve para centrar la atención en lo visual y en los aspectos visibles de esas relaciones” (COSGROVE, 2002, p. 64).

⁴³ Essa distinção entre a possibilidade de visualizar a paisagem investigada e o seu acesso por meio de registros de terceiros, acaba influenciando a própria produção historiográfica que se utiliza do conceito de paisagem. De acordo com Dora Shellard Corrêa (2012), a História Ambiental privilegia a materialidade da paisagem, pois aos seus investigadores, geralmente, é possível visualizar o espaço pesquisado. Já os trabalhos de História Cultural dedicam-se a compreender as múltiplas percepções lançadas sob a paisagem, em virtude da impossibilidade da paisagem ser visualizada diretamente pelo estudioso.

resultado dos processos de reflexão cognitiva do indivíduo (FERRARA apud CASTRO, 2009).

Ao trabalharmos com a narrativa de Johann Rengger, sob a perspectiva da paisagem construída pelo viajante, nos aproximamos das reflexões de Michel de Certeau, para quem, “Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço” (CERTEAU, 1996, p. 200). Ou seja, para o autor há *ações narrativas* que organizam o espaço, transcendendo o campo da linguagem. Suas reflexões, portanto, resultam profícuas, ao não dissociarem o conceito da sua dimensão narrativa. O mesmo pode ser percebido na argumentação de Anne Cauquelin (2007), para quem a paisagem é organizada por meio de uma retórica, ou seja, a partir de uma linguagem e de suas figuras, cujo resultado é a formação de uma imagem valorizada a partir da cultura do sujeito que a observa. Conforme a autora:

E se pode dizer, tanto dos objetos como das palavras, que eles só têm valor quando se compõem entre si e que, se refulgem com algum brilho, é porque estão dispostos com arte em algum ponto do discurso que os circunda. Os objetos da paisagem, essa árvore, essa fonte, essa fronde encrespada ou inclinação de nuvens não remetem, parte por parte, às coisas da natureza tomadas separadamente; é a ordenação de sua aparição que significa: ‘natureza’. A maneira de ordenar essas ‘coisas’, o vínculo que as une depende então de uma retórica. O que existe de ‘natural’ na natureza, sua sensualidade imediata, só é percebido como enigma, por meio do artifício de uma construção mental (CAUQUELIN, 2007, p. 86).

Em suma, a definição de paisagem adotada nesse trabalho parte do pressuposto de que a paisagem é uma elaboração em que o enquadramento de uma cena, a descrição e a organização dos elementos naturais ou criados são mediados por olhares e percepções que os elaboram e os avaliam. De imediato, destaca-se a proeminência da figura do observador nesse processo, bem como a inserção da paisagem em uma narrativa, como no presente caso, o que implica em não desconsiderar a influência das estratégias narrativas, da estrutura do relato, dos temas abordados e dos objetivos da viagem sobre o relatado. Além do mais, o relato de viagem é uma produção cultural oriunda do espaço do viajante, cujo conteúdo está articulado pela viagem realizada e pelo encontro com a alteridade e o seu espaço.

Com relação à metodologia para o desenvolvimento do trabalho, propomos uma análise qualitativa das fontes, a partir de categorias específicas, cuja função consiste em poder identificar as informações importantes dentro do conjunto documental utilizado, para sua posterior sistematização como subsídios para a análise proposta tendo em vista os objetivos traçados. Questões como os lugares percorridos por Johann Rengger, os sujeitos com quem estabeleceu contatos e a sua relação com o governo de Francia orientam o primeiro eixo analítico proposto. O segundo ocupa-se do processo de escrita de suas obras, identificando as

possíveis interferências dos editores em sua narrativa e os autores citados por Rengger ao longo do seu relato. O terceiro eixo analítico versa sobre as avaliações que Rengger faz sobre a natureza, a sociedade paraguaia e as relações que esta mantém com a primeira. E, por fim, o quarto eixo se propõe a analisar sua atuação como médico, naturalista e historiador, a partir dos fundamentos teóricos de sua prática e de sua própria compreensão de história.

A presente dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, nos detemos na trajetória de Johann Rengger, marcada tanto por deslocamentos na Europa, quanto na América do Sul. Este estudo não objetiva – até pelas fontes de que dispomos – uma análise à exaustão da sua vida, mas, sim, contextualizar o personagem principal deste trabalho e dar subsídios para a continuidade do estudo de um sujeito que, ao longo de uma curta existência, se dedicou a vários ofícios. Através da análise da pequena biografia de Rengger, escrita pelo seu tio Albrecht e de outros estudos, procuramos responder aos questionamentos que orientam este capítulo de abertura, e que levam em consideração a formação de Rengger e as viagens por ele realizadas. Por fim, destacamos o destino escolhido por Rengger e Longchamp: o Paraguai, bem como os demais viajantes que percorreram as terras paraguaias e cujos escritos foram fundamentais na divulgação e circulação de informações a respeito da América meridional.

No segundo capítulo, nos ocupamos dos resultados intelectuais da viagem: as obras produzidas por Johann Rengger – *Ensayo Historico sobre la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorio del Doctor Francia* (1827) e *Viaje al Paraguay en los años 1818 a 1826* (1835). Iniciando por uma introdução geral sobre os relatos de viagens e sobre seu sucesso editorial no período, nos detemos no processo de escrita das obras de Rengger, destacando seus autores de referência, as evidências de intertextualidade e as apropriações discursivas presentes em seus escritos. O conjunto planejado de suas obras, também nos permite identificar e refletir sobre Rengger enquanto um autor que escreve sobre o Paraguai, cuja abrangência temática contempla questões científicas, sociais, políticas e históricas. O estudo de suas obras prevê, ainda, a investigação sobre as repercussões que a publicação e a circulação das narrativas de viagens escritas pelo médico suíço tiveram.

No terceiro capítulo, abordamos a problemática da alteridade nos relatos de Rengger, através da discussão sobre seu encontro com o *Outro* e com o seu espaço. A experiência destes encontros, especialmente de europeus com orientais, africanos e americanos, incitou uma série de ideias e teorias sobre a natureza e os habitantes destas porções do globo. No século XIX, teorias estéticas e científicas, como a da degeneração da América e mesmo a sua valorização por correntes tributárias do Romantismo, orientaram o olhar de muitos viajantes.

À luz deste contexto cultural europeu – base dos referenciais culturais dos viajantes –, buscamos refletir sobre os relatos de Rengger, a partir da categoria de paisagem, no intuito de avaliar as suas descrições sobre a natureza e a sociedade paraguaia. Sendo os relatos de viagem uma escrita etnográfica, interessa-nos também analisar as observações que Rengger teceu em relação à população do Paraguai, especificamente, indígenas e *criollos*.

No capítulo final, buscamos explorar as *três faces* de Johann Rengger já delineadas ao longo do trabalho. Apto a exercer a Medicina em função de sua formação, o viajante suíço dedicou-se ao atendimento médico da população durante sua permanência no Paraguai. Concomitantemente a essas tarefas, Rengger empenhou-se no estudo da História Natural, razão da viagem realizada em companhia de Longchamp. Ambas as atuações – como médico e naturalista – aparecem descritas em seus relatos, a partir de observações sobre a saúde da população e de comentários sobre a fauna e a flora do país. Neste capítulo, refletimos, ainda, sobre uma das *faces* de Rengger ainda não explorada pelos estudiosos de sua biografia e produção intelectual, a de historiador, a partir da discussão da obra *Ensayo Historico*, que versa sobre a história do Paraguai durante o regime de Francia.

2 ENTRE ORIGENS E DESTINOS: O VIAJANTE

[...] e dizia, de si para si, que um dia também andaria num navio daquele, veria outras luas e outras estrelas, cantaria as canções do seu cais em portos onde os homens não entenderiam seu falar e escutariam de voz baixa as suas cantigas, só pela música, só porque sabiam que a cantiga de marinheiro, seja em que língua for, fala de mar, de desgraça e de amor (AMADO, 2001, p. 35).

No despontar do século XIX, operações comerciais, militares e a circulação de sujeitos, fazem dos portos um lugar de grande movimento, socialmente heterogêneo e ao mesmo tempo ambíguo. É lugar de chegadas e também de partidas, de reencontros e de despedidas. O porto é sempre um objetivo, senão da chegada tranquila, de um retorno aguardado. Múltiplos caminhos podem levar um sujeito a este limite entre a terra e o mar. Ainda que o imponderável seja uma presença constante na trajetória de um indivíduo, embarcar em um porto está longe de ser um incidente, é resultado também de um *dizer para si*, de um planejamento que leva do *seu cais* sujeitos que desejam ou que necessitam ver *outras estrelas*. De imediato essa situação nos coloca diante do problema de uma definição: o que vem a ser um viajante? E, o que é uma viagem? Respostas complexas que, certamente, exigem uma reflexão à luz dos referenciais da época em questão, assim como, das motivações próprias do sujeito que o levaram a empreender a viagem.

Neste capítulo, apresentamos a trajetória de Johann Rengger, considerando como fundamentais para sua formação e atuação profissional os deslocamentos que ele realizou tanto na Europa, quanto na América meridional. Como peças-chave para a compreensão dos seus escritos – analisados nos capítulos seguintes –, destacamos os lugares percorridos e as relações interpessoais estabelecidas, evitando uma abordagem que singularize o sujeito em suas ações. Para tanto, destacamos, ainda, o contexto europeu e latino-americano do início do Oitocentos, no qual está inserido o viajante suíço.

2.1 Dos Alpes aos Trópicos: trajetórias e formação

As imagens sobre a Suíça, situada geograficamente na região central do continente europeu, remetem de imediato para suas belezas naturais, caracterizadas pelo relevo sinuoso dos Alpes, com seus picos nevados e entrecortados por vales e rios. No entanto, esta representação edênica de sua natureza contrastava com uma árdua realidade social e política na virada do século XVIII para o século XIX. A influência dos países vizinhos, como a França e os Estados alemães e italianos, não se fez presente tão somente na cultura da Suíça,

como por exemplo, nos idiomas adotados e na forte divisão entre cristãos católicos e protestantes de diversas correntes. Devido à expansão do imperialismo francês, a Suíça foi um dos primeiros países a ser afetado pelas transformações estruturais promovidas pela Revolução Francesa e expandidas sob o governo de Napoleão Bonaparte⁴⁴ à toda Europa, no final da Idade Moderna.

Apesar de uma série de revoltas internas ao longo de sua história, o território da atual Suíça se caracterizou por uma tradição política federalista, a partir do estabelecimento dos cantões⁴⁵ em um sistema de Confederação, ainda no século XIII. Essa situação alterou-se somente em 1798, quando o Diretório francês decidiu ocupar a Confederação suíça, constituindo a República Helvética. O novo governo instituído, alinhado com as ideias da Revolução, precisou enfrentar as instabilidades internas, que, somadas às crises financeiras, levaram ao colapso da República em 1803. A retomada de um sistema federalista ocorreu não sem a interferência do Império Francês. Após o fracasso da República, Napoleão Bonaparte, através do Ato de Mediação de 1803, promoveu uma nova Confederação Helvética, que perdurou até o fim do seu Império, em 1815.

Com a queda do governo de Bonaparte na França, a Suíça, assim como o restante da Europa, iniciou o processo de retomada da sua soberania e readequação dos limites territoriais por meio do Congresso de Viena.⁴⁶ Nesse período, conhecido como Restauração, as elites locais suíças se reaproximaram do poder e desfrutaram de uma situação muito mais cômoda do que as camadas populares da sociedade, que sofriam com as altas taxas de desemprego e com a escassez de alimentos em virtude da crise agrícola de 1816-1817, levando muitos a verem a imigração como uma solução para seus problemas (NICOULIN, 1995). Com o triunfo do liberalismo econômico e o fim das barreiras comerciais impostas pelo governo de Bonaparte à Europa, os países voltaram à situação de livre-concorrência e adotaram medidas protecionistas. Essa situação, para os interesses da Suíça, mostrou-se extremamente

⁴⁴ Napoleão Bonaparte (1769 – 1821) foi um militar e político francês. Após um golpe de Estado, em 1799, tornou-se primeiro-Consul e, em 1804, foi proclamado pelo Senado como Imperador, cargo que ocupou até 1814 e, novamente, por um curto período em 1815. Após sucessivas campanhas vitoriosas expandiu a influência da França pela Europa continental até ser derrotado na Batalha de Waterloo, em 1815, sendo exilado pela Grã-Bretanha na ilha de Santa Helena até seu falecimento.

⁴⁵ A Suíça adota como nomenclatura para as suas unidades administrativas o termo Cantões, que equivalem aos Estados de um país.

⁴⁶ O Congresso de Viena foi realizado entre 1814 e 1815 na capital austríaca, já em um momento de fragilidade e que antecedeu a queda do Império francês comandado por Napoleão Bonaparte. Convocado e atendendo aos interesses das principais lideranças europeias vencedoras – Inglaterra, Áustria, Prússia e Rússia – o Congresso redefiniu as fronteiras dos países afetados pelo avanço napoleônico e restaurou o poder absoluto do Antigo Regime sob o princípio da legitimidade. Foi decidida também, a formação de uma aliança política-militar, com exceção da Inglaterra, denominada de Santa Aliança, cujo objetivo era conter novos eventos que intentassem contra o Antigo Regime.

prejudicial, na medida em que não conseguia competir com as nações mais industrializadas, como a Inglaterra e a França, e os seus antigos parceiros econômicos, especialmente, o mercado francês, passavam a restringir a importação (NICOULIN, 1995).

Nestes anos de dificuldades vivenciadas pela Suíça, cumpriu um destacado papel como estadista o liberal Albrecht Rengger (1764-1835). Inicialmente favorável à Confederação suíça e entusiasta das ideias iniciais da Revolução Francesa, passou a desaprová-la em razão dos rumos que tomou, especialmente, por provocar no seu entendimento uma grande desestruturação política e social. Filho de um pastor protestante calvinista, não chegou a conhecer a sua mãe, pois esta faleceu em seu parto. Com uma vida dedicada aos estudos e interessado na observação da natureza – posteriormente, pela geologia –, acabou decidindo-se pela Medicina como profissão, não seguindo a orientação de seu pai, nem mesmo a escolha de seu irmão mais velho Samuel Rengger, que optou pela teologia. Formado pela Universidade de Göttingen, uma das quatro maiores dos Estados alemães, exerceu a Medicina por um período, porém, logo se dedicou intensamente à atividade política ocupando vários cargos, sendo, inclusive Ministro do Interior da República Helvética entre 1798 e 1803. Nesse momento, com o final da República e a criação de uma nova Confederação sob a influência de Napoleão, Albrecht preparava-se para ir a Paris em virtude de compromissos políticos, quando foi informado da súbita morte de seu irmão Samuel, então pastor da Igreja Reformada na cidade de Zimmerwald. Já viúvo, Samuel faleceu cinco anos depois de sua esposa Rosina Keller, o que fez com que Albrecht Rengger se comprometesse com a criação e educação do seu sobrinho, Johann Rudolf Rengger von Brugg, então com sete anos de idade.⁴⁷

Como membro da tradicional família Rengger do cantão germanófono de Aargau, Johann era natural da cidade de Baden – pertencente ao mesmo cantão – tendo nascido no final do século XVIII, em 1795. O que se sabe dos anos iniciais da vida de Johann, através do relato biográfico escrito por seu tio, é que o jovem teve facultado desde cedo o acesso aos estudos. Após a perda de seu pai, Rengger permaneceu por quase três anos na cidade de Berna, em um instituto educacional privado, passando a residir de 1805 a 1812 na cidade de Aarau, “[...] donde recibí la instrucción clásica en la escuela cantonal” (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 19). Após completar este período de estudos e, em virtude de derrotas

⁴⁷ De acordo com o relato de seu tio Albrecht, Johann Rengger tinha outras irmãs, sendo que uma delas veio a casar-se com o farmacêutico de origem burguesa Ferdinand Friedrich Wydler (1792-1854), que ainda segundo Albrecht ([1835] 2010, p. 32), seria o “[...] más viejo y confiable amigo” de Rengger. Já os botânicos Lorenzo Ramella e Patrick Perret (2011b), afirmam que Rengger teria apenas uma irmã, Maria Rengger, casada com Ferdinand Wydler.

políticas de Albrecht em Aarau, Rengger passou a viver em Lausana, capital do cantão de Vaud, na região francófona da Suíça, para onde havia se retirado seu tio. Já com dezessete anos de idade, a passagem de Johann Rengger por esta cidade mostrou-se decisiva em sua trajetória. Em Lausana, possivelmente influenciado pelo seu tio Albrecht – médico e interessado pelas Ciências Naturais (OETTLI-PORTA, 1953) – Rengger pôde aprender a língua francesa e iniciar os estudos nas áreas das Ciências Naturais e da Medicina, que o tornariam reconhecido,⁴⁸ e desfrutar de uma amizade que se mostrou duradoura com Marcel François-Xavier Longchamp.⁴⁹

No entanto, pouco duraria a estadia de Rengger em Lausana. Desta vez, motivado pelos seus estudos superiores, deixou a Suíça em meados de 1814, dirigindo-se à cidade de Tübingen, no Estado alemão de Württemberg, onde passou a estudar Medicina. Os interesses de Rengger jamais se limitaram à Medicina, sendo que, ao longo de três anos e meio que viveu em terras alemãs, dividiu seu tempo entre ela e a História Natural. Desse período de estudos resultou a obtenção do título de doutor em Farmácia, em 12 de outubro de 1817, o que o habilitou a atuar também como médico (TOMASINI; BRAUNSTEIN, 2010).⁵⁰ Sua titulação lhe foi conferida a partir da defesa de tese, posteriormente publicada em um pequeno opúsculo de oitenta e duas páginas, ainda em 1817, intitulada *Physiologische Untersuchungen über die thierische Haushaltung der Insecten*, em que Rengger observou e analisou características fisiológicas dos insetos a partir da organização da sua própria coleção (RENGGER, A. [1835] 2010).⁵¹

A fase universitária de Johann Rengger coincide com um momento ruim para as universidades europeias, pois o avanço e a queda do Primeiro Império Francês – Napoleônico – contribuíram para a diminuição e estagnação do número de alunos nas universidades alemãs. De acordo com Christophe Charle e Jacques Verger (1996), no início da Revolução, em 1789, os Estados alemães contavam com 7.900 alunos em 35 universidades, em 1815 esse

⁴⁸ De acordo com o relato biográfico de seu tio, em Lausana, Rengger se “[...] dedicó dos años al aprendizaje de la lengua francesa y a la preparación para el estudio de la Farmacología, a la que habría de dedicarse. Al fin concurrió a las aulas de matemática y ciencias naturales de la Academia local. Aquí despertó en él el amor por el estudio de la naturaleza; [...]”. (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 19).

⁴⁹ Infelizmente não são muitas as informações que dispomos a respeito de Marcel Longchamp. Com base no informado por Lorenzo Ramella e Patrick Parret (2011b), sabemos que nasceu em 1794, no povoado de Bottens no cantão de Vaud, e que faleceu em Fribourg, no cantão homônimo, em 1861, aos setenta anos de idade. Ocupou-se, ainda segundo estes autores, da medicina homeopática.

⁵⁰ Dentre os autores que abordam a trajetória de Johann Rengger percebe-se uma divisão entre aqueles que entendem que Rengger doutorou-se em Medicina (OETTLI-PORTA, 1953; NECROLÓGIO Johann Rudolf Rengger, 1833) e os autores que afirmam que se doutorou em Farmácia (RENGGER, A. [1835] 2010; RAMELLA; PERRET, 2011b; TOMASINI; BRAUNSTEIN, 2010). Tomasini e Braunstein (2010) são os que afirmam que sua formação em Farmácia o habilitava a exercer a Medicina.

⁵¹ A atuação de Johann Rengger e o seu interesse pelas Ciências Naturais serão abordadas especificamente no item 5.2 do presente trabalho.

número foi reduzido para 4.900 alunos, seguido do fechamento de várias instituições, sendo que uma retomada da população universitária, que passou a 9.876 alunos, e a abertura de novas universidades somente ocorreu a partir de 1825. Outras características ainda definem o contexto universitário dos Estados alemães entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX, como a vigência de certos modelos de ensino utilizados ao longo do medievo e do período moderno e a origem elitista dos alunos (CHARLE; VERGER, 1996). Nesse sentido, o caso de Rengger é ilustrativo, pois, oriundo de um estrato privilegiado da sociedade suíça passa a cursar e a dedicar-se à carreira médica em um momento em que estas profissões liberais passam a ter uma crescente importância social, refletindo-se, também, no aumento da procura por estes cursos (CHARLE; VERGER, 1996).

A perda da autonomia das universidades, primeiramente frente aos poderes religiosos e, posteriormente, aos políticos, caracterizam as relações destas instituições com a sociedade ao longo da época moderna. (CHARLE; VERGER, 1996). O mesmo pode ser percebido no caso da Universidade de Tübingen que foi fundada sob o auspício de um líder político, o Conde Everardo I de Württemberg, em 1477. Originalmente formada pelas faculdades de Teologia, Direito, Filosofia e Medicina, esta Universidade rapidamente alinhou-se às diretrizes da Reforma de 1517, criando, entre 1536 e 1537, um centro de Teologia Protestante, pelo qual passaram intelectuais de destaque e contemporâneos a Rengger, como os filósofos Georg Hegel⁵² e Friedrich Schelling.⁵³ A tradição da instituição no campo das Ciências Naturais, portanto, advém de longa data, sendo, inclusive, a primeira universidade alemã a fundar uma Faculdade de Ciências, em 1863, já em um contexto distinto marcado por uma maior especialização das disciplinas.

Deve-se observar que, ao longo do século XVIII, conforme assinala Peter Burke (2003, p. 49), há “[...] um deslocamento, em torno do ano 1700, da ‘curiosidade’ para a ‘pesquisa’, [...] Esse sentido da pesquisa estava ligado à ideia de que o estoque de conhecimento não era constante em qualidade, mas podia ser ‘aumentado’ e ‘aperfeiçoado’”. Nesse período, as universidades assumiram um papel de transmissoras do conhecimento clássico, especialmente, a partir dos autores da Antiguidade, competindo às Academias, em seu processo de institucionalização e inovação, o protagonismo nos debates científicos

⁵² O filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 – 1831) é considerado como um dos principais filósofos da história e um marco no pensamento filosófico da modernidade. Símbolo do Idealismo Alemão dedicou-se a refletir sobre os temas mais candentes da transição do século XVIII para o XIX de forma ampla e profunda.

⁵³ Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775 – 1854) foi um filósofo alemão e um dos principais expoentes do idealismo e do Romantismo. Seu pensamento buscava a aproximação entre o espírito humano e a natureza dialogando, para tanto, com noções próprias da Arte, além da Filosofia.

(BURKE, 2003). No entanto, nos Estados alemães as universidades, já ao final do Setecentos, adotaram uma organização acadêmica que favorecia a pesquisa, diferentemente do modelo de ensino francês, por exemplo, que ainda era pautado pela ideia de transmissão de conhecimento (CHARLE; VERGER, 1996).

É a partir de seu tratado sobre a fisiologia dos insetos, de 1817, e de informações dadas por seu tio Albrecht, no seu escrito biográfico de 1835, que sabemos quais foram alguns dos professores que Johann Rengger teve em Tübingen, os quais com certeza, contribuíram para sua formação. Citado como “[...] mi eminente maestro [...]” (RENGGER, [1835]2010, p. 233) por Rengger em seu relato de viagem, Johann Hermann Heinrich Ferdinand Autenrieth (1772-1835) foi orientador de seus estudos e um dos mais destacados médicos alemães do período (VOIT, 1875).⁵⁴ Atuou na Universidade de Tübingen de 1797 até o seu falecimento, sendo um dos responsáveis pela instalação do hospital universitário. Como docente, ministrava as classes de Fisiologia, Obstetrícia, Cirurgia e Anatomia, dedicando-se, também, à Medicina Forense e ao estudo de pacientes com doenças mentais. Sua atuação destacou-se, também, pela ocupação de cargos administrativos na universidade e em instâncias públicas, especialmente, em prol de um sistema médico. Como membro de academias científicas, pôde estabelecer contatos com outros importantes homens de ciência, como o naturalista francês Georges Cuvier. Possivelmente uma das influências de Autenrieth sobre Rengger possa ser identificada justamente na adoção que este fez da taxonomia proposta por Cuvier.

De acordo com o necrológio de Rengger (1833), Carl Friedrich Kielmeyer (1763-1844) foi um dos maiores incentivadores da continuidade dos seus estudos nas Ciências Naturais. Como professor de Botânica e de Química em Tübingen, desde 1796, foi o responsável pela organização do Jardim Botânico da Universidade. Formado em Medicina, foi igualmente reconhecido como naturalista dedicado à Anatomia comparada⁵⁵ e como antropólogo, tendo sido, ainda, um dos iniciadores nos Estados alemães do movimento

⁵⁴ As informações sobre Autenrieth e os demais professores de Rengger, citados na sequência, foram localizadas na coleção de 56 tomos da *Allgemeine Deutsche Biographie* (Biografia Geral Alemã) publicada entre 1875 e 1912. Trata-se de uma ação promovida pela Comissão Histórica da Academia Bávara de Ciências que reuniu em verbetes biográficos a trajetória de milhares de indivíduos de destaque nas áreas de língua alemã e, que, atualmente, encontram-se disponíveis de forma *online* no site *Deutsche Biographie*. A referência completa dos verbetes consultados encontra-se listada ao final do presente trabalho.

⁵⁵ De acordo com Frederico Felipe de Almeida Faria (2013), o naturalista francês Georges Cuvier substituiu a Jean-Claude Mertrud, também naturalista, na cadeira de Anatomia dos Animais do Museu de Paris, de quem fora até então assistente. Em 1805, Cuvier publicou os três tomos faltantes, de um total de cinco, da sua obra *Leçons de anatomie comparée* (Lições de Anatomia Comparada), dedicando-os por meio de uma carta a Mertrud, na qual o autor cita, entre outros, a Carl Kielmeyer como sendo um dos autores modernos que o auxiliaram em seus estudos de anatomia fisiológica. (FARIA, 2013).

filosófico da *Naturphilosophie* (Filosofia da Natureza) (KLÜPFEL, 1882). Este movimento, cujas lideranças incluem Schelling e Goethe,⁵⁶ teve mais tarde influência sobre o pensamento de Humboldt, na medida em que o viajante prussiano passou a propor um equilíbrio entre o racionalismo, o empirismo e a subjetividade (WULF, 2016). De acordo com Andrea Wulf, a filosofia da natureza de Schelling:

[...] tornou-se a espinha dorsal do arcabouço teórico do idealismo e do romantismo alemães. Schelling reivindicou a ‘necessidade de aprender a natureza em sua unidade’. Rejeitou a ideia de uma divergência irreconciliável entre o interno e o externo – entre o mundo subjetivo do eu e o mundo objetivo da natureza. Em vez disso, Schelling enfatizou a força vital que interligava a natureza ao homem, insistindo que havia um elo orgânico entre o eu e a natureza (WULF, 2016, p. 195).

A ideia de um organismo é fundamental no pensamento de Schelling sobre a natureza. Como organismo vivo, a natureza deveria ser observada em seu conjunto, o seu funcionamento implicava em uma mútua dependência de todas as partes que a compunham (WULF, 2016). Nesse sentido, de acordo com Thiago Macedo Alves de Brito (2016), a formulação de Schelling é diretamente tributária dos estudos de Kiehmeyer sobre o desenvolvimento do organismo e sua organização, a partir das forças da sensibilidade, da irritabilidade e da reprodução. Estas forças estariam presentes tanto no homem como na natureza, de modo que “A filosofia da natureza de Schelling, ou a sua física especulativa, traz à tona a materialidade da natureza e critica o pensamento que pensa a si mesmo independentemente do mundo: ele quer inserir o ser humano na intrincada cadeia de desenvolvimento da própria natureza” (ALVES DE BRITO, 2016, p. 6).

São poucas as informações que conseguimos a respeito de dois outros professores de Rengger: Ferdinand Gottlieb von Gmelin (1782-1842) e August Gottfried Ferdinand Emmert (1772-1819). Ambos se doutoraram em Medicina e atuaram como professores em Tübingen. Gmelin lecionou ao longo de toda a sua trajetória na mesma universidade, sendo professor de História Natural e de Medicina (HIRSCH, 1879). Emmert, por sua vez, foi professor de Anatomia e realizou vários estudos sobre toxicologia e venenos, sendo que, possivelmente, experiências realizadas em seu próprio corpo tenham sido a causa da sua morte (HIRSCH, 1877), motivo pelo qual, Rengger lamentou ao considerar que Emmert foi “[...] prematuramente arrebatado a las ciências [...]” (RENGGER, [1835]2010, p. 233).

⁵⁶ Johann Wolfgang von Goethe (1749 – 1832) é considerado como o maior escritor alemão da história. Exponente do Romantismo na literatura, sua primeira obra de sucesso foi *Os sofrimentos do Jovem Werther*, de 1774, e sua mais célebre obra foi o drama *Fausto*, escrito entre 1790 e 1832. Autor de uma diversificada produção (romances, poemas e peças teatrais), Goethe ainda dedicou-se ao estudo das Ciências Naturais, publicando a obra intitulada *Teoria das Cores*, em 1810.

Uma análise mais apurada do período de estudos de Johann Renngger na Universidade de Tübingen, certamente, seria possível a partir da análise dos Estatutos da Universidade, os quais, infelizmente, não conseguimos localizar. No entanto, a partir das informações que localizamos sobre alguns de seus professores, é possível perceber que a Faculdade de Medicina da universidade possuía em seu corpo docente sujeitos com uma trajetória e uma produção científica reconhecida pelos seus pares e que chegou a influenciar outros grandes homens de ciência do período. As disciplinas por eles ministradas – Fisiologia, Anatomia, Obstetrícia, Cirurgia, Química, Botânica e História Natural – também são um indicativo das atividades curriculares que Rengger certamente cumpriu enquanto esteve estudando em Tübingen.

O próximo destino de Rengger foi Paris. Após retornar do Estado alemão de Württemberg para a Suíça, ele permaneceu algumas semanas em sua terra natal e dirigiu-se à capital francesa em busca de novos conhecimentos nas áreas médica e das Ciências Naturais, o que ocorreu, ao menos duas vezes, entre 1817 e 1818 (RENGGER, A. [1835] 2010). Ainda de acordo com o relato de seu tio, na última passagem de Rengger por Paris, “[...] diversas circunstancias se aunaron para abreviar su estadia en la capital de Francia, prevista para una mayor duración, y apresurar la realización de su proyecto de viaje”, que já rondava seu pensamento desde sua experiência em Tübingen, quando “[...] surgió en él el deseo de visitar un continente extraño, com el propósito de efectuar investigaciones histórico-naturales” (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 20). As palavras de Albrecht Rengger são ilustrativas do modo pelo qual os impérios europeus e, também, vários homens de ciências do período, percebiam e qualificavam as demais porções do globo, endossando, assim, um discurso que legitimava suas ações, como bem constatou Mary Louise Pratt (1999).

Desconhecemos os motivos pelos quais a viagem científica de Rengger precisou ser antecipada, por outro lado, a sua ida a Paris proporcionou o reencontro com o seu conterrâneo Marcel Longchamp. Compartilhando da ideia de uma expedição científica, ou convencido por Rengger a embarcar com ele, os dois médicos iniciaram, em 1º de maio de 1818, sua viagem rumo a um “continente desconhecido”. O destino: a América do Sul.

Mas, por enquanto, não investiremos na descrição e análise da viagem. Optamos por tratar de seu retorno e dos eventos que se seguiram a ele.⁵⁷ Foi em um sábado de inverno, a 25 de fevereiro de 1826, que Johann Regger e Marcel Longchamp desembarcaram no porto de Le Havre. Paris foi seu destino por alguns dias. Ali, se encontraram com o banqueiro e

⁵⁷ A viagem de Johann Rengger e de Marcel Longchamp ao Paraguai será tratada no subcapítulo seguinte.

naturalista Benjamin Delessert (RAMELLA; PERRET, 2011b),⁵⁸ mas as montanhas suíças de Aarau seriam avistadas novamente por Rengger somente em 16 de março de 1826. Os imprevistos ocorridos durante sua viagem fazem do retorno uma vitória para ambos. O tio de Rengger exalta sua volta e nos informa quais as atividades a que Rengger passaria a se dedicar: “Aquí, en el seno de su familia, halló la reparación para tantas y tan largas privaciones, y pronto buscó la manera de hacer provechosos y fructíferos para la ciencia los resultados de su viaje”. (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 32).

Se na condição de aluno da Universidade de Tübingen, Johann Rengger pôde desfrutar do convívio com diversos homens dedicados às Ciências do seu período, após sua viagem é possível percebê-lo como um sujeito que tenta se integrar e ser reconhecido neste meio, especialmente, a partir do seu ingresso na Sociedade de História Natural de Aargau (*Aargauische Naturforschende Gesellschaft*) (RAMELLA; PERRET, 2011b).

A passagem de Rengger pela Sociedade de História Natural de Aargau ocorreu em um momento em que a própria instituição buscava sua afirmação. Recém-fundada em 30 de setembro de 1811, por sete membros locais interessados pelas ciências,⁵⁹ a Sociedade ocupou-se em seus primeiros anos de estudos sobre a produção de alimentos, em virtude da grande escassez de viveres registrada, entre 1816 e 1817, na Suíça, além de um forte investimento em pesquisas meteorológicas. Com uma média de 11 membros nos seus dez primeiros anos, passando para 25 entre as décadas de 1820 e 1830, a Sociedade somente obteve um desenvolvimento mais expressivo a partir da segunda metade do século XIX, sendo que nesse período inicial as comunicações apresentadas pelos seus sócios privilegiaram os campos da Química, da Física, da Geologia e da Botânica (HARTMANN, 1911; EHRENSPERGER, 2011).

Dentre as primeiras iniciativas adotadas para destacar a instituição estavam a criação de uma biblioteca, de um jardim botânico e de um gabinete de História Natural. Destas três ações, apenas o jardim botânico não chegou a ser organizado ao longo de todo o século XIX. Em 1836, foi constituída a biblioteca e, em 1827, o gabinete de História Natural. Essa última realização da Sociedade de Aargau possuiu uma forte ligação com a atuação de Johann Rengger na instituição. Segundo o artigo do historiador suíço Max Oettli-Porta:

⁵⁸ Jules Paul Benjamin Delessert (1773 – 1847) foi um banqueiro francês, apoiador de causas filantrópicas e interessado pela História Natural, dedicou-se à botânica, tendo publicado várias obras sobre plantas.

⁵⁹ Percebe-se dentre os sete sócios fundadores da Sociedade de História Natural de Aargau uma atuação profissional bastante diversificada sendo, portanto, a atividade científica secundária em suas trajetórias. Johann Rudolf Meyer (1768-1825) era engenheiro e industrial, Heinrich Zschokke (1771-1848) além de político foi teólogo e filósofo, Friedrich Frey-Herosée (1801-1873) era industrial, Ernst August Evers (1779-1823) foi filólogo, Andreas Wanger atuou como pároco, sobre Schmuziger, sabe-se que era médico e com relação a G. A. Strauss apenas que foi o responsável pela ata até 1814 (EHRENSPERGER, 1986).

Em 1827, Rengger tornou-se membro da “Sociedade de História Natural de Aargau”. De acordo com as atas do Frei Herosé, do Conselho Federal, está escrito: “O Sr. Dr. Rengger faz uma proposta à Sociedade de fazer um mapa, coleções de objetos naturais, em especial nosso Cantão, organizar e dedicarem-se a isso. - A sociedade, levando plenamente em conta a importância desta proposta, decide por unanimidade: essa coleção deve ser organizada...”. Em 1828 Rengger tornou-se Presidente da Sociedade e promoveu a fundação do Conselho de Objetos de História Natural. Ele é, portanto, o iniciador da coleção, a partir da qual surgiu o Museu Regional e Natural de Aargau. As suas conferências são estimadas. “Dr. Rengger é insistentemente solicitado pela Sociedade a continuar com suas comunicações exemplares” (OETTLI-PORTA, 1953, p. 266-267).⁶⁰

O período subsequente à viagem de Rengger e de Longchamp é, portanto, marcado por uma intensa atividade. Segundo seu tio Albrecht, “Rengger fue uno de los miembros más activos de la Sociedad de Naturalistas de Argovia, tanto por sus numerosas conferencias como por la exhibición de sus colecciones” (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 35). Possivelmente, essa dedicação possa explicar o rápido acesso de Rengger à presidência da Sociedade de História Natural de Aargau, momento em que colaborou na montagem de um gabinete a partir das coleções que conseguiu trazer do Paraguai e daquelas que já possuía na Europa, bem como das contribuições de outros membros da Sociedade. Além disso, Rengger iniciou a sistematização e reelaboração dos seus escritos de viagem,⁶¹ apresentando resultados preliminares em várias comunicações realizadas na própria Sociedade de Aargau⁶² e, em outros eventos, como na 13ª Assembleia Anual da Sociedade Suíça para o conjunto de todas as Ciências Naturais (*Allgemeine schweizerische Gesellschaft für die gesammten Naturwissenschaften*). Nesse evento, realizado em Zurique, entre os dias 20 e 22 de agosto de 1827, Rengger apresentou um trabalho sobre a onça pintada (*Jaguars, Felis onca*), ocasião em

⁶⁰ Deve-se observar que as datas informadas por Max Oetli-Porta (1953) divergem das informadas nos estudos de Adolf Hartmann (1911) e de Lorenzo Ramella e Patrick Perret (2011b), que não citam quando Rengger teria ingressado na Sociedade de História Natural de Aargau, mas, sim, que ele a presidiu entre 1827 e 1828. No entanto, todos os autores reconhecem a importância de Rengger na estruturação do gabinete de História Natural da Sociedade.

⁶¹ As publicações de Rengger resultantes de sua viagem serão objeto de análise no próximo capítulo, com especial atenção as obras *Ensayo Historico sobre la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorio del Doctor Francia*, de 1827 e *Viaje al Paraguay en los años de 1818 a 1826*, de 1835.

⁶² De acordo com o levantamento de Lorenzo Ramella e Patrick Perret (2011b, p. 429), foram as seguintes as comunicações apresentadas por Johann Rengger na Sociedade de História Natural de Aargau: “Contribuciones a la historia natural de los mamíferos en Paraguay, una serie de presentaciones llevadas en varias sesiones monográficas, por el Dr. J. R. Rengger, sobre el jaguar, puma, el gato domesticado, las especies del género *Cebus*, el carayá [primate], los murciélagos; además sobre los habitantes indígenas del Paraguay, sobre las diferencias de la estructura del cráneo de éstos con él de los Europeos, sobre la dentadura de los mamíferos, la raza original del perro americano, el caballo (importado en América desde 1527), el brillo de los ojos de algunos mamíferos, el desarrollo morfológico de *Didelphis azarae* [marsupial]]”, entre 1827 e 1828. “Las serpientes ponzoñosas sudamericanas; la planta que produce el té del Paraguay; sobre *Pulex penetrans* [pulga] en América del Sur”, entre 1829 e 1830. E entre 1833 e 1836, portanto após o falecimento de Rengger, foram lidas em seu nome as comunicações: “Sobre la navegación en el Paraguay; sobre los mosquitos y sobre las termitas”.

que pôde estabelecer contato com o célebre botânico suíço Augustin Pyrame de Candolle⁶³ e com o seu filho e também botânico Alphonse Louis Pierre Pyrame de Candolle⁶⁴ (RAMELLA; PERRET, 2011b).

Contando com 32 anos de idade, Johann Rengger seguiu rumos distintos, se comparados aos tomados por outros homens de ciência do período. Ainda que contasse com três obras publicadas, a vida como escritor era bastante incerta no início do século XIX, ademais, eram poucas as academias científicas que podiam manter como empregados sujeitos dedicados à pesquisa. A carreira tradicional de homens de ciência do período apontava para as universidades, nas quais atuavam como professores ou, então para o apoio de algum governante, passando a dedicar-se à função de historiador oficial (BURKE, 2003). Nenhuma dessas funções foram exercidas por Rengger, que manteve a Medicina como atividade principal, mas sem descuidar-se jamais da História Natural. Tanto que entre 1827 e 1829 realizou pequenas viagens pelas regiões montanhosas adjacentes a Aarau, com o intuito de investigar mais sobre seu relevo e sobre os insetos que nelas viviam (RENGGER, A. [1835] 2010). No entanto, nesse período, Rengger realizou uma viagem mais longa até os Estados alemães, com o objetivo de estabelecer contato e ver as coleções naturais do explorador e naturalista alemão Maximilian zu Wied-Neuwied, o que não ocorreu devido à ausência do príncipe, que se encontrava em viagem. Em razão disso, Rengger dirigiu-se à cidade de Frankfurt, onde se encontrou com outros homens de ciência e pôde analisar suas coleções naturais (RENGGER, A. [1835] 2010).⁶⁵ Antes de retornar para a Suíça, passou pelas cidades de Heildeberg, Stuttgart e Tübingen, importantes centros universitários à época, e que, segundo seu tio, “[...] lo atraían amistosos y gratos recuerdos”. (RENGGER, A. [1835] 2010).

De volta a Aarau, a Medicina continuou ocupando a vida de Rengger. O falecimento do sócio fundador da Sociedade de História Natural de Aargau, o médico Dr. Schmuziger, em

⁶³ Augustin Pyrame de Candolle (1778 – 1841) era natural de Genebra. Doutor em Medicina, atuou até 1816 na Faculdade de Medicina de Montpellier, sendo que seu interesse maior era pela botânica. Retornando à Suíça, publicou uma série de obras de fisiologia das plantas, dedicando-se à sistematização dos vegetais, o que se traduziu na publicação dos volumes da obra *Regni vegetabilis systema naturale*, entre 1818 e 1821, na qual se propôs a descrever todas as plantas conhecidas, projeto que não foi concluído. O mesmo empreendimento foi retomado com a edição de sete volumes da obra *Prodromus regni vegetabilis*.

⁶⁴ Alphonse Louis Pierre Pyrame de Candolle (1806 – 1893), nascido em Paris, desenvolveu sua trajetória profissional na Suíça. Formado em Direito inclinou-se pelos afazeres de seu pai, Augustin Pyrame de Candolle, sendo professor de Botânica da Universidade de Genebra. Desenvolveu estudos sobre a distribuição geográfica das plantas e também de sua sistematização, dando continuidade a obra *Prodromus regni vegetabilis* de seu pai, com a publicação de mais dez volumes em colaboração com outros autores.

⁶⁵ As únicas informações que temos sobre a passagem de Rengger por Frankfurt são as que se encontram no texto biográfico escrito por seu tio Albrecht. Este, no entanto, não menciona quais teriam sido os homens de ciência com que Rengger estabeleceu contato.

1830 acabou favorecendo sua prática médica na cidade.⁶⁶ Após um ano, uma nova proposta feita pela condessa von Worcell, “[...] bajo condiciones más vantajosas [...]” o convenceu a mudar sua rotina (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 36). Passou, então, a desempenhar a função de secretário e médico privado da condessa, que revezava a sua estadia entre o verão na Suíça e o inverno nos Estados italianos. De acordo com o relato de Albrecht, Johann Rengger:

Tampoco tuvo motivos para arrepentirse de su decisión, dado que en breve ganó la completa confianza de esta mujer, ciega y anciana, pero por lo demás completamente sana, mediante el diestro y diligente cuidado de sus negocios, de modo que ocupó un posición muy favorable por el tiempo libre que le restaba para sus propios trabajos (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 36).

Possivelmente, não foi apenas uma boa oferta que fez com que Rengger aceitasse acompanhar a condessa em suas viagens, mas, também, algumas situações que o aborreciam em Aarau. Conforme o relato citado por Max Oettli-Porta, Rengger, em uma carta ao seu cunhado Ferdinand Wydler, de 09 de outubro de 1831, afirma que:

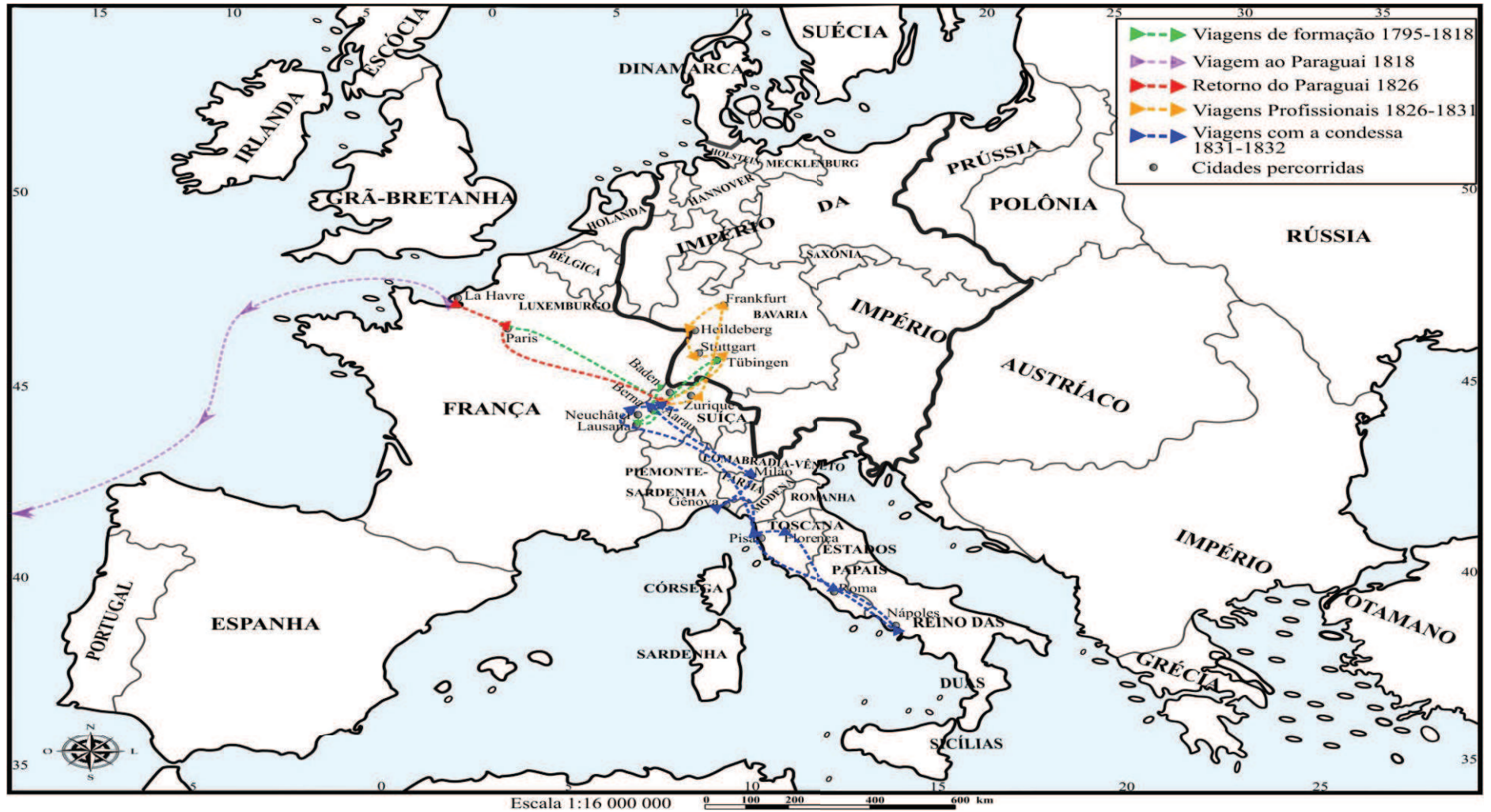
Eu vi (em Gênova) por um momento Sr. Schaefer, sua esposa e Srta. Hegnauer. Eles me importunaram com questões sobre Aarau, e tive a infelicidade de recapitular todas as coisas insignificantes e desagradáveis, que realmente me cansaram na minha estada em Aarau (OETTLI-PORTA, 1953, p. 267).

Os fatos desagradáveis que provavelmente o levaram a sair de Aarau e o tempo disponível que as novas tarefas lhe proporcionavam, fizeram do período de um ano em que acompanhou a condessa, um momento marcado por novas experiências e pela dedicação aos seus escritos sobre a viagem ao Paraguai.

De acordo com Valéria Salgueiro (2002), um número expressivo das viagens realizadas no Setecentos pode ser vinculado a um fenômeno social aristocrático típico do período, o *Grand Tour*, no qual a viagem, realizada por prazer e totalmente desvinculada do trabalho e, preferencialmente, para Roma, Veneza, Florença, Nápoles e Paris, é percebida como uma forma de edificação pessoal, através do estudo da cultura dos antigos. Rengger, no entanto, não viaja por deleite ou satisfação pessoal, mas em razão de seu trabalho como médico pessoal e acompanhante da condessa. Contudo, os lugares pelos quais ele passou e o que ele buscou neles em termos de novos conhecimentos guardam similitudes com as viagens que se inserem no *Grand Tour*.

⁶⁶ De acordo com o necrológio escrito por amigos de Rengger por ocasião da Assembleia Anual da Sociedade Suíça para o conjunto de todas as Ciências Naturais de 1833, “Quando em 1830 um dos médicos mais populares de Aarau, Dr. Schmutziger, faleceu repentinamente, determinou que assumisse [Rengger] este posto de médico. Assim também satisfizes as expectativas dos que dele esperavam isto, e seus pacientes foram a prova dele ter sido um médico fiel, consciente e altruísta” (NECROLÓGIO Johann Rudolf Rengger, 1833, p. 150).

Figura 1 – Viagens de Johann Rengger pela Europa, 1795-1832



Fonte: Elaborado pelo autor, com base em ZEISSIG (1954, p. 93).

O percurso desta viagem acompanhando a condessa von Worcell terminaria em Nápoles, lá eles pretendiam passar o inverno. Atravessaram os Alpes suíços e italianos em setembro de 1831, seguindo para as cidades de Milão, Gênova, Pisa, Florença e Roma até alcançarem o destino, que, segundo o relato de Albrecht, mostrou-se ser uma cidade muito agradável nesse período e com viajantes de diversos países com os quais Rengger pôde dialogar (RENGGER, A. [1835] 2010). Ainda conforme o relato de Albrecht, tanto Nápoles como o caminho percorrido foram importantes para Rengger, pois:

En este viaje se le abrió un nuevo campo, dado que ahora tuvo la oportunidad a diario de ejercitar y educar su sentido estético en las obras de arte, como antes lo había hecho con su espíritu de observación en las obras de la naturaleza. En Roma, esa capital del mundo artístico, pudo permanecer el tiempo suficiente para conocer sus monumentos y participar del elevado placer que ofrecen los vestigios de una grandeza desaparecida al espíritu abierto a ellos. En Nápoles dividió su tiempo entre sus trabajos literarios y las curiosidades naturales y artísticas, que lo rodeaban en gran abundancia y entre las cuales lo atraieron con mayor fuerza la ciudad subterránea, abandonada recién ayer [Pompeia], según su expresión, y el volcán que antiguamente la sepultó con su lava. Tres veces escaló el Vesubio, una vez el día el día siguiente de una erupción que él había observado desde su pieza, y que continuó durante su visita. Más tarde lo ocupó el estudio de los habientes del mar [...]

(RENGGER, A. [1835] 2010, p. 36).

O interesse por obras artísticas, monumentos, ruínas de antigas civilizações e pela natureza são elementos que, guardadas as proporções, aproximam Rengger de um *grand tourist*.⁶⁷ No entanto, sua curiosidade, que o levou a escalar três vezes o vulcão Vesúvio, pode ser identificada como um indício da representatividade de Humboldt para os viajantes do início do Dezenove. Afinal, não teria desejado Johann Rengger fazer do Vesúvio o seu próprio Chimborazo?⁶⁸

Em meados de 1832 terminaria o período de tranquilidade e de estudos desfrutados por Rengger desde que havia decidido acompanhar a condessa von Worcell. Em 15 de fevereiro, Rengger foi acometido por uma severa inflamação pulmonar que se agravaria muito, a ponto de seu tio afirmar que “[...] a partir de esse momento só resta por contar uma história clínica” (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 37).

⁶⁷ Conforme Valéria Salgueiro (2002, p. 291), *Grand tourist* era a forma a que se denominava “[...] o viajante amante da cultura dos antigos e de seus monumentos, como um gosto exacerbado por ruínas que beirava a obsessão uma inclinação inusitada para contemplar paisagens com seu olhar armado no enquadramento de amplas vistas panorâmicas, compostas segundo um idioma permeado por valores estéticos sublimes”.

⁶⁸ O Chimborazo é um vulcão situado no Equador, sendo também a mais alta montanha do país com 6.267 metros de altitude. Foi parcialmente escalado por Humboldt, em 1802, atingindo os 5.875 metros. A sua escalada foi fundamental para o naturalista prussiano na elaboração da sua *Naturgemälde* – algo semelhante à pintura da natureza (WULF, 2016) – e que exemplificava a concepção de unidade da natureza para Humboldt, ao retratar a diversidade natural de acordo com níveis de altitude.

Albrecht Rengger alega que seu sobrinho já havia retornado do Paraguai com uma infecção no fígado e com os pulmões afetados, o que lhe rendeu, devido às mudanças climáticas, alguns maus momentos, inclusive após seu retorno a Europa. Com a manifestação dos sintomas da enfermidade em Nápoles, Rengger e a condessa se dirigiram à Pisa, em busca de uma recuperação nas águas termais de San Giuliano, seguindo, depois, para a região da Suíça Ocidental, após uma significativa melhora no mês de maio (RENGGER, A. [1835] 2010). No entanto, sua situação tornou-se mais delicada a partir de agosto, quando na cidade suíça de Neuchâtel passou a enfrentar severas crises de tosse, perda de sangue e dificuldades respiratórias, que obrigaram sua família a providenciar sua viagem de retorno, passando por Berna até chegar a Aarau em 04 de setembro de 1832, já com um quadro clínico irreversível. Acometido por febres, dores, tosses e desvarios, Johann Rengger faleceu em 09 de outubro de 1832, aos 37 anos de idade, vítima, assim como sua mãe, de tuberculose.

Filhos de pastores protestantes, médicos de formação e interessados pela História Natural, Albrecht e Johann Rengger não apenas compartilhavam de um parentesco. Após o falecimento do segundo, o ex-ministro dedicou seus esforços à memória e aos escritos de seu sobrinho, sendo que, apenas dois meses separaram a alegria da publicação do relato de viagem, da tristeza provocada pela morte de Albrecht, em 1835, na cidade de Aarau.

2.2 A viagem: protagonismo ou detalhe?

No início dos anos 2000 o historiador brasileiro Ronald Raminelli constatou, em um artigo, que “A viagem ainda não teve a merecida atenção da historiografia brasileira” e que, “O grande desafio da temática, por certo, é a definição de viagem e de viajante” (RAMINELLI, 2000, p. 29). Transcorridos alguns anos, percebemos um exponencial aumento na produção historiográfica sobre viagens e viajantes, especialmente, no que se refere às discussões acerca do uso metodológico das narrativas e sobre como podemos compreender este *corpus* documental. Contudo, poucos autores somaram-se ao esforço empreendido por Raminelli em sua reflexão sobre uma possível definição de viagens e viajantes.

Uma primeira questão que se impõe é quanto a possibilidade de uma definição que sustente as várias especificidades que caracterizaram a viagem em uma perspectiva de longa duração; afinal o ato de viajar é comum à existência humana. Possivelmente, uma definição nesses termos implicaria em um grau excessivo de generalização, o que nos faz sugerir a adoção de uma noção que respeite o contexto histórico e cultural em que se situa a viagem em questão nesta dissertação, a viagem realizada por Johann Rengger no século XIX.

Uma tentativa de aproximação ao entendimento de viagem para os sujeitos do início do Oitocentos, provenientes de um ambiente cultural diversificado, como no caso da Suíça, é possível na consulta a dicionários do período.⁶⁹ Com relação à definição de viagem, percebe-se uma diferença pontual entre os idiomas, destacando-se, especialmente, as noções de deslocamento físico que implica. Um deslocamento frequente, como salientado no vocábulo alemão *Raise*, ou mesmo pela sua larga extensão, como enfatizado no francês *Voyage*. Já no português, *Viagem* é definida como o caminho ou jornada que se faz pelo mar, sendo que a mesma definição, acrescida da possibilidade do deslocamento ocorrer por terra é indicado na língua espanhola, a partir da palavra *Viaje*.

Nesse sentido, as definições apresentadas evidenciam uma insuficiência que vários estudos já se ocuparam em destacar. A viagem não é tão somente o deslocamento físico, mas também epistemológico. Como salienta Sérgio Cardoso, o deslocamento, gera um “[...] sentimento de estranheza, de ‘alheamento’ e distância, [porém] seu mundo não se estreita, se abre; não se bloqueia, mas experimenta a vertigem da desestruturação [...] que lhe impõem as alterações do tempo” (CARDOSO, 1988, p. 359). E, aqui, talvez seja possível apontar essa característica como sendo comum a todas as viagens sem uma preocupação com o aspecto temporal. Pois, o sentimento de estranheza é intrínseco ao ato de viajar, enquanto um movimento de saída do próprio em direção ao desconhecido, independentemente das razões da viagem e do arcabouço cultural do viajante.

Quem viaja tem o que narrar. Deve-se, portanto, observar que a viagem e o relato constituem-se em duas faces complementares. O segundo só existe como produto da primeira. Como observa Ilka Boaventura Leite (1996, p. 80): “Os autores produziram suas obras em decorrência das viagens, através de suas descrições, buscando transmitir informações que só poderiam ser obtidas pela experiência da viagem. A viagem foi que tornou possível esse tipo de relato”. E, é em virtude dessa relação, que Ronald Raminelli postula que a viagem é um deslocamento e uma exploração do espaço, cujos produtos – mapas, narrativas, cartas, espécimes e objetos – operam como testemunhos da sua realização, impedindo o seu esquecimento e fornecendo inventários do espaço, dos costumes e da natureza observada (RAMINNELI, 2000).

Se, em um primeiro momento, o registro do contato com a alteridade e o seu espaço por meio da viagem pautou-se pela descrição do exótico e do maravilhoso, o que se observa é

⁶⁹ O interesse, aqui, destacado na consulta aos dicionários de época não objetiva uma pesquisa em termos etimológicos, mas, sim, as suas definições. Para tanto, utilizaremos dicionários da língua francesa e alemã – duas línguas da formação de Rengger – e dos idiomas espanhol e português, como contraponto às primeiras definições. As referências completas dos verbetes analisados encontram-se citados ao final do presente trabalho.

um processo de secularização (RAMINNELI, 2000), em que o código religioso de forma paulatina e desuniforme cede espaço para as descrições pautadas pela ciência, pela razão e pela técnica (DIOGO; AMARAL, 2012), próprias do contexto do Iluminismo. E é nesse processo que se insere a viagem – e conseqüentemente o relato – de Johann Rengger. Conforme Manoel Luiz Salgado Guimarães:

Herdeiros da cultura iluminista, os viajantes do final do século XVIII e começos do século XIX lançam-se às regiões desconhecidas ou pouco conhecidas do globo com a finalidade de realizar a partir de bases seguras o sonho enciclopedista. Diferentemente das viagens exploratórias anteriores, os viajantes do século XIX o fazem com o intuito de produzir conhecimento científico seguro, esquadrinhando cuidadosamente as regiões para construir um painel que abrigasse desde as características físico-geográficas das áreas visitadas, até as características sociais e políticas dos povos que as habitavam. Um olhar cuidadoso vai anotando, classificando, ordenando segundo princípios, constituindo, em suma, um saber sobre estes povos distantes e desconhecidos [...]. (GUIMARÃES, 2000, p. 395).

Portanto, a viagem e a narrativa de Rengger respondem a questões e problemas tributários da cultura iluminista, cujos objetivos visavam à construção de um saber amplo, organizado e seguro o que implicou em “[...] uma experiência nova de viagem, que da viagem vivida como descoberta dá lugar à viagem como atividade de pesquisa”, devendo “[...] integrar num conjunto vasto a multiplicidade de fenômenos observados, como forma de constituir uma totalidade dotada de significado” (GUIMARÃES, 2000, p. 398). Se o ápice do entendimento da viagem como fonte de saber pode ser identificado no período da Ilustração, por outro lado, essa não é uma construção própria do Setecentos, podendo ser localizada em contextos históricos mais remotos. Raminelli (2000), por exemplo, cita Theodore de Bry, no século XVI, quem já destacava o potencial das viagens para o aprimoramento do conhecimento científico, filosófico e teológico.⁷⁰ Independentemente dos diversos sentidos que a noção de viagem possa ter assumido para determinados grupos sociais ao longo da história, torna-se claro que há um núcleo permanente: a ideia da viagem como formação. A antropóloga Fernanda Arêas Peixoto, em seu estudo sobre intelectuais do século XX, defende uma conceituação alargada de viagem, que no seu entendimento,

[...] remete ao Romantismo para o qual viagem associa conhecimento e escrita, revestindo-se também de caráter iniciático: viajar para os românticos é também, e sobretudo, renascer outro pelo mergulho nas profundezas da alma. Entendida como

⁷⁰ Johann Theodorus de Bry (1528 – 1598) foi um ourives, que se destacou por suas atividades como editor e ilustrador, especialmente, de títulos e gravuras referentes ao descobrimento da América.

aventura do corpo e do espírito, peregrinação renovadora e busca de fontes para a criação culta [...] (PEIXOTO, 2015, p. 12).⁷¹

A partir desse entendimento, a autora explora características fundamentais das viagens: a formação e a transformação, a circulação de saberes e de práticas, as relações sociais e as parcerias estabelecidas e, fundamentalmente, “[...] os nexos estreitos entre regimes de deslocamentos e formação de saberes sobre o mundo [...]” (PEIXOTO, 2015, p. 13).

Ainda que a cultura da Ilustração tenha impulsionado de maneira decisiva as viagens e as suas narrativas, a ponto de o viajante e de o leitor assíduo serem considerados cidadãos cosmopolitas,⁷² a viagem não chegou a ser uma exigência impreterível entre os homens de ciência do período. Lorelai Kury (2001a) aponta uma espécie de divisão do trabalho científico, que resultava do entendimento por parte de alguns naturalistas de que a viagem era apenas uma importante parte do trabalho, mas que o fundamental, a verdadeira ciência, se fazia dentro dos gabinetes, imersos nas coleções e respaldados por uma ampla bibliografia e instrumental. Condições essas, que, dificilmente, o viajante conseguiria dispor ao longo da viagem, razão pela qual, afirma a autora, era visto por muitos como apenas um coletor (KURY, 2001a).

Para Rengger e outros viajantes contemporâneos seus, a viagem era associada à pesquisa, ao conhecimento e à edificação pessoal. Contudo, exigia o deslocamento, o retorno e a escrita. Completado este percurso, a viagem transcendia o detalhe biográfico e narrativo: ela era cenário e protagonista na escrita do relato e, seu autor era denominado viajante.

Mas, o que vem a ser um viajante? Se utilizamos o mesmo procedimento que adotamos na busca por uma definição de viagem, logo percebemos que, na maioria das línguas, há a presença de um sufixo junto ao radical da palavra que exprime a ideia de um agente da ação: *Raisen*, em alemão, *Voyager*, em francês, *Viájante*, em português e *Viajante*

⁷¹ Destacando as viagens realizadas pelos intelectuais Roger Bastide, Gilberto Freyre, Pierre Verger e Michel Leiris, Fernanda Peixoto identifica uma variedade de objetivos e motivações que os levaram a empreendê-las e que dificultam a sua tipificação. Segundo a autora, “São ainda viagens projetadas pelas leituras e aquelas realizadas por meio de amigos que, ao viajarem, contam o que veem. Menos do que tipos excludentes, as experiências analisadas ensinam que as viagens tendem a combinar lazer e estudo; profissão, pesquisa e turismo; descoberta e reconhecimento; deslocamento geográfico, recuo temporal e transformação de si. Nesse sentido, todo o esforço de tipificação das viagens carrega consigo o risco de sua redução a categorias unívocas, quando a matéria vivida sugere a permanente combinação de formas” (PEIXOTO, 2015, p. 13-14).

⁷² De acordo com Juan Pimentel (2003), as narrativas de viagens não foram fundamentais apenas para o desenvolvimento científico, seu conteúdo também foi apropriado pelos estamentos altos e médios da sociedade, francesa, caso de seu estudo. Segundo o autor, “La mundialización del conocimiento del globo y sus habitantes discurría en paralelo y estaba aderezada por una moda muy extendida por la ciencias naturales. A principios del siglo, Locke había afirmado que cualquier caballero, para poder entablar conversación, debía tener nociones de filosofía natural” (PIMENTEL, 2003, p. 229). A difusão dos relatos de viagens e a sua recepção serão temas aprofundados no capítulo seguinte.

em espanhol. Trata-se de uma definição comum em todos os dicionários da época: viajante é aquele que fez ou faz viagens. Por outro lado, é evidente que tal definição apenas converge no sentido do deslocamento físico da viagem. Mas, se a viagem é tão importante a ponto de definir aquele que a realiza, em que medida ser *viajante* expressa também o deslocamento epistemológico da viagem? Aqui, novamente, a língua espanhola reserva especificidades. Para referir-se aos viajantes é usual neste idioma o uso da palavra *Viajero*, que não possui uma correspondência nas demais línguas aqui consideradas. Este vocábulo refere-se tanto à condição do sujeito que realiza ou realizou uma viagem, quanto ao ato de registrar e de refletir sobre sua experiência.⁷³ Portanto, deslocamento físico e epistemológico.

O bibliófilo José Mindlin (1991), por sua vez, também destaca que a noção de viajantes é imprecisa. Questiona-se o autor se:

Serão só os estrangeiros, ou os brasileiros que percorreram o Brasil também se incluem nessa categoria? De meu lado, consideraria um absurdo excluir os brasileiros. Quanto aos estrangeiros, há muita variedade: alguns vieram ao Brasil por curiosidade, ou a negócio, descrevendo depois, em seus países de origem, o que encontraram de notável ou de exótico; há os que aqui viveram períodos mais ou menos longos - são viajantes, ou não? Há os cientistas, os piratas, os aventureiros, os artistas, os missionários, os políticos, os militares, os que apenas passaram pelo Brasil, a caminho do Oriente ou da África. Gente, como se vê; de todo tipo, o que complica bastante o tratamento do tema (MINDLIN, 1991, p. 35).

A profissão do sujeito, os objetivos, o tempo da viagem e se esta resulta de um desejo ou não do indivíduo e a condição de estrangeiro, com certeza, são aspectos a serem considerados em toda a investigação sobre viagens e viajantes. Em especial, sobre a condição de estrangeiro do viajante, a historiografia tem reiterado que este *ver de fora* potencializa a sua capacidade de observação. Contudo, o viajante, dificilmente, será um sujeito plenamente integrado à sociedade que observa, tampouco lhe será possível abandonar o estatuto de estrangeiro. O encontro proporcionado pela viagem necessita de um espaço geográfico externo a um dos elementos, mas a marca desse encontro é sempre cultural. Como afirma Todorov (1991, p. 108), “[...] só se é estrangeiro aos olhos dos autóctones; ser estrangeiro não é uma qualidade intrínseca. Dizer de alguém que é estrangeiro é, evidentemente, dizer muito pouco”. Está claro, portanto, que o estatuto de estrangeiro não pode ser limitado a uma dimensão territorial. Ao mesmo tempo, as diversas nuances culturais que se encontram dentro de uma unidade política, por exemplo, indicam a impossibilidade de uma definição de estrangeiro em termos de nacionalidade. A ideia de uma observação aguçada pelo fato do

⁷³ De acordo com a definição do Dicionário da Real Academia Espanhola, de 1832, a palavra *viajero* é utilizada para referir-se a “El que hace algun viaje, especialmente largo ó por varias partes. Aplicase con singularidad á los que escriben las cosas especiales que han observado en él”.

viajante *ver de fora* só pode ser refletida em termos de diferenças entre culturas, pois como afirma Todorov (1991, p. 116), “[...] o contacto com as outras culturas não desempenha o mesmo papel que aquele que tem com a sua própria cultura. Este último é construtivo, enquanto o outro é crítico”.

No entanto, esses aspectos destacados anteriormente por Mindlin não nos parecem ser fundamentais para uma definição de viajante. Aliás, possivelmente, são evocados em razão da forma genérica que assume essa noção. Uma breve análise da historiografia que trata do tema evidencia que a palavra geralmente é associada à formação do sujeito, como por exemplo, naturalista-viajante e médico-viajante. Tal estratégia nos parece uma forma de complexificar a noção genérica de viajantes. Essa associação, não é fortuita, pois muito diz a respeito do conteúdo do relato escrito e do *olhar* que orientou o sujeito em suas observações sobre a alteridade e o seu espaço. Concordamos nesse sentido com João Pacheco de Oliveira Filho (1987), para quem a categoria de viajantes dá forma a uma unidade duvidosa e que acaba por condensar uma série de características e situações que são fundamentais na trajetória de quem escreveu.⁷⁴

Desse modo, uma definição de viajante nos remete novamente à noção de viagem, evidenciando as frágeis fronteiras que as delimitam. Para Mindlin (1991, p. 35), “[...] todos os relatos que deram à Europa uma visão do Novo Mundo através de uma experiência própria fazem parte dos livros de viagens”. Portanto, refletindo sobre a sua definição e representação, podemos concluir que, alegoricamente, na forma de um triângulo, viagens e viajantes formam um par sustentado, em sua base, pelo deslocamento físico e epistemológico.

Foi na sexta-feira 1º de maio de 1818, ao içar da âncora de uma embarcação mercante no porto francês de La Havre, que teve início a longa jornada por entre mares, rios e terras, cujo primeiro ato ocorreu em 1º de julho do mesmo ano, quando os amigos e médicos suíços Johann Rengger e Marcel Longchamp desembarcaram na cidade de Buenos Aires. Idealizada nos tempos universitários de Tübingen e acalentada em Paris, Rengger afirma que “El objeto de este viagem era reconocer nuevos hechos en la historia natural de aquellas comarcas”,

⁷⁴ Cabe a ressalva que não discordamos da utilização do termo viajantes, mas há que se ter no horizonte de leitura essa série de situações que, no nosso entendimento, foram muito bem colocadas por João Pacheco de Oliveira Filho. Segundo o autor: “A preocupação central desse trabalho é, portanto, discutir a validade analítica da utilização da categoria genérica de ‘viajantes’ para um universo bem diferenciado de produtores intelectuais, onde existem diferentes tipos de bens simbólicos envolvidos, cada um deles ligado a mecanismos bem distintos de produção e de circulação, bem como a instâncias variadas de legitimação e consagração. No correr da análise, a unidade dos viajantes é questionada, sendo minha intenção a de explicar que aí estão envolvidos diferentes tipos de atores sociais, com funções intelectuais e posições sociais altamente diferenciadas, com esquemas diversos de financiamento, mecanismos distintos para a divulgação de seus resultados e ocupando em termos de legitimidade, diferentes esferas na cultura de época” (OLIVEIRA FILHO, 1987, p. 92).

sendo que “El ejercicio de la medicina debia facilitarnos los médios de realizarlo”. (RENGGER; LOMPCHAMP, 1828, p. V).⁷⁵ Como se percebe, o objetivo da viagem de Rengger contemplava o estudo e a pesquisa da História Natural – termo que abrangia uma diversidade de disciplinas científicas, como por exemplo, a Botânica, a Geologia, a Biologia, entre outros, e que passaram por um processo de especialização ao longo do século XIX. Ainda que interessado em partes específicas da História Natural, o seu relato, como veremos no próximo capítulo, evidencia uma opção por um amplo panorama descritivo, conforme destacado por Guimarães (2000).

Como parte do percurso rumo ao interior do continente, Buenos Aires foi apenas uma passagem para Rengger e Longchamp. Segundo Albrecht ([1835] 2010), os viajantes permaneceram durante um mês em terras portenhas, período em que Johann iniciou uma amizade, que manteria por meio de uma frequente troca epistolar, com Aimé Bonpland, o antigo companheiro de viagens de Alexander von Humboldt pela América, entre 1799 e 1804. Bonpland retornou às terras americanas em 1817, um ano antes da chegada de Rengger, e estabeleceu-se em Buenos Aires, onde se dedicou às Ciências Naturais com considerável apoio dos governantes portenhas. Apesar dos contatos mantidos, Rengger e Bonpland não mais voltariam a se encontrar pessoalmente, ainda que tenham circulado pela mesma região, e, inclusive, vivenciado experiências semelhantes em suas passagens pela América meridional. O interesse do naturalista francês pela erva-mate o levou a realizar uma viagem até a Província de Corrientes e a de Misiones, em outubro de 1820.⁷⁶ Ali, no povoado de Santa Ana de los Guácaras, fronteiro ao povoado paraguaio de Itapúa, Bonpland organizou uma pequena estância dedicada ao cultivo da erva-mate, que, no entanto, foi destruída por uma tropa paraguaia, sendo o próprio viajante francês levado como prisioneiro. Nesse momento, se encontrando há pouco mais de um ano no Paraguai, Rengger relata em sua obra *Ensayo Historico*, que, ficou sabendo do aprisionamento de seu amigo em uma reunião com Francia, em que o próprio ditador confirmou a prisão de Bonpland, justificando a ação, como uma medida de proteção à economia e à segurança do país, pois a produção e venda da erva-

⁷⁵ Segundo o elogio fúnebre escrito em homenagem a Rengger, “O jovem cheio de vida sempre teve uma tendência, e, especialmente quando ele se familiarizou com a pesquisa científica, a viagens para descobertas científicas, e aproveitou uma oportunidade no navio para viajar a América do Sul para satisfazer a si mesmo” (NECROLÓGIO Johann Rudolf Rengger, 1833, p. 149). Essa afirmação parece ser compatível com a informação do historiador Max Oetli-Porta para quem Rengger não tinha o aval de sua família para realizar a viagem, segundo o autor: “Juntamente com seu amigo do Cantão de Vaud, Dr. Longchamp, sem conhecimento prévio, ou mesmo contra a vontade de seu pai adotivo, ele foi ao Paraguai em 1818, com o objetivo de explorar a natureza em um país distante” (OETTLI-PORTA, 1953, p. 266).

⁷⁶ A erva-mate (*Ilex paraguariensis*) é uma árvore originária da América do Sul, cujo nome científico foi atribuído por Saint-Hilaire. Tradicionalmente consumida como chá nos países da região meridional da América do Sul, seu processo de produção consiste no corte, secagem e moagem das folhas da árvore.

mate eram fundamentais para as finanças paraguaias, além de citar possíveis contatos do naturalista com antigos aliados de Artigas na região.⁷⁷ Ainda segundo Rengger, Francia permitiu a Bonpland que vivesse em um povoado chamado Cerrito, entre Santa María e Santa Rosa, onde permaneceu até 1831, não obstante, a autorização de Francia para sua saída data de 1829. Nesse ínterim, várias tentativas para libertar Bonpland do seu cativeiro no Paraguai foram feitas, inclusive, por Rengger, que arbitrou pessoalmente em favor do seu amigo junto a Francia. Posteriormente, ações dos governos da França e da Inglaterra, esta por meio do seu embaixador em Buenos Aires, Woodbine Parish (1796 – 1882), também não obtiveram êxito, o que levou Rengger, logo do seu retorno à Europa, a fazer “[...] una propuesta al gobierno [da França], que tenía por fin la liberación del señor Bonpland y que estaba fundada en el conocimiento del carácter y de las relaciones del autócrata de Paraguay”, como informa seu tio Albrecht ([1835] 2010, p. 32).⁷⁸

Ademais, segundo seu tio e biógrafo, Rengger realizou coletas pela pampa, especialmente de aves, já em consonância com os objetivos da viagem, que era o estudo da História Natural. A região inicialmente escolhida por Rengger para a realização desses estudos havia sido a Capitania Geral do Chile ou o Paraguai. No entanto, o fator decisivo para a escolha entre os dois países não foi de cunho científico, mas, sim, de ordem prática. Segundo Rengger, no prólogo de sua obra *Esayo Historico*,

Llegados á Buenos Ayres, despues de una corta navegacion de sesenta dias, tomamos informes sobre los paises que teniamos intencion de visitar, y nos decidimos por el Paraguay, por ser el menos conocido y que gozaba de mas tranquilidad que ningun otro. A pesar de que hacia muchos años que el doctor Francia se hallaba en él á la cabeza de los negocios, no se tenia en Buenos Ayres la mas ligera idea de su gobierno, y se miraba el Paraguay como la única provincia donde reinaba la paz (RENGGER; LOMPCHAMP, 1828, p. V-VI).

A delicada situação dos recentes Estados sul-americanos da porção meridional da América decorria de uma série de conflitos militares: as Províncias Unidas do Rio da Prata,⁷⁹

⁷⁷ José Gervasio Artigas (1764 – 1850) foi um militar e político uruguaio. Participou como aliado da Junta de Buenos Aires em campanhas contra o exército espanhol nas batalhas pela independência das colônias, porém rompeu com a causa portenha ao defender a Liga dos Povos Livres. Após sucessivos conflitos com a Coroa Portuguesa e com o governo de Buenos Aires, exilou-se no Paraguai de 1820 a 1850, onde faleceu. Outras informações sobre os conflitos envolvendo Artigas encontram-se no próximo subcapítulo.

⁷⁸ Possivelmente, essa tenha sido uma das razões para o encontro que Rengger teve com o naturalista e banqueiro francês Benjamin Delessert (1773-1847), como informam Lorenzo Ramella e Patrick Perret (2011b).

⁷⁹ As Províncias Unidas do Rio da Prata substituíram o antigo Vice-reinado espanhol do Rio da Prata, criado no contexto das Reformas Bourbônicas, em 1776. Em assembleia realizada em 1813, após a Revolução de Maio de 1810, que destituiu o Vice-rei espanhol, Baltasar Hidalgo de Cisneros, e formou uma Junta de governo composta por *criollos* em Buenos Aires, é que a denominação de Províncias Unidas do Rio da Prata foi aprovada (GUAZZELLI, 2014). Com capital em Buenos Aires as Províncias mantiveram, com exceção do Paraguai, da Banda Oriental e do Alto Peru, a mesma configuração territorial do antigo Vice-reinado, com fronteiras ao oeste

a Banda Oriental, a América Portuguesa e, de alguma forma, o próprio Paraguai estavam envolvidos no conflito com José Artigas, sendo que a Capitania Geral do Chile ainda lutava pela consolidação da sua independência em 1818. Como o acesso ao Paraguai estava controlado pelos artiguistas, Rengger e Longchamp optaram por ir com uma caravana até a cidade de Mendoza, para, então, atravessarem os Andes rumo a Capitania Geral do Chile, o que só não ocorreu, porque conseguiram que uma embarcação os levasse à Assunção via Rio Paraná e Paraguai. Deixaram a cidade de Buenos Aires em três de agosto de 1818.

Após sete semanas de viagem, os médicos suíços desembarcaram em Corrientes, já próximo da fronteira com o Paraguai, em um contexto desfavorável, pois, de acordo com seu tio Albrecht, se tratava de um “[...] ejercicio preliminar del destino que les esperaba en Paraguay”. (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 21). A província de Corrientes, que, inicialmente, era aliada de José Artigas, após uma disputa política, em maio de 1818, declarou-se contrária a causa artiguista, sofrendo em seguida o ataque das tropas lideradas pelo Comandante Geral de Missões e Corrientes, Andresito Artigas.⁸⁰ Controlada a dissidência, Andresito ordenou o fechamento do porto correntino para as embarcações que não fossem de aliados de Artigas, o que resultou na interrupção da comunicação com o Paraguai, assim como na detenção de Rengger e de Longchamp na cidade, de setembro de 1818 até julho de 1819.

Durante este período, na avaliação de Rengger, os viajantes sofreram “[...] los efectos infausto del gobierno de Artigas”, cujas tropas acampadas em Corrientes eram “[...] compuestas todas de Indios de las misiones destruidas de Entre-Rios [...]” (RENGGER; LOMPCHAMP, 1828, p. VI-VII), sendo que à estas “[...] hordas de ladrones de Artigas” (RENGGER, [1835] 2010, p. 274), uniam-se mais indígenas. Como se percebe, a avaliação sobre o projeto e os comandados de Artigas é extremamente negativa. Nas páginas referentes à sua estadia em Corrientes, em seu diário não faltam críticas, especialmente, ao suposto comportamento cruel e agressivo de Andresito, como se lê em três de abril de 1819:

Hoy por la madrugada la llegada del General aterrorizó violentamente al público.
Pero hasta ahora fue muy gentil, sólo mandó zurrar a algunos de sus oficiales. Hoy

com a Capitania Geral do Chile, ao norte com Vice-reinado do Peru e com o Paraguai, ao leste com a Banda Oriental e com o Império Português e ao sul com os povos indígenas. Somente em 1826, a partir dos resultados da Assembleia Constituinte, é que se adotou o nome de República Argentina, abandonando a denominação de Províncias Unidas do Rio da Prata.

⁸⁰ Andrés Guazurarí, ou Andresito Artigas (1778-1821) foi um dos principais aliados de Artigas. Natural da redução jesuítica de Santo Tomé, Andrés atuou inicialmente nos conflitos contra os luso-brasileiros em prol da causa independentista liderada por Buenos Aires. Destituído do comando das tropas pelo portenho Manuel Belgrano, Andrés se aliou à causa federal capitaneada por José Artigas, que o apadrinou e adotou como filho concedendo-lhe o seu sobrenome. Na condição de Comandante Geral de Missões e Corrientes, Andrés exerceu o comando político e militar na região. Sobre a atuação de Andresito no contexto dos movimentos independentistas no Rio da Prata, ver o trabalho de Felipe Schulz Praia (2017).

recibí carta de Goya [cidade da Província de Corrientes] con la noticia de que pronto podríamos ser liberados, pues estaban a punto de llegar tropas de Buenos Aires. Varias muchachas, por miedo del General, se fingieron enfermas y nos hicieron partícipes del secreto; algunas, sin embargo, están verdaderamente enfermas. Un testigo ocular nos relató las atrocidades de que se hizo culpable el General en Goya. (RENGGER, [1835] 2010, p. 268).

Apesar das críticas a Andresito, o biógrafo de Rengger afirma que “[...] como extranjeros y naturalistas, personalmente no tuvieron mucho de qué quejarse de los indios; por el contrario, fueron protegidos por el caudillo de éstos y recuperaron sus escopetas de caza robadas, con la autorización para hacer uso de ellas en el país” (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 21). Detido em Corrientes, uma das companhias a que Rengger faz referência é a de uma família inglesa, a quem o viajante parece ter se aproximado bastante durante este período. Juntamente com Longchamp ocuparam-se da prática médica, além de realizarem pequenas viagens aos campos próximos, oportunidades que Rengger aproveitava para caçar e observar a fauna e a flora.

Com a retirada do exército de Andresito foi reestabelecida a comunicação entre Corrientes e Assunção, o que permitiu a continuidade da viagem de Rengger e de Longchamp até seu destino. Foram horas de calmarias em meio ao rio Paraguai, em um barco pequeno e infestado de piolhos a consumirem as coleções naturais de Rengger, com uma tripulação e um comandante de capacidade duvidosa e a destituição do segundo pelos primeiros em meio à viagem. É assim que Rengger descreve em seu diário a viagem de quase um mês, ainda que advirta que “Por lo demás, no se debe creerse que todos los viajes a Paraguay son tan penosos como el nuestro” (RENGGER, [1835] 2010, p. 282). Em compensação, as constantes paradas permitiram que Rengger e Longchamp fizessem várias incursões pelas margens do rio, caçando peixes e outros animais.

Um ano e um mês após chegarem a América do Sul, em 30 de julho de 1819, Johann Rengger e Marcel Longchamp chegaram a Assunção. Os médicos tiveram seu desembarque permitido pelas autoridades, assim como de suas bagagens e coleções. O que se sucederia na continuidade parece demonstrar que os viajantes suíços, de fato, desconheciam a realidade, especialmente política, que enfrentariam no país ao afirmarem que: “Allí [Corrientes], como en Buenos Ayres, nada se sabia del doctor Francia, sino que habia establecido el mayor orden en su patria; con este motivo iban á refugiarse al Paraguay muchas familias para sustraerse á las persecuciones de Artigas” (RENGGER; LOMPCHAMP, 1828, p. VII-VIII).

Essa imagem ordeira e pacífica, construída inicialmente pelos viajantes foi contrastada pelas advertências feitas por Andrés Gómez e William Parlet. Duas amizades que foram

fundamentais na passagem de Rengger e de Longchamp pelo Paraguai. Gómez havia sido recomendado aos viajantes, auxiliando-os com suas bagagens e oferecendo-lhes abrigo até que conseguissem encontrar uma casa em terras assuncenas. Segundo Rengger, o comerciante Gómez era “[...] un joven ilustrado para este país”, especialmente pela sua fluência nas línguas inglesa e francesa, o que para Rengger justificava-se pelo contato com outros comerciantes em suas viagens a Buenos Aires, Montevideu e Rio de Janeiro, o que ainda lhe facultou o acesso a livros a ponto de possuir uma biblioteca em sua casa (RENGGER, [1835] 2010, p. 296).

Parlet, por sua vez, era um médico inglês que estava no Paraguai desde 1815, “[...] un hombre instruido, que poseía muchos conocimientos especialmente prácticos, de Medicina y Cirugía, y tenía afición por la Historia Natural, sin estudiarla expresamente”, de acordo com Rengger ([1835] 2010, p. 296). Compartilhando da mesma formação profissional, Parlet informou os viajantes suíços sobre os cuidados que deveriam observar em sua prática médica no Paraguai, o que Rengger afirma ter sido de uma enorme utilidade, ainda que, em compensação, “[...] sus explicaciones sobre el interior del país eran totalmente inexactas, de lo que más tarde me cercioné; nunca se había alejado más de quince léguas de Asunción” (RENGGER, [1835] 2010, p. 297).

Contudo, a receptividade de Gómez e de Parlet foi decisiva para o conhecimento de Johann Rengger e de Marcel Longchamp sobre a real situação e sobre as medidas adotadas por Francia no país, além de prepará-los para o primeiro encontro com o Ditador Perpétuo da República do Paraguai, ocorrido no dia 02 de agosto de 1819. Nesse mesmo dia, o ditador permitiu aos suíços que praticassem a Medicina e lhes devolveu as armas e a pólvora que haviam sido confiscadas no porto no momento do desembarque.

Superadas as dificuldades de acesso ao Paraguai e os trâmites iniciais com as autoridades locais, Rengger e Longchamp iniciaram as suas atividades, após se instalarem na capital. Nesse momento, conforme o registro do médico suíço em seu diário, “Pronto nos vimos sobrepasados de enfermos, a los que sin embargo el señor Longchamp atendía casi solo, porque yo debía ordenar las colecciones hechas hasta ahora y agregar diariamente algo nuevo” (RENGGER, [1835] 2010, p. 297). Foi justamente com o objetivo de aumentar as suas coleções que o viajante suíço empreendeu, em companhia de André Gómez, algumas pequenas saídas às adjacências de Assunção, como à Tapua, especialmente para caçar. No entanto, Rengger não desejava limitar-se apenas às proximidades da cidade. Para tanto, precisou se sujeitar às regras impostas pelo regime de Francia. Somente o ditador autorizava a entrada e a saída do país, sendo que viagens pelo interior, distantes de mais de vinte léguas da

residência, deveriam ser informadas às autoridades para a emissão de um passaporte, o que era feito por Francia na capital e pelos comandantes nas demais localidades. De acordo com Rengger:

Luego que el viajero (sic) llega al pueblo de su destino, debe presentar inmediatamente su pasaporte á la autoridad competente, y pedirle otro nuevo cuando quiere volverse. La manera con que están concebidos estos pasaportes no tienen nada de comun (sic) con las fórmulas ordinarias; son unos memoriales en que el viajero (sic) expone los motivos de su mudanza, e parage (sic) á donde desea ir, de qué manera, si e por tierra ó por agua, y en este último caso debe indicar el barco, ó canoa, á cuyo bordo quiere hacer su viage (sic) (RENGGER; LOMPCHAMP, 1828, p. 212-213).

As principais informações sobre as viagens realizadas por Rengger no Paraguai são provenientes das páginas do seu diário, que, no entanto, apenas cobrem o período de 1º de abril de 1819, quando ainda estava em Corrientes, até o dia 18 de dezembro de 1821, quando retornava para Assunção de uma viagem. Segundo Albrecht ([1835] 2010), é provável que Rengger tenha perdido partes do seu diário durante as viagens que realizou com a condessa Worcell, principalmente nas últimas, quando já se encontrava enfermo. Nos demais capítulos da sua narrativa de viagem, não constam nomes de cidades ou povoados diferentes dos mencionados em seu diário, o que não exclui a possibilidade de que tenha feito outros deslocamentos pelo interior do Paraguai até a sua partida, em 1825. Por outro lado, pode se aventar que Rengger e Longchamp gozaram de uma maior liberdade nos primeiros anos de sua viagem, permanecendo concentrados nos últimos anos, de 1823 a 1825, nas proximidades da capital Assunção.⁸¹

Além da viagem a Tapua, identificamos mais cinco expedições realizadas por Rengger ao interior. A primeira autorização que lhe foi concedida permitiu que viajasse a Ycuamandiyu, nas cercanias do rio Jejuy, o que ocorreu entre 12 de dezembro de 1819 e 14 de janeiro de 1820. Feita sob forte calor, a navegação pelo rio Paraguai desagradou Rengger, que observou que “Para hacer un viaje histórico-natural útil, debe viajar por tierra y no por agua, donde no se ve más que bosque y la orilla alta” (RENGGER, [1835] 2010, p. 316).

A partir dessa experiência, as demais viagens de Rengger foram realizadas, quando possível, sob o lombo de cavalos, contando, ainda, com o auxílio de alguns peões e de uma pequena tropa de muares para carregar as bagagens. Nessas circunstâncias, o viajante suíço partiu para Pirayú, seguindo até Piribebuy e Turumundii passando por Ytá, Capiatá e Goraí

⁸¹ Essa possibilidade parece-nos a mais provável, pois em sua obra *Ensayo Historico*, Rengger afirma que dos seis anos que estiveram no Paraguai, quatro foram de modo forçado. (RENGGER; LOMPCHAMP, 1828, p. 179).

para regressar à Assunção. Entre 28 de março e 14 de abril de 1820, Rengger dedicou-se a observar e coletar exemplares da fauna e da flora da região, não desconsiderando, ainda, aspectos da vida cotidiana da população local.

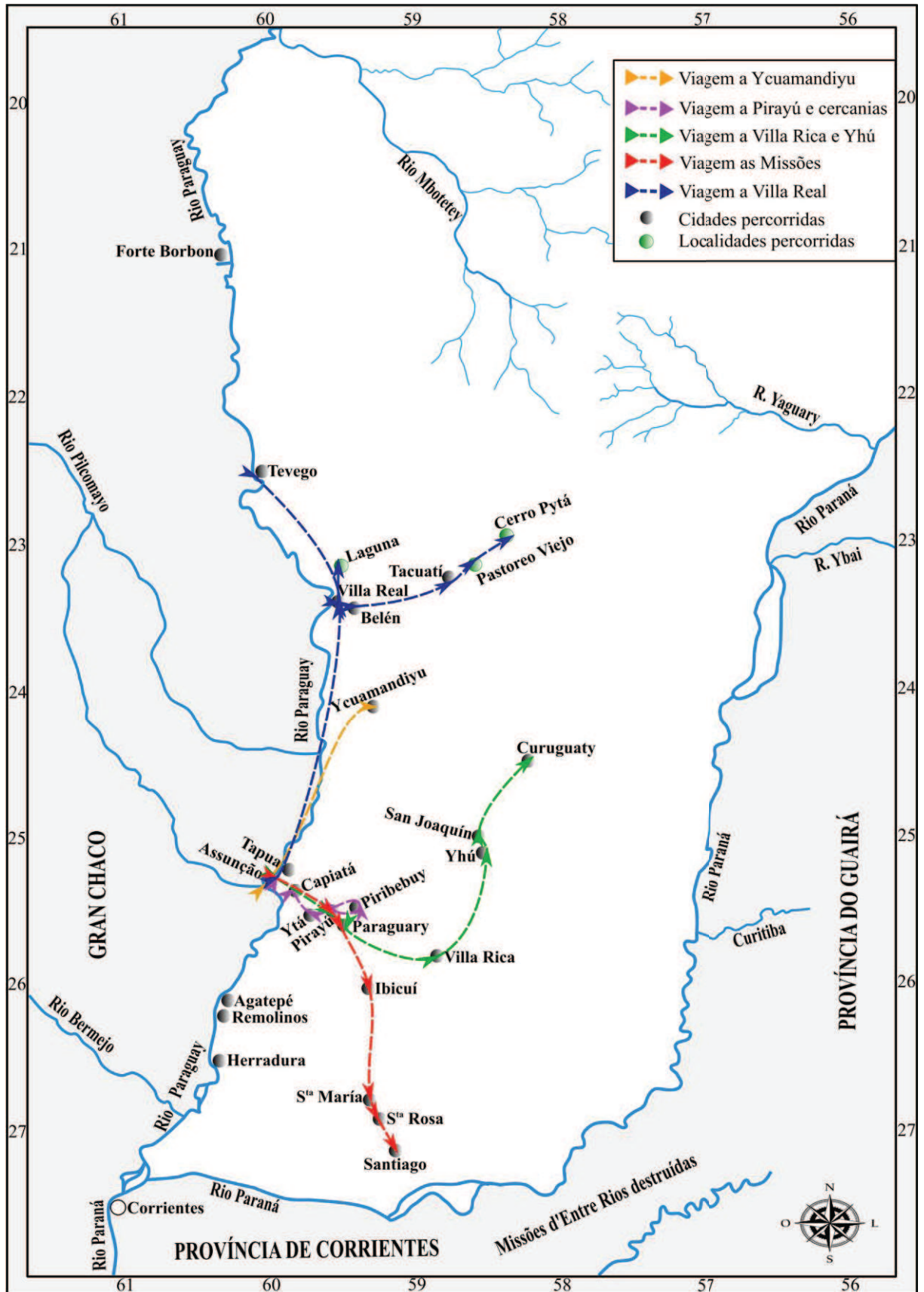
Após cinco meses, Rengger retomou sua rotina de viagens, e, entre 24 de setembro e 22 de novembro de 1820, passou por Pirayú e Paraguay, até alcançar seu destino que era a cidade de Villa Rica e a cidade de Yhú. A viagem reservou, além de boas coletas botânicas, entomológicas e zoológicas, o primeiro contato de Rengger com grupos indígenas guaranis no povoado de San Joaquín, mais ao norte de Yhú. Fatigado pelas noites ao relento, em campos abertos ou às margens de rios, e pela extensa jornada, que contou ainda com uma passagem por Curuguaty, Rengger permaneceu por quase um mês enfermo em Assunção após o seu retorno.

A convite de José Espíndola, filho homônimo de um coronel paraguaio, e de sua esposa, Johann Rengger acompanhou o casal até sua estância na porção meridional do Paraguai, onde antigamente se situavam as missões jesuíticas. Passando por Pirayú, Paraguay e Ibicuí até atingir Santa María, Rengger ainda percorreu os povoados de Santa Rosa e Santiago, observando a atividade pecuária característica da região, além de realizar suas coletas. Saiu de Assunção em 28 de março e retornou quase três meses depois em 14 de junho de 1821.

A última viagem registrada no diário de Johann Rengger foi realizada à Villa Real de la Concepción, entre 22 de outubro e 22 de dezembro de 1821. Seguiu pelo rio Paraguai até Villa Real e de lá realizou outras saídas a cavalo até Forte Borbon, Tevego, Laguna, Belén, Tacuatí, Pastoreo Viejo, Ñu porã, Yoyavy e Cerro Pytá. Além de observar a região, que se destacava pelo cultivo da erva-mate, Rengger, diferentemente de quando esteve em San Joaquín, conseguiu permanecer por um maior período de tempo entre os grupos indígenas caayaguás, estabelecendo, inclusive, contato com os índios guanás da região.⁸²

⁸² Em seu relato, Albrecht ([1835] 2010) informa que Rengger pretendia fazer uma grande viagem pelo rio Pilcomayo, atravessando o Chaco até a nascente do rio aos pés dos Andes, o que não foi possível devido à negativa por parte de Francia. Deve-se observar que Rengger não percorreu a região do Gran Chaco, apesar de sua vontade em fazê-lo. Quando estava em viagem por Yquamandeyú, no final de 1820, Rengger registrou em seu diário a notícia de que um pelotão de 600 soldados havia atravessado o rio Paraguai de Assunção em direção ao Chaco para dar combate a um grupo de índios Guaicurus que haviam furtado cavalos e matado alguns soldados. O fato incomodou o viajante, pois “Me apena muchísimo no haber estado presente en la ciudad, pues gustosamente me habría trasladado con las tropas a una comarca que muy rara vez ha hollado al pie de un europeo” (RENGGER, [1835] 2010, p. 314).

Figura 2 – Viagens de Johann Rengger pelo interior do Paraguai, 1819-1821



Fonte: Elaborado pelo autor, com base em RENGGER ([1835] 2010).

Boa parte do relato de viagem de Johann Rengger deve-se às expedições que realizou para o interior, que, como vimos, contaram com a ajuda do comerciante Andrés Gómez e de José Espíndola. Além desses, o médico inglês William Parlet foi outra figura fundamental com quem Rengger manteve um profícuo contato, especialmente sobre assuntos médicos e sobre Ciências Naturais. No entanto, tentar restabelecer o conjunto das relações sociais mantidas por Rengger e por Longchamp no Paraguai não é tarefa simples, em virtude de serem poucos os indivíduos visibilizados por Rengger em seus relatos, dentre os quais, os três já citados constituem-se nos mais frequentes.

Sendo um dos poucos comerciantes paraguaios autorizados por Francia a fazer viagens até Buenos Aires, José Thomas Isaci recebeu os viajantes suíços no Paraguai muito amigavelmente, segundo as próprias palavras de Rengger e de Longchamp (1828, p. 172-173). Ademais, Isaci e o também barqueiro e comerciante José de Maria foram os responsáveis pela viagem que levou Rengger e Longchamp de Assunção até Buenos Aires, após a autorização dada por Francia.⁸³ Nessa viagem, Isaci, que era aliado político do ditador, conduzia dois barcos do governo carregados com erva-mate e tabaco, ambos os produtos do Estado, para vender devendo retornar com pólvora, o que não ocorreu e despertou a ira de Francia contra seu antigo aliado (CHÁVES, 1998).

No Paraguai, Rengger manteve contato também com os irmãos José Ildefonso Machain (1778-1849) e Juan José Machain (1779-1836). Ambos eram naturais de Assunção e exerciam atividades militares, porém mantinham lealdade à causa de Buenos Aires. José Ildefonso havia participado como comandante de tropas ao lado de Manuel Belgrano, quando do ataque portenho ao Paraguai, em 1810. Com as derrotas nas batalhas de Paraguarí e Tacuarí, Machain caiu prisioneiro do exército paraguaio. Posteriormente, teve autorizado seu retorno a Buenos Aires, onde enfrentou um processo militar instaurado para apurar sua responsabilidade nas campanhas derrotadas, o que culminou com o fim de sua carreira militar e ditou o seu retorno a Assunção, onde passou a se dedicar à agricultura na cidade de Tapúa. Devido as suas antigas ligações com Buenos Aires, Machain foi visto com desconfiança pelo governo de Francia, ainda que a perseguição mais contundente tenha sido contra o seu irmão, Juan José Machain. Diante do interesse demonstrado por Rengger na fauna e na flora do Paraguai, os irmãos Machain, assim como Gómez, o auxiliaram em suas viagens, e, especialmente, através do envio de espécimes naturais, como informa Rengger (1830, p. IX –

⁸³ Segundo Rengger em sua obra *Ensayo Histórico*: “Por lo mismo solo cumplo mi deber, manifestando aqui nuestro reconocimiento, tanto á D. José Tomas Isaci, como á D. José de Maria, que nos hizo el mismo ofrecimiento, en cuanto recibió la orden de preparar su buque, como agente e una casa inglesa”. (RENGGER; LOMPCHAMP, 1828, p. 173).

X) no prólogo de sua obra sobre os mamíferos do Paraguai, e, inclusive, de documentos, como mapas elaborados por Félix de Azara e disponibilizados ao médico suíço por Juan José Machain. (RENGGER, [1835] 2010, p. 358).

Referindo-se à partida de Rengger do Paraguai, Albrecht nos informa que a maior parte das suas coleções naturais ficaram “[...] en manos de un comerciante francés, el señor Saguier [Saguiet], quien hacia varios años había sido su convecino y había administrado su farmacia” (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 31). Assim como Rengger, o francês Pedro Saguier também havia chegado ao Paraguai em 1819. Seu acesso ao país havia sido facultado pela condição de representante comercial do governo francês. Ainda que seduzido pelos interesses comerciais e políticos que tal parceria implicaria para o Paraguai, Francia desconfiou que as intenções de Saguier estavam orientadas para a espionagem e não para uma missão comercial-diplomática, do que resultou sua detenção por vários anos no país (CHÁVES, 1998). Por óbvio a amizade de Rengger com Saguier não foi bem vista pelo ditador, para quem ambos ocupavam-se de conspirar contra o governo do país e sua população. Em despacho administrativo, Francia afirma que Rengger “[...] complotándose íntima y estrechamente con los europeos españoles y con el francés Saguier, espía realista descubierto que se metió a boticario, sospechándose que al modo que este había sido destinado desde Europa, envenenaba también a los patriotas [...]” (FRANCIA, [19 Jul. 1830] 2009, p. 1073).⁸⁴

Considerando-se o contato que Rengger manteve com Aimé Bonpland por meio de cartas, nove são os nomes que figuram com maior recorrência nos seus relatos, sendo possível acrescentar outros contatos esporádicos.⁸⁵ De imediato, destaca-se a associação de Rengger com os estrangeiros residentes em Assunção – então mal vistos pelo governo e percebidos como constante sinal de ameaça à recente soberania nacional –, como os irmãos Machain e Pedro Saguier, ou então, com sujeitos que compartilhavam de sua profissão ou tinham formação próxima a dele, como Parlet e Bonpland. Mas, enfim, teria Rengger desenvolvido uma pequena rede de relações, apesar da superficial inserção na sociedade paraguaia? Ou sua narrativa foi construída de uma forma que não concedeu espaço aos agentes humanos que cercavam o autor? Como estrangeiros e gozando de uma liberdade reduzida, é pouco provável que os viajantes suíços se encontrassem bem integrados à sociedade local. É preciso também

⁸⁴ Deve-se observar que a denúncia de Francia é realizada em um momento de tensão entre o ditador e Rengger, em função da publicação da obra *Ensayo Historico*, em 1827, que expôs seu governo.

⁸⁵ Podem ser citados nessa condição, o senhor Almirón que acompanhou Rengger em sua viagem até os ervais de Villa Real; o espanhol José Sibilat, conhecido dos médicos e que acabou falecendo no Paraguai; o italiano Don José Mantineo, que o conduziu em uma embarcação até as proximidades de Ycuamandiyu; Don José Tomas del Casal; Don Juan Pascaro e os nominados apenas como Montiel e Mora.

considerar que sua viagem tinha fins científicos e que a escrita orientava-se pela objetividade, razão pela qual seu objeto de estudo não eram as relações humanas, mas a natureza que ele observava.

A rotina de Rengger e de Longchamp no Paraguai foi marcada pela permanente tensão entre a permanência forçada e a esperança de poder deixar o país. Angústia compartilhada com os amigos estrangeiros William Parlet, Pedro Saguier e Aimé Bonpland, todos igualmente detidos pelo ditador José Gaspar Rodrigues de Francia. Ao médico inglês coube o destino de terminar seus dias em solo paraguaio, os demais puderam seguir seu caminho após a liberação, dada por Francia, que foi, primeiramente concedida aos viajantes suíços.

Desde abril de 1820, os familiares de Rengger não obtinham mais notícias do viajante.⁸⁶ Essa situação levou seu tio Albrecht a solicitar a ajuda do governo de Buenos Aires e da Inglaterra para obter informações e, posteriormente, a libertação dos médicos suíços (RENGGER, A. [1835] 2010).⁸⁷ Novos eventos no cenário internacional favoreceram, de certa forma, o destino de Rengger e de Longchamp. Em dois de fevereiro de 1825 foi assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre as Províncias Unidas do Rio da Prata e a Inglaterra, que além de questões comerciais, previa o reconhecimento da independência dos novos Estados americanos por parte dos ingleses. Entusiasmado com as notícias, Francia recebeu o diplomata e representante de negócios da Coroa Inglesa na região do Prata, Woodbine Parish que solicitou a libertação de todos os comerciantes ingleses

⁸⁶Deve-se destacar que as correspondências enviadas e recebidas por Rengger eram violadas ou confiscadas pelo governo de Francia. Ainda assim, o tio Albrecht ([1835] 2010), em seu escrito biográfico sobre Rengger, cita três passagens de cartas remetidas pelo médico em sua viagem pela América Meridional. Em carta de 15 de julho de 1818 endereçada ao seu antigo professor Autenrieth, Rengger descreveu algumas de suas observações sobre o mar realizadas ao longo da viagem pelo Atlântico. Já em 16 de abril de 1820, Rengger escreveu ao seu tio, comentando sobre a situação política da região, destacando o clima de segurança do Paraguai em contrataste com o medo disseminado pelas ações de Artigas na Banda Oriental. A última citação não informa, infelizmente, a data da carta, apenas que foi escrita em Corrientes, portanto, entre setembro de 1818 e início de julho de 1819 (RAMELLA; PERRET, 2011b), e que versa sobre a atuação de Longchamp na viagem.

⁸⁷ A intervenção do governo bonaerense em favor de Rengger ocorreu no contexto da missão de Juan García de Cossío (1823-1824), organizada por Bernardino Rivadavia. Além da retomada dos laços comerciais e diplomáticos com o Paraguai, Cossío deveria negociar com Francia a participação do país em um acordo que visava à nomeação de um Ministro Plenipotenciário das Províncias Unidas do Rio da Prata, com o objetivo de firmar um tratado de paz e amizade com a Espanha. Contrário ao projeto das Províncias Unidas, Francia em nenhum momento respondeu aos contatos do enviado, que nem sequer conseguiu ingressar no território paraguaio. Rengger em seu relato afirma que Cossío “[...] llevaba una carta para mí, de mi familia, que el señor Rivadavia, entonces ministro de estado, habia tenido la bondad de entregarle, encargándole se interesase con el dictador para que nos concediese la libertad”. (RENGGER; LOMPCHAMP, 1828, p. 169). Ainda segundo Rengger, felizmente o francês Esteban Perichon, residente em Corrientes, aconselhou Cossío a não entregar a carta, “[...] pues si el dictador hubiese sospechado que el gobierno de Buenos Ayres se interesaba por nosotros, hubiera entrado en recelo y nunca nos hubiera dejado salir del Paraguay”. (RENGGER; LOMPCHAMP, 1828, p. 169).

detidos.⁸⁸ Impondo restrições sobre o que poderia ser levado e permitindo que os ingleses deveriam viajar na condição de passageiros, Francia solicitou aos comerciantes José Thomas Isaci e José Maria que preparassem suas embarcações para a viagem até Buenos Aires. Ao ser informado das autorizações, Rengger decidiu solicitar também que fosse autorizada a sua liberação e a de Longchamp:

Presentéme á este efecto á su casa [Francia] el dia 27 de marzo [1825], y como estaba ocupado no pude verle; pero casi al instante me mandó llamar, me preguntó qué queria, y sin responder á mi solicitud me mandó que fuese á reconocer unos cuarentas reclutas que acababan de caer malos: hice la visita, y fui á darle cuenta. Entonces me hizo varias cuestiones sobre mi viajes en el interior del Paraguay, sobre las observaciones que me habían subministrado, y sobre lo que me proponía publicar de ello. Parecia estar muy satisfecho del reconocimiento de las nuevas repúblicas hecho por Inglaterra, [...] (RENGGER; LOMPCHAMP, 1828, p. 174).

Se, por um lado, o interesse que Francia demonstrou ter nos resultados e na publicação das pesquisas de Rengger parece indicar certa preocupação do ditador em relação à divulgação de informações sobre o Paraguai, por outro, ele se esquivou de dar uma resposta à solicitação feita por Rengger afirmando que, “Por lo que á Vmd. toca, veremos” (RENGGER; LOMPCHAMP, 1828, p. 175).

Transcorridos quase dois meses sem obter resposta do seu pedido e cada vez mais próximo de assumir maiores responsabilidades no atendimento médico das tropas paraguaias,⁸⁹ diminuía as esperanças de Rengger e de Longchamp de deixarem o país, ainda que as embarcações com os ingleses já liberados, tampouco tivessem partido. A ordem finalmente foi expedida em 25 de maio de 1825. Juntamente com estas deliberações foram enviados os passaportes de saída de Rengger e de Longchamp, assim como uma ordem ao Tesouro para que os médicos suíços fossem pagos pelos serviços prestados ao Estado e uma autorização para saírem do país com esta quantia. Informados por um oficial às 11 da manhã sobre a partida às 13 horas daquele mesmo dia, os médicos suíços entenderam que possivelmente, esta seria a única chance que teriam de sair do Paraguai enquanto Francia estivesse vivo. Imediatamente arrumaram “[...] una parte de aquellas colecciones [de História Natural] y los efectos absolutamente necesarios; y dejando lo demás en poder de algunas

⁸⁸ Além da diplomacia, Woodbine Parish destacou-se como comerciante e viajante britânico. Primo dos já citados irmãos Robertson, Woodbine Parish atuou como diplomata da Grã-Bretanha na região do Prata entre 1825 e 1832. Membro da Royal Society, publicou em 1839 a obra *Buenos Ayres y las Provincias del Río del Plata*.

⁸⁹ De acordo com Rengger, “Asi que ya no esperaba aprovecharme de aquella ocasion para abandonar el Paraguay; tanto mas cuanto que el dictador me habia hecho insinuar que incesantemente seria colocado á la cabeza del servicio de sus tropas, y que me confiaria la direccion de un nuevo hospital militar que queria establecer, habiéndome consultado antes sobre el terreno en que debia construirse” (RENGGER; LOMPCHAMP, 1828, p. 176).

personas de confianza, [...]” (RENGGER; LOMPCHAMP, 1828, p. 177) seguindo para o porto até a embarcação de José Isaci. Em companhia de um capitão francês e de cinco franciscanos, também liberados por Francia, Rengger e Longchamp partiram de Assunção rumo a Buenos Aires, aonde chegaram na metade de julho de 1825.

Figura 3 – Viagem de Johann Rengger ao Paraguai, 1818-1826



Fonte: Elaborado pelo autor, com base em LYNCH (1976, p. 14).

Em Buenos Aires, Rengger e Longchamp precisaram aguardar até outubro para poderem seguir viagem, sendo que a embarcação aportou na Bahia devido à necessidade de reparos. Continuaram a viagem em outro barco, de bandeira francesa, que realizou uma parada em Pernambuco, onde Rengger encontrou, segundo Albrecht, “[...] al cónsul suizo, el señor [Emmanuel] Ricou, un amigo de Lausana, quien los saludó en nombre de la pátria y los recibió hospitalariamente en su casa” (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 31). Após realizar coletas na Bahia e em Pernambuco, com o intuito de repor espécimes de suas coleções, Johann Rengger e Marcel Longchamp rumaram em direção ao porto de Le Havre, chegando à Europa, em 25 de fevereiro de 1826.

Deixavam, assim, para trás o desconhecido que motivou o deslocamento para voltar ao próprio. O retorno à Europa marcava o fim da viagem. Quase oito anos haviam se passado entre a partida e a chegada. Diferentemente de outros viajantes, Johann Rengger e Marcel Longchamp embarcaram rumo à América do Sul apenas com algumas ideias e expectativas. Nada que se assemelhasse a um conjunto de instruções rígidas elaboradas por Estados ou por Academias Científicas. Assim, deviam prestar contas apenas a sua curiosidade e tampouco precisavam cuidar e transportar uma vasta e pesada bagagem repleta de obras e equipamentos. Possuíam, sim, alguns exemplares e instrumentos pouco sofisticados adquiridos com seus próprios recursos. Tratava-se de uma viagem particular, cujas despesas deveriam ser salgadas mediante a prática do ofício de formação dos viajantes: a Medicina. As dificuldades durante a viagem estenderam-se até o seu final: as coleções de História Natural, cuidadosamente coletadas e armazenadas, ficaram, em sua maioria, no Paraguai. O desejo de voltar foi maior que qualquer apego ao que haviam organizado ao longo de quase oito anos. Isto, contudo, não impediu o posterior reconhecimento que Johann Rengger recebeu de seus pares. Alcançou notoriedade com a publicação de suas obras, ingressou em Academias Científicas e realizou palestras. O mesmo não parece ter sido alcançado por Longchamp, de quem pouco se sabe após seu regresso da viagem ao Paraguai.

2.3 O Paraguai dos viajantes

Quando Johann Rengger e Marcel Longchamp decidiram embarcar rumo à América do Sul com o objetivo de realizar uma viagem de estudos de História Natural, por certo não imaginavam que presenciariam importantes desdobramentos da formação dos Estados-nação platinos e que essa situação teria um forte impacto nos resultados da viagem empreendida. Se no país de origem dos viajantes e, em toda Europa Ocidental, o pensamento Ilustrado e o

expansionismo napoleônico impuseram profundas mudanças à sociedade, na América hispânica o contexto político e social era igualmente conturbado. Esse momento de mudanças e de instabilidade teve reflexos mútuos na Europa e na América, no entanto, os caminhos políticos percorridos foram diferentes, como afirmam Rogelio Altez e Manuel Chust Calero (2015, p. 11), pois, “[...] mientras que en Europa tras el Congreso de Viena en 1815 se proclama el triunfo de las restauraciones de las Coronas absolutistas, en el otrora ‘Nuevo Mundo’ triunfa el sistema liberal y constitucional con sus formas republicanas”.⁹⁰ Como representantes do pensamento europeu, Rengger e Longchamp, por meio de seus escritos, formam mais uma pequena intersecção entre as realidades europeias e americanas registradas sob a ótica da primeira. Contudo, qual foi a realidade política encontrada pelos suíços na América meridional?

Ao aportarem em Buenos Aires, em 1818, os viajantes, de imediato, se viram envolvidos em uma complexa rede de conflitos entre os grupos independentistas americanos e os realistas monárquicos, bem como entre os próprios adeptos da causa independentista. Se na Capitania Geral do Chile, uma das opções de destino de Rengger, ainda ocorriam conflitos entre os exércitos espanhóis e os americanos, ao se deslocarem para Corrientes, com o propósito de ingressar no Paraguai, eles foram atingidos pelos conflitos existentes entre os grupos *criollos* com ideias políticas antagônicas. De um lado, o projeto dos unitaristas das Províncias Unidas do Rio da Prata, cujo objetivo era a formação de um Estado que mantivesse a dimensão espacial do anterior Vice-reinado do Rio da Prata e com capital em Buenos Aires. Recusando-se ao domínio portenho na Banda Oriental, opuseram-se a esse projeto os federalistas liderados por José Gervasio Artigas, a partir da criação da Liga dos Povos Livres,

⁹⁰ Rogelio Altez e Manuel Chust Calero (2015) propõem uma instigante reflexão sobre os processos históricos que influenciaram as revoluções de independência na América Latina e o modo como são discutidos na historiografia. Para os autores, a leitura de tais processos deve levar em consideração a existência das especificidades locais americanas e as ações que as sociedades coloniais demonstraram diante da crise de poder metropolitana. Segundo os autores: “No es la modernidad que toca a la puerta ni el efecto cautivador de la Ilustración; son las propias sociedades que están dando cuenta del desgaste de ese modelo, de sus tensiones y conflictos, los mismos que antes se resolvían a favor del pecto colonial y que ahora no hallan derroteros resolutivos a sus contradicciones” (ALTEZ; CHUST, 2015, p. 13). Ao mesmo tempo, assinalam os autores, essas ações não podem ser desvinculadas dos processos maiores que marcaram profundamente o período, como “[...] el ascenso del pensamiento liberal-burgués, la quiebra de los imperios ibéricos, la nueva expansión europea, la consolidación del capitalismo, el avance de la revolución industrial, los romanticismos discursivos, las ideologías nacionales, en fin, la cristalización de nuevos sentidos que acabaron dando forma y contenidos a una humanidad que entonces se estaba occidentalizando cada vez más aceleradamente” (ALTEZ; CHUST, 2015, p. 11). Contudo, as revoluções de independência hispano-americanas não devem ser interpretadas como consequência direta desse contexto maior, tampouco constituem processos históricos paralelos, concomitantes, mas sim formam um único processo histórico (ALTEZ; CHUST, 2015). Para um balanço historiográfico sobre os vários olhares interpretativos a respeito das independências latino-americanas, ver o artigo de Manuel Chust (2007).

entre 1814 e 1815.⁹¹ Além de questões territoriais, estavam envolvidas distintas concepções políticas com relação aos Estados recém-independentes, sendo que segundo o historiador Cesar Guazzelli, “Crescia a diferença entre o federalismo de Artigas, que cobrava autonomia, livre comércio e república, e o modelo unitário de Buenos Aires, centralista, monopolista e sensível a alguns projetos monárquicos” (GUAZZELLI, 2014, p. 9).

No entanto, Buenos Aires não apenas enfrentava dificuldades com os adeptos da causa artiguista. Além dos conflitos com a Espanha e com as tropas portuguesas na região da Banda Oriental, o Paraguai seguia uma política independente e contrária aos objetivos portenhos, não cedendo em momento algum à pressão praticada por Buenos Aires.

Segundo a análise do historiador estadunidense Richard Alan White (1989), a condição periférica do Paraguai comparada à importância de Buenos Aires ao longo de toda a história do domínio espanhol na América, somada aos constantes auxílios militares realizados pelo primeiro em favor do segundo, contribuíram para a criação de uma animosidade histórica entre paraguaios e portenhos. Em todo processo de independência das colônias espanholas na América meridional, de fato não há um alinhamento entre Buenos Aires e o Paraguai. Já nos eventos subsequentes ao *Maio de 1810*, o Cabildo de Assunção não aceitou que a Junta portenha governasse em nome de todo o antigo Vice-reinado do Rio da Prata, reiterando a sua lealdade ao Conselho de Regência da Espanha (CARDOZO, 1988).⁹² Tal decisão, salienta White (1989), não decorre somente da inimizade entre os grupos, mas, também, do fato de que o Paraguai não possuía, no seu entendimento, uma elite *criolla* forte e integrada à estrutura colonial, capaz, portanto, de aderir ao projeto sedicioso portenho. Nesse momento, os postos governamentais do Paraguai estavam ocupados integralmente por espanhóis compactuados com o governador e, também espanhol, Bernardo de Velasco.⁹³ Entendimento semelhante também é defendido pela historiadora Nidia Areces (2011). Segundo a autora, havia entre os *criollos* paraguaios mais instruídos o desejo de se aproximar de Buenos Aires e

⁹¹ A Liga dos Povos Livres foi uma confederação criada entre 1814 e 1815, da qual faziam parte, além da Banda Oriental, as províncias de Córdoba, Corrientes, Entre Ríos, Santa Fé e Misiones. Defendendo o federalismo e sob a liderança de Artigas, a Liga enfrentou a oposição tanto das Províncias Unidas do Rio da Prata, como da Coroa Portuguesa, pois, ambas tinham intenções de anexar o território da Banda Oriental. Cercado pelos inimigos externos, com poucos reforços e enfrentando uma forte oposição interna, devido as suas propostas consideradas radicais pelas elites, Artigas foi derrotado em 1820 pelas tropas luso-brasileiras (GUAZZELLI, 2014). Após o conflito, em 1821, foi estabelecida a Província Cisplatina, incorporada ao Império português, e após ao Brasil até 1828, quando o Uruguai obteve a sua independência arbitrada pela Grã-Bretanha entre o Brasil e a Argentina. Com relação a Artigas, após a sua derrota seus antigos aliados militares passaram a persegui-lo, o que o levou a solicitar exílio no Paraguai. Autorizado por Francia, Artigas terminou seus dias vivendo no interior do país.

⁹² Com o avanço da invasão francesa sobre a Espanha a Junta Suprema Central, primeiramente com sede em Sevilha e depois em Cádiz, acabou sendo dissolvida e deu lugar ao Conselho de Regência, que continuou na atuação de resistência aos franceses.

⁹³ O militar espanhol, natural da província de Burgos Bernardo, Luis de Velasco y Huidobro (1742 – 1821?) foi o último governador intendente da Província do Paraguai entre 1806 e 1811.

uma forte postura contrária aos espanhóis, porém, tratava-se de um setor reduzido e isolado na sociedade.

A resposta de Buenos Aires à negativa paraguaia foi diplomática e se deu por meio de embargos comerciais, e, também foi militar, mediante uma ofensiva sob o comando do General Manuel Belgrano.⁹⁴ Entre janeiro e março de 1811, as tropas se enfrentaram nas Batalhas de Paraguari e de Tacuary, sendo que a vitória coube ao Paraguai sob a liderança dos militares *criollos* Fulgencio Yegros⁹⁵ e Manuel Cavañas,⁹⁶ em virtude da retirada dos comandantes espanhóis e do governador Velasco, temerosos em relação à possibilidade de uma derrota. Após retornarem à Assunção, Velasco e outros espanhóis optaram por fugir do Paraguai, no entanto, ao ser comunicado da derrota dos portenhos, regressou a Assunção e seguiu até o local dos conflitos para reassumir o seu posto. Na derrota de Belgrano ficou evidente o fortalecimento do grupo militar *criollo* no Paraguai, que ingressou efetivamente na vida política do país. (ARECES, 2011). Ciente disso, Velasco buscou uma aproximação com os portugueses, o que tanto lhe poderia favorecer contra Buenos Aires, como contra os dissidentes internos.⁹⁷ Contudo, essa manobra foi muito mal vista pelos militares paraguaios, que sob a liderança de Juan Caballero⁹⁸ e Vicente Iturbe,⁹⁹ em 14 e 15 de maio de 1811, restringiram os poderes de Velasco, exigindo não apenas a entrega das chaves da tesouraria do Cabildo, das armas e munições da província, mas que governasse com mais dois deputados a

⁹⁴ Formando em Direito pelas Universidades de Salamanca e Valladolid, Manuel José Joaquín del Corazón de Jesús Belgrano (1770 – 1820) destacou-se no cenário político e militar do Rio da Prata ao lutar contra as invasões inglesas no início do século XIX e posteriormente por sua atuação na Revolução de Maio.

⁹⁵ Fulgencio Yegros (1780 – 1820), militar paraguaio combateu as tropas inglesas na invasão ao Rio da Prata entre 1806 e 1807. Após ter atuado como um dos líderes no processo de deposição de Velasco, foi presidente da Junta Superior Governativa entre 1811 e 1813, sendo eleito juntamente com Francia Consul da República em 1814. Foi executado em 1821, após ter sido acusado de participação no golpe orquestrado contra Francia em 1820.

⁹⁶ Manuel Atanasio Cavañas (1768 – 1828) foi um rico produtor de tabaco e militar paraguaio de grande destaque nas batalhas Paraguari e Tacuary. Contrário às ideias de Francia, teve uma participação reduzida no processo de independência, ocupando-se de seus negócios até o seu falecimento.

⁹⁷ O movimento de aproximação com os portugueses – comum em todo o Rio da Prata – é identificado na historiografia paraguaia como *Carlotismo*. Esposa do então Príncipe Regente de Portugal, Dom João VI, Carlota Joaquina era irmã do Rei espanhol deposto Fernando VII e, valendo-se destas prerrogativas, Carlota afirmou ser a legítima soberana das possessões espanholas na Europa e no Ultramar. Contudo, a oposição nas colônias americanas foi muito maior do que o eventual apoio. Interpretada como uma tentativa de expansionismo luso pelos *criollos*, estes continuaram afirmando lealdade a Fernando VII e a Junta Suprema Central (CABALLERO CAMPOS, 2010). Ainda de acordo com Herib Caballero Campos (2010), a inclinação por parte do governador Bernardo de Velasco as propostas carlotistas, foram decisivas para o início do processo de independência no Paraguai.

⁹⁸ O militar Pedro Juan Caballero (1786 – 1821) destacou-se após as batalhas de Paraguari e Tacuary e, por sua atuação no processo de independência do Paraguai, foi eleito vocal da Junta Superior Governativa. Envolvido no golpe de 1820 contra Francia, suicidou-se em sua cela no ano seguinte (CABALLERO CAMPOS, 2010).

⁹⁹ Vicente Ignacio Iturbe (1785 – 1837), um dos próceres da Independência, foi responsável por comunicar a Velasco sua deposição. Representante do novo governo na Vila de San Pedro de Ycuamandiju, de onde era natural, renunciou ao cargo por ser contrário à ditadura de Francia, sendo, posteriormente, preso, acusado de envolvimento no golpe de 1820. Foi fuzilado em 1837 a mando de Francia (CABALLERO CAMPOS, 2010).

serem definidos (CABALLERO CAMPOS, 2010). Ao final, foram escolhidos o espanhol e capitão Juan Valeriano Zeballos e o licenciado em Filosofia e doutor em Teologia pela Universidade de Córdoba, José Gaspar Rodríguez de Francia.

A descoberta de novas negociações por parte do governador com os portugueses acabou por destituí-lo do cargo, assim como a todos os espanhóis que ocupavam algum posto na administração, em 09 de junho de 1811. Diante desse quadro, foi convocado um Congresso Geral, realizado entre os dias 17 e 20 do mesmo mês, em que ficou decidido que seria formada uma Junta Superior Governativa, além da manutenção de uma comunicação com Buenos Aires, de que haveria a formalização da deposição de Velasco e dos membros do Cabildo e o afastamento dos espanhóis dos cargos públicos. Foi definida também a indicação de Francia como deputado para representar a Província no Congresso Geral em Buenos Aires, quando este fosse realizado – até lá, o Paraguai não aceitaria nenhuma intervenção da Junta portenha (CABALLERO CAMPOS, 2010).

De 1811 até 1813, a Junta Superior comandada pelo triunvirato composto por Fulgencio Yegros, Pedro Juan Caballero e Fernando de la Mora¹⁰⁰ permaneceu em atividade. Retirando-se e retornando ao poder em duas ocasiões, Francia ingressou na segunda formação do triunvirato, no lugar de Fernando de la Mora, o que para o historiador Herib Caballero Campos (2010, p. 109) pode ser compreendido “[...] como un pacto cívico militar, en el cual Francia se aseguró acumular la misma cantidad de poder efectivo que los otros dos miembros militares de la Junta”. Apesar de ainda reconhecer a soberania de Fernando VII, a Junta instalada necessitava resolver uma série de questões, como a situação com Buenos Aires, os direitos dos espanhóis e a forma de governo, pontos estes, que deveriam ser definidos em um Congresso, que, convocado em 1811, apenas se realizou em outubro de 1813.

O caráter popular do Congresso é destacado por vários autores, especialmente por Richard Alan White (1989), que o designa como o primeiro dessa natureza a ocorrer na América Latina. De fato, o ofício redigido pela Junta e aprovado pelo Cabildo previa a realização de uma eleição prévia em cada povoado para a escolha dos congressistas de forma proporcional à população. Excluída qualquer cláusula censitária, poderiam votar todos os paraguaios casados, os solteiros maiores de 23 anos de idade sendo apenas proibida a participação de réus envolvidos em crimes graves. Após a definição dos mil representantes, houve uma significativa mudança na composição do Congresso, pois,

¹⁰⁰ Fernando de la Mora (1785 – 1835) descendia de uma família da elite espanhola e foi considerado adepto da causa de Buenos Aires. Suas qualidades como orador lhe facultaram o cargo de secretário da Junta Superior Governativa, função da qual foi expulso por ordem de Francia, quando de seu regresso ao governo em 1812. Também foi considerado como um envolvido no golpe de 1820 (CABALLERO CAMPOS, 2010).

[...] el eje de la representación se desplaza del que hasta ese momento había sido regido por la ciudad y por los que eran considerados vecinos, específicamente la corporativa de los comerciantes asunceños hacia una representación mayoritaria de los cosecheros del interior, quienes llegaban al Congreso con voz y voto individual (ARECES, 2010, p.15).

De acordo com Nidia Areces, é na realização do Congresso que, efetivamente, se inicia a construção do Estado paraguaio. Além da aprovação da criação de uma República, com o Consulado como forma de governo, ficou estabelecido o não alinhamento com as Províncias Unidas do Rio da Prata – e o não envio de deputados ao Congresso Geral organizado por Buenos Aires – e o abandono à lealdade a Fernando VII (ARECES, 2010).

Além da criação de um Tribunal para questões jurídicas, Francia e Caballero foram escolhidos pelo Congresso para redigirem o regramento de governo – a primeira Constituição do país. Aprovado o regramento pelo Congresso, restava escolher os dois cônsules, sendo que o próprio Francia e o militar Fulgencio Yegros foram eleitos pelos congressistas (CARDOZO, 1988). De acordo com Areces (2010, p. 15), ao terminar o Congresso de 1813, “Culmina también la primera etapa del período emancipador y comienza decisivamente la declinación de la influencia del grupo que ha sido protagonista del movimiento iniciado en 1811”. Ao longo de um ano, até o próximo Congresso, o governo deveria ser revezado entre os dois cônsules que detinham poderes iguais, o que não ocorreu em virtude de Yegros delegar as suas atribuições a Francia, consolidando-o como governante em todo o país.

De acordo com a mesma historiadora, as leis e o regramento aprovados pelo Congresso não estavam alinhados com as características políticas modernas, assim, “Sus características eran de una etapa intermedia entre la soberanía pasiva del pueblo al individuo elector, del simple consentimiento al autogobierno, del pueblo en tanto cuerpo al individuo autónomo” (ARECES, 2011, p. 156). Partindo do princípio consagrado no regramento de que a soberania da nação residia no povo livre, no cidadão, os eleitos para os Congressos deveriam pautar suas decisões sob o princípio do interesse geral, no entanto, havia um limite de representatividade nesse sistema que passaria a privilegiar uma administração pessoal (ARECES, 2011). Para Areces:

Lo interesante es – y esto en gran medida explica el poder que recayó en Gaspar Rodríguez de Francia y su legitimidad – que surgida de esa Asamblea la forma de gobierno y los hombres que lo representaban, también terminaba el deber de los sufragantes, por lo que a partir de ese momento la soberanía residía en las autoridades elegidas y la representatividad era anulada (ARECES, 2011, p. 157).

Contando com amplo apoio durante seu período de cônsul, não foi difícil para Francia obter do Congresso de 1814 a aceitação de sua proposta de criação de uma ditadura, que deveria durar cinco anos. Como ditador, ele iniciou o enfraquecimento do grupo de oposição e adiou para 1816 a realização do próximo Congresso, que, quando realizado, o aclamou como Ditador Perpétuo da República. Governando com esse título até seu falecimento em 1840, Francia não mais convocou o Congresso e deu prosseguimento a um governo orientado para a ordem social e a estabilidade política, a partir da total desarticulação dos movimentos oposicionistas e do afastamento de opositores dos cargos públicos.

Uma comparação dos processos de independência dos demais países hispano-americanos com o do Paraguai revela uma série de particularidades do caso paraguaio. Além de ser a primeira colônia a declarar sua independência, tanto da metrópole Espanha, como da *submetrópole* Buenos Aires, o Paraguai não enfrentou sistemáticos conflitos externos e internos. Seu maior líder, José Gaspar Rodríguez de Francia, não é um representante das ordens militares, mas, sim, um sujeito de formação universitária, que demonstrou uma singular habilidade na consolidação da autonomia do país e na sua própria afirmação como chefe político, ainda que, para isso, tenha se valido de meios ditatoriais, autoritários e violentos. Representante do grupo político com ideias políticas e sociais mais radicais e totalmente contrárias à qualquer aproximação com a Espanha ou com Buenos Aires, Francia obteve o controle dos demais grupos que monopolizavam a cena política nos anos iniciais da vida independente do Paraguai (ARECES, 2011). Tanto o projeto de oposição reformista moderado dos liberais-republicanos, como dos realistas espanhóis – ambos temerosos por um levante popular – foram desarticulados e controlados pela gestão pessoal de Francia (ARECES, 2011). Ainda segundo a mesma autora, as modificações impostas pela independência não implicaram em uma mudança social e política profunda, permanecendo vigentes modelos do período colonial. Setores importantes da sociedade foram congregados por Francia, sendo que sua autoridade política, de acordo com Areces (2011), seguia a mesma lógica do Antigo Regime: se antes o poder era personificado no soberano, agora a nação o atribuía ao ditador.

Além dos aspectos acima citados, Nidia Areces afirma que a independência do Paraguai possui características paradoxais, pois “[...] comenzó con la defensa del depuesto monarca Fernando VII y concluyó con la proclamación de la República y del principio de la soberanía popular [...]” (ARECES, 2011, p. 150). Contudo, essa soberania, para a autora implica essencialmente em uma forte adesão da população aos interesses da causa independentista, um posterior sentimento de pertencimento, que ultrapassava a acepção

territorial e um processo de construção identitária que essencialmente se firmava frente aos portenhos, aos espanhóis e aos portugueses (ARECES, 2011).

Quando Johann Rengger e Marcel Longchamp chegaram a Assunção, em 1819, o Paraguai já se encontrava sob a ditadura de Francia e várias das medidas governamentais que surpreenderam os viajantes em sua permanência no país, já estavam em vigência desde o período consular. O consulado atacou profundamente os estrangeiros, especialmente, os espanhóis. Estes foram afastados dos cargos públicos, proibidos de se casarem com *criollos* – o que gerava a falta de herdeiros e a conseqüente incorporação de seus bens ao Estado –, além de serem tributados para cobrir os gastos com as fronteiras (ARECES, 2010). Ao mesmo tempo, Francia iniciou uma série de adequações, que incluíam desde as forças armadas até o plano urbanístico de Assunção, além de adotar um maior controle sobre o papel da Igreja e praticar um comércio protecionista (ARECES, 2010).

Ainda que o início do período independente paraguaio tenha se caracterizado por uma postura reclusa e isolacionista, especialmente no governo de Francia (1814-1840) e, em menor escala, nos governos de Carlos Antonio López¹⁰¹ e de Francisco Solano López,¹⁰² há um trânsito de viajantes que, assim como os médicos suíços, deixaram escritos sobre sua passagem pelo Paraguai.¹⁰³ Depois da documentação oficial, parte considerável das informações sobre as primeiras décadas da vida independente paraguaia são oriundas de narrativas de viagens. De acordo com Liliana Brezzo (2009), apenas no despontar do século XX é que se inicia o movimento de publicação de obras por intelectuais paraguaios preocupados em escreverem a história nacional. Até então, o registro histórico de todo o período colonial paraguaio até o final do Oitocentos foi produzido por estrangeiros, cuja contribuição para a historiografia do Paraguai é reconhecida em estudos, como os de Efraím Cardozo (1959) e de Liliana Brezzo (2009, 2011).

Não é nossa intenção arrolar todos os sujeitos que se deslocaram pelas terras paraguaias no período que antecedeu a viagem de Rengger, mas, sim, a de destacar alguns dentre aqueles cujas narrativas, não apenas por serem fundamentais para a historiografia paraguaia, mas, também, por terem servido como fonte de informação e motivação para outros viajantes em suas viagens.

¹⁰¹ Carlos Antonio López (1790 – 1862) sucedeu a Francia no comando do Paraguai, inicialmente, como cônsul entre 1841 e 1844 e depois como presidente até 1862.

¹⁰² Francisco Solano López Carrillo (1827 – 1870) exerceu o cargo de presidente da República entre 1862 e 1870, estando à frente das Forças Armadas ao longo da Guerra do Paraguai (1864 – 1870). A respeito dos governos de Carlos Antonio e Francisco Solano López, ver GONZÁLEZ DE BOSIO (2010).

¹⁰³ Como destaca Leila Gómez (2009), ao cunhar a expressão “*los viajeros del Dr. Francia*”, para referir-se aos irmãos Robertson, a Bonpland e a Rengger.

Como o primeiro relato sobre o Paraguai independente é assinado por Rengger e Longchamp, todos os demais autores, aqui brevemente citados, referem-se ao período colonial. Dentre os primeiros cronistas, Ulrich Schmidl,¹⁰⁴ no século XVI e, após Ruy Díaz de Guzmán,¹⁰⁵ na centúria seguinte, são possivelmente os autores mais conhecidos. No entanto, o conhecimento sobre o Paraguai é profundamente marcado pela ação da Companhia de Jesus. Liliana Brezzo afirma que desde o início do Seiscentos, “[...] hasta finales del siglo XVIII, la historia del país fue de la mano de la historia del Paraguay jesuita” (BREZZO, 2011, p. 15). Ao longo de mais de cento e cinquenta anos de atuação da ordem, verifica-se uma expressiva quantidade de publicações e documentos, que informam tanto sobre a ação da Companhia, como da história civil e natural da América meridional, em que figuram como representantes mais destacados os padres Antonio Ruiz de Montoya,¹⁰⁶ Pedro Lozano, Martín Dobrizhoffer e José Sánchez Labrador.¹⁰⁷ Identificada como historiografia pelo historiador Efraím Cardozo (1959), a produção jesuítica, segundo ele, pouco avança em relação às crônicas anteriores. A renovação desses relatos será desencadeada pelos demarcadores espanhóis, especialmente, daqueles vinculados ao Tratado de Santo Ildefonso, em 1777.¹⁰⁸ Desse modo, destacam-se os escritos de Juan Francisco Aguirre,¹⁰⁹ mas, com especial destaque, os do militar e naturalista Félix de Azara.

Portanto, há uma quantidade significativa de relatos produzidos sobre o Paraguai que foram considerados e utilizados pelos primeiros viajantes do período independente. Os efeitos

¹⁰⁴ Ulrich Schmidl (1510 – 1581) foi um soldado e cronista de origem germânica, autor da obra *História verdadeira de uma viagem curiosa feita por U. Shmidel*, publicada em 1567 na cidade de Frankfurt. Seguiu para a região do Rio da Prata em 1535, na expedição de Pedro de Mendoza, e retornou à Europa em 1554.

¹⁰⁵ Nascido em Assunção, Ruy Díaz de Guzmán (1559 – 1629) foi um administrador colonial e é considerado o primeiro cronista *criollo* do Rio da Prata e do Paraguai. Sua obra data de 1612, sendo originalmente intitulada *La Argentina o Historia del Descubrimiento, Conquista y Población del Río de la Plata*, e atualmente denominada *La Argentina manuscrita*. Circulou essencialmente na América meridional, sob a forma manuscrita, tendo sido levada para a Europa somente no final do século XVIII (CARDOZO, 1959).

¹⁰⁶ Antonio Ruiz de Montoya (1585 – 1652) foi um padre jesuíta natural de Lima. Atuou em várias reduções da região do Guará e é autor de importantes obras, como *Conquista Espiritual* (1639), *Tesoro de la Lengua Guarani* (1639) e *Arte y Vocabulario de la Lengua Guarani* (1640) (FLECK, 2014).

¹⁰⁷ José Sánchez Labrador (1717 – 1798) natural da Espanha, ingressou na Companhia de Jesus em 1732 e dois anos após aportou na América Meridional. Atuou como professor e missionário nos colégios e nas reduções da ordem na Província Jesuítica do Paraguai. Exilado em Ravena, escreveu as obras *El Paraguai Natural Ilustrado* e *El Paraguai Catholico* (FLECK, 2014).

¹⁰⁸ O Tratado de Santo Ildefonso foi assinado em 01 de outubro de 1777, na cidade espanhola homônima à denominação dada ao Acordo. Após a anulação do Tratado de Madri, com o Tratado de El Pardo, em 1761, a situação dos limites coloniais ibéricos na América necessitava de uma nova definição. Pelo Acordo de 1777, estabeleceu-se que a Espanha retomaria os Sete Povos das Missões e permaneceria com a Colônia do Santíssimo Sacramento, ficando Portugal com uma região no rio da Prata e restituindo-lhe a ilha de Santa Catarina.

¹⁰⁹ Juan Francisco Aguirre (1758 – 1811) foi um explorador e demarcador espanhol. Estabeleceu-se no território paraguaio de 1784 a 1796, em virtude da demarcação do Tratado de Santo Ildefonso (1777), sendo que os atrasos da partida portuguesa o impediram de estabelecer os limites previstos. Nesse ínterim dedicou-se à pesquisa da história da região, sendo que dela resultou sua obra *Diario del Capitán de Fragata de la Real Armada Don Juan Francisco Aguirre en la Demarcación de Límites de España y Portugal en la América Meridional*, publicado postumamente por seus familiares. Aguirre retornou à Europa em 1798.

do diálogo que Rengger estabeleceu com essa produção anterior a sua viagem e as evidências do contato com estas narrativas nos seus escritos são alguns dos temas abordados no capítulo seguinte.

3 “SON LOS RESTOS DE UN NAUFRAGIO LOS QUE AQUÍ OFRECEMOS AL PÚBLICO”: DA IDEALIZAÇÃO À INTERRUÇÃO DO PROJETO EDITORIAL

“Embora as obras dos homens não se assemelhem a suas palavras, vejo que não são descritas senão por suas palavras” (ROUSSEAU, 1994, p. 230).

Após seu retorno para a Europa, no começo do ano de 1826, Johann Rengger inicia uma nova viagem, agora por suas anotações. Em consonância com o objetivo que o levou à América meridional – o estudo da História Natural – Rengger passa a se dedicar à sistematização de suas experiências, de suas observações e de seus estudos sobre o Paraguai, reunidos ao longo dos quase sete anos em que lá permaneceu. A publicação de um bom relato de viagem já poderia garantir ao viajante certa notoriedade, especialmente, em um contexto em que tais obras eram muito apreciadas pelo público leitor. No entanto, mais do que um simples relato, o médico suíço tinha em mente a realização de um projeto editorial com a publicação de várias obras sobre temas distintos. Contudo, o grande desafio à época para tornar-se um reconhecido autor – especialmente de relatos de viagens – passava pela garantia de que suas palavras eram confiáveis, de que não faltavam com a verdade. Para tanto, se fazia imprescindível cumprir e adotar certas regras e estratégias ao redigir o texto, além de saber percorrer os oblíquos caminhos da escrita até a impressão de um livro.

No presente capítulo, nos deteremos nas obras publicadas por Johann Rengger, especialmente, o *Ensayo Historico sobre la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorio del Doctor Francia* (1827) e *Viaje al Paraguay en los años 1818 a 1826* (1835). Além de destacar o contexto em que suas obras foram publicadas e a repercussão que tiveram, apresentaremos, por meio das evidências de intertextualidade, os principais autores com os quais Rengger dialogou em seus escritos e, ainda, um estudo sobre as várias edições de suas obras.

3.1 Um mercado e muitos leitores

O período das grandes navegações é um ponto de inflexão na intrincada relação entre viagens e relatos. Para o linguista búlgaro Tzvetan Todorov (1991), se considerarmos as viagens como um empreendimento moderno, situado a partir dos séculos XV e XVI, não restariam dúvidas de que as narrativas de viagens antecederam as próprias viagens. No cerne da argumentação de Todorov está o pressuposto de que as viagens e os relatos do início da Idade Moderna diferenciam-se de seus antecessores, especialmente, pelos objetivos –

essencialmente expansionistas – e pelas características que a escrita das narrativas passa a assumir. Segundo o autor:

As narrativas de viagens existem desde sempre... ou, pelo menos, desde Heródoto. No entanto, também aí me parece haver um limite. A primeira ‘verdadeira’ narrativa de viagens (sempre do ponto de vista do leitor de hoje) parece ser a de Marco Pólo, e não me parece que tenha sido por acaso que este livro teve um papel decisivo na partida de Cristóvão Colombo, ele próprio inspirador de tantas outras viagens (TODOROV, 1991, p. 103).

A difusão e a inspiração que alcançaram os relatos de viagens junto ao público foi um fenômeno crescente a partir do Renascimento. Para Rogelio Paredes (2011), a explicação desse sucesso só pode ser compreendida como uma decorrência da cultura e do contexto renascentista, em função da retomada dos autores clássicos e do uso da imprensa na sua divulgação. Para o autor:

Del mismo modo, el desarrollo de la literatura de viajes solo pudo tener lugar como parte de un mercado de compradores y de lectores numeroso y extenso que sintió los efectos del descubrimiento del otro ultramarino como un nuevo signo con el cual señalar las marcas de propia identidad gracias a la imprenta y a la técnica del grabado. Por primera vez en la historia era posible difundir a gran escala las palabras e imágenes del otro mundo recién descubierto, describir realidades desconocidas hasta entonces, empleando para ello el saber prestigioso de los autores clásicos. Y al tiempo que invita al conocimiento visual y discursivo de lo nunca visto, emplea los modelos de la retórica y de la anatomía e los dioses olímpicos de la cultura grecolatina (PAREDES, 2011, p. 10-11).

A variedade de tipos de escritos – cartas, relatórios, livros, etc. – e de estilos – sobrevivência e científicos (PRATT, 1999) – evidencia o caráter híbrido das narrativas de viagens.¹¹⁰ Ao mesmo tempo, essa variedade de escritos e de estilos assumiu uma

¹¹⁰ A definição do caráter híbrido dos relatos vem se consolidando na historiografia brasileira nos últimos anos. No entanto, o esforço empreendido por vários estudiosos na busca de uma definição dos relatos de viagem e do seu enquadramento ou não em um gênero específico, não é recente, e tem resultado em instigantes reflexões. A historiadora Karen Macknow Lisboa, em seu estudo sobre a viagem de Spix e Martius pela América Portuguesa, afirma, “[...] que a condição *sine qua non* para que um texto seja considerado literatura de viagem é o deslocamento físico do autor pelo espaço geográfico, por tempo determinado, e a transformação do observado e do vivido em narrativa” (LISBOA, 1997, p. 34). Ao mesmo tempo, salienta a autora, que a construção textual do percurso e das ações que nele se desenvolveram, carregam consigo as marcas de um determinado contexto histórico, somadas a uma dimensão subjetiva, que alterna, ao longo da narrativa, características de distintos gêneros discursivos, como “[...] a crônica, a epístola, o romance, a poesia, o diário e o relato científico, acrescentado não raramente do correspondente iconográfico”. (LISBOA, 1997, p. 34). Neste sentido, a autora se aproxima do entendimento de Mary Anne Junqueira – que a partir do estudo do crítico literário Jam Borm e de seu esforço em delimitar a literatura de viagem como um gênero literário – passa a afirmar que os relatos de viagem são um “[...] gênero híbrido [...] que se nutre de outros tipos de discursos [como a] ficção (romances, novelas, contos, poemas, etc.), a autobiografia (ou escrita de si), os discursos científicos, textos memorialísticos, etc.” (JUNQUEIRA, 2011, p. 55). Sobre a elaboração do relato de viagem, a partir do uso concomitante de diversos gêneros discursivos, Stella Maris Scatena Franco afirma “[...] não haver uma regra clara, única ou preferencial no tocante às formas pelas quais os relatos são elaborados. Cada qual guarda suas especificidades quanto a estes aspectos, e estas parecem ser determinadas pelo próprio histórico de cada texto” (FRANCO, 2008,

significativa importância no mercado editorial, já ao final do século XVII, e que só aumentou progressivamente ao longo dos séculos XVIII e XIX (PIMENTEL, 2003). A procura por estes livros, ainda segundo Pimentel (2003), é tanto reflexo da expansão de um variado público leitor, quanto da adoção de estratégias por livreiros e editores visando à difusão das obras:

Los volúmenes en folio [43X33 cm] dejaron paso a los más manejables y accesibles volúmenes en 4.^a [28X22 cm], en 8.^a [22X12 cm] y en 12.^a [18X8 cm]. Los precios se abarataron y se idearon fórmulas para vender a plazos y por suscripciones, fórmulas empleadas de ahí en adelante por la avalancha de relaciones de viajes que verían la luz en la segunda mitad de siglo [XVIII] coincidiendo con el relanzamiento de la empresa colonial en el Pacífico (PIMENTEL, 2003, p. 221-222).

A procura de narrativas pelas casas editoriais e o aumento das viagens oceânicas, tanto pelo Atlântico, como pelo Pacífico, gerou um ambiente favorável à escrita e à publicação de relatos no século XVIII. Além das conhecidas relações de viagens dos grandes navegadores e exploradores, tais como La Condamine,¹¹¹ George Anson,¹¹² Bougainville,¹¹³ Cook,¹¹⁴ entre outros, foram impressas volumosas edições com várias narrativas referentes a diversos lugares e em distintos períodos. Juan Pimentel (2003) destaca como um exemplo dessa ação compiladora a obra *Histoire générale des Voyages*, do escritor francês Antoine Prévost (1697 – 1763). Publicada entre 1746 e 1801, totalizou vinte e um tomos que rapidamente alcançaram sucesso comercial sendo, inclusive, traduzida para outros idiomas.

Outro expediente de divulgação das narrativas de viagens e, mais barato e acessível que os livros, foram os jornais e as revistas dedicadas às ciências, às artes e à literatura. Por

p. 103). Ilka Boaventura Leite, por sua vez, entende que esta forma de elaboração dos relatos de viagem não deve ser considerada como elemento categorizador de autores, mas, sim, como demonstrativo das características de cada texto, em função de um pretense efeito de verdade por seus escritores, que para isso dosavam gêneros como, o diário, a crônica e a memória, ao longo da elaboração do relato (LEITE, 1996).

¹¹¹ Natural da França, Charles-Marie de La Condamine (1701 – 1774) foi um destacado cientista, explorador e autor de várias obras. Com conhecimentos matemáticos, físicos, astronômicos e sobre a História Natural, realizou viagens à África, ao Oriente e à América do Sul, sendo esta a sua mais famosa exploração, que a mando da Academia de Ciências da França, visava realizar medições geodésicas para a determinação do grau do arco de meridiano nas proximidades da Linha do Equador. A expedição fora organizada para verificar a hipótese proposta pelo físico inglês Isaac Newton (1643 – 1727) de que a Terra seria achatada nas zonas polares (SAFIER, 2009).

¹¹² Militar da marinha britânica, George Anson (1697 – 1762) destacou-se por sua viagem de circum-navegação, realizada entre 1740 e 1744, cujas narrativas produzidas alcançaram grande repercussão.

¹¹³ Louis Antoine de Bougainville (1729 - 1811) foi um militar, navegador e escritor francês. Ordenado em 1766 pelo rei Luís XV, realizou uma viagem de circum-navegação até 1769, obtendo destaque com as narrativas escritas posteriormente.

¹¹⁴ James Cook (1728 – 1779) foi um militar da marinha britânica. Cartógrafo foi responsável pelo mapeamento de várias regiões costeiras, especialmente, no Pacífico. Também realizou uma viagem de circum-navegação, a partir de 1772, além de várias outras expedições que lhe proporcionaram o descobrimento de várias ilhas e arquipélagos pelos oceanos, como o Havaí, onde foi morto, em 1779, em um confronto com grupos indígenas locais.

meio de publicações fracionadas, os periódicos proporcionaram a possibilidade de leitura dos relatos pelas camadas mais populares da sociedade.

Publicadas por Academias Científicas, com claro objetivo de fomentar diálogo com os pares, ou por editoras, em versões simples para o grande público, os relatos de viagens foram veículos de expressão dos debates científicos e de distração de seus leitores. Nesse sentido, Juan Pimentel (2003) afirma que as narrativas de viagens cumpriram, como poucos textos foram capazes, com o princípio horaciano de *prodesse et delectare* (instruir e entreter), tão caro à cultura da Ilustração.¹¹⁵ Ainda conforme Pimentel (2003), a conjugação desses dois elementos foi fundamental na transformação dos relatos de viagens em sucessos editoriais:

A mitad de camino entre preocupaciones científicas ligadas a la forma de la tierra, el magnetismo, la longitud o el conocimiento de nuevas tierras, especies y seres humanos, y el relato de aventuras náuticas, vinculadas proverbialmente a los enfrentamientos y al asalto de puertos y galeones, la literatura de viajes fue ocupando un lugar propio en el mercado editorial y en los hábitos lectores (PIMENTEL, 2003, p. 226-227).

Portanto, a leitura de relatos de viagens consolidou-se ao longo do Setecentos como algo comum tanto para a formação de homens de ciências como para os momentos de lazer de uma crescente parcela da população. Não à toa, que o político, filósofo e escritor inglês Anthony Ashley-Cooper, 3º Conde de Shaftesbury, afirmou, já no início do século, que, “Los libros de viajes son el material principal para amueblar una biblioteca. Hoy día son lo que para nuestros antepasados eran las novelas de caballerías” (SHAFTESBURY apud PIMENTEL, 2003, p. 215).

No entanto, se a História Natural destacou-se, nas narrativas de viagens ao longo do século XVIII, como uma nova forma de relatar, privilegiando uma abordagem científica que procurava na classificação e na sistematização da natureza o estabelecimento de uma ordem, no início do Oitocentos as obras de Alexander von Humboldt modificariam em parte esse paradigma. Escritor compulsivo, o viajante prussiano redigiu dezenas de obras que foram

¹¹⁵ De acordo com Carolina Depetris (2015), ao longo do século XVIII, o cumprimento da máxima horaciana de *prodesse et delectare* coube à literatura. Esta, segundo a autora, foi identificada como um instrumento eficaz para conduzir ao conhecimento, ao uso pertinente da razão como meio para aprender mais e melhor e fazer a humanidade galgar na escala do progresso. Estratégia inclusive adotada por Alexander von Humboldt em seus escritos, como destaca a autora que: “Al deleitar, entonces, la literatura permite a la ciencia enseñar mejor porque, claro está, es más provechoso aprender solazándose que aburriéndose. Sin embargo, aunque podría percibirse aquí un pacto de escritura/lectura equilibrado entre ciencia y literatura, lo cierto es que esta última tiene, por esos años, una importancia auxiliar: lo sustancial no es reforzar lo agradable sino robustecer los diferentes campos del saber humano. Esta premisa aplica, incluso, para la misma literatura” (DEPETRIS, 2015, p. 8). Portanto, ainda que os relatos de viagens sigam as regras próprias do seu gênero (informar o que é verdadeiro), como afirma Beatriz Colombi Nicolia (2006), como produções culturais estas não escaparam da influência do contexto em que foram produzidas.

publicadas entre 1807 e 1862, as quais, de imediato, tiveram uma enorme procura, gerando diversas reimpressões, traduções e novas e diferentes edições. Autor de escritos específicos, como de astronomia, zoologia e botânica, além de relatos mais gerais, como sua monumental *Viagem às regiões equinociais do Novo Continente* em 34 volumes e com 1500 ilustrações, Humboldt não apenas notabilizou-se pela sua extensa produção, mas, principalmente, pelo inovador estilo de descrição adotado. Conforme Karen Lisboa:

O autor formula uma ‘maneira estética de tratar temas de história natural’, a fim de complementar e intensificar as revelações da ciência sobre as ‘forças ocultas’ que regem a natureza. Humboldt elege os trópicos como lugar privilegiado para a ‘antiga comunhão da natureza com a vida espiritual do homem’. Caberia às descrições preencher os requisitos de um ‘quadro da natureza’, além de apresentar um ‘panorama da natureza em larga escala’ e uma ‘prova da ação conjunta das forças’. Para tanto, o estilo da escrita ‘tende a uma prosa poética’, tocando o ‘sentimento e a fantasia’. [...] Desejava que o leitor tivesse a sua fantasia entretida, bem como a vida enriquecida por meio da acumulação do conhecimento (LISBOA, 1997, p. 40).

Referência para os viajantes posteriores, a narrativa humboldtiana caracteriza-se pela conjugação de preceitos racionalistas e sentimentalistas em sua escrita. Ao mesmo tempo, há uma continuidade e respeito à máxima de Horácio de instruir e entreter, conforme advogavam os letrados iluministas. Mary Louise Pratt (1999), por sua vez, afirma que os escritos de Humboldt reinventaram a América para a Europa, particularmente sob o ponto de vista da natureza, representada de forma grandiosa, cósmica e descrita, não apenas de forma categorizável como fizeram os discípulos lineanos, mas, também, com uma carga dramática. Por outro lado – segue a autora –, seus escritos igualmente produziram uma reinvenção da América para o próprio continente americano, diante da importância que tiveram para as elites *criollas* no processo de consolidação das novas e recentes repúblicas.

Terra natal de grandes exploradores e homens de ciência, a França, juntamente com a Inglaterra, foi responsável pela realização de uma série de viagens, que aliado a um já forte mercado editorial, resultou na consolidação dos relatos de viagens nos catálogos editoriais. Nesse mesmo período, nos territórios alemães, além da tradução e da publicação de várias narrativas de viagens francesas e inglesas, já em 1750, no centro editorial de Leipzig, era publicado o primeiro compilado de relatos em língua alemã – *Allgemeine Historie der Reisen (História Geral das Viagens)* –, em catorze tomos (LISBOA, 1997). Com o início do século XIX, importantes obras foram publicadas, originalmente em alemão, tais como as de Alexander von Humboldt, do Príncipe Maximilian zu Wied-Neuwied, do barão Georg

Heinrich von Langsdorff¹¹⁶ e dos naturalistas Johann Baptiste von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius. A publicação dessas obras indica tanto a crescente força das principais casas editoriais alemãs, a maioria localizada em cidades universitárias da época, como Stuttgart, Monique, Frankfurt, Heidelberg, além da já citada Leipzig, quanto, também, o próprio desenvolvimento da ciência alemã que se notabilizaria no continente europeu a partir da segunda metade do século. No entanto, a importância da língua francesa, considerada como idioma de divulgação científica por excelência no período, fez com que muitos relatos fossem imediatamente traduzidos e publicados na França.

A proximidade da França e dos Estados alemães da Suíça, certamente, facultou a circulação e o acesso de obras a Johann Rengger e a Marcel Longchamp, assim como a própria estruturação de um mercado editorial. Um exemplo é a Sociedade Tipográfica de Neuchâtel, estudada por Robert Darnton (1990), que apesar de uma curta atuação, entre 1769 e 1794, publicou 220 livros, principalmente de reconhecidos autores do Iluminismo, em sua maioria, obras clandestinas e em formatos simples destinadas ao público francês, que à época sofria com a forte censura imposta pelo Estado.

Se, em 1818, as narrativas de viagens lidas por Johann Rengger e por Marcel Longchamp serviram como motivação para explorarem e estudarem as terras da América meridional, em 1826, quando do retorno de Rengger, o desejo foi de contribuir com um profundo estudo sobre o Paraguai visitado, trabalho do qual se ocupou até o fim dos seus dias. Seguindo a cronologia das obras publicadas pelo médico suíço, o primeiro resultado da viagem por eles empreendida foi o livro *Essai historique sur la révolution du Paraguay et le gouvernement du Dr. Francia* (Ensaio histórico sobre a Revolução do Paraguai e o governo ditatorial do Dr. Francia), publicado em 1827 e, rapidamente, traduzido para outros idiomas.¹¹⁷

Com relação a essa obra, não somente a rapidez de sua publicação, pouco mais de um ano após seu retorno, chama a atenção. Ainda que os aspectos históricos tenham sido de interesse de muitos viajantes, é notável que a primeira publicação de Rengger não tenha relação com os estudos de História Natural que o levaram a viajar. Seu primeiro livro trata, exclusivamente, sobre o processo de independência do país e, de maneira mais enfática, da

¹¹⁶ Médico de formação, naturalista e explorador russo, Georg Heinrich von Langsdorff (1774 – 1852), chegou a participar de viagens de circum-navegação antes de ser nomeado cônsul-geral da Rússia no Rio de Janeiro por Alexandre I. Tão logo chegou à América portuguesa, em 1813, Langsdorff dedicou-se ao estudo da História Natural realizando viagens pelo interior até o seu regresso a Europa em 1820. Após dois anos retornou ao Brasil na condição de embaixador do czar russo no Rio de Janeiro, realizando novas expedições pelas províncias do interior do Brasil entre 1824 e 1829. Regressou a Europa em 1830, falecendo em 1852.

¹¹⁷ O estudo das edições publicadas dos relatos de Johann Rengger será aprofundado no próximo subcapítulo.

administração, da política desenvolvida pelo governo de Francia e da trajetória do líder paraguaio. Como justificativa para esse aparente desvio, Rengger, no prólogo da obra, esclarece suas motivações para a escrita da obra *Ensayo Historico*:

Apenas habíamos pasado la frontera del Paraguay, cuando fuimos asaltados con preguntas sobre el doctor Francia: hasta en la puerta de aquella provincia estaban en una ignorancia completa sobre su gobierno. En Buenos Ayres, donde hicimos nuevamente una parada de muchos meses, en Brasil, donde las contrariedades de nuestra navegacion nos obligaron á arribar; en fin, en Europa, á donde llegamos á principio de marzo 1826, pudimos convencernos de que el dictador del Paraguay era igualmente un objeto de la curiosidad pública (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. IX-X).

A figura de Francia e a sua administração isolacionista são os motivos mencionados por Rengger para a grande curiosidade sobre os assuntos internos do Estado paraguaio.¹¹⁸ Sua obra, desse modo, objetivava responder a essa demanda. No momento da escrita do livro, foi mantida a parceria da viagem com Longchamp, ou seja, trata-se de uma obra em coautoria, que, segundo Albrecht Rengger, seguiu o seguinte método:

Para el conocimiento de los acontecimientos anteriores a su llegada a Paraguay [Rengger] se había inspirado en las fuentes más serias, por lo general tradiciones orales, y describió a los restantes, más numerosos, como testigo presencial en correspondencia con su amigo Longchamp, con lo cual alcanzaron un ordenamiento adecuado como una correcta interpretación de los hechos (RENGGER, A., [1835] 2010, p. 32).

O intercâmbio epistolar entre Rengger e Longchamp deu, portanto, forma à obra que viria a ser publicada em francês, em 1827. Essa informação, somada às poucas de que dispomos sobre o amigo valdense de Rengger, sugere que ambos seguiram seus caminhos, mantendo contato apenas por meio de cartas. Contudo, com o prólogo do livro assinado por Rengger e várias passagens escritas na primeira pessoa do singular, a ideia de uma autoria conjunta do relato fica sob suspeição, como já indicou Diego Villar (2011). Particularmente, entendemos a narrativa como um projeto elaborado por Rengger, com interferências pontuais de Longchamp.

¹¹⁸ A mesma informação é revelada pelo biógrafo de Rengger, Albrecht ([1835] 2010, p. 32): “El Dr. Francia, que mantuvo a todo un país aislado de cualquier contacto con el resto del mundo, como antes lo habían hecho los jesuitas con poblaciones individuales, había excitado en alto grado la curiosidad del público europeo debido a lo misterioso de su existencia.” Albrecht, nesta afirmação, indica que o Paraguai possuía uma espécie de tradição isolacionista, que remete às reduções jesuíticas, o que só fez aumentar o interesse, especialmente, do público europeu. A ênfase de Rengger e de Albrecht em atender à curiosidade da Europa com relação ao Paraguai pode ser compreendida como um indicativo do interesse, tanto político, como econômico, demonstrado pelos países europeus no processo independentista nas colônias espanholas.

Além do debate sobre a autoria e a efetiva participação dos autores na elaboração da obra, outro ponto que merece atenção é o caráter introdutório e parcial dado por Rengger ao *Ensayo Historico*. Segundo o médico, “A fin de poner al público en estado de apreciar este misterioso personaje [Francia], nos hemos decidido á separar esta primera parte de la relación de nuestro viage, y publicarla por separado” (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. XI-XII). Nessa narrativa, esclarece Rengger que, “No entraré en ningun detalle sobre nuestra estancia en Paraguay, y sobre las ocupaciones en que nos ejercitamos, porque esto será el asunto principal de la relación de nuestro viage, y de una obra sobre la historia natural de aquel país” (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. IX).

As advertências de Rengger indicam, primeiramente, que a obra *Ensayo Historico* é parte integrante de um relato de viagem mais extenso, que somente foi publicado de forma separada em virtude da grande demanda de informações sobre o Paraguai e sobre Francia. Em segundo lugar, fica claro o planejamento do autor, que prevê a edição de mais duas obras: uma, tratando sobre a viagem realizada, e outra, atendo ao objetivo da viagem realizada, que era o estudo da História Natural.

Foi, justamente sobre a História Natural que Rengger se ocupou nos dois anos seguintes à escrita do *Ensayo*. Deste investimento resultou a publicação da obra *Naturgeschichte der Säugethiere von Paraguay* (História Natural dos Mamíferos do Paraguai), em 1830.¹¹⁹ No Prólogo desta obra, Rengger apresenta maiores detalhes acerca dos materiais que se dedicou a coletar e sobre as dificuldades pelas quais passou para conservá-las e garantir a qualidade necessária para sua posterior análise:

Parei de preparar peles de mamíferos, pássaros e anfíbios, e a secar plantas que facilmente se deterioravam, renovei dos insetos somente os Coleopteras (besouros) que se conservavam mais facilmente, e, por sinal, reduzi minha coleção de esqueletos e objetos que eu poderia conservar em aguardente. Eu mantive também esqueletos de grande parte dos mamíferos existentes no Paraguai, de muitos pássaros e anfíbios, assim como um número nem tão insignificante de anfíbios e peixes na aguardente, quando inesperadamente obtive autorização para deixar o Paraguai em um navio, que deveria partir em duas horas (RENGGER, 1830, p. XI).

A análise dos escritos de Rengger, como já destacamos em outros momentos, não deve desconsiderar a sua abrupta partida do Paraguai, o que implicou na perda da maioria do material por ele coletado. Apesar do contato com anfíbios, aves, insetos, peixes e plantas, Rengger concentrou sua obra nos mamíferos do Paraguai e, de acordo com seu tio Albrecht ([1835] 2010a, p. 34), seu estudo versou sobre “[...] 69 especies, bajo 34 géneros [...]”,

¹¹⁹ Apesar de vir a lume em 1830, a obra, possivelmente, já se encontrava finalizada no ano anterior, pois o prólogo foi assinado por Rengger em Aarau, em julho de 1829.

seguindo uma descrição detalhada da morfologia, da anatomia, da distribuição e das relações das espécies com o meio ambiente, entre outros aspectos. Utilizando a taxonomia do naturalista francês Georges Cuvier e, desconsiderando uma abordagem sobre a totalidade dos mamíferos do país, Rengger ocupou-se em apresentar novas espécies e a corrigir informações dadas por outros autores, como esclarece no Prólogo da obra:

Sobre a execução do meu trabalho eu tenho as seguintes observações. Eu me ocupei somente com os mamíferos que existem no Paraguai, mas também mencionei os animais domésticos da Europa que lá foram introduzidos, cuja observação se deu em circunstâncias muito diferentes do que aquelas em que estamos acostumados a vê-los, sempre apresentando algo notável. Na disposição eu segui o sistema do Senhor G. Cuvier. Identificação de gênero indiquei somente quando acreditava poder acrescentar alguma coisa para os já conhecidos, ou então onde eu achasse necessário para a compreensão da descrição das espécies (RENGGER, 1830, p. XII – XIII).

Não podendo contar com a maior parte do material coletado em sua viagem, Rengger adverte que o seu estudo sobre os mamíferos do Paraguai está fundamentado nos poucos esqueletos completos e crânios que conseguiu trazer, e mais especialmente, nos manuscritos e desenhos com anotações registradas detalhadamente no próprio momento da observação (RENGGER, 1830).

No entanto, Rengger não desejava limitar-se apenas aos mamíferos em sua História Natural. Se, a primeira publicação fora destinada integralmente a esses, a segunda seria dedicada aos pássaros, e de forma semelhante à primeira, apenas destacaria as suas contribuições às espécies conhecidas e àquelas por ele descobertas. Para tanto, em 1830, Rengger viajou até a região de Neuwied, nos Estados alemães, com a intenção de se encontrar com o naturalista Maximilian zu Wied-Neuwied para propor-lhe a realização de um trabalho conjunto sobre as aves da América meridional. Conforme seu tio Albrecht ([1835] 2010, p. 35), “[...] Rengger no pensaba brindar una descripción completa de ellas [aves] sino en asociarse con su trabajo a la sobresaliente *Ornitología de Brasil*, del príncipe zu Wied, en una serie de apéndices a esta obra, presentando sólo lo que ofrecían de peculiar sus propias observaciones”. O projeto não era infundado. Ao mencionar Wied-Neuwied várias vezes no prólogo da obra sobre os mamíferos, Rengger já advertia que muitas das espécies observadas por ele no Paraguai encontravam-se igualmente disponíveis aos olhos de viajantes no Brasil. Contudo, como já dissemos no capítulo anterior, devido a uma viagem do príncipe renano, Rengger não conseguiu o encontro que desejava e, ocupando-se com outros trabalhos, o projeto sobre as aves do Paraguai acabou jamais saindo do papel.

A próxima e última obra de Johann Rengger constitui-se em elemento de ligação entre todas as demais publicações do médico suíço. Possivelmente, seu maior desejo, enquanto autor tenha sido a edição do relato de sua viagem e experiência no Paraguai. Tratava-se, segundo Albrecht ([1835] 2010 p. 35), de um “[...] relato general de su viaje, destinado a un público más amplio [...]”, intento este que não se concretizou pelas suas mãos, devido ao seu falecimento em 1832. Essa situação, no entanto, não impediu que a obra fosse publicada em 1835, com o título *Reise nach Paraguay in den Jahren 1818 bis 1826* (Viagem ao Paraguai nos anos de 1818 a 1826). Projetada por Rengger, mas publicada postumamente, coube ao seu tio Albrecht e ao seu cunhado Ferdinand Wydler a edição final da obra. A opção dos editores em obedecer à escrita original de Rengger resultou em uma estrutura diferenciada para a obra, com capítulos redigidos em francês e em alemão. De acordo com Albrecht:

La redacción final es el único trabajo que hemos efectuado. En ello nos guardamos bien de modificar algo en los conceptos. El mismo respeto ante las opiniones y el estilo de concepción del autor también nos ha inducido a publicar los artículos en la lengua en que cada uno de ellos estaba escrito, pues consideramos que el peculiar cuño espiritual que se estampa en la palabra es desdibujado en mayor o menor medida a través de la traducción a otra lengua. Ya que esta obra está destinada ante todo al público alemán, y a aquel sector de él que tiene la capacidad necesaria para la lectura de una relación de viaje científica y que está iniciado en la lengua francesa, nos pareció que la reunión de las dos lenguas en la misma obra no presentaban inconvenientes (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 17).

A utilização tanto da língua francesa quanto da alemã por Rengger nos capítulos da obra pode estar relacionada com uma estratégia que visava assegurar uma maior difusão, pois, desta forma atingiria o público leitor alvo – os de língua alemã –, e, ao mesmo tempo, circularia no idioma científico do período, o francês (TOMASINI; BRAUNSTEIN, 2010). Ademais, ao desejar que sua narrativa fosse científica, mas igualmente lida por um público geral, Rengger adotou o princípio iluminista de que os relatos de viagens deviam instruir e entreter.

3.2 Apropriações e intertextualidade: a escrita e a publicação das obras

O sucesso editorial obtido pelos relatos de viagens foi acompanhado de um significativo cuidado na escrita e na elaboração das narrativas. Na verdade, tal processo, como observa Mary Louise Pratt (1999), deve-se à crescente profissionalização da escrita no século XVIII, com o objetivo de apresentar ao leitor um texto agradável, bem redigido e, se possível, ornamentado com ilustrações. Ainda segundo a autora, a contratação de escritores e revisores, seja para apenas revisar o texto, ou mesmo, para escrevê-lo integralmente, tinha por finalidade

garantir a competitividade de um produto cuja lucratividade fazia prosperar os editores. Contudo, esse movimento de profissionalização da escrita suscita outra questão que é central para os relatos de viagens: a veracidade do narrado. Enfim, como construir uma boa narrativa e garantir a fiabilidade do relatado? Esse, possivelmente, foi o maior desafio para viajantes de vários períodos, inclusive, para Johann Rengger.

Não seria exagero afirmar que a centralidade dessa questão – narrativa e veracidade – moldou a escrita dos relatos de viagens. Segundo o linguista espanhol Luis Albuquerque-García (2011, p. 16), as narrativas de viagens apresentam as seguintes características: “[...] (1) son relatos factuales, en los que (2) la modalidad descriptiva se impone a la narrativa y (3) en cuyo balance entre lo objetivo y lo subjetivo tienden a decantarse del lado del primero, más en consonancia, en principio, con su carácter testimonial”. Ou seja, a descrição dos fatos vistos – as gentes e seus costumes, a natureza e as cidades – necessitava estar amparada por instrumentos que conferissem ao discurso elaborado o seu caráter de testemunho verídico. Para tanto, é fundamental a capacidade de observação do viajante, pois o deslocamento e o contato com o novo constituem, nas palavras de Michel de Certeau (1982, p. 226-227), “[...] um lugar de lazer e de prazer, festa do olho e festa do ouvido [...]”. Essa profusão de experiências e de sentimentos suscitados pela viagem são capturados pelo *olhar armado* dos viajantes, na expressão de Flora Süssekind (1990), que se reflete em suas anotações e materiais coletados, em que a visão é “feita interrogação” diferenciando-se do ver (CARDOSO, 1988, p. 349).¹²⁰ O capturado pelo olhar é, portanto, uma referência no relato, atua como testemunho da veracidade do descrito, na medida em que, conforme François Hartog:

Essas descrições fazem ver e fazem ver um saber: têm o olho como ponto focal, já que é ele que organiza (o visível), delimita sua proliferação e as controla (campo visual), bem como as autêntica (testemunha). É, pois, ele que faz crer que se vê e que se sabe, é ele que é produtor de *pheithó*, de persuasão, eu vi, é verdadeiro (HARTOG, 1999, p. 264).

¹²⁰ A distinção entre o ver o olhar é esclarecida por Sérgio Cardoso, para quem: “O ver, em geral, conota no vidente uma certa descrição e passividade ou, ao menos, alguma reserva. Nele um olho dócil, quase desatento, parece deslizar sobre as coisas; e as espelha e registra, reflete e grava. Diríamos mesmo que aí o olho se turva e se embaça, concentrando sua vida na película lustrosa da superfície, para reduzir-se a esta membrana sensível em que o mundo imprime seus relevos. Com o olhar é diferente. Ele remete, de imediato, à atividade e às virtudes do sujeito, e atesta a cada passo nesta ação a espessura da sua interioridade. Ele perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto, e parece originar-se sempre da necessidade de ‘ver de novo’ (ou ver o novo), como intento de ‘olhar bem’. Por isso é sempre direcionado e atento, tenso e alerta no seu impulso inquiridor” (CARDOSO, 1988, p. 348).

Menos crível que a visão, a audição é o segundo modo de investigar a alteridade. Acompanhada de cuidados pelo narrador – o cotejo entre o visto e o escutado – o emprego do ouvir remete ao visto por um terceiro, logo é necessário ter a certeza da veracidade do relatado, cujo efeito de verdade diminuiu na proporção dos intermediários envolvidos. Ou seja, o *ouvi dizer* é menos preciso que o *eu ouvi* (HARTOG, 1999).

Momento de retomada e sistematização das anotações,¹²¹ a escrita do relato é marcada pela observação dessa hierarquia dos sentidos.¹²² O próprio Johann Rengger recorre, frequentemente, em suas narrativas às estratégias discursivas autorais do *eu vi*, *ouvi* ou *ouvi dizer*.

Além de apresentarem um relato factual, descritivo e de caráter testemunhal, as narrativas de viagens possuem outros aspectos que moldam o *gênero*, segundo Luis Albuquerque-García (2011) e, que interessam diretamente à presente dissertação. Para o autor, a intertextualidade e os paratextos complementam as características acima destacadas.

3.2.1 Marcas da leitura: a intertextualidade

Começamos pelo primeiro complemento. O conceito de intertextualidade foi apresentado por Julia Kristeva em sua obra *Introdução à Semanálise*, de 1969 e, desde então, tem sido objeto de várias reflexões de críticos literários, filósofos e teóricos da literatura. A ideia central do conceito – e, também, fundamental para a Literatura Comparada – é a noção dialógica que os textos mantêm entre si. Ou seja, trata-se da percepção de que um texto é

¹²¹ Convém destacar aqui a ideia sustentada por Andrea Reguera (2010) de que os relatos de viagens são resultados de um ato de memória. Segundo a autora: “Los relatos de viajes, materializados para su narración personal y descripción objetiva en libros literarios bajo la forma de ‘relaciones’, ‘cartas’, ‘diarios’, ‘apuntes’ o ‘notas’, son resultado de un acto de memoria que los viajeros realizan para representar las cosas del pasado. Es una construcción compleja que requiere de sucesivas reconstrucciones y que, bajo el uso de la primera persona y el marco de los parámetros colectivos del presente vivo, permite ofrecer al público el reconocimiento de otra realidad (REGUERA, 2010, p. 15). Ou seja, enquanto epílogo da viagem, a escrita do relato revela-se como uma operação intrincada que, marcada pelo contexto do retorno, remonta aos preparativos da viagem e sua realização.

¹²² Como resultados de um deslocamento realizado, as narrativas de viagens conferem à visão, como uma percepção não mediada, a importância de ser o principal sentido para a obtenção de um conhecimento seguro. Os demais sentidos – audição, palato, tato e o olfato – tiveram sua importância diminuída pelos viajantes, ainda que sempre presentes em seus relatos, à disposição da escrita para informar sobre a realidade observada. Sobre a relevância dos sentidos, além da visão, nos relatos de viagens, ver o capítulo de Neil Safier (2008) na obra *Sons, formas, cores e movimentos na modernidade atlântica: Europa, Américas e África*, organizado por Júnia Ferreira Furtado. Fora do âmbito das narrativas de viagens, o que se percebe é que, nem sempre, a visão suplantou os demais sentidos, como observa Lucien Febvre (1950, p. 14-15), “[...] os sentidos menos intelectuais, o tato, o olfato e audição, eram no século XVI os sentidos mais importantes”. Para o autor, a música, a prédica e as leituras coletivas eram exemplos da destacada importância da audição na sociedade Quinhentista. Nesse sentido, e, retornando às narrativas de viagens, Laura de Mello e Souza (1986) destaca que a importância do ouvir no imaginário do início da colonização da América Portuguesa foi tão importante que “[...] os olhos enxergavam primeiro o que se *ouvira dizer*; tudo quanto se via era filtrado pelos relatos de viagens fantásticas, de terras longínquas, de homens monstruosos que habitavam os confins do mundo conhecido” (SOUZA, 1986, p. 21-22).

construído a partir de seus antecessores, como afirmado por Kristeva em sua já clássica afirmação de que, “[...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1974, p. 64). A importância e a influência que passou a ter essa conceituação na Teoria literária, como observado por Antoine Compagnon, é marcada pela mudança de perspectiva nos estudos dos textos; se antes fechados em sua lógica interna, agora “[...] a intertextualidade se apresenta como uma maneira de abrir o texto, se não ao mundo, pelo menos aos livros, à biblioteca” (COMPAGNON, 2001, p. 111). Considerando-se a leitura uma prática “[...] que raramente deixa marcas [...]”, conforme observou Roger Chartier (1994, p. 11), a intertextualidade apresenta-se como vestígios de uma leitura pregressa.

A intertextualidade, enquanto uma relação de co-presença entre dois ou mais textos – para o já citado crítico literário francês Gérard Genette (2006) – é apenas uma das cinco relações que este autor reúne sobre o amplo conceito de transtextualidade para tratar das várias relações que um texto pode manter com um ou mais textos.¹²³ Ainda de acordo com o Genette, as práticas intertextuais ocorrem frequentemente sob três formas:

Su forma más explícita y literal es la práctica tradicional de la *cita* (con comillas, con o sin referencia precisa); en una forma menos explícita y menos canónica, el *plagio*, que es una copia no declarada pero literal; en forma todavía menos explícita y menos literal, la *alusión*, es decir, un enunciado cuya plena comprensión supone la percepción de su relación con otro enunciado al que remite necesariamente tal cual de sus inflexiones, no perceptible de otro modo [...] (GENETTE, 1989, p. 10).

Posto isso, quais são as evidências de intertextualidade que encontramos nos relatos de viagens de Joahn Rengger? E, ainda, quais são os autores citados em suas obras? Para responder a esses questionamentos, passamos a análise do quadro que segue.

¹²³ Além da intertextualidade, completam a conceituação teórica de transtextualidade de Genett (1989), as categorias da paratextualidade, metatextualidade, hipertextualidade e arquitextualidade.

Quadro 1 – Registros de intertextualidade nas obras de Johann Rengger

Categorias de autores	Autores	Práticas intertextuais	
		<i>Ensayo Historico</i>	<i>Viaje al Paraguay</i>
Naturalistas-viajantes	Félix de Azara	1	54
	Auguste de Saint-Hilaire	1	6
	Alexander von Humboldt	-	4
	Johann Baptist von Spix	-	3
Naturalistas	Georges Cuvier	-	14
	Jean Baptiste de Lamarck	-	3
Jesuítas	Martín Dobrizhoffer	-	7
	Pedro Lozano	-	3
	Gregorio Funes	1	1
	Pierre François Xavier de Charlevoix	-	1
Médicos	Johann H. H. F. von Autenrieth	-	1
	August G. F. Emmert	-	1
Exploradores	Ruy Díaz de Guzmán	-	1
	George Henri Victor Collot	-	1

Fonte: Elaborado pelo autor.

Inicialmente, fica evidente que Johann Rengger buscou estabelecer diálogos com autores que – assim como ele – eram viajantes (outros naturalistas, jesuítas e exploradores), sendo que dentre eles, Díaz de Guzmán, Azara, Dobrizhoffer e Lozano haviam percorrido as mesmas regiões da América meridional que o médico suíço.¹²⁴ A valorização da experiência *in-loco* é a razão do interesse de Rengger na produção jesuítica, apesar da sua declarada antipatia em relação à atuação da Ordem de Santo Inácio de Loyola. Os escritos dos padres jesuítas – marcantes na historiografia paraguaia (CARDOZO, 1959; BREZZO, 2011) – foram lidos pelo viajante suíço como um meio para ter acesso a informações geográficas e aos costumes das populações indígenas. No entanto, apesar da referência a estes autores do século XVIII e, até mesmo do século XVII, a maioria dos citados são contemporâneos a Rengger e alcançaram notoriedade por suas viagens e relatos, tais como Humboldt, Saint-Hilaire, Spix, ou, então, por seus destacados estudos científicos, como os naturalistas franceses Cuvier e Lamarck e os médicos e ex-professores de Rengger em Tübingen, Autentrieth e Emmert.

Um segundo ponto a ser destacado é o número reduzido de autores, apenas três, citados por Rengger em sua obra *Ensayo Historico*, enquanto que em seu relato de viagem,

¹²⁴ Esse diálogo intertextual entre as narrativas de viagens levou Luis Albuquerque-García (2011) a supor uma interessante questão que seria uma consciência de gênero. Ou seja, um comum entendimento de que há obras que possuem características que se aproximam e que, portanto, devem ser lidas e citadas por aqueles que se dedicam a tarefas semelhantes. Considerações similares são feitas por Robert Darnton, em seu estudo sobre a história dos livros, ao afirmar que “Os próprios autores são leitores. Lendo e se associando a outros leitores e escritores, eles formam noções de gênero e estilo, além de uma ideia geral do empreendimento literário, que afetam seus textos [...]” (DARNTON, 1990, p. 112).

ele faz referência a catorze autores. Essa significativa diferença pode ser explicada a partir da natureza dos escritos. *Viaje al Paraguay* aborda múltiplos temas, como a geografia, os costumes dos habitantes e a fauna e a flora local, e, por vezes, confronta diversas temporalidades, faz menção a fatos passados ou a relatos de viajantes anteriores, razão pela qual Rengger utiliza-se de um maior número de autores. Já, ao tratar sobre o ditador Francia e seu governo, em seu *Ensayo Historico*, os médicos suíços, notadamente, se valem de suas próprias observações, priorizando em sua narrativa o período em que estiveram no Paraguai. Contribuiu também para um diálogo mais restrito com outros autores, o fato de que a obra publicada foi a primeira a divulgar, de modo mais detalhado, informações sobre o governo de Francia. Cabe assinalar que Rengger até poderia ter dialogado com mais autores, ou mesmo ter aprofundado discussões e pontos de vista que, em seus relatos, apresentaram-se de forma mais superficial. Mas, no caso da obra *Viaje al Paraguay*, é importante lembrar que a escrita foi interrompida com a morte de Rengger, o que, certamente, comprometeu um maior refinamento e revisão de seus escritos.

Além disso, a frequência com que cada autor é mencionado nos relatos de Rengger nos possibilita avaliar a importância que atribuiu a cada um deles. Fica evidente a importância que conferiu aos escritos do militar espanhol Félix de Azara. Rengger, certamente, conheceu os volumes de *Viagens pela América Meridional* na Europa. Publicada originalmente em francês, em 1809, a obra logo foi traduzida para outros idiomas, como o alemão, o sueco e o italiano, atestando a importância que a obra atingiu na Europa (CARDOZO, 1959).¹²⁵ Com edições em línguas que Rengger dominava, as obras de Azara se manifestam nas observações e nos relatos escritos pelo médico suíço. Azara foi, por isso, a grande companhia da viagem de Rengger ao Paraguai. Sua leitura foi retomada durante as viagens realizadas pelo interior, seguindo-se a inserção de comentários escritos nas margens dos livros, “[...] lugar periférico com relação à autoridade” do texto e um dos poucos permissivos a intervenção do leitor, como destaca Roger Chartier (1999, p. 88). A obra de Azara, certamente, foi um guia para Johann Rengger.¹²⁶

¹²⁵ Conforme o levantamento feito por Efraim Cardozo (1959), além da edição impressa em Paris, em 1809, existem três outras em língua alemã. Duas delas foram publicadas em 1810, em Berlim e em Leipzig, e, outra, em 1811, em Viena. Em 1816, a edição sueca foi publicada em Estocolmo e, em 1817 e 1830, foram registradas edições em italiano nas cidades de Milão e Turim, respectivamente. Em Londres, foi publicada uma versão em língua inglesa, em 1835, e as primeiras versões em espanhol datam de 1846 e 1850, e foram impressas em Montevidéu.

¹²⁶ A influência da produção azariana nos escritos de Johann Rengger não reside apenas no intenso diálogo estabelecido. A publicação de uma obra sobre os mamíferos do Paraguai, em 1830, e a tentativa de se associar ao príncipe Maximilian zu Wied-Neuwied na escrita de uma obra sobre os pássaros, sugere uma aproximação entre o projeto editorial de Rengger e as obras de Azara. Afinal, além do seu relato *Viagens pela América Meridional*

O segundo autor mais referenciado nos relatos do médico suíço é o naturalista Georges Cuvier. Adepto de sua taxonomia, Rengger procura identificar as espécies de animais, especialmente, por meio da comparação entre suas amostras coletadas e dissecadas e a anatomia descrita por Cuvier em seus livros. Trata-se de um trabalho comparativo minucioso, como registrado por Rengger em seu diário, em 26 de julho de 1819, ao analisar um Martim Pescador: “Su estômago, como señala Cuvier, es una gran bolsa (*sac membraneux*) membranosa, pero que se contrae totalmente cuando no ingresa ningún alimento (RENGGER, [1835] (2010), p. 294). Em outros momentos, como após ter caçado um corvo branco, Rengger constata que este não foi corretamente descrito por Cuvier. Já em 23 de maio de 1821, registrou que “La víbora de cascabel que maté ayer presenta todas las características del *Crotalus durissus* de Cuvier”, passando a descrevê-la em detalhes na sequência. Esse trabalho de comparação, de retificação e, mesmo de revisão e aprimoramento dos estudos desenvolvidos por Cuvier, anotados por Rengger em seu diário, indica que o médico suíço, possivelmente, tenha partido da Europa com alguns, ou, até mesmo, com todos os cinco volumes de *Leçons d'anatomie comparée*, publicados por Cuvier, em francês, entre 1800 e 1806.

Depois de Azara, Auguste de Saint-Hilaire foi o viajante mais referido por Rengger, possivelmente, em função de suas viagens pela Província de Misiones e pelo leste do Paraguai. A partir dos comentários que Rengger faz às informações dadas por Saint-Hilaire, deduzimos que o primeiro teve contato com a pequena obra *Aperçu d'un voyage dans l'interieur du Brésil, la Province Cisplatine et les missions dites du Paraguay*, publicada pelo viajante francês, em 1823.¹²⁷ Portanto, trata-se de uma obra que Rengger conheceu após o seu retorno à Europa. O mesmo ocorreu em relação à obra em latim, do naturalista Johann Baptist von Spix, *Serpentum brasiliensium species novae*, de 1824, mencionada nominalmente por Rengger, em seu capítulo sobre o efeito das mordidas das cobras.¹²⁸ Apesar de dificilmente citar o título da obra, Rengger repete essa prática, ao comentar sobre a alimentação das vespas e nesse ponto, concorda com o que afirma Lamarck, em sua obra *Histoire naturelle des animaux sans vertebres*, publicada em francês, em sete volumes entre 1815 e 1822, o que parece sugerir que tenha levado consigo alguns dos primeiros volumes publicados.

(1809), o naturalista espanhol publicou, no início do Oitocentos, dois importantes livros, a *História Natural dos Quadrúpedes* (1801) e a *História Natural dos Pássaros* (1802).

¹²⁷ O texto dessa obra foi traduzido para o português e pode ser encontrado na obra *Viagem à província de São Paulo e Resumo das viagens do Brasil, província Cisplatina, e Missões do Paraguai*, publicado em 1945.

¹²⁸ O título completo da obra de Spix é *Serpentum brasiliensium species novae ou Histoire Naturelle des especes nouvelles de serpens, recueilies et observees pendant le voyage dans l'interieur du Bresil dans les annees 1817, 1818, 1819, 1820*, e foi publicada em Munique.

Com relação à produção jesuítica, Johann Rengger dela se utiliza, especialmente, para informar-se sobre os costumes dos grupos nativos paraguaios, recorrendo às obras dos religiosos Martín Dobrizhoffer e Pierre Xavier de Charlevoix.¹²⁹ Enquanto Dobrizhoffer registrou sua experiência entre os indígenas em sua obra *História dos Abipones*, publicada em latim, em 1784, e no mesmo ano, traduzida para o alemão, Charlevoix realizou um grande compilado das atividades da Companhia no Paraguai, apesar nunca ter missionado na América do Sul. Sua obra *Histoire du Paraguay* foi publicada em Paris, em seis volumes, entre 1756 e 1757. Tratando-se de publicações europeias, em ambos os casos, Rengger pode ter tido acesso às obras, possivelmente, antes de realizar sua viagem. O mesmo não ocorreu com as obras de Pedro Lozano, *Descripcion Chorographica* e de Gregorio Funes *Ensayo de la historia civil del Paraguay, Buenos Ayres y Tucuman*, publicadas em espanhol, respectivamente, em Córdoba, em 1733, e, em Buenos Aires, em 1816.¹³⁰ A leitura destas obras por Rengger se deu já na América meridional, e, apesar de seu declarado antijesuítismo, foram fundamentais para conhecer mais sobre a história civil e natural do Rio da Prata.

Já os autores Ruy Díaz de Guzmán e George Henri Victor Collot são citados apenas uma vez, a partir de suas obras *La Argentina* e *Journey in North America, Containing a Survey of the Countries Watered by the Mississippi, Ohio, Missouri, and Other Affluing Rivers*.¹³¹ Circulando pela América meridional sob a forma de manuscritos desde meados do século XVII, a obra de Díaz de Guzmán foi publicada, em espanhol, somente em 1836, dez anos depois da publicação em língua inglesa da viagem do militar George Collot pela América do Norte. O que, portanto, indica que Rengger teve acesso a uma versão manuscrita da obra de Guzmán e somente após seu retorno à Europa tomou contato com o relato de Collot. Já os ex-professores de Rengger Autenrieth e Emmert são mencionados em virtude do contato que teve com seus trabalhos ao longo de seu período de estudos nos Estados alemães. Outro importante autor do período e que, infelizmente, não conseguimos precisar com quais obras especificamente Rengger teve contato, foi Alexander von Humboldt. Autor de uma extensa produção ao longo da primeira metade do Oitocentos, é possível que Rengger tivesse tido contato com várias obras de Humboldt antes, durante e depois da sua viagem. No entanto

¹²⁹ Pierre François Xavier de Charlevoix (1682 – 1761) foi um padre jesuíta francês que atuou nas missões da América do Norte. Dentre suas obras, destacamos *Descrição do Japão*, de 1736, *História de Santo Domingo*, de 1730, *História da Nova França*, de 1744 e a obra *História do Paraguai*, de 1757.

¹³⁰ Gregorio Funes (1749 – 1829) foi um eclesiástico argentino, que teve intensa participação na Revolução de Maio de 1810, tendo sido deputado pela Província de Córdoba na Junta de Governo estabelecida logo após a Revolução. É o autor da obra *Ensayo de Historia Civil del Paraguay*, Buenos Aires y Tucumán, de 1816.

¹³¹ George Henri Victor Collot (1750 – 1805) foi um oficial francês e administrador colonial com atuação na América do Norte. Sua obra *Journey in North America, Containing a Survey of the Countries Watered by the Mississippi, Ohio, Missouri, and Other Affluing Rivers* foi impressa postumamente, em 1826.

a razão de ser pouco referido pelo médico suíço deve-se, possivelmente, ao fato de que Humboldt em sua viagem pela América do Sul não chegou a explorar a região do Paraguai.

Identificados os autores e as obras utilizadas por Johann Rengger para elaborar suas narrativas de viagem, cabe destacar as formas como esses diálogos foram estabelecidos em seus textos. Rengger adota a estratégia de inserir pontualmente informações de outros autores em sua narrativa. Essa prática é bem evidenciada, por exemplo, quando o médico suíço comenta sobre o cultivo de arroz: “El arroz se desarrolla en Paraguay mucho mejor que el trigo. Dobrizhoffer afirma que el cultivo de arroz fue introducido en este país por los jesuitas recién en su época, hacia 1750” (RENGGER, [1835] 2010, p. 153). Repetindo constantemente essa estrutura em sua narrativa, Rengger atribuiu uma considerável importância ao nome do autor, sem, no entanto, importar-se em esclarecer de qual obra e, também, de que página extraiu as informações citadas.

Considerando-se um total de 103 situações de intertextualidade, essa prática altera-se somente em 8 momentos, nos quais Rengger identifica, além do autor, o volume e a página em que localizou as informações que lhe interessam destacar. Como, por exemplo, ao dissertar sobre os indígenas do Paraguai, Rengger sublinha que: “Por ello, todo lo que digo de los guaraníes salvajes ha sido observado por mí mismo, lo que Azara, como él lo dice (tomo 2, p. 56), no pudo hacer nunca” (RENGGER, [1835] 2010, p. 111). O mesmo ocorre no capítulo sobre o efeito das mordidas das cobras,¹³² no qual Rengger informa, em nota de rodapé, a referência completa da obra de Spix que consultou, o que se repete, já em seu diário, quando discorda de uma informação de Lamarck sobre as vespas, informando, ao final, entre parênteses, o título da obra, o volume e a página.

Os exemplos acima mencionados demonstram que Rengger adota essencialmente uma prática intertextual, baseada na alusão e, em alguns casos, na citação, conforme proposto por Gérard Genette (1989).¹³³ Além disso, a adoção da citação, como uma forma mais completa

¹³² Deve-se observar que esse é o único capítulo da obra *Viaje al Paraguay* publicado previamente. Foi impresso em 1829 no terceiro número da revista *Archiv für Anatomie und Physiologie*, editado desde 1815 pelo reconhecido médico alemão Johann Friedrich Meckel (1781-1833).

¹³³ Cabe a observação de que não encontramos indícios de transcrições literais de outros autores nos relatos de Johann Rengger, o que o afasta da prática do plágio, como também destacado por Genette (1989). Ao mesmo tempo, o conceito de plágio no período em que Rengger produziu os seus escritos ainda encontrava-se em consolidação, pois, como aponta Chartier (2012), a definição moderna de plágio é uma construção que se desenvolve ao longo do século XIX. No Setecentos, o plágio ocupou uma posição secundária com relação às disputas envolvendo os direitos de publicação e comercialização entre autores, editores e livreiros, conforme observa o autor, além do mais, havia uma série de “lugares comuns”, como denomina Chartier (2012), que se associavam à ideia muito cara a Ilustração de que o conhecimento deveria servir à humanidade e não ser posse de um indivíduo. Para Chartier, o plágio, nesse período, estaria associado à complexa definição do que seria “[...] a identidade própria de uma obra. Mesmo no século XVIII, é seu conteúdo intelectual, e não aquele das ideias, o que define a obra. É a maneira de escrever, o estilo, o sentimento, a linguagem. Portanto, se há plágio, deve-se

de referência, só foi utilizada por Rengger quando suas observações eram discordantes dos autores referidos.

Concordar ou discordar da interpretação de um autor nos coloca diante de uma nova questão que é a função que as situações de intertextualidade assumem dentro do texto. Dialogar com diversos autores pode servir para corroborar argumentos, mas, por outro lado, pode ser utilizado para evidenciar uma fragilidade, ou uma observação equivocada, visando a sua retificação. Rengger utilizou-se, majoritariamente, das citações em seus relatos de viagens para discordar, como, por exemplo, quando, ao dissertar sobre a formiga-isaú, afirmou que “Azara se equivoca cuando dice que en Paraguay las hormigas trabajan durante todo el año y no sufren en modo alguno por el invierno. Igualmente es incorrecta su afirmación de que en un nido de isaús moran varias familias” (RENGGER, [1835] 2010 p. 204).

Seja para confirmar ou para discordar, as alusões e as citações encontradas no texto exercem uma segunda função que é a de conferir uma noção de legitimidade e de autoridade ao afirmado, colaborando assim, para um pretense *efeito de verdade*. De acordo com Michel de Certeau, o uso de citações:

[...] introduz no texto um extratexto necessário. Reciprocamente a citação é o meio de articular o texto com sua exterioridade semântica, de permitir-lhe fazer de conta que assume uma parte da cultura e de lhe assegurar, assim, uma credibilidade referencial. Sob este aspecto a citação não é senão um caso particular da regra que torna necessária, à produção da ‘ilusão realista’, a multiplicação dos nomes próprios, das descrições e do deíctio. Também, [...] os nomes próprios já têm valor de citação. São imediatamente afiançáveis (CERTEAU, 2011, p. 102).

O ato de citar, por sua vez, não se resume à simples aposta no valor do nome referido. É também uma exigência do próprio público leitor que possuiu expectativas em relação à narrativa e identifica, no arrolamento e comentários feitos a outros autores, a construção de um texto fundamentado, pois, ainda conforme Certeau (2011, p. 103), “Citando, o discurso transforma o citado em fonte de credibilidade e léxico de um saber”. Nesse sentido, o uso de uma gama de autores pelos viajantes em seus relatos demonstra uma dupla preocupação tanto com a veracidade dos fatos quanto com a narrativa elaborada, o que leva Andrea Reguera a identificar a formação de uma rede inter-textual, na medida em que,

Algunos relatos se apoyan, para su contextualización, en datos provenientes de otros relatos de viaje, en textos históricos, en prensa escrita e intercambio epistolar, generándose una densa red inter-textual a través de la cual circula un importante

supor que há uma pura reprodução do que é mais singular na obra, ou seja, o estilo, o sentimento e a linguagem” (CHARTIER, 2012, p. 110).

bagaje informativo. [...] La confianza en la palabra del otro adquiere verdadero significado (REGUERA, 2010, p. 16).

A ideia de uma trama entre os textos utilizados, resultando em uma espécie de rede, é instigante, especialmente, por colocar em evidência a circulação que os relatos de viagens tiveram, pois, como salienta Michel Bertrand (1999, p. 121), “[...] la red consiste en un complejo sistema de vínculos que permiten la circulación de bienes y servicios, materiales e inmateriales, en el marco de las relaciones establecidas entre sus miembros”. No entanto, convém observar que o emprego de autores em um texto, na maioria das vezes, não pressupõe a existência de relações pessoais, mas, sim, a apropriação de um texto por um leitor em relação à produção de terceiros. Trata-se, essencialmente de uma escolha do leitor dentro de um amplo cenário de autores.

Considerando os autores e as obras aos quais Johann Rengger teve acesso – anteriormente relacionadas – pretendemos, na continuidade, aprofundar o estudo das apropriações evidenciadas nos escritos do médico suíço. Para tanto, selecionamos os autores que foram mencionados, no mínimo, em três oportunidades, e cujas obras foram publicadas ou editadas em espanhol ou português. Pela recorrência de menções nos escritos de Rengger, Félix de Azara ocupa posição de destaque. A própria estrutura do relato do médico suíço aproxima-se muito da adotada pelo militar espanhol, tanto na ordem em que aparecem na narrativa, quanto pelo conteúdo que abordam, como o clima, o solo, os rios e os grupos indígenas.

A admiração e a certa afinidade de ideias podem ser observadas nas três publicações de médico suíço. Definido como “[...] incansável e aplicado gênio [...], por Rengger em sua obra sobre os mamíferos do Paraguai (1830, p. V), Azara está presente em mais da metade dos capítulos de seu relato *Viaje al Paraguay*, em especial, quando aborda as populações nativas do território platino. Em seu *Ensayo Historico*, Rengger chega a afirmar que “Sobre los Indios y los jesuitas soy enteramente de la misma opinión que Don Feliz (sic) de Azara, cuya obra sobre el Paraguay es notable por su veracidad y por las observaciones juiciosas de su autor” (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 83).

Tais declarações evidenciam um profundo conhecimento da obra de Azara, o que, no entanto, não significa que Rengger tenha feito uma leitura ingênua, acrítica ou deslumbrada de seus livros. Pelo contrário, em vários momentos, o médico suíço atesta ter realizado uma leitura crítica de seu autor de referência. A forma mais recorrente com que isso é evidenciado em seus relatos são as advertências que Rengger faz aos seus leitores, informando que diferentemente de Azara, ele havia visto o que estava descrevendo ou afirmando. A segunda

forma indica o cotejo das informações, como evidenciado na afirmação de o afluente do rio Jejuy, o Aguaray, forma uma cascata na Serra de San José aos 23° de latitude e 58° 38' de longitude, incluindo, em nota de rodapé, a informação de que “En la obra de Azara se encuentra 23° 28', pero es un error de imprenta. Él mismo ubicó esta cascada en su carta inédita que se encuentra en el Paraguay a los 23° 38'” (RENGGER, [1835] 2010, p. 79).

Desse modo, uma das apropriações que Rengger faz das obras de Azara está relacionada com a descrição do clima do Paraguai. Ainda que tenha desenvolvido mais o tema – destacando, entre outros aspectos, a relação entre as enfermidades e os ventos e a influência dos regimes dos ventos na agricultura – a base da argumentação de Rengger advém da obra de Azara. Segundo o viajante suíço:

Sin embargo la temperatura de la atmosfera, como dije antes, depende menos de la influencia directa del sol que de los vientos, [...] El viento del Norte o del Nordeste, que prevalece durante la mayor parte del año, es un viento cálido que proviene del Ecuador. Por causa del viento del Norte ocurren en verano los calores más fuertes. [...] El viento del Sur, que viene de la región polar, es frío, y en consecuencia seco (RENGGER, [1835] 2010, p. 88-89).

Ainda que não tenha feito nenhuma alusão aos escritos de Azara, é clara a associação feita por Rengger aos escritos do militar espanhol:

Se dice ordinariamente en el país, y con razón, que hace siempre frío cuando el viento sopla del Sur o Sudeste, y el calor cuando sopla del Norte. En efecto, el calor y el frío parecen depender tanto más de los vientos que de la situación o de la declinación del Sol. Los vientos más frecuentes son el Este y el Norte. Si se deja sentir el del Sur, es, a lo sumo, en una doceava parte del año, y si se inclina hacia el Sudeste, deja el cielo despejado y sereno. Apenas se conoce viento Oeste, como si la cordillera de los Andes lo detuviera a más de 20 leguas de distancia, y si se siente algunas veces, no dura más de dos horas (AZARA, T. I, 1998, p. 52).

Como podemos perceber, o diálogo estabelecido por Rengger com os autores é marcado pela brevidade, não sendo desenvolvidas maiores discussões de fundo teórico, inseridas nas polêmicas próprias da época, como por exemplo, sobre a extinção e evolução de determinadas espécies. Possivelmente, por entender que tais debates fossem próprios de tratados específicos e não para serem desenvolvidos em relatos de viagens, Rengger pauta sua escrita a partir das experiências que acumulou em suas expedições, sendo que muitas citações podem ser interpretadas como demonstrações de conhecimento da literatura existente sobre o Paraguai, além do recurso à autoridade já mencionado. O contato com a obra do jesuíta Pedro Lozano, *Descripción Chorographica*, é ilustrativo da intenção do viajante de aprofundar seu conhecimento sobre a região por meio de outros autores. Crítico da atuação dos jesuítas, o

viajante afirma que a obra possui informações grotescas e tendenciosas, mas que, “Algunas noticias históricas y geográficas probablemente sean lo mejor que hay en él. El autor vivió en una época en que aún se hacían muchas expediciones al Gran Chaco y era posible internarse en este territorio sin dificultad” (RENGGER, [1835] 2010, p. 271). Valorizando, novamente, a importância da experiência vivenciada no próprio local, Rengger copia o mapa que integra a obra de Lozano¹³⁴ e registra, em seu diário, algumas informações sobre as abelhas, a fertilidade da terra, as antas e os jacarés, ainda que lamente a falta de rigor do autor, que “[...] sólo menciona pocas plantas, la mayoría de las veces con nombre indígena, y cuenta muchas cosas fantásticas sobre sus virtudes curativas contra la mordedura de víbora, etcétera” (RENGGER, [1835] 2010, p. 272).

O mesmo raciocínio pode ser feito em relação à obra *Historia de los Abipones*, do também jesuíta Martín Dobrizhoffer. O autor esteve em várias partes do Paraguai, inclusive, em San Joaquín, que, décadas mais tarde, seria visitado por Rengger. Apesar de demonstrar-se claramente incomodado com a narrativa própria dos membros da Companhia de Jesus, a ponto de definir que a obra de Lozano “[...] está escrita integramente de acuerdo com el espíritu de los jesuitas, llena de milagros, relatos de misioneros, etcétera” (RENGGER, [1835] 2010, p. 272), Rengger acaba por utilizar-se de tais relatos para acercar-se da história da América meridional. Provêm dos escritos de Dobrizhoffer pequenas informações, como a que refere a fundação da Redução de Belén, em 1760, por Sánchez Labrador, registrada no diário do viajante quando da sua chegada ao povoado. A própria descrição da cidade de Assunção é muito similar nos registros feitos pelos dois autores, especialmente, por atribuírem à chuva os estragos e desniveis que, ambos, constataram ao percorrer as ruas da cidade.

No entanto, o que mais chama a atenção é que as obras escritas por Lozano e Dobrizhoffer possuem capítulos sobre a História Natural do Paraguai – que tanto interessava a Rengger – mas estes não foram em nenhum momento objeto de uma discussão mais aprofundada pelo médico suíço. Dobrizhoffer, por exemplo, ao tratar do clima, afirma que “El viento sur trae frío, el viento norte calor. Por lo tanto, en un mismo día teníamos verano e invierno cuantas veces se relevaban ambos vientos. No se pude fijar con certeza ni en general, en qué el invierno se distingue del verano” (DOBRIZHOFFER, T. I, 1967, p. 355). Ainda que

¹³⁴ Mapa intitulado “*Descripción de las Provincias del Chaco y confinantes segun las relaciones modernas y noticias adquiridas por diversas entradas de los Misioneros de la Compañía de Jesus que se han hecho en este siglo de 1700*”. Deve-se advertir que a autoria do mapa por Lozano não é consensual. Guillermo Furlong (1936) sugere que o mapa foi elaborado e agregado à obra de Lozano pelo padre Antonio Machoni, padre Procurador à época e responsável pela publicação da obra *Descripcion Chorographica*.

reconheça a influência dos ventos na temperatura, Rengger assume um posicionamento totalmente diferente do jesuíta, ao declarar que “En el Paraguay pueden distinguirse aún las cuatro estaciones del año, aunque los habitantes de la región no distinguen más que dos: el invierno y el verano” (RENGGER, [1835] 2010, p. 87). No entanto, a divergência entre as argumentações não suscitou nenhuma contestação por parte de Rengger.

Situações como essa parecem indicar que o viajante suíço preferiu o diálogo com seus pares naturalistas, o que pode ser atestado na polêmica sobre a existência ou não de duas variedades da árvore de erva-mate. Diante de tal controvérsia, Rengger recorreu à obra de Saint-Hilaire, para afirmar tratar-se de uma só árvore pertencente ao gênero *Ilex*, sendo que a diferença – causadora de tal situação – estava apenas no seu modo de processamento, como deixa claro o viajante francês:

Os hípanos-americanos, achando uma grande diferença entre a erva preparada no Paraguai e a do Brasil, pretendem que essa última é fornecida por um outro vegetal. Amostras que recebi do Paraguai deram-me razão para afirmar às autoridades brasileiras ser a árvore de Curitiba inteiramente semelhante à do Paraguai; e a identidade de ambas ainda se me tornou mais evidente, quando vi, com meus próprios olhos, as plantações de árvores de mate feitas pelos jesuítas nas antigas missões. Se, de fato, o mate do Paraguai é, por sua qualidade superior ao do Brasil, resulta essa diferença apenas da diversidade dos processos empregados na preparação da planta. Até o presente os autores estão em desacordo relativamente ao gênero em que deve ser classificada tal planta. Eu, tendo-a encontrado com flores e frutos, pude analisá-la, e, numa memória que pretendo submeter à Academia sobre o vegetal em questão, ser-me-á fácil demonstrar que o mesmo pertence ao gênero *illex* (SAINT-HILAIRE, 1945, p. 337).

Valendo-se da autoridade das informações de Saint-Hilaire, Rengger não só as confirma, como desenvolve toda uma explicação sobre os modos de preparo da erva-mate, que não foram informados pelo viajante francês. De acordo com o registro de Rengger em seu diário:

La clase más fina de té de Paraguay, la cual se compone solamente de las hojas del árbol, groseramente trituradas en un mortero de madera y previamente tostadas, es llamada *caá mini*; [...] La clase común, que junto a las hojas contiene además las ramas más pequeñas, se llama *yerba de palos*. [...] La yerba no debe ser pulverizada finamente sino sólo de modo grosero, en caso contrario pierde en aroma y sabor, y al beber se recibe polvo en la boca. Igualmente no debe ser demasiado tostada a causa de los elementos resinosos que contiene. Los comerciantes verifican esto; para ello toman un poco en la mano ahuecada y le soplan encima; si la mayor parte se vuela, consideran a la yerba excesivamente tostada (RENGGER, [1835] 2010, p. 349).

Possivelmente, todos estes detalhes fornecidos por Rengger sejam resultado de suas próprias observações. Contudo, como leitor de Dobrizhoffer que era, é possível também que o

viajante suíço tenha se valido de parte das várias páginas que o jesuíta escreveu sobre a erva-mate, dada a semelhança entre os textos, como podemos atestar abaixo:

Las ramas se cortan de los árboles mediante un gran cuchillo; se colocan junto a un fuego suave, donde luego crepitan como pólvora; se cuelgan en palos travesaños y se tuestan por un tiempo. Luego se desparraman estas hojas con las remitas más chicas y mediante palos se machacan a polvo. Esta yerba preparada así de manera menos trabajosa y propia de los Españoles, se denomina yerba de palos, porque consiste de hojas, tallos y venas que poseen algo de leñoso. [...] [Já a erva caá miri] que se prepara por nuestros Guaranies con mayor trabajo y mayor limpieza. Estos separan con cuidado los tallos y venas de las hojas y las desechan. Ellos tuestan también las hojas a un fuego lento y las machacan luego muy suavemente dentro de un mortero de madera teniendo a la vez mucho cuidado de no triturarlas demasiado. Pues cuando más enteras quedan sus partes, tanto más tendrán su agradable olor y sabor. Pulverizados pierden ambas [condiciones]. Yo reí sobre la ignorancia de los escritores que deducen la diferencia entre la yerba de palos y la Caá miri de la diversidad de árboles, cuando ésta en realidad consiste sólo en la preparación de las hojas. Para ambas se toman las hojas del mismo árbol [...] Como esta hierba (sic) contiene en si una especie de goma, hay que cuidar mucho al tostarlo que no se reseque demasiado. Los comerciantes sueles probar su calidad de la siguiente manera. Ellos toman con los dedos una cierta cantidad y la colocan en la palma de la mano y soplan luego sobre ella lo más que pueden. Si vuela mucha yerba, no la aprecian porque, en su opinión, se tostó demasiadamente y por ello perdió su jugo y fuerza (DOBRIZHOFFER, T. I, 1967, p. 196-198).

A partir dos exemplos citados, fica claro que tanto a leitura, quanto a apropriação do lido são duas práticas que se caracterizam por sua liberdade e autonomia. No caso de Rengger, seus escritos demonstram a leitura de um número considerável de autores, cujos conteúdos são apropriados de uma maneira seletiva e distribuídos ao longo do texto, conforme os objetivos prévios do autor-narrador.

Considerando o que expusemos, podemos afirmar que, se a viagem pode ser percebida como pesquisa, ela é também exercício de leitura, isto porque a coleta e o estudo da realidade diretamente observada, geralmente, são antecedidos do ato da leitura. Este acesso indireto por meio dos escritos de terceiros – livros e manuscritos –, que anteriormente percorreram a região serve de cotejo de informações e inspiração para o viajante. Constitui-se de uma preparação para a viagem, ao mesmo tempo em que possibilita ao autor buscar aproximações e diferenças durante a elaboração da sua narrativa sobre o *Outro* e o seu espaço, oscilando entre a autoridade do citado e as correções de informações tidas como inexatas. Assumindo uma pluralidade de olhares, de informações e de representações, os relatos de viagem organizam-se de uma forma complexa, cujo resultado pode ser entendido como uma memória acumulativa sobre a realidade observada (REGUERA, 2010).

3.2.2 Da publicação às várias edições: estratégias autorais e editoriais

Conforme mencionamos no início do presente subcapítulo, o segundo elemento configurador das narrativas de viagens, proposto por Luis Albuquerque-García (2011), são os paratextos.¹³⁵ Para o autor, esses elementos

[...] componen el mosaico de las manifestaciones más conocidas del procedimiento que, como marcas paratextuales, propician la asunción, por parte del lector, de estar ante un viaje realmente realizado que se presenta en forma de relato. En suma, estas marcas actúan en cierta manera como el correlato de la factualidad del texto, de las que se sirven los autores para hacer explícita la autenticidad de su contenido (ALBUQUERQUE-GARCÍA, 2011, p. 18).

Novamente, a questão da veracidade do narrado deve ser retomada. Ainda que perpassando todo o texto de um relato, essa preocupação adquire maior notoriedade em pontos específicos das narrativas, como por exemplo, nos prefácios e nos prólogos, momentos em que os autores, segundo François Hartog (2011, p. 59), “[...] apresenta[m] e recapitula[m] seu empreendimento [...]” constituindo-se em autênticos “discursos do método” e “lugares de ‘acertos de contas’” (HARTOG apud OLIVEIRA, 2006, p. 224).

Essas características estão presentes no prólogo da obra *Ensayo Historico* de Johann Rengger e de Marcel Longchamp. Escrito integralmente pelo primeiro, nele são esclarecidos os objetivos da viagem, a temática do livro, apresentadas algumas informações sobre o contexto político da América meridional e, especialmente, do Paraguai governado por Francia, bem como um atestado da autenticidade do narrado:

Aunque yo solo publico este bosquejo [prólogo], debo sin embargo decir que el señor Longchamp ha sido testigo ocular como yo de los hechos, que de comun acuerdo se refieren. Pero la mejor garantía que podemos ofrecer de la verdad de este cuadro, es que peligraba nuestra vida si nos engañabamos sobre el carácter del doctor Francia. De este modo el cuidado de su propia existencia obliga al viajero que atraviesa los desiertos de los grandes continentes, á estudiar, aun cuando no sea naturalista, las costumbres del tigre ó de la onza (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. XII).

Dividindo a responsabilidade da escrita do texto com Longchamp, Rengger chancela a legitimidade do seu relato com o perigo que suas vidas correram ao longo dos anos que estiveram no Paraguai, alertando aos futuros viajantes, não sem certa dose de ironia, sobre a

¹³⁵ Luis Albuquerque-García utiliza-se da noção de paratexto desenvolvida por Gérard Genette (1989), que associa ao conjunto de elementos que compõem ou estão presentes em uma obra, tais como “[...] títulos, subtítulo, intertítulos, prefácios, epílogos, advertências, prólogos, etc.; notas al margen, a pie de página, finales; epígrafes; ilustraciones; fajas, sobrecubiertas, y muchos otros tipos de señales accesorias, autógrafas o alógrafas, [...]” (GENETTE, 1989, p. 11).

necessidade de se informarem sobre os governantes que estão à frente dos países que desejam explorar.

Esse mesmo cuidado pode ser observado em outros elementos que não compõem o texto em si do *Ensayo Historico*. No próprio frontispício da obra são apresentadas as credenciais dos autores: “Doutores em Medicina, membros da Sociedade Helvética de Ciências Naturais”. Já no interior do texto, encontra-se inserido um mapa da América platina – de autoria de Azara com algumas correções efetuadas por Rengger e impresso em Paris pelo gravador e editor de cartas L. H. Berthe – assim como uma cópia do passaporte que autorizava a saída dos viajantes do Paraguai. Anexados à publicação, tais documentos atuam como provas do relatado, demonstrando a política adotada por Francia em relação aos estrangeiros e a configuração geográfica e espacial da região percorrida pelos viajantes. Todos esses mecanismos, e o mesmo poderia ser aplicado à introdução que se sucede o prólogo, formam o que Gérard Genette (1989) denominou de dimensão pragmática da obra, ou seja, aquilo que possui uma ação sobre o leitor.

Estas estratégias explícitas, como define Roger Chartier (1992), podem partir tanto da escrita do autor como do próprio processo de manufatura da obra, a partir da ação de editores e de tipógrafos, cujo objetivo é, igualmente, assegurar uma leitura autorizada do texto. Pois, como afirma Chartier (1994, p. 8), “O livro [impresso ou manuscrito] sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação”. A busca por essa ordem nos remete a tensa relação, como já observa o autor, entre o texto e o seu leitor. Enquanto que o primeiro “Torna-se texto somente na relação à exterioridade do leitor [...]”, como adverte Michel de Certeau (1996, p. 266), a leitura, tanto para o referido autor, como para Chartier (1992; 1999), constituiu-se em um ato autônomo, o que, por sua vez, garante uma pluralidade de significados que não são redutíveis às intenções dos autores ou mesmo dos editores das obras. Se via de regra, a preocupação dos envolvidos na publicação de um livro é assegurar a correta interpretação da obra, no caso das narrativas de viagens, acrescentasse a essa uma segunda questão, isto é, além de realizarem uma correta interpretação, seus leitores devem acreditar naquilo que estão lendo.

O jogo estabelecido entre a liberdade dos leitores e a coerção dos textos inicia-se antes mesmo da publicação da obra, afinal, aquele que escreve, necessariamente, parte de um ideal de leitor. Rengger, por exemplo, mostra-se ciente de que apenas uma de suas obras, *Viaje al Paraguay*, se destinava a um público mais variado, na medida em que atendia aos interesses de especialistas que praticavam uma leitura criteriosa ou daqueles que se encontravam no

interior de um gabinete de pesquisa, avaliando a qualidade de suas descrições taxonômicas. Mas, ao mesmo tempo, suas páginas podiam ser lidas por um indivíduo do interior da Suíça, desejoso de entreter-se com as curiosidades e dificuldades sofridas por um europeu que se aventurou pelo interior da América do Sul.

Nesse sentido, vale observar que o texto da introdução do *Ensayo Historico* revela o entendimento de Rengger de que, “Creo necesario para la inteligencia de los acontecimientos que voy á referir, que precedan á mi relacion algunas nociones generales sobre la parte de la America del sur, que há sido teatro de ellos” (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. XXIII). No entanto, por mais que as estruturas internas do texto sejam projetadas para guiar e convencer o leitor, estas não serão suficientes frente às expectativas e aptidões das variadas “comunidades interpretativas” (CHARTIER, 1992). Como bem observou o autor, “Conduzindo ou encurralado, o leitor encontra-se invariavelmente inscrito no texto, mas este, por sua vez, inscreve-se de múltiplas formas em seus diferentes leitores” (CHARTIER, 1992, p. 215).

Os mesmos elementos se fazem presente na obra *Viaje al Paraguay*. Contudo, a morte do autor implicou em alterações significativas no projeto editorial original. O prefácio é agora assinado pelo editor e tio de Rengger, Albrecht, bem como é sua a responsabilidade pelas notas de rodapé inseridas ao longo do texto. As circunstâncias em que se dava a publicação acabaram conferindo significados distintos aqueles pensados por Rengger. As notas nos capítulos redigidos por Rengger e o mapa de sua autoria – com base em uma carta de Azara – demonstram seu esforço para assegurar a autenticidade do relatado, assim como já fizera em sua obra *Ensayo Historico*. Já para Albrecht, as notas e, especialmente, o prefácio, são espaços fundamentais para reafirmar que sua ação como editor não resultou em interferências no que Rengger projetou e escreveu.

Desconhecido como autor na Europa, Johann Rengger vivenciou o sucesso, possivelmente inesperado, de sua obra *Ensayo Historico*. Em seu estudo sobre a tradução nos primórdios da Europa Moderna, Peter Burke (2009), identifica dois princípios motivadores para as traduções: o preenchimento de lacunas na cultura hospedeira – ou seja, nos países que traduzem a obra – e a reafirmação de ideias ou preconceitos já existentes na “cultura hospedeira”. No caso de Rengger, como já vimos, o próprio autor destaca que a ausência de informações (lacunas) sobre o Paraguai o motivou a escrever o *Ensayo Historico*. Ao mesmo tempo, a obra, inegavelmente, contém elementos que se associam aos discursos que subestimam a capacidade organizativa e de desenvolvimento dos recentes Estados sul-americanos. Não obstante, o êxito editorial alcançado não deve ser desvinculado da

visibilidade e da procura que possuíam os relatos de viagem e, especialmente, o interesse que os Estados americanos passaram a suscitar nos demais países após a quebra do monopólio colonial ibérico.

No entanto, a história das traduções do *Ensayo Historico* inicia-se como uma espécie de duplo lançamento, pois, ainda no mesmo ano de 1827, o próprio Rengger traduziu os manuscritos originais do francês para o alemão, publicando-os em seguida. Sua atitude é uma clara resposta à edição original em francês, cujas interferências do editor o desagradaram, pois segundo seu tio Albrecht:

La obra está escrita originalmente en francés, pero fue traducida al alemán por el autor mismo, de modo que ambos textos pueden ser considerados como ediciones originales, sobre todo el alemán ya que la división en capítulos usada en la edición francesa y algunas modificaciones que están en relación con ella, se deben únicamente al editor (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 32).

Mudanças, acréscimos e supressões marcam a história dos livros, quer sejam estes manuscritos ou impressos. Optar por fazer a tradução ou a revisão do seu próprio livro foi uma saída encontrada por muitos autores para amenizarem as interferências de editores, tipógrafos e tradutores. De acordo com Peter Burke (2009), a maioria dos tradutores do período Moderno era formada por amadores – emigrados e refugiados – sendo poucos os profissionais dedicados exclusivamente à tradução, que podia ser realizada tanto por uma equipe, como individualmente. Todavia, destaca o autor, que a tradução desfrutava de uma ampla liberdade carecendo de recursos, como dicionários, e, principalmente, de um método, na medida em que as técnicas variavam entre a tradução palavra por palavra, sentido por sentido e aquilo que o autor denominou de “*domesticação do texto*”, cujo objetivo era disponibilizar ao leitor um texto em que nele pudesse reconhecer sua própria cultura (BURKE, 2009). Já os editores realizavam verdadeiras adaptações, com recortes, diminuições, ilustrações e simplificações, visando atender a uma clientela específica (CHARTIER, 1994). Além dos interesses comerciais, tradutores, tipógrafos e, até mesmo censores, nutriam um sentimento de responsabilidade em relação à obra a ser publicada, não se furtando de alterar a redação original, entendendo que, assim, acrescentariam qualidade à publicação (BURKE, 2009; DARNTON, 2016).

Ciente dessas interferências, Roger Chartier observa que “Os autores não escrevem os livros, nem mesmo os próprios. Os livros, manuscritos ou impressos, são sempre o resultado de múltiplas operações que supõem decisões, técnicas e competências muito diversas” (CHARTIER, 2010, p. 21). Ações como as de Rengger podem ser entendidas, portanto, como

parte da tomada de consciência dos autores de que são apenas uma parte de todo o processo de publicação de uma obra. Já no início da Idade Moderna, autores, editores e impressores, por vezes, estabeleceram relações tensas, evidenciando a fundamental distinção destacada por Chartier (1992, p. 219), “[...] entre o texto e a impressão, entre o trabalho de escrever e o de fazer o livro”. Essas partes, no entanto, deixam significativas marcas tanto no livro, enquanto materialidade, como no texto. Foi a partir da sistematização dessas marcas e de outros elementos da obra *Ensayo Historico* que elaboramos o quadro que segue.

Quadro 2 – Comparativo entre as traduções da obra *Ensayo Historico* de Rengger

Edições Detalhes	Francês	Alemão	Inglês	Espanhol	Italiano
Ano de publicação	1827	1827	1827	1828	1837
Edição	2 ^a	1 ^a	1 ^a	1 ^a	1 ^a
Tradutor	-	- [Johann Rengger]	- [“Traduzido do francês de J. R. Rengger”]	D. J. C. Pagès, intérprete real	-
Editor(a)	Hector Bossange	J. G. Cotta'schen Buchhandlung	Thomas Hurst, Edward Chance & Co.	Imprenta de Moreau	Tipografia Pirota E C.
Local	Paris	Stuttgart e Tübingen	Londres	Paris	Milão
Formato	25 cm [<i>in octavo</i>]	21 cm [<i>in octavo</i>]	22 cm [<i>in octavo</i>]	17 cm [<i>in-12</i>]	16 cm [<i>in-12</i>]
Páginas	35 [Prólogo e Introdução] 300 [Texto]	20 [Prólogo e Introdução] 168 [Texto]	16 [Prólogo e Introdução] 208 [Texto]	32 [Prólogo e Introdução] 309 [Texto]	252 [numeração sequencial]
Título	Essai Historique sur la Revolution du Parguay, et le Gouvernement Dictatorial du Docteur Francia	Historischer Versuch über die Revolution von Paraguay und die Dictatorial – Regierung von Dr. Francia. Ein Abschnitt der Reise nach Paraguay	The Reign of Doctor Joseph Gaspard Roderick de Francia, in Paraguay; being an account of a six years residence in that republic, From July, 1819 – To May, 1825	Ensayo Historico sobre la Revolución del Gobierno Dictatorio del Doctor Francia	Il Dottor Francia ed il Paraguay
Informe sobre os Autores	Doutores em Medicina,	-	[Rengger] Doutor e nativo da Suíça	Doutores em Medicina e	Doutores em Medicina e

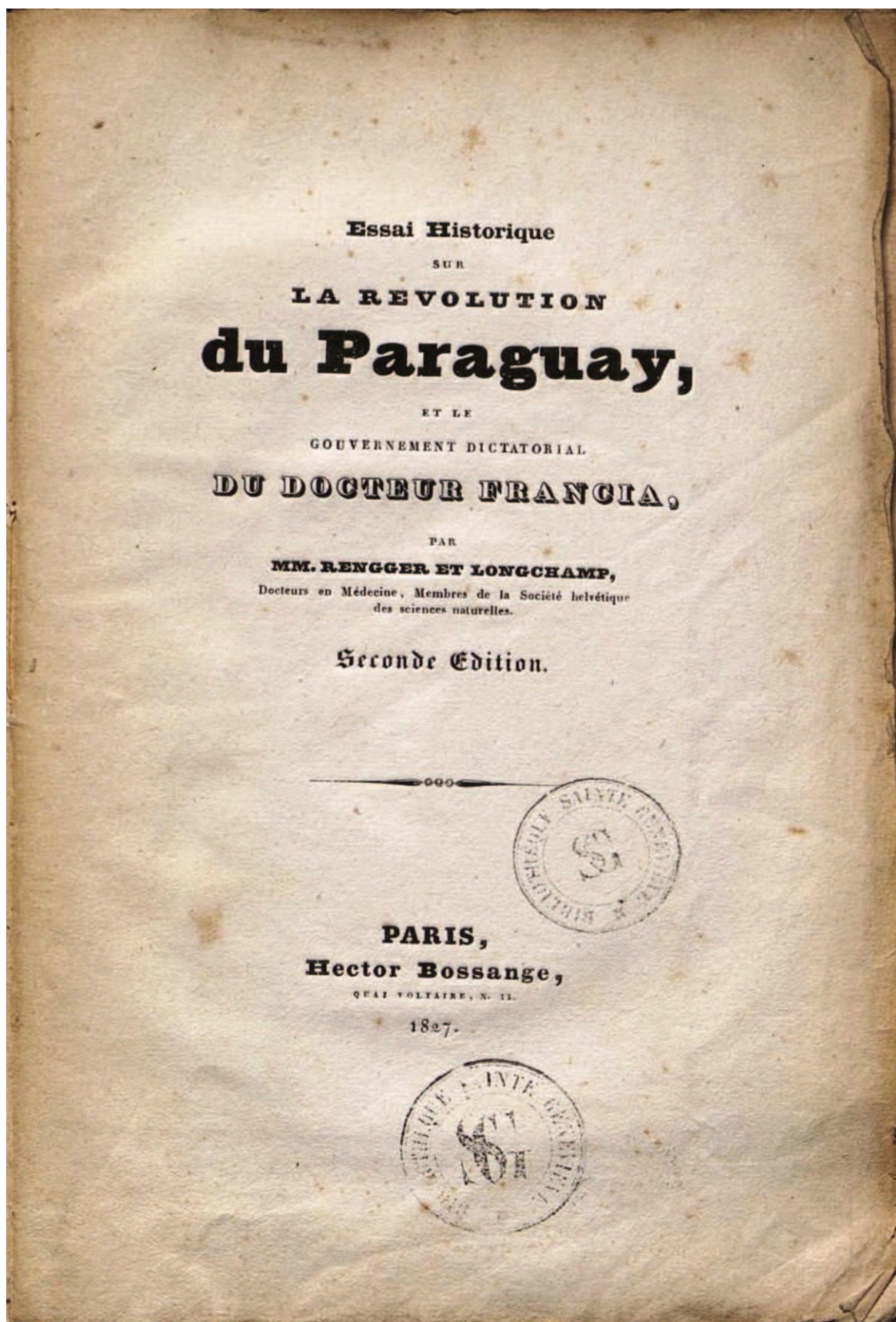
	membros da Sociedade Helvética de Ciências Naturais			membros da Sociedade Helvética de Ciências Naturais	membros da Sociedade Helvética de Ciências Naturais
Epígrafe	Sim	Sim	-	-	Sim
Índice	Ao final	-	-	Ao final	Ao final
Prólogo	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Introdução	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Capítulos	1ª Parte 16 capítulos; 2ª Parte 11 capítulos	1ª Parte; 2ª Parte	1ª Parte 16 capítulos; 2ª Parte 11 capítulos	1ª Parte 16 capítulos; 2ª Parte 11 capítulos	1ª Parte 16 capítulos; 2ª Parte 11 capítulos
Mapa	Sim	Sim	-	-	-
Anexo	Sim	Sim	-	-	Sim

Fonte: Elaborado pelo autor.¹³⁶

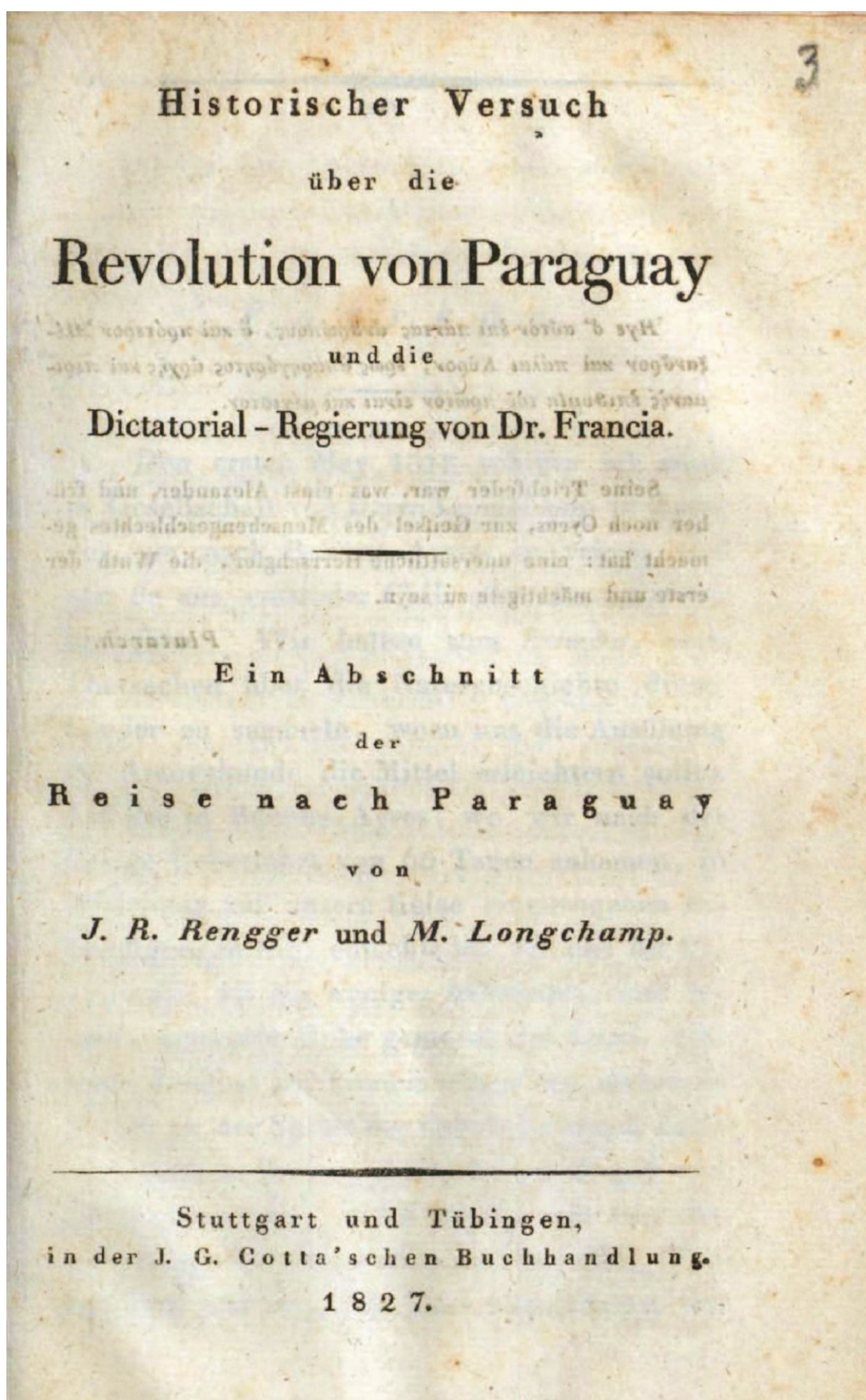
Ao compararmos as edições francesa e alemã, observa-se que o editor francês optou pela divisão em capítulos – numerados em algarismos romanos e abaixo os tópicos dos assuntos que seriam tratados. Na edição alemã, Rengger havia feito apenas a separação entre “Parte Primeira”, para tratar da independência e das ações de Francia no Paraguai, e “Parte Segunda”, para comentar sobre a estrutura de seu governo. Contudo, a vitória dos editores sobre o autor parece incontestável. Como se pode constatar, a “correção” feita e proposta por Johann Rengger não foi seguida.

O fato é que a edição francesa constituiu-se em referência para todas as demais e a própria edição inglesa fez questão de registrar em seu frontispício: “Traduzido do francês de J. R. Rengger”. A não observância das recomendações feitas por Rengger, possivelmente, esteja associada à mudança no estilo de leitura operada na segunda metade do século XVIII, destacada por Chartier (1994) e Darnton (1990). Segundo os dois autores, é possível perceber a mudança de um leitor “intensivo”, que se dedica à leitura profunda de um número reduzido e fixo de textos, em contraponto ao crescente número de leitores “extensivos”, que leem com agilidade, em quantidade e criticamente. Percebendo tal movimento, é compreensível que os editores tenham optado por uma estrutura mais ágil e organizada do texto, o que permite, inclusive, uma leitura seletiva, ao invés de uma simples divisão em duas partes.

¹³⁶ Como não dispomos do acesso físico às edições das obras para a elaboração do quadro, cabe destacar que: 1º) as informações sobre o formato das publicações foram extraídas das descrições apresentadas nos sites das bibliotecas digitais consultadas; 2º) a ausência de alguns elementos nas edições, como mapas e anexos, pode ser uma decorrência do processo de digitalização realizado.

Figura 4 – Frontispício da segunda edição em francês da obra *Ensayo Historico*

Fonte: RENGGER; LONGCHAMP (1827).

Figura 5 – Frontispício da edição em alemão da obra *Ensayo Historico*

Fonte: RENGGER; LONGCHAMP (1827).

Outro exemplo notável das interferências realizadas nas diversas edições da obra *Ensayo Historico* é encontrado precisamente em seu título. A única edição que permaneceu com o título conforme o original em francês foi justamente a publicação em espanhol, que, por sinal, foi traduzida por um intérprete real da França.¹³⁷ Na Inglaterra, a obra de Rengger e de Lognchamp, ainda que traduzida com base na edição francesa, sofreu a mais significativa interferência, ao acrescentarem o marco temporal do período em que os viajantes permaneceram no Paraguai – Julho de 1819 a Maio de 1825. Já na Itália, dez anos após o lançamento da obra em Paris, optou-se por um título sintético: “O Doutor Francia e o Paraguai”. Tais mudanças evidenciam que as traduções e edições não seguiam um padrão e, que, tampouco eram somente ações editoriais. O próprio autor, ao traduzir sua obra para o alemão, manteve o título em conformidade com a edição francesa, mas acrescentou uma interessante informação: “Uma parte da viagem ao Paraguai [*Ein Abschnitt der Reise nach Paraguay*]”. Rengger fez questão de deixar explícito no próprio título aquilo que já havia indicado no prólogo de sua obra.

Possivelmente, a boa acolhida da obra possa ter contado com a ajuda de contatos importantes – a partir de um desejo de Rengger em se firmar na República das Letras –, afinal, com exceção de Londres, todas as demais cidades em que editoras publicaram o seu relato já haviam sido visitadas por ele anteriormente. Nesse sentido, chama a atenção que a publicação em espanhol, diferentemente das demais, não ocorre no país em que o idioma é falado. Novamente é Paris quem divulga a tradução da obra, o que pode indicar que a Espanha adotou a estratégia de não divulgação de acontecimentos vinculados à perda de suas colônias americanas, ainda que a obra tecesse críticas ao governo independentista instalado.¹³⁸

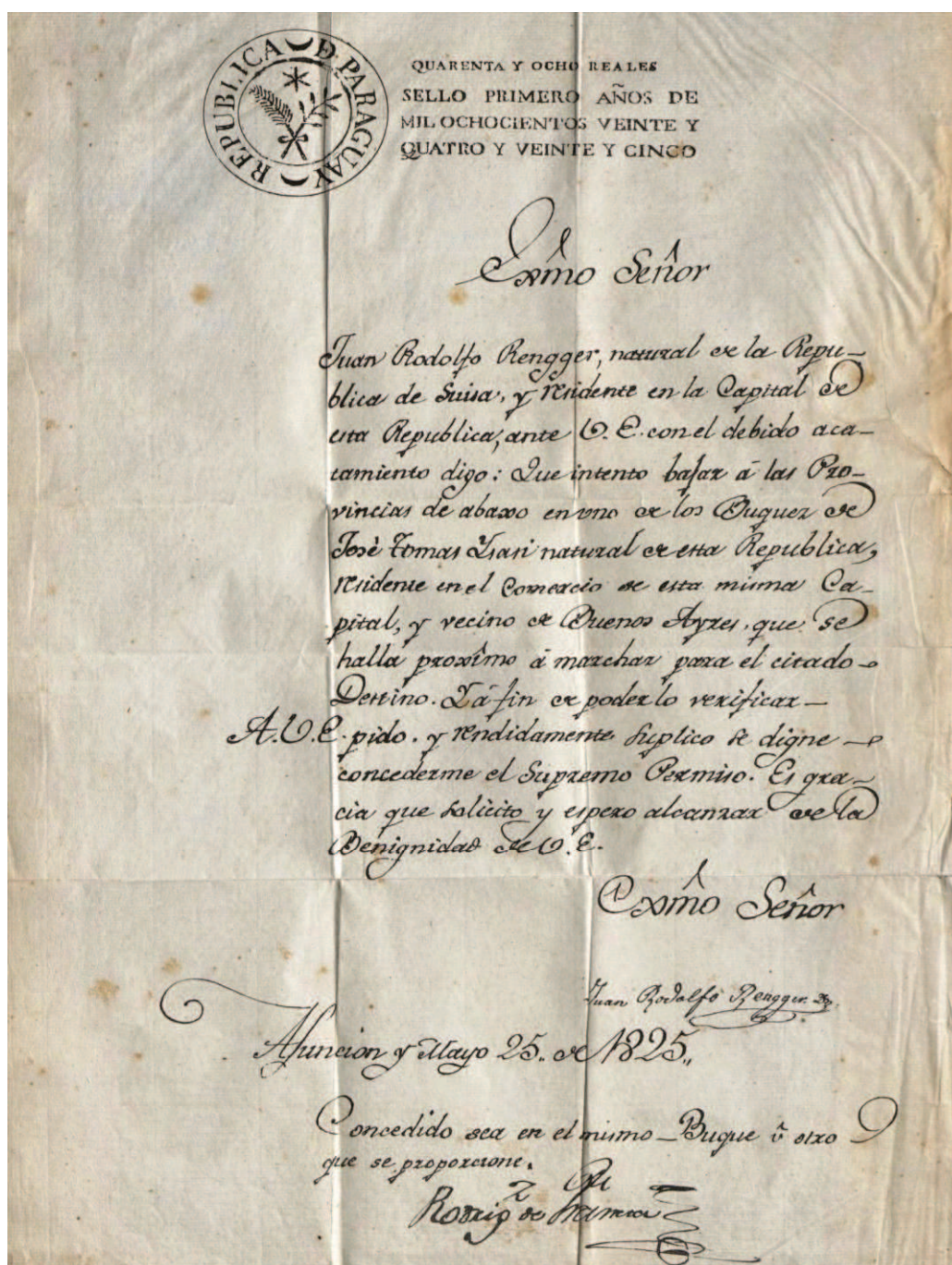
Outros elementos, tais como licenças, aprovações, dedicatórias e ilustrações não são encontradas em nenhuma das edições da obra *Ensayo Histórico*. Se, na estrutura básica do texto de Rengger e de Longchamp – prólogo, introdução, parte primeira e segunda –, não se encontram diferenças entre as edições, o mesmo não pode ser dito em relação à inserção do índice de capítulos ao final e da epígrafe na abertura da obra. Em relação à epígrafe, observa-se que ela aparece em grego e na língua da tradução. Os viajantes escolheram uma frase do

¹³⁷ Dentre todas as traduções que a obra teve esta é a única que informa o nome do responsável pela tradução.

¹³⁸ Após a derrota final de Napoleão, em 1815, o movimento de Restauração do Antigo Regime na Europa adotou a postura de não reconhecimento das independências das colônias Ibéricas na América. À época da publicação da obra de Rengger, tanto a França de Carlos X, como a Espanha de Fernando VII – em seu segundo reinado – pertenciam à casa de Bourbon. O reconhecimento internacional da independência do Paraguai iniciou-se entre as décadas de 1840 e 1850, após a realização do Congresso General Extraordinário de 25 de novembro de 1842, já no governo de Carlos Antonio López. Nesse Congresso foi redigido e selado um documento oficial a respeito da independência do país, passando-se a escolha dos símbolos nacionais (CARDOZO, 1988; GONZÁLEZ DE BOSIO, 2010).

historiador, biógrafo, ensaísta e filósofo da Antiguidade, Plutarco, que parece indicar o tom da obra: “Ele foi conduzido pelo que antes tinha sido feito por Alexandre, e ainda mais anteriormente por Cyrus, o inimigo da raça humana, por um ardente incansável de reinar, pela fúria de ser o primeiro e o mais poderoso” (RENGGER; LONGCHAMP, 1827).¹³⁹

Figura 6 – Anexo do passaporte de saída do Paraguai de Rengger e de Longchamp



Fonte: RENGGER; LONGCHAMP (1827).

¹³⁹ No original: “Il étoit mù par ce qui a fait jadis d’Alexandre, et plus anciennement encore de Cyrus, l’ennemi du genre humain, par une ardeur inextinguible de régner, par la fureur d’être le premier et le plus puissant” (RENGGER; LONGCHAMP, 1827).

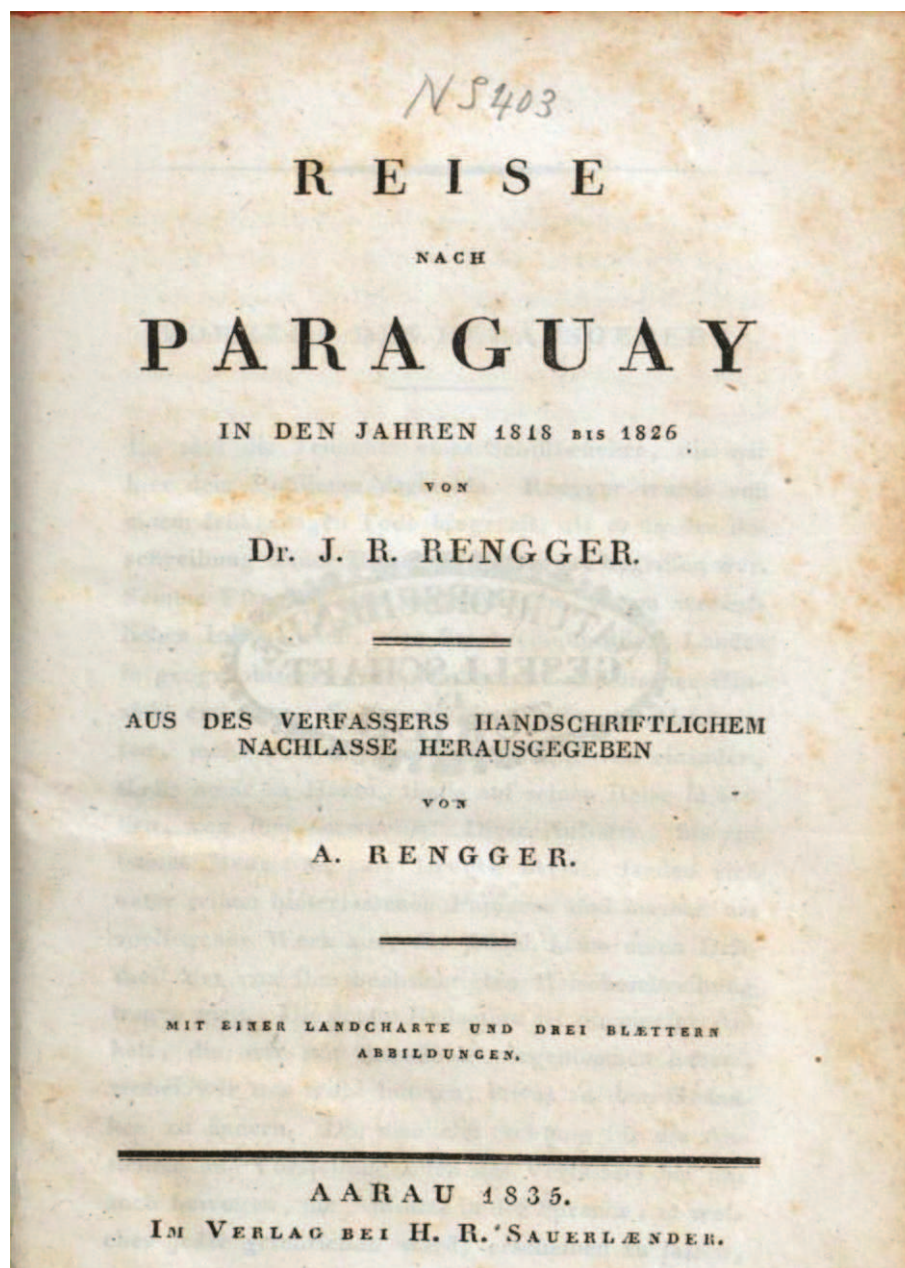
A ausência da epígrafe e do anexo nas edições inglesa e espanhola e do índice nas edições alemã e inglesa parece ter se dado mais em função de opções feitas pelos editores do que pelo formato da publicação. Já elementos que implicam em um aumento considerável dos custos de impressões, como no caso de mapas, estes frequentemente não são inseridos em edições mais compactas, como nos formatos *in-12* das edições espanhola e italiana.

Como já mencionamos, o desejo que Johann Rengger tinha de publicar sua narrativa de viagem foi levado adiante pelo seu tio Albrecht, após seu falecimento. Os esforços para publicá-la tiveram êxito em 1835, quando, por meio do editor Heinrich Remigius Sauerländer (1776-1847), na cidade de Aarau, foi impressa em *in-octavo* a obra *Reise nach Paraguay: in den Jahren 1818 bis 1826* (Viagem ao Paraguai: nos anos de 1818 a 1826). No frontispício da publicação, imediatamente abaixo do título, foi inserida a informação de que a obra era uma edição realizada por Albrecht segundo o manuscrito do autor, e que, como diferenciais, a publicação contava com um mapa e três páginas de ilustrações.

Em sua abertura, a publicação do relato de viagem apresenta uma imagem de Rengger, como uma forma de homenageá-lo, seguida do prefácio do editor e de um relato biográfico do autor, que, ao todo, totalizam 46 páginas. Seguem-se a isso, os 20 capítulos que compõem o texto e as explicações das ilustrações, que, conjuntamente, somam 495 páginas. Ao final, consta o índice, as três ilustrações e o mapa do Paraguai.

A mescla de idiomas é um aspecto interessante na narrativa de Joahnn Rengger. Há um predomínio da língua alemã, que pode ser explicado por sua família ter origem em uma região germanófona da Suíça. Com exceção dos dez primeiros capítulos e do mapa, todo o restante está escrito em alemão. Ainda que tenhamos comentado sobre as possíveis relações entre os idiomas e o público-alvo da narrativa, tal característica torna a obra bastante singular e, por consequência, suscita outra questão que é o problema da tradução. Afinal, por que não verter todo o escrito para um dos idiomas utilizados? Seria um esforço que o tio e o cunhado de Rengger não estavam dispostos a realizar? Ou resultou de uma desconfiança em relação ao trabalho dos tradutores profissionais em virtude das conhecidas alterações que realizavam? O próprio Albrecht, no prólogo, procura esclarecer este ponto: “[...] pues consideramos que el peculiar cuño espiritual que se estampa en la palabra es desdibujado en mayor o menor medida a través de la traducción a otra lengua” (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 17).

Figura 7 – Frontispício da edição original de *Viaje al Paraguay*



Fonte: RENGGER (1835).

Com domínio do francês e do alemão, Albrecht justifica o caráter bilíngue da obra, mencionando a complexa relação entre as línguas e as sociedades que as praticam por meio da fala e da escrita. No entanto, a oralidade e a escrita possuem características próprias que ultrapassam o aspecto em comum do idioma. Como adverte Peter Burke, a língua escrita é muito mais “[...] uma tradução do que uma transcrição da língua falada”, diferenciando-se da língua por possuir “[...] suas próprias regras, variando com o tempo, o lugar, escritor, potencial leitor, tópico (domínio) e, não menos importante, gênero literário [...]” (BURKE, 1995, p. 33). Dentre os desafios a serem administrados em uma tradução está a existência de

dialetos regionais e, especialmente, sociais, como por exemplo, o uso de um vocabulário técnico (BURKE, 1995). Essas situações parecem ter sido, de alguma maneira, percebidas por Albrecht, quando afirma que as palavras em seu idioma possuíam um “*peculiar cuño espiritual*”. A tradução, necessariamente, implicaria em uma adaptação, negociação do sentido dado às ideias manifestadas, gerando um temor em relação a uma possível perda de fidelidade do exposto no escrito original, atestando assim, que ela não consiste somente em um problema linguístico, mas, igualmente em um problema cultural (BURKE, 2009).

Um dos pontos altos da obra de Joahnn Rengger são as ilustrações. Respeitando os limites tecnológicos do período, as ilustrações encontram-se no início e no final da obra, configurando espécies de apêndices ao texto.¹⁴⁰ Produzidas e reproduzidas a partir da técnica da litografia,¹⁴¹ as três pranchas e a imagem de abertura do livro foram confeccionadas na oficina do litógrafo Frères Belliger, em Aarau. Já o mapa, foi impresso a partir da mesma técnica, porém, na comuna francesa de Mulhouse, pertencente ao departamento de Haut-Rhin, que faz fronteira com a Suíça. O impressor foi o renomado litógrafo Godefroy Engelmann (1788-1839), inventor da técnica da cromolitografia que permitiu a impressão em cores, técnica que, todavia, não foi utilizada em nenhuma das ilustrações e mapas que compõem as obras de Rengger, todas impressas em escalas de preto. É interessante destacar que as duas primeiras pranchas apresentam um conjunto de 23 figuras numeradas pelo autor, que assim como o texto, são cuidadosamente distribuídas para o melhor aproveitamento das páginas. Tais figuras referem-se exclusivamente às observações que Rengger fez dos indígenas do Paraguai, destacando – em perfil – os tipos físicos (rostos, seios e torsos) dos caayguás e dos tarumas e uma imagem de um índio de corpo inteiro com um plumeiro e uma cabaça nas mãos. Nesta mesma prancha e na seguinte, encontram-se instrumentos e utensílios de uso diário dos nativos, como arco e flecha, panelas, copos, facas, pratos, bolsas e adornos,

¹⁴⁰ Em relação à história da manufatura dos livros no Ocidente, Chartier nos informa que, desde o final do século XVI e início do XVII, havia “[...] uma disjunção entre o texto e a imagem: para imprimir, de um lado, os caracteres tipográficos e, de outro, as gravuras em cobre, são necessárias prensas diferentes, duas oficinas, duas profissões e duas competências. É o que explica que, até o século XIX, a imagem esteja situada à margem do texto – o frontispício abrindo o livro, as pranchas fora do texto” (CHARTIER, 1999, p. 10).

¹⁴¹ Inventada por volta de 1796, pelo ator e escritor alemão Alois Senefelder, a litografia consiste na técnica de impressão de desenhos e textos a partir da criação de marcas em uma matriz de pedra calcária com o uso de lápis gordurosos e outros elementos oleosos. Diferentemente de outras técnicas que realizam sulcos e gravações na matriz, como a xilogravura, a litografia realiza a impressão por meio do acúmulo de material gorduroso sobre a superfície da matriz, valendo-se para a fixação da gordura, da combinação com outras soluções, como a goma arábica e os ácidos acético, tânico, nítrico e fosfórico.

além da ilustração de uma choça utilizada pelos caayguás.¹⁴² Já a última prancha é toda ocupada com a figura da casa de um *criollo* paraguaio.

As mesmas considerações que fizemos sobre o *Ensayo Historico*, no que diz respeito à importância do prólogo e dos mapas como elementos que contribuem para a identificação de uma narrativa verídica, podem aqui ser feitas também quando tratamos da obra *Viaje al Paraguay*.¹⁴³ E, o maior exemplo de controle do sentido do texto pelos autores e editores está nas ilustrações. Além de dedicar um pequeno capítulo a comentários e explicações em detalhes, de todas as figuras, Rengger, no capítulo “Sobre os primitivos habitantes do Paraguai”, menciona o número da imagem que o leitor deveria olhar naquele instante. Esta orientação constituiu-se de uma evidente tentativa de dirigir o leitor na leitura do texto.

3.3 Johann Rengger: um autor sobre o Paraguai?

A última obra de Johann Rengger, *Viaje al Paraguay*, de 1835, foi planejada para ser um relato síntese de sua viagem ao país, juntamente com Marcel Longchamp. Suas publicações anteriores versavam sobre temas mais específicos, como a independência do Paraguai e o governo de Francia na obra *Ensayo Historico*, de 1827, e sobre os mamíferos, no livro *Naturgeschichte der Säugethiere von Paraguay*, de 1830. Remontamos a esse breve histórico das obras de Rengger, pois elas são os resultados daquilo que podemos identificar como um projeto editorial. Uma sequência de livros distintos, porém articulados entre si, que, em sua totalidade, formam um amplo cenário descritivo e analítico sobre o país visitado e observado pelos viajantes suíços. Para tanto, basta recordarmos a passagem já citada do prólogo da obra de 1827 dos médicos, na qual Rengger afirma que: “No entraré en ningun detalle sobre nuestra estancia en Paraguay, y sobre las ocupaciones en que nos ejercitamos, porque esto será el asunto principal de la relación de nuestro viaje (sic), y de una obra sobre la historia natural de aquel país” (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. IX). Muito mais que

¹⁴² O valor dessas imagens é destacado pelos antropólogos Bartomeu Melià, Marcos Saul e Valmir Muraro, por constituírem “[...] a primeira iconografia objetiva que jamais foi tirada desses índios, já que as raras figuras que ilustram as obras de Schmidl, Dobrizhoffer e a edição milanese de Azara (1817), assim como as que adornam alguns mapas jesuíticos, não passavam de representações secundárias elaboradas a partir de relatos mais ou menos bem interpretados” (MELIÀ; SAUL; MURARO, 1987, p. 31-32).

¹⁴³ Ainda que não tenhamos o objetivo de estabelecer comparações entre a edição original e a tradução para o espanhol de 2010 do relato de viagem de Rengger, cabe destacar que são realizadas interferências, obviamente, atendendo a motivos distintos dos exemplos até aqui analisados. Além da inserção de uma introdução à edição lançada e de notas ao longo do texto, os tradutores deslocaram o índice para o início e desmembraram as ilustrações que compunham as pranchas, distribuindo-as ao longo do texto, observando as menções feitas por Rengger no relato.

um esclarecimento sobre o enfoque da obra em questão, Rengger, já em sua primeira publicação, advertia seus leitores sobre suas futuras intenções.

A ideia de um projeto contínuo sobre vários temas do Paraguai é evidenciada em sua narrativa de viagem, de 1835. A referência às suas demais obras – sobre os mamíferos e o *Ensayo Historico*, inclusive alternando entre as edições em francês e em alemão desta última – demonstram a continuidade e o intenso diálogo que o autor procurou estabelecer entre as suas publicações. Ao mesmo tempo, *Viaje al Paraguay* deveria ser o ápice de tal projeto. Reunindo escritos redigidos ainda na América meridional, com sistematizações realizadas já na Suíça e, mesmo, ao longo de suas viagens pela Europa, Rengger deixa manifesto sua própria compreensão da totalidade de sua obra, ao aludir a outras partes da publicação, ao mapa que a integra, quando descreve a hidrografia, e, ainda, ao observar que determinados assuntos seriam aprofundados em outros capítulos.

No entanto, o precoce falecimento do médico e viajante suíço comprometeu a execução de seu projeto editorial. Em seu relato, encontramos, frequentemente, menções a assuntos que ainda seriam desenvolvidos em algum momento do texto – mas que não foram abordados –, como se observa em relação à caça às capivaras, às lontras-neotropicais e aos ratões-do-banhado, ou ainda, à escrita de um capítulo, no qual iria tratar dos índios cristianizados das antigas reduções, e, que também não foi contemplado na obra.¹⁴⁴ Seus escritos foram compilados e publicados por seu tio e editor, Albrecht, e, conseqüentemente, assumiram a dupla função de ser uma síntese de viagem e uma memória ao viajante, como se depreende da primeira frase do prólogo do editor: “Son los restos de un naufragio los que aquí ofrecemos al público”, arrematando, ao final, que “Este trabajo fue ejecutado entre dolorosos recuerdos, y en ellos nos sostuvo solamente la convicción de que el espíritu del difunto, si aún tiene conocimiento de las cosas de esta tierra, contempla con satisfacción, desde alto, nuestros esfuerzos” (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 17).

Não menos significativa é a inserção de uma litografia antes do frontispício na edição original de *Viaje al Paraguay*, na qual se observam uma imagem de Rengger e o monumento construído sobre sua tumba, em Aarau. Em destaque, vê-se uma coluna de ferro fundido partida, indicando a morte prematura, com a gravação do nome de Rengger e sua data de nascimento e óbito em alemão. Ao lado dela, seu retrato, conforme uma efígie gravada quando de sua estada em Nápoles. Uma grande quantidade de folhas e flores colocadas nas margens adorna o conjunto da imagem, enquanto que, no chão, observam-se gravadas, sob o

¹⁴⁴ De acordo com Albrecht, a obra *Viaje al Paraguay* “[...] contiene apenas una tercera parte de la relación de viaje por él proyectada” (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 17).

que parece ser uma lápide, duas tochas cruzadas, uma em descenso, a indicar a morte, e, outra levantada, a reforçar a memória do falecido e, cuja luminosidade do fogo alude à vida eterna (FILHO, 2014).

Figura 8 – Imagem de abertura na edição original da obra *Viaje al Paraguay*



Fonte: RENGGER (1835).

As imagens inseridas na abertura desta edição parecem atuar como uma forma de assegurar o não esquecimento, tanto da viagem, como do viajante, conforme nos alerta a filósofa Jeanne Marie Gagnebin,

Túmulo e palavra se revezam nesse trabalho de memória que, justamente por se fundar na luta contra o esquecimento, é também o reconhecimento implícito da força deste último: o reconhecimento do poder da morte. O fato da palavra grega *sèma* significar, ao mesmo tempo, *túmulo* e *signo* é um indício evidente de que todo o trabalho de pesquisa simbólica e de criação de significação é também um trabalho de luto. E que as inscrições funerárias estejam entre os primeiros rastros de signos escritos confirma-nos, igualmente, quão inseparáveis são, memória e morte (GAGNEBIN, 2006, p. 45).

O projeto editorial de Johann Rengger nos permite caracterizá-lo como um autor, como alguém que se dedicou a vários temas referentes ao Paraguai da primeira metade do século XIX e que, possivelmente, o tornariam uma referência no assunto. Como toda obra pressupõe um público leitor que lhe dá significado (CHARTIER, 1994), cabe o questionamento sobre aqueles que justificariam o projeto editorial de Rengger. Afinal, quem seriam seus potenciais leitores? A complexidade da questão e sua resposta esbarram nas fontes disponíveis. As diversas formas através das quais circulavam os livros – compra, doação, empréstimos, heranças, entre outras – e as dificuldades em dissociar sua efetiva leitura da simples posse, são alguns elementos complicadores, ao tentarmos identificar os possíveis leitores de uma obra. No entanto, algumas observações são necessárias.

Primeiramente, cabe destacar que a região da Europa Central – que, juntamente com a França, formava o núcleo editorial das obras de Rengger –, apesar de uma alfabetização limitada, foi palco de uma constante e significativa transformação, tanto do público leitor, como das formas de leitura. De acordo com Reinhard Wittmann (2004), ao final do século XVIII, o acesso à leitura já não era uma exclusividade dos altos estratos sociais nos Estados alemães, uma vez que ao mesmo tempo em que acentuava-se o processo de individualização da leitura e de forma silenciosa, mantinha-se o hábito da leitura em voz alta e para um conjunto de pessoas. A influência das ideias do Iluminismo também impactou no hábito da leitura, especialmente, pela crítica ao gênero das novelas que cada vez mais ganhava simpatizantes. Argumentavam os ilustrados que a leitura deveria concentrar-se em escritos laicos e mundanos, revelando-se, assim, úteis ao homem, pois, levariam à compreensão e ao pensamento crítico (WITTMANN, 2004). Apesar das constantes críticas à leitura como uma forma de entretenimento, a crescente publicação de escritos de caráter sentimental não cessou, levando em consequência, ao aumento da leitura como uma prática individualizada.

A ampliação das comunidades leitoras, ainda que identificado em variados graus e em todas as camadas sociais, favoreceu-se da consolidação de grupos sociais com disponibilidade para a prática da leitura, como burgueses e suas famílias, comerciantes e funcionários públicos (WITTMANN, 2004). Tal incremento gerou uma demanda que rapidamente foi identificada pelo mercado de livros, cuja reação percebe-se no aumento exponencial do número de editores e livreiros e, por extensão, da circulação de obras em variados formatos, como os menores e menos pesados *in-octavo* e os *in-12* que permitiam uma leitura mais confortável.

Diante desse cenário, o que se percebe é que Johann Rengger elabora seus escritos de uma forma consciente em relação ao seu potencial público leitor. Em seu capítulo sobre a caça – um dos mais interessantes sobre a perspectiva das práticas de escrita e de leitura – o médico suíço destaca que a atividade no Paraguai proporciona uma variedade, tanto de animais silvestres, como dos modos de caçá-los, em virtude da extensão do país e de sua diversidade hidrográfica e florestal. Tais considerações formam a base de justificativa do autor para iniciar seus comentários sobre a temática, afirmando na sequência que, “Es por ello que a más de uno de mis lectores no les resultará desagradable llegar a conocer detalladamente lo que a ésta se refiere” (RENGGER [1835] 2010, p. 171).

Envolta em uma polêmica secular, a caça reunia desde detratores, como a Igreja e moralistas, até defensores, como aristocratas que a viam como um esporte e, ainda, homens de ciência, que a percebiam como uma prática científica, ao final do século XVIII. (THOMAS, 1996). Portanto, longe de ser consensual, a caça era um tema de interesse. Rengger a reconhecia enquanto uma prática científica que permitia a dissecação, ainda que, não a desconsiderasse como uma atividade de lazer, como depreende-se da afirmação de que a caça da onça “[...] proporciona satisfacción, ya que está asociada com certo peligro y por ello exige valor y presencia de ánimo [...]” (RENGGER [1835] 2010, p. 171). Contudo, ao comentar as técnicas utilizadas na caça dos mais diversos animais no Paraguai, seu escrito pode ser percebido como útil tanto para caçadores, como para homens de ciência. Nesse sentido, outra passagem de Rengger é elucidativa:

Aunque parcialmente ya he indicado el modo de capturar cada especie de caza mayor en mi *Naturgeschichte der Säugethiere von Paraguay*, como dicha obra estuvo dirigida más bien a naturalistas que a un público general como es caso en estas páginas, no parece conveniente omitir aquí este tema (RENGGER [1835] 2010, p. 171).

A razão para que o viajante suíço retome aspectos tratados em suas obras anteriores deve-se ao fato de que não se destinavam ao mesmo público. Enquanto que seu livro sobre os mamíferos do Paraguai havia sido escrito para um público de especialistas – naturalistas e, conseqüentemente, interessados na caça como uma atividade científica – a sua narrativa *Viaje al Paraguay* foi projetada para leitores com interesses bastante variados, inclusive, para os entusiasmados pelo esporte de caça.¹⁴⁵ Nessa situação, podemos distinguir o livro de Rengger sobre os mamíferos do Paraguai como uma obra de História Natural, na medida em que seus outros dois escritos – *Ensayo Historico* e *Viaje al Paraguay* – podem ser apresentados como relatos de viagem. Tal processo de rotulação, que, inclusive, parte do autor, possuiu, inegavelmente, uma influência sobre os leitores, como observa Chartier (1992, p. 228), ao criar “[...] expectativas de leitura e perspectivas de entendimento [...]”, que juntamente com o gênero, assinalam “[...] ao leitor o ‘pré-entendimento’ apropriado no qual situar o texto”.

A categorização, além de oferecer indícios sobre o teor da obra e sobre como deve ser lida, é também um ponto de partida, juntamente com os potenciais leitores, para que o autor pense o seu próprio escrito, a estrutura e o conteúdo trabalhado. Com relação à importância dos leitores na composição do livro, Robert Darnton observa que:

O leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. [...] um escritor, em seu texto, pode responder a críticas a seu trabalho anterior ou antecipar reações que serão provocadas por esse texto. Ele se dirige a leitores implícitos e ouve a resposta de resenhistas explícitos (DARNTON, 1990, p. 112).

No caso da obra *Viaje al Paraguay*, temos acesso ao plano elaborado por Rengger, por meio das informações do escrito biográfico redigido por seu tio Albrecht. Apesar de destinada a um amplo público, percebe-se a opção de Rengger por tratar de temas variados, ainda que ao final do esboço tenha anotado que “La historia natural será especialmente elaborada” (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 35), em consonância com os objetivos da viagem. Tal abordagem mais técnica, encontra-se concentrada nos seis primeiros capítulos que havia projetado e, na comparação com o efetivamente publicado (Quadro 3), foram os manuscritos que receberam maior atenção de Rengger, compondo, portanto, a obra editada em 1835. Esses se constituem de descrições geográficas, como da hidrografia, do solo e do clima do Paraguai. Diferentemente dos primeiros, os capítulos referentes à vegetação e ao reino animal não

¹⁴⁵ Opinião distinta em relação aos possíveis leitores da obra *Viaje al Paraguay* é apresentada por Albrecht Rengger, que, no prólogo, ao justificar a permanência de dois idiomas na obra, afirma que, “Ya que esta obra está destinada ante todo al público alemán, y aquel sector de él que tiene la capacidad necesaria para la lectura de una relación de viaje científica y que está iniciado en la lengua francesa, nos pareció que la reunión de las dos lenguas en la misma obra no presentaba inconvenientes (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 17).

chegaram a ser redigidos pelo viajante suíço, sendo que algumas informações podem ser encontradas ao longo do relato. Em compensação, os escritos sobre os insetos, que, possivelmente formariam parte de um capítulo, foram editados como capítulos específicos.

Quadro 3 – Comparativo entre o projetado e o publicado da obra *Viaje al Paraguay*

Projetado		Publicado
Viaje de El Havre hacia Paraguay		Sobre la circunscripción del Chaco y la denominación del Paraguay
1 – Situación geográfica		Sobre la configuración y la composición del suelo
2 – Forma y constitución del suelo		Sobre los cursos de agua
3 – Curso de las aguas, fuentes, arroyos, ríos, torrentes, lagos		Sobre el clima
4 - Clima		Sobre Asunción, capital del Paraguay
5 - Vegetación		Sobre la esclavitud
6 – Reino animal		Sobre las ceremonias funerarias
7 – Habitantes primitivos		Sobre los primitivos habitantes del Paraguay
8 – Historia del país		Sobre el entierro entre los indios salvajes
9 – Población actual		Agricultura
10 – Viviendas, ciudades, aldeas, estancias, chacras		Caza
11 –	Ocupaciones de los habitantes:	Navegación fluvial
	Agricultura;	Una noche en despoblado
	Cría de ganado;	Mosquitos
	Artes y manualidades;	Hormigas, termitas
	Comercio	Acerca del modo de vida de la nigua (<i>Pulex penetrans</i>)
12 – Clero e instrucción pública		Sobre el efecto de la mordedura de las víboras venenosas sudamericanas, y el método de curación empleado por mí contra él
13 – Costumbres y usos		XVIII. Sífilis
14 – Viajes al interior del país		XIX. Misceláneas de contenido etnográfico e histórico-natural
Viaje de regreso		XX. Extracto del diario del autor

Fonte: Elaborado pelo autor.

Finalizada a parte mais específica de seu relato, Rengger concede atenção a aspectos sociais e econômicos. Projetando a realização de um inventário mais detalhado dos costumes, das atividades econômicas, ao qual se seguiriam descrições das casas, cidades e aldeias, o que se percebe é que tais temas foram trabalhados de um modo muito mais superficial do que o desejado. Tópicos específicos, com informações sobre Assunção, as relações escravistas e as cerimônias fúnebres que eram realizadas, ocupam apenas algumas páginas do relato, contrastando com a densa descrição do capítulo dedicado à agricultura e aos grupos indígenas

do período colonial paraguaio. Já com relação à viagem de ida, àquelas que foram realizadas na América meridional e à viagem de regresso à Europa, Rengger não apresentou qualquer sistematização de tais experiências.

Propondo-se a escrever e publicar um livro de sua viagem ao Paraguai, voltado para um amplo público, mas sem desconsiderar as razões que o levaram a viajar, Rengger alicerça sua estratégia na mescla entre uma escrita classificatória ancorada na História Natural e uma narrativa mais vívida a partir das experiências passadas. Como identificou Flora Sússekind (1990, p. 58), a busca por esta intensidade na escrita fez com que ressurgissem “[...] alguns *topoi* da literatura de viagens: como as tempestades, as cenas de chegada a lugares desconhecidos, as descrições de paisagens e tipos exóticos, os difíceis percursos por terra ou por mar, e os muitos naufrágios que parecem deliciar particularmente os leitores”.¹⁴⁶

A distância e o contraste entre o planejado por Rengger e o que veio a ser publicado após a sua morte não se devem apenas às ausências identificáveis, mas, sim, ao fato de que sua escrita constituiu-se de um processo não linear, em que determinadas partes foram sendo redigidas de modo concomitante. Ao mesmo tempo, cabe ressaltar que vários temas não abordados em sua *Viaje al Paraguay* estão presentes em sua obra *Ensayo Historico* – considerado pelos autores como uma primeira parte da relação de viagem –, como por exemplo, as discussões sobre as atividades econômicas, o clero, a instrução pública e os costumes dos paraguaios.

A inserção, ao final do relato, das “Miscelâneas de conteúdo etnográfico e histórico-natural” e do “Extrato do diário do autor” – ambas editadas pelo cunhado de Rengger, Ferdinand Wydler – consistem em um pouco mais de um terço de toda a obra. Essa parte substancial de todo o texto reúne anotações esparsas deixadas pelo viajante suíço, informações preliminares e registradas, muitas vezes, no próprio momento do contato com a alteridade e o seu espaço, que, portanto, não passaram pelo filtro, tanto cronológico como epistemológico, do tempo da viagem. Esse processo de amadurecimento das ideias, vale lembrar, não raro, implica em alterações entre o primeiro registro e o que vem a ser publicado. Mediado pela reflexão, o diário de viagem é a matéria-prima para o relato. A narrativa de Johann Rengger apresenta essa singular característica da concomitância de uma escrita própria do tempo da viagem com outra desenvolvida após o seu retorno.

¹⁴⁶ Certamente, essas descrições serviram a objetivos diversos, sendo um deles a demonstração do atraso das terras americanas por muitos viajantes, como destacou Mary Louise Pratt (1999), ao inseri-los no que denominou de vanguarda capitalista, como representantes do progresso europeu. No entanto, esse não nos parece ser exatamente o papel exercido por Rengger, ainda que seus escritos, como vimos, não tenham sido completamente desenvolvidos. Retomaremos essa questão a partir das suas avaliações sobre o ambiente e os tipos humanos americanos no capítulo seguinte.

Os comentários desenvolvidos sobre as passagens até aqui destacadas dos textos de Johann Rengger nos remetem à noção de “função-autor” desenvolvida por Roger Chartier (2012). Para o historiador francês, amparado nas definições de Michel Foucault, “[...] ‘a função-autor’ está fundamentalmente separada da realidade fenomenológica e da experiência do escritor como indivíduo”, sendo o seu maior desafio a construção da “[...] maneira pela qual um texto aponta para essa figura [o autor], que está fora dele e o precede”. (CHARTIER, 2012, p. 38-39). Entendemos que as referidas passagens, ao indicarem que as obras de Rengger integravam um projeto editorial e que havia a consciência de um público leitor em potencial pelo viajante, ilustram tais momentos em que o texto se dirige ao seu autor.

Nossa reflexão sobre Rengger como um autor não parte do questionamento da autoria dos seus escritos, mas, sim, sobre a relação existente entre o reconhecimento e sua consagração como autoridade no assunto tratado. Nesse sentido, a transformação da atividade literária, ocorrida na segunda metade do século XVIII,¹⁴⁷ produziu, conforme destaca Chartier (1994, p. 44), uma “nova economia da escrita [que] sugere a visibilidade plena do autor, criador original de uma obra da qual ele pode legitimamente esperar lucro”. Além das perspectivas de ganho financeiro advindas dessa mudança, é significativa a exposição do autor como um elemento importante, responsável pelo texto e, que em certa medida, lhe confere coerência e unidade (CHARTIER, 1994). No caso de *Viaje al Paraguay* de Rengger, o exemplo mais significativo da visibilidade a que é submetido encontra-se, novamente, na litografia que traz sua imagem na abertura da obra. Estratégia antiga que já se encontrava nos manuscritos dos séculos XIV e XV e nos primeiros impressos, que é, segundo o mesmo autor,

A mais espetacular dessas marcas é a representação física do autor, em seu livro. O retrato do autor que torna imediatamente visível a atribuição do texto a um eu singular é frequente no livro impresso do século XVI. Quer a imagem do autor (ou o tradutor) dos atributos reais ou simbólicos de sua arte, ou o heroifique à antiga, ou o apresente ‘ao vivo’, ao natural, sua função é idêntica: construir a escrita como expressão de uma individualidade que fundamenta a autenticidade da obra (CHARTIER, 1994, p. 53).

A vinculação dos escritos com a figura de Rengger é um esforço contínuo realizado pelo editor da obra, seu tio Albrecht. Diante da publicação do relato, a posição assumida pelo

¹⁴⁷ Citada por Roger Chartier (1994), a alteração da atividade literária refere-se à mudança que implicou que as obras deixaram de ser produzidas sob a lógica do mecenato e ingressaram na economia de mercado, culminando, assim, na identificação do livro como uma mercadoria. Essa alteração também reforçou a disputa pela propriedade comercial do escrito entre autores, editores e livreiros. Os resultados da comercialização, alegavam os autores, também lhes pertenciam, justificando, para isso, que a produção de uma obra era o resultado de um trabalho (escrita) que, inclusive, gera custos financeiros (publicação), razão pela qual, deveriam receber pela venda de seus livros (CHARTIER, 1994).

tio de Rengger é marcada por certa indeterminação: não pode ser autor da obra, pois não é o responsável pelo seu conteúdo, mas, ao mesmo tempo, sua publicação só foi possível por meio de sua ação. A condição de Albrecht assemelha-se a dos autores de obras da filosofia da natureza, como destaca Chartier, ao apontar que tais obras constroem um discurso de saber a partir de “[...] uma técnica que supõe um autor, mas um autor que aparece como editor ou compilador e não como experimentador ou como inventor” (CHARTIER, 2012, p. 107). Abrigado sob essa denominação, Albrecht apenas precisava assegurar que os escritos publicados eram de autoria de Rengger. Caso contrário, sua narrativa não atenderia à premissa básica dos relatos de viagem que é o registro por meio da autópsia, da observação e da experiência *in-loco*. Cumprida essa tarefa, Albrecht não terá problemas com a publicação: para ele, Rengger é uma autoridade pelo saber acumulado sobre o país visitado e, além do mais, possui a condição de ser testemunha ocular do que é descrito em seus escritos.

Mas essa não foi a única tarefa de Albrecht. Além desse esforço retórico contínuo para assegurar a identificação de Rengger como autor da obra, há o trabalho mais meticuloso e intenso da edição. Reunir o material publicável dentre todos os manuscritos deixados pelo médico, lê-los e ordená-los, sob uma forma coerente, além de redigir o prólogo e uma pequena biografia de Johann Rengger, foram algumas das atividades desenvolvidas por Albrecht até a publicação do relato de viagem de seu sobrinho. No entanto, enquanto editor, Albrecht também se permitiu interferir no texto por meio de notas de rodapé. Realizou pontuais esclarecimentos, como a informação de que as passagens sobre o grão turco se referiam ao milho e que o capítulo sobre as mordidas das cobras era o único que havia sido publicado anteriormente. Apesar dessas modestas interferências, Albrecht não deixou de discordar de algumas afirmações de Rengger, como, por exemplo, as feitas sobre o fenômeno da geada. Para o último, a geada no Paraguai poderia ser observada sobre os tetos das casas e nas pontas das folhas das relvas quando a temperatura à noite atingisse a marca de zero grau. Contudo, seu tio diverge disto, ao afirmar, por meio de mais uma nota de rodapé, que as plantas poderiam até estar com uma considerável camada de geada, mesmo que o ar do ambiente estivesse muitos graus acima de zero.¹⁴⁸

Entretanto os dois últimos capítulos – que formam boa parte de toda a obra – não foram editados por Albrecht, mas, sim, pelo cunhado de Rengger, o farmacêutico Ferdinand Wydler. Em tais capítulos, “Miscelâneas de conteúdo etnográfico e histórico-natural” e “Extrato do diário do autor”, o que se percebe é uma maior intervenção do editor,

¹⁴⁸ Rengger utiliza como medida de temperatura a escala Réaumur (°Ré, °Re, °R), desenvolvida em 1730 pelo físico francês René Antoine Ferchault de Réaumur (1683-1757) e que equivale a 5/4 de um 1° Celsius.

possivelmente em função do caráter de recorte e recopilação que possuem. Esta última característica é a máxima expressão do primeiro capítulo mencionado, cuja elaboração, adverte o editor, deu-se por meio de um “Recopilado de noticias que el autor había escrito – en parte en América, en parte en Europa – en hojas sueltas o como notas marginales en su ejemplar de Azara” (RENGGER, [1835] 2010, p. 247).

O diário de Rengger, certamente, foi o capítulo que mais atenção exigiu do editor. A natureza fragmentária, superficial e, por vezes, desordenada das informações contidas em tal registro demandou a inserção de uma quantidade maior de notas ao longo do texto. Observações que visaram o esclarecimento de informações, como sobre inserções feitas posteriormente pelo autor no diário, sobre as viagens autorizadas e realizadas por Rengger e mesmo sobre termos próprios da realidade americana, como a explicação do que seria um *erval*. A leitura atenta do editor de toda a produção intelectual de Rengger, especialmente, a obra *Ensayo Historico*, também chama a atenção. Quando ainda estava detido em Corrientes e limitado em suas atividades, em 16 de abril de 1819, o médico suíço fez uma espécie de digressão em seu diário, refletindo sobre a atuação da Companhia de Jesus no que se refere ao trato com os indígenas. Considerando que as ações da Ordem haviam sido, inicialmente, puras e humanitárias em relação aos indígenas, e que, em seguida, haviam se tornado opressoras, Rengger avalia que a situação havia piorado com a administração das reduções pelos espanhóis, após o decreto de expulsão de 1767. Segundo o registro do viajante, “Si no hubiera expulsado a esta orden, miles de indios que ahora viven en estado salvaje estarían, si no civilizados, al menos en camino a la civilización, en tanto que ahora están en parte vueltos al salvajismo, en parte exterminados” (RENGGER, [1845] 2010, p. 274). Diante dessa crítica atenuada, feita por alguém, que em suas obras, se notabilizou por um tom maledicente em relação aos jesuítas, o editor procura contextualizá-la para que não pareça dissonante, afirmando que: “El autor opina aquí de modo incomparablemente más favorable sobre el sistema de colonización de los jesuitas que en el ‘Ensayo sobre la Revolución de Paraguay’; pero en esa época aún no había visto ninguna misión (RENGGER, [1845] 2010, p. 274). Ainda que tenha visitado a região das antigas missões jesuíticas, e destacado o estado de decadência em que se encontravam, o relato de Rengger não deixa claro como sua observação *in loco* contribuiu para a formação de uma opinião condenatória da atuação dos jesuítas.

Não obstante, o método utilizado na elaboração do capítulo é o que melhor evidencia a interferência dos editores na obra. Ao mesmo tempo em que informa sobre as páginas faltantes do diário de Rengger, o editor confirma que o texto apresentado assim se denominou não pelas ausências já referidas, mas, sim, por uma seleção consciente que ele havia feito.

Segundo suas próprias palavras: “En los siguientes extractos ha sido omitido todo lo que fue utilizado por el autor mismo, en parte en los escritos impresos durante su vida, en parte en los artículos de la presente colección, como así todo lo que se refiere sólo a su persona” (RENGGER, [1835] 2010, p. 267). Portanto, o diário parcialmente publicado é resultado da depuração realizada tanto pelo viajante, que escolheu o que registrar, como do editor, que desconsiderou passagens do diário de Rengger que haviam sido já utilizadas em estudos anteriores e as que se referiam a assuntos tidos como pessoais do médico suíço. O editor informa, por exemplo, que passagens supressas podem ser localizadas em outros estudos, como no caso do primeiro encontro dos viajantes com Francia, sendo que Wydler recomenda a leitura do ocorrido na obra *Ensayo Historico*. As razões para tais escolhas podem indicar uma preocupação dos editores em preservar Rengger e, ainda, a intenção de não aumentar o volume da publicação e, conseqüentemente, dos custos envolvidos.

Em razão disso, o leitor da obra *Viaje al Paraguay* recebe uma publicação com inúmeras marcas: do autor-viajante, dos editores e mesmo dos responsáveis pela manufatura do livro. Para o pesquisador, os originais escritos por Johann Rengger independentemente destas interferências, podem nos revelar muito sobre sua trajetória, sua viagem e seu pensamento, como procuramos demonstrar nesta dissertação.

3.4 Repercussões do projeto editorial

Possivelmente, a boa recepção que as duas primeiras obras de Rengger tiveram, por seus distintos públicos, fez com que a publicação da *Viaje al Paraguay* tenha gerado uma expectativa quando do seu lançamento em 1835. No entanto, não foi o que ocorreu. Se, por um lado, o falecimento do autor prejudicou a escrita da obra, por outro, também não sensibilizou o público e a crítica, de modo que não localizamos registros que avaliassem criticamente ou positivamente o relato de viagem.

Diferentemente de *Viaje al Paraguay*, sua obra anterior, *Naturgeschichte der Säugethiere von Paraguay*, de 1830, recebeu elogios de dois dos mais destacados naturalistas do século XIX, Alexander von Humboldt e Charles Darwin.¹⁴⁹ O primeiro foi feito ainda no

¹⁴⁹ Charles Robert Darwin (1809 – 1882) foi um naturalista britânico, formado em Medicina e em Teologia. Interessado pela História Natural, ainda em seu período de estudos universitários, Darwin iniciou seus trabalhos como naturalista durante os cinco anos em que foi acompanhante de capitão Robert FitzRoy, em seu barco HMS Beagle, em uma expedição de mapeamento da costa da América do Sul, entre 1831 – 1836. Suas observações sobre a natureza feitas ao longo da viagem o ajudaram a desenvolver a teoria da Seleção Natural, propondo uma explicação para a origem e a evolução das espécies. Sua teoria foi publicada em 1859, no livro “*A Origem das Espécies*”, e alcançou grande notoriedade ao ser aceita pela comunidade científica.

ano de 1830, em carta de Humboldt, datada de 25 de março e reproduzida por Albrecht em seu escrito biográfico sobre Rengger:

Esta Zoología de un país tan poco conocido, es por ello una contribución tanto más importante para la Historia Natural sudamericana, por cuanto el autor, simultáneamente y con gran sagacidad, ha puesto de relieve lo anatómico, lo típico del carácter animal, lo geográfico y lo zoológico, y corregido mucho de lo que Azara y más aún, su incompetente glosador habían encubierto (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 34).

Decorridos quase trinta anos das publicações de Azara, a obra de Rengger era saudada por dar continuidade aos estudos sobre a natureza do Paraguai, ainda pouco conhecida em comparação com a de seus países vizinhos. Já o naturalista inglês reconhece o valor do livro que Rengger escreveu sobre os mamíferos, ao citá-lo 37 vezes em suas obras publicadas entre 1876 e 1890, inclusive na 6ª edição de sua respeitada *A origem das Espécies*, conforme informam Lorenzo Ramella e Patrick Perret (2011b). Os autores destacam o modo elogioso como Darwin refere-se a Rengger, em suas obras, chamando-o de “un observador metuculoso”, “un excelente observador” e “el acertado Rengger” (RAMELLA; PERRET, 2011b, p. 430).

No entanto, a obra de Rengger que alcançou maior notoriedade foi *Ensayo Historico sobre la Revolución del Paraguay y el gobierno dictatorio del Doctor Francia*, de 1827. Após varias edições e traduções na Europa, inclusive, com uma disputa entre jornais franceses e alemães para anunciá-la e publicá-la, segundo Albrecht Rengger ([1830] 2010), em 1830, a obra repercutiu também no cenário de suas descrições: a América meridional. Após inteirar-se do conteúdo da publicação, o ditador José Gaspar Rodrigues de Francia ordenou a proibição da entrada e da circulação da obra no território paraguaio, bem como a publicação e leitura pela população, através de um *bando* – espécie de édito –, no qual desqualificava o livro escrito pelos médicos suíços.

As críticas feitas por Francia à obra *Ensayo Historico* não se devem apenas às posições assumidas por Rengger em relação ao seu governo, mas, também, em relação à sua própria pessoa. Dentre os comentários mais ácidos feitos por Rengger, está aquele em que ele define Francia como alguém reservado, dedicado ao trabalho, mas apaixonado pelas mulheres e pelos jogos em seus anos de juventude, de modo que era um sujeito pouco ilustrado, sem conhecimento do mundo e de trato inflexível. Ademais Rengger, afirmava que Francia era hipocondríaco e, por vezes, demente, o que justificava com o fato de que ele tinha um irmão demente e uma irmã que sofria temporariamente do mesmo mal (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 10 – 11).

No entanto, ele reconheceria que, ao assumir o comando do país, Francia mudou sensivelmente sua conduta e hábitos. Abandonou os jogos e as mulheres, reservou-se ainda mais, passando a estudar, especialmente literatura, história, matemática e arte militar. Segundo Rengger, lia autores franceses, como os estudos médicos de Auguste Tissot e do físico William Buchan, além de possuir em sua biblioteca mapas, globos, instrumentos matemáticos e exemplares de Voltaire, Rousseau, Raynal, Rollin, Laplace, entre outros (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 30 – 31; 60). Contudo, já ao final de sua obra, Rengger afirma que o ditador possuía um humor instável que parecia obedecer às variações do vento, pois, quando soprava de nordeste, trazendo calor, umidade e chuvas, Francia tinha constantes acessos de raiva, o que não se percebia quando o vento vinha do sudeste, trazendo ar seco e frio, e animando o ânimo do ditador (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 297 – 298).

Proibida a leitura da obra no Paraguai, não tardou para que a decisão ganhasse as páginas de um jornal de Buenos Aires. Apesar de carecer de uma comprovação, os autores Alfredo Boccia Romañach e Alfredo Boccia Paz (2011, p. 101) afirmam que o *bando* chegou a Buenos Aires por meio de um membro da família Machaín, históricos desafetos de Francia e com quem Rengger estabeleceu contatos e amizade. Certamente, não faltavam pessoas interessadas em criticar e fazer oposição ao ditador, o fato é que o escrito foi entregue ao editor do jornal *El Lucero – Diario político, Literario y Mercantil*, fundado e também editado por Pedro de Angelis, em Buenos Aires.¹⁵⁰

Na edição do periódico de número 273, que circulou no sábado, dia 21 de agosto de 1830, foi publicado na seção *Interior* o artigo intitulado “*Apuntamientos hechos a la obra de los señores Rengger y Longchamp, titulada: ‘Ensayo historico sobre la revolución del Paraguay, y del gobierno dictatorial del Dr. Francia’*”. Apesar de o texto não ter sido assinado, sua autoria foi atribuída ao próprio Francia, uma vez que na edição anterior já havia

¹⁵⁰ O jornal *El Lucero – Diario político, Literario y Mercantil* foi fundado em 07 de setembro de 1829, em Buenos Aires, e circulou até o dia 31 de julho de 1833. Com edições diárias de segunda-feira a sábado, o periódico alcançou a marca de 1.121 números publicados. Suas atividades cobrem, portanto, um período de intensa efervescência política na Argentina, que vai desde a queda do governo de Bernardino Rivadavia (1780 – 1845), em 1827, até a consolidação de Juan Manuel de Rosas (1793 – 1877). De acordo com Andrés Felipe Serrato (2016), foi o primeiro grande projeto jornalístico do napolitano Pedro de Angelis (1784 – 1859), que havia chegado a Buenos Aires em 1827, a convite de Rivadavia, após um encontro entre ambos em Paris, em 1826. Conforme o estudo do autor, o jornal *El Lucero*, editado por De Angelis, trazia em suas páginas uma forte influência das ideias da Ilustração, bem como a defesa dos princípios do federalismo e um discurso voltado para o fim das guerras civis, da instabilidade política na região e da construção de um Estado (SERRATO, 2016). Jornalista e historiador, De Angelis ainda alcançou destaque como um importante intelectual na Argentina, dedicando-se a trabalhos autorais e à compilação de documentos, como os seis tomos de sua “*Colección de Obras y Documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Río de la Plata*”. Sua trajetória também ficou marcada por auxiliar na difusão das ideias propagadas pelo governo de Juan Manuel de Rosas.

sido noticiado que “En el número próximo, insertaremos las observaciones del mismo Sr. Dictador Francia sobre el *ensayo histórico del Paraguay*, de Rengger y Longchamp” (*EL LUCERO*, Nº 272, 20 Ago. 1830, capa). Mais do que uma refutação da obra em si, o escrito caracteriza-se por uma série de acusações e difamações aos médicos suíços, especialmente, a Rengger, e, notadamente, guarda uma enorme semelhança com um documento administrativo, de 19 de julho de 1830, no qual Francia também discorre negativamente sobre a atuação de Rengger no Paraguai.¹⁵¹

Nos *Apuntamientos*, Francia destaca a associação de Rengger e Longchamp com os espanhóis residentes no Paraguai envolvidos no esforço de desacreditar o governo diante da população, levantando, inclusive, a suposição, a partir de duas cartas de Rengger, que foram confiscadas quando já estava em Buenos Aires, em 1825, que o viajante disseminava intrigas entre os paraguaios e os portenhos.

Ao referir-se a Rengger, Francia o descreveu como *falsário, desafortado, bárbaro, infame impostor e ateuista* – aludindo a sua origem familiar calvinista –, mas a crítica mais contundente diz respeito à prática médica do viajante que, prontamente, conforme o mesmo documento,

[...] se ocupó en envenenar á los patriotas que se le ofrecían. Entre otros el tesorero [Juan Francisco] *Decoud*, luego que tomó su brebaje, cayó en agonías mortales, retirándose desde el mismo instante aquel malhechor, sin querer volver á verlo, ni aun con repetidos llamamientos. En dos meses que asistió al cuartel de Pardos, despachó á mas de veinte de ellos, por lo que fue echado de allí, y entonces cesó la mortandad (*EL LUCERO*, Nº 273, 21 Ago. 1830, capa).

Responsabilizando Rengger por debilitar fisicamente os cidadãos paraguaios, com seus procedimentos médicos, Francia afirma que a população logo passou a chamá-lo de *Juan Rengo*, e que, por ocasião de sua partida de Assunção, pessoas gritaram do porto em direção à sua embarcação: “*Adiós pildora, adiós purga, adiós veneno*” (*EL LUCERO*, Nº 273, 21 Ago. 1830, p. 2).

Seu retorno à Europa, aliás, teria resultado do não atendimento de seu desejo de casar-se com Angela Recalde, filha do reconhecido espanhol Antonio Recalde. O casamento não teria sido aprovado pelo ditador, pois os casamentos de estrangeiros com cidadãos do país se encontrava proibido. Diante da impossibilidade, Rengger teria acentuado suas ações infames

¹⁵¹ Trata-se do “*Auto relativo al inventario de bienes de la sociedad de Juan Pérez Bernal y Alejandro García*”, que, possivelmente, pela diferença de um mês entre a publicação dos “*Apuntamientos*”, já havia sido redigido pelo ditador sob o impacto da leitura da obra de Rengger.

contra os paraguaios e, especialmente, contra o ditador, e sua obra *Ensayo Historico*, segundo Francia, seria o símbolo de sua maldade:

[...] cuyo objetivo esta visto que ha sido formar disimuladamente un libelo dirigido á minar la reputación del Dictador, pero este disparatado y despreciable folleto debería mas bien llamarse *Ensayo de mentiras*; por que sin exageración puede asegurarse que tocante al Paraguay y su gobierno casi no contiene cosa verdadera. Aun aquello en que hay algun fondo de realidad, todo se desfigura, se transforma, se disfraza y se reviste con ficciones; de modo que conduzca al intento de desconceptuar al Dictador, callando y ocultando con conocida malicia y mala fê todas las cosas y hechos mas substanciales e importantes y todo lo que no puede cuadrar con este plan (*EL LUCERO*, N° 273, 21 Ago. 1830, p. 2).

Alegando que Rengger havia inventado as conversas que havia mantido com ele e que se encontravam transcritas na obra, ele sustenta que estas eram formadas por “[...] cuentos forjados al paladar de Europa” (*EL LUCERO*, N° 273, 21 Ago. 1830, p. 2), Francia conclui, afirmando que o viajante “[...] salido de la montañas y breñales de la Suiza, por su perversidad y queriendo figurar y darse importancia, se entromete brutalmente con el gobierno del Paraguay” (*EL LUCERO*, N° 273, 21 Ago. 1830, p. 2).

Encontrando-se distante e desconhecendo a polêmica em que seu nome havia sido envolvido, Rengger contou com uma rápida defesa. Seis dias após a publicação dos *Apuntamientos* pelo jornal *El Lucero*, na seção “*Comunicados*” foi divulgada uma carta dirigida ao editor do periódico, que replicava as acusações feitas por Francia à obra e aos autores do *Ensayo Historico*. Após convencer-se de que a autoria do escrito era realmente de Francia, o autor solicitou que “[...] séame permitido ofrecer por medio de su periódico algunas observaciones en favor de unos amigos y compatriotas, quienes por el escrito citado se hallan cruelmente ofendidos en su honor y reputación” (*EL LUCERO*, N° 278, 27 Ago. 1830, p. 3).

Concentrando-se em contestar os argumentos apresentados nos *Apuntamientos*, o autor da carta afirma que, apesar de nunca ter estado no Paraguai, teria lido o *Ensayo Historico* e que, se este continha erros em suas informações históricas e estatísticas, o ditador “[...] debia haber procurado contestar com argumentos, en lugar de vomitar denuestos e insultos contra las personas de sus autores” (*EL LUCERO*, N° 278, 27 Ago. 1830, p. 3). Da leitura da obra, segue, ainda, o autor da carta, não era possível identificar qualquer indício do desejo de Rengger em contrair matrimônio com a filha de Antonio Recalde, bem como de que tenham os paraguaios reprovado sua atuação médica. O mesmo se percebia em Buenos Aires, onde os médicos suíços haviam “[...] tratado á muchos vecinos de esta capital, y han sido acojidos amistosamente en varias casas respetables [...], razão pela qual põe em dúvida as supostas

afirmações de Rengger sobre a cidade escritas nas duas cartas violadas pelas autoridades do país (*EL LUCERO*, Nº 278, 27 Ago. 1830, p. 3).

Valendo-se da ironia em vários momentos, o defensor de Rengger, diante de tantas acusações feitas aos médicos suíços, questiona a leniência das autoridades, que, inclusive, permitiram-lhes a saída do país: “[...] estrañando solamente que por tales hazañas, que en cualquier pais merecen castigo, el supremo árbitro del Paraguay desde el principio no *se haya visto precisado á hacerle justicia*, lo que por otra parte como todos saben, allá no presenta mayores dificultades” (*EL LUCERO*, Nº 278, 27 Ago. 1830, p. 3). Convencido de que as acusações feitas por Francia não passavam de mentiras, decorrentes da sua leitura deformada do *Ensayo Historico*, cujas páginas teriam revelado “[...] á los ojos del mundo el secreto del Paraguay [...] [e] la misteriosa administración de aquel pais” (*EL LUCERO*, Nº 278, 27 Ago. 1830, p. 3), o autor afirma que:

Sé positivamente que á su salida del Paraguay, el dictador no tenia queja ninguna contra ellos, y me consta igualmente que los dos compañeros suizos, agradecidos de su procedimiento para con ellos, le mandaron desde Buenos Aires en obsequio un cuadro con el retrato de Napoleon, acompañado de una carta que he leído, y concebida con los términos mas respetuosos (*EL LUCERO*, Nº 278, 27 Ago. 1830, p. 3).

Por apresentar uma consistente defesa dos médicos suíços, a quem chama de amigos e compatriotas, referindo-se a situações de um convívio bastante próximo, a carta instiga nossa curiosidade em relação ao seu provável autor. O misterioso autor, no entanto, assina como “Un Suizo”, e, no penúltimo parágrafo fornece algumas informações, ainda que bastante inconclusivas:

Finalmente debo decir que conozco á *Rengger y Longchamp*: el primero es amigo mio desde muchos años, y á ambos he visto y hablado diariamente aquí á su vuelta del Paraguay; son de buena familia y han recibido una educación distinguida; no pueden de ningun modo merecer los conceptos con que trata presentarlos ante el público S. E. el Dictador (*EL LUCERO*, Nº 278, 27 Ago. 1830, p. 3).

Somente na segunda metade do século, em 1868, é que o advogado, literato e historiador argentino Ángel Justiniano Carranza (1834 – 1899) afirmou, em uma publicação,¹⁵² que a defesa de Johann Rengger e de Marcel Longchamp havia sido escrita por

¹⁵² Toda a polêmica envolvendo a acusação feita por Francia à obra *Ensayo Historico* e o artigo publicado em sua defesa, na sequência, foi retomado por *La Revista de Buenos Aires. Historia Americana, Literatura y Derecho*, em seu número 58 de fevereiro de 1868, em artigo publicado na seção “*Descripción Historica de la Antigua Provincia del Paraguay*”. Além da republicação dos escritos do jornal *El Lucero*, foram acrescentadas informações biográficas de Rengger e outros quatro documentos do período de Francia no governo do Paraguai, mezclados com alguns comentários de Carranza. Neles, podemos observar elogios à obra dos médicos suíços e

César Hipólito Bacle.¹⁵³ Litógrafo de profissão e um dos pioneiros dessa atividade em Buenos Aires, Bacle (1794 – 1834), de fato, era suíço, natural da cidade de Versoix, do cantão de Genebra, onde pode ter conhecido, ainda que fossem originários de regiões distintas, a Johann Rengger, como por ele afirmado. No entanto, considerando como verdadeira a autoria proposta por Carranza, o reencontro de Bacle com Rengger não deve ter ocorrido em Buenos Aires, pois o primeiro chegou à cidade apenas em 1828, dois anos após o retorno do médico suíço à Europa. Em vias de publicar sua primeira obra, Rengger, possivelmente, deve ter procurado litógrafos pela Europa para a impressão do seu mapa, ocasião em que pode ter mantido contato com Bacle e narrado suas aventuras e desventuras pelo Paraguai de Francia.

Não obstante a incerteza quanto à autoria da carta enviada ao editor, as duas publicações do *El Lucero* trazem novas informações sobre a passagem de Johann Rengger pela América meridional e sobre suas obras posteriormente publicadas. No entanto, a procura por fontes nos arquivos de Assunção acabou por não revelar documentos que pudessem corroborar as acusações feitas por Francia, as críticas feitas à cidade de Buenos Aires, o descontentamento com o trabalho de Rengger como médico de tropas ou mesmo uma solicitação para contrair núpcias com Angela Recalde. O único documento que localizamos, e que se relaciona com a polêmica desenvolvida, corrobora o já citado pela defesa feita a Rengger, isto é, de que ele teria enviado uma carta ao ditador. Em correspondência a Francia, o Delegado da Villa de Pilar de Ñeembucú y Curupayti (Pilar), comandante Juan Tomás Gill informa que:

Exmo Señor.

Ayer a las siete dela noche llegó José Perez Canario venido de Buenos Ayres embiado por Yzazi [José Tomas Ysaci] en una Falua, con cinco Paraguayos un Portuguez de Marinero, y de Pasajero un Aleman cuyas Licencias y Guias remito à V. E. como tambien dos Oficios para V. E. uno de Yzazi y otro de Juan el Suiso, y un lio grande de Papeles rotulado tambien para V. E. de dho [dicho] Yzazi, y cinquenta Cartas Particulares, una de dhas [dichas] Cartas ès dirijido para mi, del predicho Yzazi segun me dice el Perez, traher dos pequeños vultos con Caxon, y un lio de Lienzo como de quarta rotulado para esta Comandancia (TOMÁS GILL, 11 Nov. 1825, fl. 21).

críticas severas à administração de Francia, responsável, segundo o autor, por “[...] actos de refinada crueldad y salvajismo de una administración teocrática-política, única quizá en los anales de la humanidad” (*LA REVISTA DE BUENOS AIRES*, Ano VI, Nº 58, Fev. 1868, p. 190). Deve-se observar que a retomada desse assunto e as críticas que com ele vieram podem estar relacionadas com o momento de ruptura diplomática ocasionada pela Guerra do Paraguai (1864 – 1870) entre as forças da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) e do Paraguai, bem como com as primeiras impressões do *Ensayo Historico* na América meridional que datam de 1846, em Montevidéu e de 1862, em Assunção.

¹⁵³ O uso de um pseudônimo por Cesar Bacle pode estar relacionado com o fato de ele ser um desafeto do governo de Rosas e, por adotar uma postura crítica ao governo de Francia, diferentemente da política praticada pelo caudilho argentino. Apesar da relação entre o Paraguai e a Argentina ter sido marcada por episódios de tensão no período de Francia, Rosas, ao longo de seus governos, não infligiu ataques ou sanções ao governo paraguaio (CARDOZO, 1988).

Este primeiro parágrafo da carta de Tomás Gill a Francia, de 11 de novembro de 1825, aproximadamente um mês depois da partida de Rengger de Buenos Aires, confirma que, efetivamente, houve um último contato epistolar entre ele e o ditador, ainda que não tenhamos conhecimento sobre o seu teor.

Assim como não é de todo impossível que Rengger tenha presenteado Francia com um retrato de Napoleão Bonaparte. Pois, o próprio médico suíço confirma, em seu *Ensayo Historico*, que em seu primeiro encontro com o ditador do Paraguai, colocou propositalmente uma imagem do imperador francês em sua carteira, com o intuito de agradar a Francia, quem “[...] lo tomó, y miró com mucho interes cuando supo quien era” (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 57). Tanto que, ao sair do seu gabinete, Rengger deixou o retrato sobre a mesa, o qual foi devolvido ao viajante por um oficial devido à política de não aceitação de presentes por parte de Francia. Houve, na sequência, uma proposta de compra do retrato, que Rengger não aceitou, por se tratar apenas de uma insignificante imagem, mantendo consigo o retrato (RENGGER; LONGCHAMP, 1828).

Após quase três meses da polêmica que envolveu a obra *Ensayo Historico* e que movimentou a imprensa bonaerense, os *Apuntamientos* de Francia ao livro de Rengger e de Longchamp ganharam as páginas do jornal inglês *The Times*, na edição do dia 06 de novembro de 1830 (RENGGER, A. [1835] 2010). Informado sobre a publicação, Johann Rengger, segundo relato de seu tio, “[...] se conformó con enviar el testimonio – en lugar de una refutación – de los habitantes de Paraguay, quienes pronto, devueltos a la libertad, deberían pronunciarse por él o por el Dr. Francia” (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 33). De acordo com seu tio, o médico suíço não adotou um tom mais rigoroso em sua reação, porque temia uma possível perseguição aos amigos que haviam ficado no Paraguai. Sua resposta, publicada na edição do dia 18 de dezembro de 1830, resultou em um pedido formal de desculpas do editor do jornal, face à divulgação de um artigo com críticas tão veementes à obra e ao médico suíço (RENGGER, A. [1835] 2010).

No próximo capítulo, nos deteremos nos comentários que o médico-viajante fez sobre a população paraguaia e sobre sua geografia, natureza e atividades produtivas.

4 CENAS PARAGUAIAS: NATUREZA E SOCIEDADE

Censúrese, pues, si se quiere, esta poesía descriptiva que tiende á aislarse y á formar un género á parte, pero no se confunda con ella el serio esfuerzo que han intentado en nuestros días los observadores de la Naturaleza para hacer comprensibles por medio del lenguaje, es decir, por la fuerza inherente á la palabra pintoresca, los resultados de su fecunda contemplación. ¿Por qué despreciar un medio que pone á nuestra vista la imagen animada de las remotas regiones exploradas por otros, y nos hace experimentar una parte del goce que causa á los viajeros la contemplación inmediata de la Naturaleza? Hay gran sentido en la expresión figurada de los Arabes: ‘La mejor descripción es la que convierte en ojos los oídos’ (HUMBOLDT, 1874, p. 69).

O período em que Johann Rengger permaneceu no Paraguai é marcado por várias incursões no território com o objetivo de melhor conhecer a fauna e flora do país. Partindo de Assunção, cidade em que residiu a maior parte do tempo, suas viagens de exploração seguiram vários rumos e destinos, conforme as autorizações que recebia do governo de Francia. Se, por um lado, se encontrava limitado em seus deslocamentos, por outro lado, seu *olhar* não se limitou aos objetos de interesse de um naturalista que percorre o espaço do *Outro* mantendo uma relação com estes indivíduos e seu meio. Seus registros comprovam que suas observações possuíam uma forte influência do ambiente cultural europeu do início do século XIX. Ideias que se encontravam presentes e difundidas em escritos de outros naturalistas, de médicos, de filósofos, religiosos e demais autores, muitos dos quais, igualmente, marcados pela experiência da viagem.

Nesse capítulo, nos detemos nas avaliações de Rengger sobre a paisagem e os habitantes do Paraguai e, em especial, das relações que estes mantinham com seu meio natural. Adiantamos que analisamos estes registros à luz do contexto cultural europeu do período, marcado por teorias estéticas e científicas, como a da degeneração da América e mesmo a sua valorização por correntes tributárias do Romantismo.

4.1 Nos domínios da alteridade: presença, encontros e teorias

As narrativas de viagens, enquanto produtos de deslocamentos físicos e de encontros entre culturas díspares, constituem-se em evidência concreta da expansão tanto geográfica como cultural da Europa sobre outras partes do globo. Deixando suas terras de origem, viajantes aportaram nas mais diversas regiões da Ásia, da África e, finalmente, da América, sem, no entanto, abandonarem seu arcabouço cultural, relatando após seu retorno as suas experiências com a alteridade e com os distintos ambientes naturais que conheceu. Esse esforço de tradução do desconhecido ocorre, na maioria das vezes, em detrimento da cultura e

da tradição das sociedades observadas. Neste caso, o autor tem o controle do sentido sobre o *Outro* que descreve e a tradução implica em um pacto firmado entre o autor e o leitor: será a cultura de ambos a régua para a tradução, o parâmetro para a inteligibilidade do desconhecido (CERTEAU, 2011). Distantes de uma descrição neutra, os relatos de viagens se constituíram em discursos produzidos sobre a América, que, investidos de uma autoridade sobre o narrado, tiveram uma considerável influência nos rumos tomados no continente tanto em termos políticos, econômicos, quanto sociais e culturais.¹⁵⁴

Elaboradas por viajantes europeus, as narrativas de viagens sobre a América estruturaram-se por meio de distintos e concomitantes olhares ao longo do período Moderno. Segundo Wilton Carlos Lima da Silva (2003), tais olhares transitaram entre o medieval, evidenciado na descrição edênica das terras descobertas; o mercantilista, atestado na procura das riquezas; o renascentista, presente no interesse e no engrandecimento do saber e o racionalista, ordenador e classificador do meio ambiente e empenhado no seu uso pragmático. Independentemente do *olhar* que norteou os vários relatos escritos sobre a América, dois temas certamente monopolizaram as atenções dos seus autores: o homem e a natureza americana. Os americanos, especialmente, os índios, desde logo, assumiram uma centralidade no discurso europeu. Envolto na justificativa conquistadora e colonizadora da conversão e da evangelização dos índios, suas qualidades físicas e morais foram objeto de discussão. O próprio papa Paulo II, em 2 de junho de 1537, por meio da bula “*Sublimus Dei*”, pedia que os índios e suas propriedades fossem respeitados, além de ratificar que os nativos americanos possuíam alma. Poucos anos depois, a polêmica sobre a liberdade ou a escravidão natural dos indígenas suscitou um intenso debate em Valladolid entre o frade dominicano Bartolomé de las Casas,¹⁵⁵ defensor dos índios, e o clérigo Juan Ginés de Sepúlveda,¹⁵⁶ adepto da

¹⁵⁴ Não podemos deixar de registrar a importância do estudo de Edward Said (2007), que, em sua obra *Orientalismo*, destaca de modo sagaz como o conhecimento sobre o Oriente foi elaborado e imaginado pelo Ocidente pós-Iluminismo, especialmente, pela hegemonia cultural europeia. Segundo o autor, “[...] o Oriente não é um fato inerte da natureza. Ele não está meramente *ali*, assim como o próprio Ocidente tampouco está apenas *ali*. Devemos levar a sério a grande observação de Vico de que os homens fazem a sua história, de que só podem conhecer o que eles mesmos fizeram, e estendê-la à geografia: como entidades geográficas e culturais – para não falar de entidades históricas –, tais lugares, regiões, setores geográficos, como o ‘Oriente’ e o ‘Ocidente’, são criados pelo homem. Assim, tanto quanto o próprio Ocidente, o Oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, um imaginário e um vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, portanto, sustentam e, em certa medida, refletem uma à outra” (SAID, 2007, p. 31).

¹⁵⁵ O frade dominicano espanhol Bartolomeu de las Casas (1474 – 1566) notabilizou-se pela defesa dos indígenas e pelas contestações ao regime da *encomienda*, que regulamentava a coleta de impostos e o regime de trabalho compulsório dos indígenas. Após a sua vinda à Nova Espanha, Las Casas iniciou um movimento junto a Corte espanhola pela realização de uma colonização pacífica dos índios que não foi bem aceita na metrópole e tampouco na colônia.

¹⁵⁶ Juan Ginés de Sepúlveda (1489 – 1573) foi um importante filósofo espanhol quinhentista. Após o seu doutoramento, em 1519, ingressou na Ordem dos Dominicanos, onde iniciou a divulgação de suas ideias, com

inferioridade natural dos nativos americanos. Ainda que secundária frente a estes intensos debates, a natureza americana não foi esquecida. Presença certa nas páginas dos primeiros cronistas e dos viajantes, foi, invariavelmente, associada ao Éden.

Esses dois temas retornariam com toda força à pauta das principais discussões europeias da segunda metade do século XVIII, reverberando, inclusive, na América, como se constata na “polêmica do Novo Mundo”.¹⁵⁷ Segundo Luciana Murari:

A inserção do novo continente nos processos lógicos europeus produziu uma visão crítica que acentuou o orgulho das conquistas da civilização europeia, frente às quais a natureza e a sociedade americana passavam a ser avaliadas. Esta polêmica foi substancialmente condicionada pela autoconsciência europeia de seu próprio valor como civilização, valor este assumido como universal, e que adquiria frente aos demais povos um sentimento missionário, conquistador (MURARI, 2009, p. 57).

Ainda que a reflexão sobre as outras terras e seus habitantes fosse comum em outros tempos históricos, em nenhum momento tal discussão alcançou tamanha relevância e consistência, deixando de ser meras e esparsas avaliações de viajantes, para assumirem uma forma coerente e científica por meio da pluma de Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon, em sua obra *Histoire Naturelle*, cujos 44 tomos foram publicados entre 1749 e 1789 (GERBI, 1996).¹⁵⁸ Neles, Buffon registrou que os animais da América seriam inferiores aos do Velho Mundo, já que não existiam no novo continente os grandes animais, como os leões e os elefantes, mas apenas pumas e antas, sendo que os animais domésticos oriundos da Europa atrofiavam-se. Enfim, apresentava o ambiente americano como hostil ao desenvolvimento da fauna, sendo que, segundo ele, tampouco os americanos sabiam tirar proveito e dominar a natureza em seu favor. Toda essa condição infausta da América devia-se a sua condição de imaturidade e, ao mesmo tempo, decadente, uma terra que recém havia emergido das águas do mar e que, ainda encharcada por matérias pútridas, era apenas favorável ao desenvolvimento de pequenos e inferiores organismos, tais como os insetos. Não bastasse a assimilação de que os grandes animais seriam superiores, Buffon apropriou-se do entendimento aristotélico de que o estável seria igualmente elevado, logo tudo o que mudava e variava seria, por extensão, decaído (GERBI, 1996).

base no pensamento aristotélico, sobre a legitimidade do domínio cristão europeu frente aos povos muçulmanos e americanos considerados, então, como inferiores.

¹⁵⁷ Termo criado pelo italiano Antonello Gerbi, em seu clássico estudo sobre as diversas concepções europeias sobre a América, referindo-se aos debates que suscitaram e à importância que tiveram na construção da identidade dos habitantes americanos.

¹⁵⁸ O naturalista francês conde de Buffon (1707 – 1788) destacou-se por suas obras científicas no âmbito da História Natural, complementadas com considerações históricas e filosóficas sobre os reinos animal e vegetal e sobre os seres humanos. Foi precursor de muitas ideias sobre a história das espécies, que foram posteriormente consolidadas e aperfeiçoadas, e exerceu influência sobre naturalistas como Lamarck e Darwin.

Com relação ao homem, Buffon defendia a origem única do ser – diferentemente de Voltaire,¹⁵⁹ que entendia existirem várias humanidades¹⁶⁰ – de modo que para o naturalista a diversidade dos tipos humanos devia-se à influência do clima, assim como ocorria em relação à fauna e à flora. No entanto, como destaca Vera Chacham:

Clima, neste caso, significa não apenas o clima propriamente dito, mas a alimentação e mesmo os costumes. Contudo, o clima não é a circunstância de uma adaptação, como será para os evolucionistas, mas sempre de uma degeneração da espécie, isto é, em um sentido negativo, oposto a um sentido da evolução. Para Buffon, as espécies podem se transformar apenas através da degeneração, devido ao extremo frio ou calor, visto que, [...] para o naturalista as primeiras espécies eram mais perfeitas (CHACHAM, 2003, p. 100).

Nesse sentido, o tipo humano que melhor conservaria sua essência original era o europeu. Para Buffon, o homem americano era pouco sociável – o que quase lhe retira o estatuto de homem – e possuía um defeito de constituição, cujo principal sintoma seria o desinteresse pela atividade sexual (CHACHAM, 2003).

Se, por um lado, as conclusões do naturalista francês contribuíam para o desenvolvimento científico, especialmente, ao inserir o homem na História Natural, evidenciando a possibilidade de investigação da criação divina sem recorrer à Teologia (CHACHAM, 2003), por outro lado, seus estudos, e os que ainda viriam, extrapolaram o campo físico e natural, alcançando o humano e o histórico, sendo aplicados a teorias sociais e políticas, muito próximas ao novo conceito de progresso, estabelecendo, assim, hierarquias e valorizações a partir de um olhar eurocêntrico.

Após as críticas feitas por Buffon à América, a polêmica atingiria o seu ápice com a obra do filósofo holandês Cornelius Franciscus de Pauw, *Recherches philosophiques sur les Américains, ou Mémoires intéressants pour servir à l'Histoire de l'Espèce Humaine*, publicada em 1768.¹⁶¹ Convencido da fundamental importância do progresso e da vida em sociedade, De Pauw é cético em relação ao homem americano. De acordo com Gerbi, enquanto que as teses de Buffon não contemplam o homem, apenas delineando-o como “[...]”

¹⁵⁹ Reconhecido pelo seu pseudônimo, Voltaire chamava-se François-Marie Arouet (1694 – 1778). Destacado filósofo francês do Iluminismo, dedicou-se em suas obras à defesa da liberdade civil, religiosa e de comércio, sendo um contundente crítico das relações políticas que caracterizavam o Antigo Regime na Europa.

¹⁶⁰ Trata-se da polêmica entre os monogenistas e os poligenistas que mobilizou vários intelectuais no período. A primeira corrente teórica defendia que a espécie humana descendia de um ancestral comum, enquanto que a segunda questionava esse argumento, advogando que os grupos humanos pré-históricos e as diversas etnias eram resultados da descendência de espécies distintas. O poligenismo acabou por ser superado ao longo do século XIX, com a aceitação da teoria de Darwin sobre a evolução das espécies a partir da seleção natural.

¹⁶¹ Cornelius Franciscus de Pauw (1739 – 1799) foi um importante filósofo, geógrafo e diplomata holandês do Setecentos. Suas ideias antiamericanas o tornaram reconhecido no ambiente intelectual europeu do período, sendo considerado um especialista em assuntos referentes à América.

um animalão frio e inerte, recente e inexperto [...], para De Pauw, o americano nem sequer chega a ser um animal imaturo, não é um criança, é um degenerado” (GERBI, 1996, p. 57). Suas conclusões não excluíram a natureza da América, que seria, igualmente, fraca, corrompida, inferior e degenerada, por conta de catástrofes como o dilúvio (PRADO, 1999). Desenvolviam-se, esplendorosamente, apenas os insetos, cobras e outros animais perniciosos, à medida que os quadrúpedes minguavam. A síntese desse ambiente e do homem que o habitava podia ser identificada nos indígenas, que, para De Pauw, eram absolutamente indolentes e incapazes do menor progresso mental (GERBI, 1996).

Longe de atenuar-se, a “polêmica sobre o Novo Mundo” foi inflada por uma série de contestações e defesas que mobilizaram os estudiosos europeus e agitaram as tipografias com a publicação de novas edições, comentários e obras. Dentre elas, destaca-se a *História Filosófica e Política das Possessões e do Comércio dos Europeus nas Duas Índias* do Abade Raynal, de 1770.¹⁶² Raynal afirmava que a natureza da América era desordenada, produto de toda sorte de catástrofes e influenciada por uma umidade nociva que comprovava que o continente não era necessariamente jovem, mas, sim, há pouco renascido das águas.

As primeiras críticas aos teóricos da inferioridade americana vieram timidamente de alguns intelectuais europeus. A maior oposição, ainda que não homogênea em seus argumentos, foi organizada pelos padres jesuítas, que, expulsos em 1767 das colônias espanholas, empenharam-se em contestar tais teses, a partir da experiência que haviam acumulado na América.¹⁶³ Atacados pelos filósofos racionalistas em aspectos que iam desde a salubridade do ambiente em que missionavam à capacidade dos indígenas junto aos quais atuavam, além de sua própria atividade missionária, religiosos como o mexicano Francisco Javier Clavigero,¹⁶⁴ o chileno Abade Molina¹⁶⁵ e vários jesuítas de outras províncias da ordem na América produziram desde pequenos opúsculos até volumosas obras, nas quais ressaltaram a beleza e a fecundidade da natureza americana, a presença de um clima salubre e o desenvolvimento pleno do homem.

¹⁶² Guilherme Thomas François Raynal (1713 - 1796), conhecido como Abade Raynal, nome que utilizou enquanto pertenceu à Companhia de Jesus. Natural da França, além de religioso, destacou-se como filósofo.

¹⁶³ Envolvida em diversos conflitos com as cortes europeias, a partir da segunda metade do século XVIII, a Companhia de Jesus acabou por ser expulsa das terras dos principais países colonizadores: de Portugal em 1759, da França, em 1763, e da Espanha, em 1767.

¹⁶⁴ O jesuíta mexicano Francisco Javier Clavigero (1731 – 1787) destacou-se por sua obra *Historia Antigua de México*, de 1780-1781, na qual, além de um profundo estudo histórico sobre a Nova Espanha, faz a apologia aos índios e a defesa das qualidades naturais e humanas da América.

¹⁶⁵ O cronista e naturalista Juan Ignacio Molina, mais conhecido como Abade Molina (1740 – 1829) foi um jesuíta chileno expulso juntamente com todos os religiosos da Ordem em 1767. Exilado em Bolonha, nos Estados Papais, além de lecionar, dedicou-se à redação de várias obras, dentre as quais se destacam *Compendio de la Historia Geográfica, Natural y Civil del Reyno de Chile*, de 1776, e *Ensayo sobre la Historia Natural de Chile*, de 1782. Ambas as obras tiveram várias edições e traduções tanto na Europa, como na América.

Todas essas alegações, a favor ou contrárias à polêmica estabelecida, como bem observado por Maria Lígia Prado (1999), tiveram um efeito importante na formação de uma identidade americana – inicialmente continental –, pois, pela via negativa da sua natureza, do homem americano e seus sistemas políticos, a América diferenciava-se do Velho Mundo. No entanto, os discursos favoráveis à América foram, no contexto das independências das colônias, apropriados pelos *criollos*, solidificando um orgulho em relação aos méritos físicos de seus países, na medida em que o passado colonial e o dos grupos indígenas não eram conciliáveis com as novas ideologias vigentes no período (GERBI, 1996).

Ainda que a virada do século XVIII para o XIX tenha colocado novos problemas além dos revelados por Buffon às Ciências Naturais, como a distribuição das espécies, sua gênese e variação (GERBI, 1996), a “polêmica sobre o Novo Mundo” não cessou.¹⁶⁶ As teses levantadas, primeiramente pelo naturalista francês, não se restringiram apenas ao Setecentos, sendo alvo de novas e sugestivas reflexões até próximo da primeira metade do Oitocentos, período em que Johann Rengger desenvolveu sua trajetória intelectual.

Dentre os autores que se destacaram na literatura e que também se envolveram na polêmica, destacam-se o francês François-René de Chateaubriand¹⁶⁷ e o alemão Johann Wolfgang von Goethe, dois expoentes do Romantismo europeu. O primeiro teve uma rápida passagem pela América do Norte ao final do século XVIII e, a partir da vivacidade de suas descrições, defendeu que nas regiões de latitudes extremas, como os trópicos e o ártico, a natureza seria tão grandiosa a ponto de oprimir o homem. Rompendo com a conexão preconizada por Buffon entre os homens e os animais (GERBI, 1996), Chateaubriand define que o primeiro sucumbe moral e fisicamente frente à grandiosidade da natureza do continente. Distintamente de seu companheiro de letras francês, Goethe compreendia a América como um lugar próspero. Livre de atividades vulcânicas, a estrutura geológica americana representaria, para o literato alemão, um lugar em que a harmonia reinaria entre as pessoas. Somado a isso, a total ausência da tradição medieval no continente implicaria em uma história a ser escrita pelos habitantes, sem os vícios que se encontravam na Europa do período (GERBI, 1996).

Amigo de Goethe, e igualmente entusiasta da América, o viajante prussiano Alexander von Humboldt ateu-se a argumentos mais objetivos na defesa do novo continente. As

¹⁶⁶ Gerbi (1996) destaca que os estudos de anatomia comparada realizados por Georges Cuvier, na transição dos séculos, foram fundamentais para o posterior enfraquecimento da polêmica. Segundo o autor, ao comparar materiais fósseis de um animal de distintas regiões, Cuvier esclarecia de que se tratavam de espécies diferentes, evidenciando a diversidade da natureza e, portanto, inviabilizando as hierarquizações em escalas ou cadeias, até então realizadas, e que formavam a base da oposição entre a fauna do Velho e do Novo Mundo (GERBI, 1996).

¹⁶⁷ François René Auguste de Chateaubriand (1768 – 1848) foi um escritor e diplomata francês cuja trajetória literária se destacou no movimento Pré-Romântico, exercendo grande influência nas gerações seguintes de escritores românticos.

diversas obras do naturalista deixam transparecer a visão da natureza americana como exuberante e complementada por uma fauna vigorosa. Mais do que estabelecer comparações entre os continentes, Humboldt efetuou uma defesa da América a partir da compreensão das particularidades dos organismos em variados ambientes e as relações que estabeleciam com o entorno (PRADO, 1999). No entanto, ainda que entusiasmado com a natureza americana, e contrário à tese da imaturidade do continente defendida por Buffon, devido à localização de vestígios fósseis, a defesa dos índios por Humboldt foi discreta. Segundo Prado (1999), ainda que não aceitasse o juízo de raças superiores e inferiores, Humboldt entendia que os índios haviam sucumbido a uma raça mais civilizada, em suma por raças “[...] mais educáveis, mais cultas, enobrecidas pela cultura intelectual [...]”, como assinalado por Antonello Gerbi (1996, p. 314).

Tido como expoente máximo da defesa da América no período, Humboldt tinha no filósofo e seu conterrâneo Georg Wilhelm Friedrich Hegel, seu maior opositor. Influenciado em sua teoria por outro filósofo de destaque no cenário alemão, Immanuel Kant¹⁶⁸ – que no último quartel do século XVIII manifestou sua filiação às ideias de decadência dos índios americanos, pois estes em função do clima pernicioso seriam desprovidos de afeto, paixão e razão, portanto, incapazes de civilizarem-se, fracos para o esforço industrioso e cultural e carentes das estruturas básicas de um Estado (GERBI, 1996) –, Hegel defendia uma filosofia da natureza orientada pela razão. Afirmando a imutabilidade das espécies, ainda que preservando o desenvolvimento humano, a natureza para o filósofo seria impotente, ou seja, não apresentaria uma organicidade à exceção da flora, que, para Hegel, era exuberante (GERBI, 1996). Ainda de acordo com o autor, o clima seria a explicação para a diversidade das espécies zoológicas: ao norte dos continentes havia uma maior conexão entre as espécies, resultando em uma menor quantidade de animais, quando comparado com as regiões meridionais. Com relação ao homem americano, apesar de ser exceção aos determinismos climáticos, sua constituição fraca e incipiente civilização somente poderiam levá-los à extinção frente a avançada civilização europeia. Ilustrativo do pensamento de Hegel sobre os indígenas é sua justificativa para a Conquista: “Mataste um homem morto”, como destaca Gerbi em seu estudo (1996, p. 329).

Apesar de não abordar, especificamente, a “polêmica do Novo Mundo”, Humboldt acabou por posicionar-se em relação às ideias de Hegel e de outros detratores da América em

¹⁶⁸ O filósofo prussiano Immanuel Kant (1724 – 1804) destacou-se pela proposição da conjunção do raciocínio dedutivo com o indutivo. Juntamente com Hegel é um dos mais destacados filósofos do período, com escritos filosóficos sobre diversos temas.

várias de suas obras. Suas descrições detalhadas da natureza e da ‘fisionomia’ da paisagem (KURY, 2001a) proporcionaram avanços e contribuições às Ciências Naturais, como a distribuição das plantas sobre o globo, reflexões sobre a evolução das espécies e, especialmente, a concepção de organismo da natureza. Suas ideias avançadas ensejaram, de acordo com Lorelai Kury (2001a, p. 868), “A percepção das fisionomias como conjuntos de dados climáticos, topográficos, culturais, de flora e de fauna permite delinear uma postura ecológica *avant la lettre*, que relaciona os seres vivos a uma determinada ‘economia natural’”.

No entanto, este esmero, típico dos naturalistas oitocentistas, em descrever em sua plenitude os elementos naturais e humanos e as mútuas relações estabelecidas, como adverte Kury (2001a), não se deu sem a ajuda das artes, da retórica e da literatura. Nesse sentido, os escritos humboldtianos promoveram outra significativa mudança, agora, no estilo narrativo dos relatos de viagens, dando novo vigor à publicação e difusão de tais obras, como já tratamos no início do capítulo anterior. A aversão do naturalista prussiano aos relatos puramente narrativos da viagem resultou na combinação de um estilo que aliava o estético ao detalhe científico, cujo objetivo seria “[...] reproduzir no leitor ‘esse prazer que a mente sensível recebe da contemplação imediata da natureza’” (PRATT, 1991, p. 155).

Nesse período em que os escritos científicos e os tidos como não especializados possuíam fronteiras muito tênues, encontrando-se em processo de construção – o que não necessariamente invalida a adoção dos termos, mas alerta para o seu uso de forma flexível –, não surpreende a presença de um intenso intercâmbio entre ciência, artes e literatura nas narrativas de viagens e nas iconografias que comumente as acompanhavam (MARTINS, 2001; PIMENTEL, 2003; DEPETRIS, 2015). Nessa perspectiva, duas correntes estéticas foram fundamentais na formação das imagens paisagísticas e, mesmo, das descrições textuais de muitos viajantes: o sublime e o pitoresco.¹⁶⁹

Tributárias de movimentos como o Pré-Romantismo e o Romantismo, a história das duas categorias estéticas desenvolveu-se sobremaneira a partir da segunda metade do século XVIII, adentrando na centúria seguinte, tendo sido apreciadas nas representações de paisagens pela nascente burguesia.¹⁷⁰ Foram impulsionadas teoricamente pelos escritos, especialmente,

¹⁶⁹ Um estudo detalhado dessas duas correntes estéticas resultaria em um outro trabalho, tamanha é a literatura produzida sobre esta temática. Nosso intuito, aqui, é apenas de apresentar um panorama geral sobre o pitoresco e o sublime visando o posterior desenvolvimento da investigação. Para um aprofundamento dessas questões, ver os trabalhos de ARGAN (1992), LISBOA (1997), NAXARA (2004), SILVA; CRUZ; MEDEIROS (2016).

¹⁷⁰ O desenvolvimento das reflexões sobre o sublime e o pitoresco, assim como as discussões acerca da inferioridade americana, inserem-se no processo que estabeleceu uma nova relação do homem com a natureza, como adverte Karen Lisboa (1997). Para a autora, “[...] na Ilustração, a natureza não é mais vista como ‘ordem revelada e imutável da criação’, mas como ‘ambiente da existência humana’. Deixou igualmente de servir de ‘modelo universal’ e passou a ser um ‘estímulo’ diante do qual os sujeitos reagem diferentemente; também não

de Edmund Burke¹⁷¹ e de Kant, sendo que o primeiro afirmou que a apreciação do sublime – juntamente com a categoria do belo – seriam faculdades universais e inatas dos homens, o que não eliminaria as variações resultantes de uma maior sensibilidade ou de uma observação mais apurada, como destaca Márcia Regina Naxara (2004). Já para Kant, ainda segundo a autora, as sensações não partiam somente da natureza do observado, mas deviam estar presentes igualmente no observador, ou seja, estes deviam possuir um “sentimento do sublime” e um “sentimento do belo” para que pudessem sentir as impressões (NAXARA, 2004, p. 71). Se, por um lado, Burke preocupava-se com as qualidades necessárias do observador e do observado, para que tais impressões exercessem suas influências no primeiro, Kant, por sua vez, estabeleceu hierarquias a partir de critérios como o gênero e a nacionalidade, definindo, por exemplo, que o feminino era belo e o masculino era sublime, e, ainda, que nos espanhóis predominaria o sublime, enquanto que, nos franceses, o belo (NAXARA, 2004). Revelando uma forte carga etnocêntrica, Kant situa os indígenas sul-americanos em posição de inferioridade, pois seriam insensíveis em absoluto, o que, como observa Naxara, revela o pensamento de que “[...] não somente a razão e o conhecimento são representados como atributos especiais do homem civilizado, mas também a sensibilidade” (NAXARA, 2004, p. 72).

Nesse sentido, destacam Sued Ferreira da Silva, Luciana Saboia Fonseca Cruz e Ana Elizabete Medeiros (2016) que o sublime para Burke caracterizava-se como uma propriedade que, ativada por meio da experiência, suscitava vários sentimentos e sensações que inibiriam o raciocínio do observador, mas que, por outro lado, aguçariam todos os seus sentidos. A magnificência despertada somada à ideia de incompreensão formariam um conjunto, cuja força excederia a noção de belo. Já o pitoresco era apresentado pelos teóricos do período como um ponto equidistante entre o sublime e o belo. Oriundo de uma nova relação estabelecida entre o homem, a natureza e o seu meio social, uma concepção que passaria a integrar o primeiro as duas demais realidades na busca por uma paisagem ideal e, portanto, capaz de abrandar as angústias mundanas (SILVA; CRUZ; MEDEIROS, 2016). A busca por essa paisagem que, na categoria do pitoresco, invocava o caráter de cena agradável, como informa Luciana de Lima Martins (2001), resultou em um debate entre os intelectuais ingleses

era mais tida como ‘fonte de todo saber’, mas como ‘objeto de pesquisa cognitiva’” (LISBOA, 1997, p. 97, grifo nosso).

¹⁷¹ O irlandês Edmund Burke (1729 – 1797) se destacou por sua atuação na política, sendo um expoente do conservadorismo moderno, e por suas obras sobre teoria política, dentre as quais se encontra *Reflexões sobre a revolução na França*, de 1790, na qual tece severas críticas ao movimento revolucionário. No entanto, os seus primeiros escritos foram dedicados à filosofia, como o tratado de estética sobre o sublime e o belo intitulado *A Philosophical Inquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and Beautiful*, publicado em 1757.

do período que defendiam a procura de tais paisagens por meio de viagens, retratando-as conforme os cânones artísticos da época. Em contrapartida, outros autores posicionavam-se a favor da intervenção na real composição da paisagem para que correspondesse ao modelo adotado (MARTINS, 2001). Atingindo o continente, essa última perspectiva acabou por ser a mais difundida entre os intelectuais e artistas envolvidos com a questão, manifestando-se não somente nas telas, mas, igualmente, em espaços públicos e privados, pois, conforme o historiador da arte Giulio Carlo Argan (1992, p. 19), “O ‘pitoresco’, tanto quanto na pintura, expressava-se na jardinagem, que era essencialmente um educar a natureza sem destruir a espontaneidade [...]”.

Destacados por Naxara como noções fundamentais da estética a partir do Setecentos, o belo, o sublime e o pitoresco “Remetem a sentimentos e sensações que, embora tendo singularidades que os definam, muitas vezes como opostos, frequentemente se interpenetram, tornando difícil o estabelecimento de barreiras claras entre eles” (NAXARA, 2004, p. 69). Contudo, no que tange ao contato com a natureza, tais categorias moldaram as descrições textuais de muitos viajantes, dando forma a um repertório de sensações e sentimentos constantemente reiterados nas narrativas. No caso do pitoresco, os relatos informam sobre uma natureza acolhedora, mais modesta, caracterizada pelas formas rústicas, irregulares e variadas, imprimindo uma sensação de conforto em seus observadores. Já a influência do sublime apresentava linhas carregadas por uma natureza hostil, austera e grandiosa, capaz de provocar ansiedade e solidão em quem lhe apreciava. Enfim, uma “[...] realidade transcendental”, como afirma Karen Lisboa (1997, p. 98).

Por fim, cabe destacar que se a “polêmica do Novo Mundo” foi importante na divulgação da natureza americana, o contexto romântico do início do século XIX conservou e ampliou este interesse, ao refletir sobre a contribuição que o meio natural teria no desenvolvimento das nações e na sua configuração identitária, além de se consolidar como um canal de exteriorização de uma sensibilidade, o que não excluía a presença da curiosidade científica e a possibilidade da posterior elaboração de uma narrativa científica.

Contudo, esse estilo narrativo científico-estético notabilizado por Humboldt não apenas influenciou a produção e o consumo das narrativas de viagens. Juntamente com uma série de outros autores que percorreram a senda do viajante prussiano, seus escritos foram fundamentais para aquilo que Mary Louise Pratt (1991) denominou de “reinvenção da América”, ou seja, a sua reinvenção discursiva e ideológica, que serviu tanto para os estrangeiros, ao enfraquecer o já decadente domínio espanhol dando passagem para a sua expansão pela região, quanto para os *criollos* americanos, na busca por sua legitimação como

força política (PRATT, 1991). Nesse sentido, as descrições realizadas sobre a América por esses viajantes, não apenas refutaram as acusações sobre a suposta inferioridade da sua natureza e dos seus habitantes, como, ao exaltarem suas características naturais, atuaram em favor da construção identitária das novas repúblicas. Com bem afirma Pratt (1999, p. 154), “A geografia e as ciências naturais são, entre outras coisas, aparelhos discursivos mediante os quais os Estados definem e representam o território”.

Uma natureza viva, grandiosa e pujante, em resumo, edenizada nas linhas de muitos viajantes, acabou sobrepujando o homem americano, apresentando uma América em estado original, cujas perspectivas de desenvolvimento eram enormes, especialmente, a partir da admiração que os Estados Unidos – independentes desde 1776 – suscitaram em muitos pensadores do período. Essa perspectiva de crescimento foi intensificada com o desembarque de vários viajantes ao longo do século XIX, sobretudo ingleses, que interessados em prospectar as riquezas do Novo Mundo, saudaram-nas, mas, acabaram abandonando a redação estética de Humboldt e destacaram a incapacidade dos americanos em processá-las, evidenciando a necessidade da intervenção europeia diante de tal negligência. O discurso desses viajantes – denominados por Pratt (1999; 1999) como “vanguarda capitalista” – notabilizou a dicotomia entre natureza e cultura, operando uma separação entre o físico (natural) e o moral (humano), em que o exótico – quase que sinônimo de natureza, mas substituído em sua anterior carga estética pela agora pragmática – era localizado geograficamente, como proposto por Luciana Murari, para quem o termo logo se tornou:

[...] sinônimo da experiência colonial, dos trópicos, de climas e raças estrangeiros, contribuindo para que o elogio do Novo Mundo se estabelecesse, através do privilégio telúrico em detrimento da cultura, da tradição, da história e, em geral, do obscurantismo de sua formação colonial. Em face do empobrecimento e da limitação do meio físico europeu, a exuberância e a variedade passaram a traduzir a natureza americana e tornaram-se presságio seguro de sua grandeza futura (MURARI, 2009, p. 60).

Por detrás do destaque conferido às potencialidades naturais da América e suas formas deslumbrantes, esses viajantes construíram um discurso que pregava o atraso do continente em seus mais variados níveis e aspectos, justificando, assim, a necessidade da presença europeia em sua cruzada pela civilização. Oriundos de uma realidade em que o capitalismo industrial consolidava-se, suas ideias expressavam a necessidade do avanço da industrialização, da inserção de novas técnicas produtivas, do abandono do regime de subsistência da população, da monetarização da economia e da ampliação dos mercados consumistas, especialmente, aos produtos europeus.

Johann Rengger tinha ciência da variedade de discursos sobre a natureza americana e sobre seus habitantes e das polêmicas que os envolveram na transição do século XVIII para o XIX. Conhecia a obra *História Natural* de Buffon, como deixa transparecer no texto do prólogo de sua obra sobre os mamíferos do Paraguai, bem como os escritos de Humboldt, dos jesuítas da antiga Província do Paraguai e de vários viajantes que percorreram a América meridional no período. Com exceção do primeiro, todos os demais valorizaram a natureza americana em seus relatos, divergindo, no entanto, em relação às qualidades dos homens americanos. Na continuidade, nos debruçamos sobre o posicionamento que Johann Rengger assumiu em relação a esses temas em seus escritos.

4.2 Olhares e lugares: a paisagem

Johann Rengger foi bastante objetivo em seu relato. Já no primeiro capítulo – e em sua primeira frase – procurou definir a localização geográfica do país visitado, afirmando que: “El Paraguay es la porción de América del Sur delimitada por los ríos Paraguay y Paraná”. (RENGGER, [1835] 2010, p. 43). Ciente das dificuldades impostas pelos grupos indígenas, primeiramente, aos espanhóis, e, posteriormente, ao recente Estado paraguaio, para a implantação de uma colonização efetiva da região do Gran Chaco, Rengger considerava esta região como de domínio indígena.¹⁷² Nesses termos, o Paraguai era apresentado como uma espécie de ilha na mesopotâmia sul-americana, que, apesar do desrespeito dos portugueses aos limites e aos tratados assinados no século XVIII, encontrava-se, para Rengger ([1835] 2010, p. 44), “[...] ubicado en el centro de un gran desierto”. A afirmação do médico suíço de que o Paraguai estaria envolto em um deserto devia-se, certamente, não por conta da aridez da região, mas, sim, pela distância de núcleos civilizados, quer dos povoados brasileiros ao norte e ao leste, quer daqueles ao sul, que contavam, segundo Rengger, apenas com uns poucos correntinos. Se, o médico suíço carregava nas tintas ao comentar as ações isolacionistas praticadas pelo governo de Francia, por outro lado, não parecia perceber o isolamento

¹⁷² A região do Gran Chaco permaneceu ao longo de todo o século XIX e até a primeira metade do século XX como uma área litigiosa, caracterizada por um estado de abandono – ainda que não de desinteresse, como ressalta o geógrafo Fabrício Vázquez (2011) – e pela baixa densidade populacional. Ainda que todo o território paraguaio tenha sofrido com a ocupação centralizada em Assunção, esta situação se acentuou no Gran Chaco devido às hostilidades impostas pelo meio natural e pela baixa populacional ocasionadas pelas guerras do Paraguai (1864 – 1870) e do Chaco (1932 – 1935). Enquanto que o primeiro conflito acabou por definir as fronteiras paraguaias ao leste e ao sul, o segundo conflito fixou os limites da região chaquenha com a Bolívia (VÁZQUEZ, 2011).

geográfico que ele próprio impusera ao país em sua descrição.¹⁷³ O mesmo pode ser percebido na carta cartográfica que encontramos na obra *Viaje al Paraguay* (figura 9) – feito por Rengger, com base em um mapa de Félix de Azara, possivelmente extraído da carta dos estados da Bacia do Prata, anteriormente publicado em sua obra *Ensayo Historico* (figura 10) – na qual situa o Paraguai entre os rios mencionados e completamente afastado de cidades situadas além de suas fronteiras.

Ao mesmo tempo que a presença dos caudalosos rios Paraguai e Paraná permitiu a eficaz circulação de mercadorias e pessoas por meio de diversos tipos de embarcações, como destacou Rengger, ela também influenciou decisivamente toda a geografia do país. Atualmente, o primeiro rio não apenas dá nome ao Paraguai, como o divide em duas regiões geográficas distintas: sua margem esquerda forma a Região oriental e a sua margem direita a Região ocidental ou Gran Chaco. Região não explorada pelo médico suíço, ela ocupa $\frac{2}{3}$ de todo o território paraguaio e caracteriza-se por sua extensão (elevando-se paulatinamente em direção à fronteira com a Bolívia), por ser aplainada e por uma vegetação esparsa. A Região oriental, por sua vez, apresenta uma diversidade natural maior, com biomas que variam entre o campo na região central e a floresta ao leste e sul. No primeiro, observa-se o predomínio de gramíneas e, de forma isolada, de árvores e de arbustos maiores, formando apenas corredores de florestas nas proximidades dos leitos dos rios. Já a vegetação de floresta apresenta uma densidade maior de árvores que se estendem por planícies e colinas, favorecidas pela combinação de temperaturas elevadas com altos índices pluviométricos.

Não foram poucas as vezes em que as características próprias dessa Região oriental do Paraguai se manifestaram nas viagens de Johann Rengger pelo interior. Chuvas torrenciais aliviavam o forte calor, mas prejudicavam o prosseguimento da marcha devido às cheias de rios, de arroios e de regiões pantanosas, que quando não impossibilitavam a passagem, a tornava muito mais difícil. À noite, à presença constante dos mosquitos que atormentavam o sono, somava-se o receio do ataque de animais selvagens ou de índios. Cabe ressaltar que este tipo de informações pode ser acessado no diário de Rengger, sendo bem menos frequentes em seu relato de viagem. O mesmo se dá em relação às descrições da paisagem paraguaia. Se comparado com outros viajantes, Rengger é comedido em seu relato, o que não significa que não tenha se dedicado a olhar, enquadrar a cena, organizar os elementos vistos e a descrevê-

¹⁷³ O tema do isolacionismo do Paraguai esteve muito presente na historiografia paraguaia ao longo do século XX, como advertem os estudos da historiadora Liliana Brezzo (2003; 2009). Nesse sentido, ressalta-se a importância da realização de uma investigação sobre a influência dos escritos dos primeiros viajantes do período independente e de outros relatos oitocentistas na produção historiográfica do país, especialmente, a desenvolvida pelos primeiros historiadores do século XX.

los. Ainda que seu relato de viagem tenha sofrido alterações, devido ao seu precoce falecimento e à intervenção feita por seus parentes, nos capítulos que tratam do solo, clima, das águas, das cidades e povoados, encontraremos pulverizadas muitas dessas descrições presentes no diário de viagem.

A caminho de Assunção, navegando pelas proximidades de Agatapé, no Rio Paraguai, Rengger e Longchamp apenas puderam lançar olhares em direção às margens, sendo que os registros de 16 de julho de 1819 confirmam um olhar distanciado, que privilegia o mapeamento dos elementos e a aproximação à nova realidade:

Esta mañana abandonamos Agatapé, que no es un pueblo, sino una simple granja. Más arriba se ve en la orilla, de vez en cuando, una choza. Estas viviendas tienen un aspecto limpio e incluso se asemejan un poco a las casas de campesinos suizas ya que igualmente están cubiertas con una variedad de paja (RENGGER, [1835] 2010, p. 290).

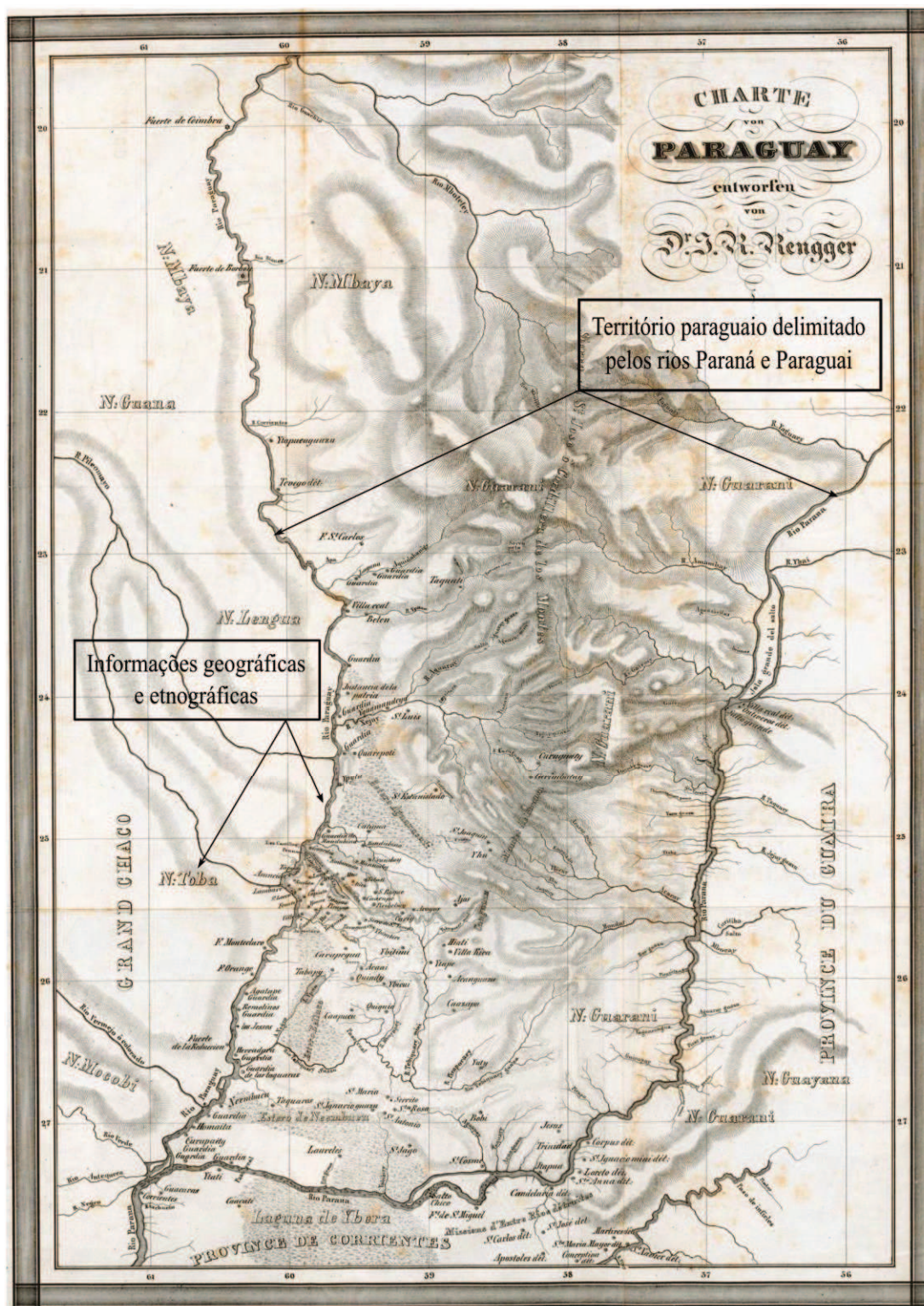
No entanto, a recorrente estratégia de aproximar a realidade observada no Paraguai da realidade suíça produziria impressões cada vez menos favoráveis aos paraguaios. Dois dias depois, após decidirem permanecerem atracados em uma das margens, os médicos puderam realizar uma pequena incursão pela terra firme, o que levou Rengger a constatar que:

Por lo que vi, el campo no ofrece ningún panorama bello a lo largo de una legua desde la orilla, sólo pequeños bosques y llanuras de hierbas. Encontré nada más que tres chozas, extremadamente pobres; los moradores me parecieron indolentes y el suelo, en su mayor parte pantanoso, no precisamente fértil (RENGGER, [1835] 2010, p. 292).

Poucas léguas depois, a impressão de asseio das moradas camponesas deu lugar à descrição da pobreza e de habitantes indolentes, assentados em um solo de qualidade duvidosa e que em sua extensão somente oferecia aos olhos de Rengger gramíneas e alguns conjuntos de árvores isoladas. A estabilidade das formas naturais na amplitude da superfície e a relação pouco industrial que os escassos moradores mantinham com a natureza não correspondiam ao conceito de belo do viajante. Tampouco a chegada à capital, e maior cidade do Paraguai, foi capaz de alterar o tom das notas de Rengger: “Aunque el paisaje de la capital de Paraguay no tiene nada atractivo para un europeo recién llegado, nos agradó sin embargo la tranquilidad y el orden que se advertía en ella por todas partes” (RENGGER, [1835] 2010, p. 296). Em seu primeiro dia em Assunção, Rengger deixa claro que cada vez mais distantes ficavam as imagens da sua Suíça e de outras partes da Europa. Em compensação, continuava a endossar a imagem de um Paraguai ordeiro em meio a uma região conflituosa. Nesse sentido, a paisagem paraguaia ganha um atenuante, pois nela não se percebiam as marcas brutais de

destruição e de abandono que os exércitos de Artigas haviam imposto à paisagem correntina, por exemplo, confirmando a influência da crítica política sobre a avaliação do ambiente natural, espaço das relações humanas.

Figura 9 – Mapa do Paraguai desenhado por Rengger



Fonte: RENGGER (1835).

Figura 10 – Mapa dos Estados da Bacia do Prata de Azara com correções de Rengger



Fonte: RENGGER; LONGCHAMP (1827).

As breves e pontuais descrições de Johann Rengger sobre a paisagem do Paraguai até aqui destacadas nos permitem perceber algumas preocupações que o médico suíço demonstrou em relação à natureza e aos habitantes do país, como a fertilidade e o uso do solo, as características da vegetação e as ações praticadas pelos paraguaios. No entanto, o

levantamento e a análise das descrições das paisagens em sua totalidade, contidas na obra *Viaje al Paraguay*, evidenciam duas estratégias fundamentais na narrativa sobre essa temática: (1) a existência de um *topos* de percepção da paisagem e (2) de um padrão paisagístico.

Já nas proximidades de Assunção, em 29 de julho de 1819, Rengger registrou, em seu diário, que haviam visto o Cerro Lambaré, e que, entre 8 a 9 léguas antes da capital, iniciava uma pequena colina, a partir do rio Paraguai em direção ao norte, sobre a qual Assunção estava situada.¹⁷⁴ A informação poderia passar despercebida se não fosse o apontamento final, no qual Rengger afirma: “Es un verdadero placer para nosotros volver a ver una colina en las cercanías” (RENGGER, [1835] 2010, p. 295). Percorrendo partes da bacia do rio da Prata, os viajantes de fato tinham ante seus olhos um relevo formado, essencialmente, por planícies, apresentando de forma esparsa formações com alguma altitude. O sentimento de satisfação que isto proporcionou explica em parte o porquê de as colinas e de as montanhas formarem um lugar-comum, um *topos* na percepção e na descrição da paisagem por Johann Rengger.

Em um primeiro momento, a justificativa para o apreço dos viajantes pelas regiões mais elevadas poderia ser associada à nacionalidade de ambos, mas este seria um argumento generalizante e teleológico. Afinal, nem todos os suíços se sentem arrebatados pelas montanhas. Contudo, o estudo de Simon Schama (1996) nos ajuda a compreender a expressividade que a paisagem alpina assumiu no imaginário dos suíços, especialmente na construção simbólica da nacionalidade, a partir do século XVIII. Atento às nuances que a paisagem assumiu na longa duração, oscilando entre as descrições bucólicas quinhentistas, nas quais eram valorizadas as qualidades da vida no campo, os costumes e o caráter dos camponeses, e uma retórica do sublime, típica do Setecentos, bem como a expressão de sentimentos diversos, tais como o medo, o pavor e o poder, o autor conclui que:

No entanto, foi o século XVIII, com sua obsessão pela virtude primitiva, que recriou os Alpes suíços a sua imagem. Os textos mais antigos forneceram aos suíços os mitos necessários a uma topografia e uma história patrióticas. Os autores quinhentistas fizeram o possível para assemelhar ao máximo os habitantes das montanhas e dos vales, integrando-os numa comunidade de cantões. Agora, porém, celebrava-se como virtude nacional justamente a *diferença* alpina. E aquelas qualidades naturais desenvolvidas nos prados altos (*Alp* significa, literalmente, campo), tornaram-se objeto de um culto internacional (SCHAMA, 1996, p. 478).

¹⁷⁴ A topografia de Assunção é irregular em virtude do seu desenvolvimento sobre sete colinas – as lomas Kavará, San Gerónimo, Clavel, Cachinga, del Mangrullo, de la Encarnación e de las Piedras de Santa Catalina. Atualmente, o ponto mais alto da capital é o Cerro Lambaré, com 156 metros de altitude.

Os Alpes constituíram-se, portanto, além de um “templo da sublimidade” em um cenário, onde a liberdade, a tradição política de autonomia dos cantões e sua autossuficiência, serviam de inspiração e de modelo para o restante da Europa, que vivia ainda sob o Antigo Regime (SCHAMA, 1996, p. 477-478). No entanto, recordar as origens, suscitar sentimentos patrióticos e, mesmo de liberdade, constituiu-se em apenas uma face da percepção das montanhas, pois, ao longo da segunda metade do século XVIII até a primeira metade do século XIX, elas não apenas foram descobertas pela ciência, como estiveram no centro de grandes debates, contribuindo com avanços científicos.

Juntamente com vários outros elementos da natureza, o interesse pelo estudo das montanhas nesse período foi estimulado pela descoberta de materiais, como os fósseis e outras amostras geológicas. Os primeiros foram essenciais para a ponderação sobre sua formação, a evolução das espécies, a real idade da Terra e suas origens, cujo resultado foi a divulgação de teorias como o catastrofismo,¹⁷⁵ o evolucionismo¹⁷⁶ e o uniformitarismo,¹⁷⁷ bem como as tentativas de sua exegese a partir da narrativa bíblica. Já as diversas amostras minerais ensejavam a reflexão sobre a formação das rochas, a razão das diferenças entre si, promovendo novas correntes teóricas como o neptunismo¹⁷⁸ e o plutonismo.¹⁷⁹ Como destaca Pere Sunyer Martín, mediante o estudo das montanhas “[...] se pretendía aportar datos para contestar a diferentes cuestiones; entre ellas, [...] El origen de la Tierra y la formación del relieve; la composición y estructura vertical de la atmósfera y su variación espacial y temporal; el estudio de los seres vivos en las alturas [...]” (MARTÍN, 2000, p. 3).

¹⁷⁵ O catastrofismo foi uma teoria defendida, especialmente, pelo naturalista francês Georges Cuvier, por meio de sua obra *Discurso sobre as Revoluções na Superfície do Globo*, de 1812, e, a partir de 1825, publicada separadamente sob o título *Investigações Sobre Ossadas Fósseis de Quadrúpedes*. Cuvier procurou, por meio da análise de vestígios fósseis e amostras geológicas, explicar a extinção de determinadas espécies e outros fenômenos ocorridos na história da Terra. Sua teoria sustentava que a estrutura biológica e geológica do planeta era resultado da ação de vários fenômenos catastróficos, como inundações, que em um primeiro momento seriam locais, admitindo posteriormente a possibilidade de fenômenos globais. Refutando as ideias transformistas das espécies, Cuvier identificava nos fósseis o meio de estudo das configurações geológicas e biológicas de uma determinada região (FARIA, 2010).

¹⁷⁶ Processo biológico referente à mudança das características hereditárias entre gerações de uma mesma espécie. Dentre os vários mecanismos teorizados para a realização dessas mudanças, a seleção natural de Darwin, na segunda metade do século XIX, logrou o reconhecimento da comunidade científica.

¹⁷⁷ Princípio desenvolvido pelo geógrafo escocês James Hutton (1726 – 1797), que advogava que as leis que regiam a natureza eram constantes e graduais ao longo da história, de modo que os processos geológicos estudados no presente permitiriam a análise da evolução geológica (FARIA, 2010).

¹⁷⁸ Desenvolvida pelo geólogo e mineralogista alemão Abraham Gottlob Werner (1749 – 1817), a teoria do neptunismo explicava a formação das rochas, da estrutura e da evolução geológica da Terra como resultado da deposição de minerais nas águas de um oceano primordial. Estes sedimentos se solidificariam em cima de elevações submersas, originárias da Criação Original, dando forma às estruturas geológicas. Portanto, o neptunismo defende uma origem marinha das rochas.

¹⁷⁹ Teoria proposta por James Hutton para a formação das rochas. Contrária ao neptunismo, defendia que as rochas haviam sido criadas a partir da atividade vulcânica.

A busca de conhecimento sobre as montanhas teve nos Alpes suíços o seu campo de estudo por excelência na Europa, atraindo a atenção de vários naturalistas, dentre os quais se destacou, por seu pioneirismo, Saussure¹⁸⁰ (MARTÍN, 2000). Já na América do Sul, a comparação entre as cadeias alpinas e os Andes foi inevitável para os viajantes, tanto que, em 1861, o alpinista e membro da Real Sociedade de Geografia da Inglaterra, Thomas Woodbine Hinchliff, deslocou-se para a América meridional com o objetivo de comparar os Andes com os Alpes, o que acabou não sendo realizado (DE CRISTÓFORIS, 2010, p. 114).¹⁸¹

O naturalista que conferiu às montanhas uma condição singular foi Humboldt, a ponto de Pere Sunyer Martín afirmar que “Si hasta aquel momento [da subida do Chimborazo pelo viajante prussiano] daba la impresión de que en su viaje no existía un objetivo claro, posteriormente y poco a poco, tras su primera campaña montañera, fue configurando su extensa obra” (MARTÍN, 2000, p. 10). Escalando e realizando medições de latitude, longitude, altitude e temperatura e, verificando as condições da pressão atmosférica, da umidade e coletando amostras do solo e da vegetação circundante, Humboldt conseguiu conformar graficamente a sua visão da natureza americana por meio da sua *Naturgemälde*. Extrapolando classificações isoladas, o naturalista deu forma a um microcosmo orgânico e conectado, que permitia a visualização dos dados geográficos e atmosféricos e das plantas coletadas conforme a altitude em que haviam sido localizadas, acrescentando, ainda, a ideia de zonas climáticas distribuídas pelos continentes e informando quais as espécies da fauna e da flora que nelas poderiam ser encontradas (WULF, 2016). Suas descobertas científicas eram relatadas com detalhes, e acompanhadas de uma vivacidade estética, sendo que em sua obra *Quadros da Natureza* – publicada, originalmente, em 1808 e revisada e ampliada nas edições de 1826 e 1849 – Humboldt moldou as imagens que os europeus e os próprios sul-americanos passaram a ter dessa porção da América. Segundo Mary Louise Pratt, entre os anos de 1810 e 1850,

Três ícones em particular, canonizados pelas *Imagens* [Quadros da Natureza] de Humboldt, combinaram-se para formar a representação metonímica padrão do ‘novo continente’: florestas tropicais superabundantes (o Amazonas e o Orinoco),

¹⁸⁰ Natural da Suíça, Horace Bénédict de Saussure (1740 – 1799) foi um naturalista e geólogo, que, interessado em botânica, viajou várias vezes pelo Alpes e escalou o Mont Blanc em 1787. De suas viagens alpinas e das observações realizadas resultou a publicação, entre 1779 e 1796, da obra *Voyages dans les Alpes*, em quatro volumes.

¹⁸¹ Segundo Nadia A. de Cristóforis (2010), Thomas Woodbine Hinchliff (1825 – 1882) já havia publicado um livro no qual comparava os Alpes com os Andes e, apesar do fracasso do seu objetivo principal, sua viagem lhe proporcionou a publicação do relato intitulado *South American Sketches; or a Visit to Rio Janeiro, The Organ Mountains, La Plata, and the Parana*, em 1863. Cabe salientar que Hinchliff era sobrinho por parte materna do já citado diplomata inglês Woodbine Parish, figura importante na libertação de prisioneiros do governo de França, no momento em que Rengger e Longchamp também obtiveram suas autorizações para deixarem o país.

montanhas de picos nevados (a cordilheira dos Andes e os vulcões do México) e as vastas planícies (os *llanos* venezuelanos e os pampas argentinos) (PRATT, 1999, p. 219-220).

Se, por um lado, as montanhas não constituíram um objeto de estudos científicos para Johann Rengger, pois ele limitou-se a verificar informações essenciais, como as coordenadas de longitude e de latitude, não mencionando a realização de medições mais sofisticadas, por outro, a paisagem paraguaia não poderia ser explicada sem a sua presença. Rengger é categórico, ao afirmar que “El Paraguay es, en su mayor parte, una región de montañas [...]” (RENGGER, [1835] 2010, p. 47), distanciando-se de sua maior referência, o naturalista Félix de Azara, que, apesar de ter apresentado a América meridional como um todo, hesitou ao falar sobre as montanhas da região:

Ahora añadiré que su vasta superficie no forma más que una llanura unida y cuya mayor parte es sensiblemente horizontal, porque todas las excepciones se reducen a algunas alturas o pequeñas montañas de poca extensión, que no tienen más de 90 toesas de elevación sobre sus bases y a las que no daría el nombre de montañas si no estuvieran en una llanura (AZARA, 1998, T. I, p. 57).

Convencido da presença de montanhas no território paraguaio, a leitura do diário de Rengger confirma que em suas viagens as elevações eram uma referência constantemente procurada e cotejada com outras áreas, como, por exemplo, quando esteve nas Missões ao sul, ocasião em que registrou laconicamente que “[...] aquí y allá se encuentra una colina más grande, pero no se ve una verdadera cadena montañosa” (RENGGER, [1835] 2010, p. 334). Interessado na correta interpretação e descrição da configuração do solo paraguaio, Rengger observa, acertadamente, que a região meridional do país apresentava apenas ondulações em meio às planícies formadas pelos rios Paraná e Paraguai. As cadeias montanhosas estavam, portanto, situadas acima desta região, especialmente, na região leste do Paraguai, em função de ser um prolongamento das estruturas geológicas do planalto brasileiro. A principal delas era a cordilheira de Mbaracayú e da qual as demais eram originárias. Se, nas terras baixas, caracterizadas por banhados e pântanos, as colinas eram isoladas, com formas irregulares e uma vegetação composta por gramíneas, as regiões central e norte apresentavam, de acordo com Rengger, elevações mais altas, mais próximas uma das outras, com uma forma mais regular e um dos lados mais acidentado, além de uma vegetação mais densa formada por bosques.

Ainda antes de reunir todas estas informações compiladas em seu capítulo sobre a configuração e composição do solo e, logo após sua instalação em Assunção, Johann Rengger foi até o ponto mais alto de uma colina da cidade. Assaltado por esse “[...] prazer de ‘ver o

conjunto' [...]", que converte o espectador em *olho celeste*, na expressão de Michel de Certeau (1996, p. 170), Rengger contempla o seu entorno, do que resultará um extenso registro em seu diário:

Desde allí se disfruta de un panorama encantador. A los pies se encuentra la capital, cuyas bajas casas son embozadas en parte por el verde oscuro de los naranjos y otros árboles umbrosos; sólo aquí y allá sobresale de los otros edificios una planta alta o una iglesia, con sus paredes enjalbegadas de blanco. Retorciéndose de Norte a Sur en amplias sinuosidades se ve el apacible espejo de agua del río Paraguay. Aparece como entre dos castillos, entre dos elevaciones cónicas, llamadas *los castillos*, cinco leguas más arriba de la ciudad. [...] Sin cesar atraviesan la superficie del agua las canoas de los indios payagua, quienes llevan al mercado pescados o cañas [...] Sus chozas (*toldos*), entretejidas de juncos, se encuentran dispersas junto a la orilla izquierda del río, sobre los bancos de arena sobresalientes. El terreno situado entre las orillas altas del río, que en las grandes crecientes suele estar totalmente inundado, se extiende sobre la orilla derecha del río Paraguay, frente a la capital, a lo largo de unas tres leguas. Está cubierto de pasto alto del que sobresalen, como islas, algunas selvas, y sólo es recorrido por las hordas salvajes de los indios del Gran Chaco. Aquí y allá se eleva una columna de humo detrás de un bosque, señal de que allí moran los salvajes. [...] Hacia el Oeste la ribera alta propiamente dicha, que sin embargo sólo se eleva poco sobre el río forma el horizonte. Aparenta ser una llanura infinita, que está cubierta por pastos altos y palmas aisladas. La orilla alta izquierda, en cambio se eleva en su mayor parte ya lejos del agua, en forma anfiteatral, en una extensión de cuatro leguas. La cubren selvas, en las cuales, de cuando en cuando, se destacan claros, dehesas o plantaciones y chacras, con una vivienda pintada de blanco (RENGGER, [1835] 2010, p. 299).

Essa longa passagem do diário de Rengger é instigante por vários aspectos. Primeiramente, a busca por um panorama, uma visão ampla sobre todo o entorno do observador, um olhar totalizador, como sugere Certeau (1996), capaz de tudo olhar e registrar. A partir destas cenas, passa-se à organização dos elementos naturais, com o rio Paraguai assumindo centralidade e se tornando um divisor, o verde das árvores na cidade, as gramíneas, ora mais baixas, ora mais altas, os pequenos bosques na margem oposta, as áreas de charco e os montes ao fundo. Essa descrição bem poderia confirmar as conclusões do pensador francês, que, ao refletir sobre as práticas de espaço, afirma que “A cidade-panorama é um simulacro ‘teórico’ [...]” em que “Tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada”, onde apenas “[...] ‘embaixo’ (*down*), a partir dos limiares onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade” (CERTEAU, 1996, p. 171). Certamente, o olhar situado *embaixo* conferiu maior visibilidade às práticas e aos praticantes da paisagem, o que se pode perceber a partir de uma rápida leitura do relato de Rengger. No entanto, para a passagem supracitada esse pressuposto não se confirma totalmente. Nela, coexistem elementos naturais, já citados, e artificiais, como as casas, as tolderias de índios e a igreja. A presença humana não só é assegurada na paisagem pela construção destes elementos, como é destacada no movimento das canoas dos paiaguás nas

águas do rio Paraguai e, especialmente, no comércio de víveres praticado com os *criollos* em seus mercados. As relações que a população local estabelecia com o meio natural também é objeto de atenção, como se constata no registro sobre a fumaça das fogueiras indígenas e as plantações cultivadas nas clareiras da vegetação.

A paisagem exerce um fascínio sobre Rengger e uma análise de suas descrições nos ajudam a entender o porquê do seu encantamento. Ao finalizar sua reflexão sobre a paisagem anterior, o médico suíço faz as seguintes observações:

La vastedad del río, la exuberante vegetación que lo circunda, el salvajismo del terreno en un orilla y el cultivo incipiente por todas partes en la otra, la innumerable cantidad de pájaros que vuelan hacia arriba y abajo sobre el agua en bandadas, los rebaños de caballos y vacunos que pacen, que animan la comarca por doquier, hacen de este panorama uno de los más bellos que yo haya visto en el interior de un país. Además de ello, se transforma, por así decirlo, a cada hora del día. Juvenilmente bella es la salida del sol, una vez que todas las plantas han sido bañadas por el rocío nocturno; al mediodía, cuando los vapores se han elevado del suelo caldeado, la comarca aparece como envuelta en un transparente velo blanco y, cuando el sol poniente tiñe de rojo el cielo y su arbol se refleja en la masa vaporosa, el paisaje está como rodeado por una atmosfera ardiente (RENGGER, [1835] 2010, p. 299 – 300).

A sensação de deslumbramento que Rengger consegue transpor para as linhas de seu diário justifica-se pelo conjunto que compõe aquilo que seus olhos observaram. Nesse sentido, podemos avançar na argumentação, apresentando a segunda estratégia descritiva adotada pelo viajante, que trata-se do uso de um padrão paisagístico. A presença de elevações – quer como um ponto de observação, quer como elemento referencial da paisagem –, a variedade dos elementos naturais e/ou artificiais constituintes da cena e a visão extensa e animada pelo movimento de pessoas e animais são aspectos insistentemente procurados por Rengger na composição de paisagens aprazíveis. Na passagem supracitada encontramos presentes todos estes aspectos. A vista do alto de uma colina permite uma visão ampla, sendo que, ao fundo, não muito distante de Assunção, podia-se ver os montes *los castillos*, sendo que os elementos, tanto da flora e da fauna, como das construções humanas garantiam a variabilidade e a dinamicidade da paisagem tão desejada por Rengger. Esta é cuidadosamente descrita através da presença e da circulação de animais, e, muito especialmente, do próprio ciclo diário da natureza, traduzido no amanhecer, no meio-dia e no anoitecer. Tais transformações afastavam qualquer monotonia do horizonte ou outros lastimosos sentimentos, como a inquietação que Rengger sentiu ao viajar pelo bosque de Caaguazú, entre as cidades de Villa Rica e Yhú, em cuja “[...] selva extensa y espesa, no se ve ni se oye a ninguna criatura viviente, fuera del raro sonido de un ave” (RENGGER, [1835] 2010, p. 323).

Tampouco as costumeiras vistas extensas aliviaram o viajante “Cuando estuve en el sitio más elevado de la loma, tuve una amplia vista por encima del caaguazú y las colinas con gramíneas. Sin Embargo, esta escena tenía para mí poco atractivo; más bien se entristece en desiertos donde ni un animal da vida a la escena” (RENGGER, [1835] 2010, p. 323). A ausência da ação humana, evidenciada nos campos cultivados tão ao gosto de Rengger, e de pujança da fauna e da flora, formavam, assim, uma triste realidade para o médico suíço.

As primeiras impressões das viagens que Rengger fez no território paraguaio, e que se encontram em seu diário, apontam para uma mescla entre regiões belas e outras pouco atrativas. Estas diferenças foram, no entanto, suavizadas, e a natureza paraguaia foi apresentada como sendo plural em sua flora e fauna, dotada de uma farta hidrografia e de belas selvas e planícies, como podemos ler na abertura de seu capítulo sobre a caça. Homogeneizadas as diferenças, elas passaram a ser sinônimo de positividade; as descrições, no entanto, continuaram respeitando o padrão paisagístico instaurado pelo autor.

Para Rengger, a faixa composta por cidades e que se estendia desde Assunção, passando por Pirayú até Villa Rica – região central – formava o território que oferecia “[...] los lugares más bellos del Paraguay, entrecortado por vales muy pintorescos como los de Tapuá, Limpio, Paraguarí, etc.”, sendo que o último vale constituía para o viajante um modelo para os demais, razão pela qual passou a descrevê-lo (RENGGER, [1835] 2010, p. 52). Ao informar as coordenadas geográficas do vale e sua largura, que findava em uma cadeia montanhosa coberta irregularmente de bosques, o que permitia ver de tanto em tanto a sua formação rochosa, o viajante não descuidaria de destacar a presença de um arroio cruzando o fundo plano do vale, que, por sua vez, “[...] ostenta una hermosa vegetación” (RENGGER, [1835] 2010, p. 52). Todo esse entusiasmo com a região de Pirayú e Pirebebuy, manifestado por Rengger em seu capítulo sobre o solo do Paraguai, já havia sido objeto de registro em seu diário. Ao não destacar as dificuldades com que se deparava nos deslocamentos, o viajante acabava por ressaltar a beleza natural, pois, segundo ele, “[...] el camino es muy agradable, pues constantemente se marcha junto a un encantador arroyo del bosque que serpentea entre las cadenas de colinas” (RENGGER, [18435] 2010, p. 319).

A ideia de que Rengger segue um padrão paisagístico em suas descrições e, especialmente, que procura visualizá-lo nas terras do Paraguai, fica evidenciado não somente em suas avaliações positivas sobre o meio, mas, igualmente, quando se deparava com paisagens que o impressionavam negativamente. Um exemplo singular provém das viagens que Rengger fez em torno das cercanias da cidade de Villa Real, região produtora de erva-mate e que tem seu relevo marcado pela presença da cordilheira de Mbaracayú ao leste. O

contato que o viajante suíço teve com uma parte desta cadeia montanhosa resultou em um relato marcado por contrastes:

Sin embargo la cordillera de Mbaracayú ofrece un aspecto oscuro nada pintoresco. Las laderas, casi a pico, de roca viva parcialmente descompuesta y cuyos restos se acumulan al pie, así como los desastres ocasionados por las torrentes que en tiempo de las lluvias bajan por todos lados, son impropios para alegrar la vista. Inclusive subiendo a las cumbres más altos no se modifican la escena. Como las cimas son boscosas y los vallecitos demasiado angosto para ser vistos desde lejos, el conjunto aparenta ser una inmensa selva. Bajando desde allí hacia el Sur, este aspecto salvaje disminuye a medida que los vallecitos se ensanchan y las cimas de las montañas se transforman en masetas, que en partes están cubiertas de bosques y en parte de pastizales. Aun así, como todos estos montículos se parecen por su altura, por su forma y por su vegetación, el paisaje es aún bastante monótono. Sin embargo, cuando en la parte meridional de la región se llega a los grandes valles ondulantes, en medio de los cuales se eleva aquí o allá alguna formación cónica aislada y cuyos bordes están surcados por un gran número de arroyuelos, junto a una vigorosa vegetación; cuando uno se ve esos valles limitados por amplias masetas con pendientes suaves y vivificadas por surgentes frecuentes, entonces se goza de una visión tan alegre cuanto extensa (RENGGER, [1835] 2010, p. 54).

Se, em direção ao sul, aproximando-se da região central, a paisagem apresentava condições capazes de alegrar o médico suíço, na cordilheira de Mbaracayú, no entanto, a natureza apresentava-se como severa, devido às fortes chuvas que interferiam nos elementos naturais, arrastando detritos à base das montanhas; os estreitos vales impediam a adequada entrada da luminosidade solar, de modo que, nem do alto, o viajante suíço conseguia ter uma vista aprazível, apenas um *conjunto selvagem*. Ao sul da cordilheira, a mudança se dava paulatinamente. As colinas apresentavam uma vegetação, ora mais rala, ora mais densa. Já a monotonia produzida pela ausência de alterações na paisagem só cessaria ao serem avistados os vales ondulados, com várias e distintas montanhas entre arroios e uma cobertura vegetal mais pujante.

As passagens até aqui citadas da obra de Johann Rengger deixam claro que a paisagem não apenas era constituída por meio da observação meticulosa do viajante, tendo em vista a elaboração de um relato científico, mas, também, pelas expressões de sensibilidade que ela suscitava. Alegria, tristeza, conforto, inquietação, encantamento, reprovação, tranquilidade e satisfação são algumas das expressões que Rengger manifesta ao contemplar as paisagens do Paraguai. Contudo, o ambiente descrito caracterizava-se pela novidade, e Rengger reagia ao novo com olhos ambientados à paisagem europeia. Não é de se estranhar, portanto, que comparações tenham sido estabelecidas, tanto como uma forma de tradução do que havia sido visto, como parâmetro de valorização do observado, como se percebe no comentário que faz sobre os vales de Pirayú: “La comarca es, para Paraguay, muy bella, una verdadera serranía,

parecida a los contrafuertes del Jura en mi país natal o a la región de Suabia”¹⁸² (RENGGER, [1835] 2010, p. 318). Assemelhar-se ao conhecido, neste caso, o europeu, é sempre positivo para o viajante. Ao mesmo tempo, seu estado d’alma não pode ser desvinculado do imponderável e do fatigante que acompanham uma viagem dessa dimensão. Marasmos em meio dos rios ou a parada para o descanso noturno sob a luz da lua eram momentos em que a nostalgia se avizinhava e cedia a outros sentimentos, como na noite do dia 06 de julho de 1819, na qual, ao finalizar suas anotações diárias, Rengger adota uma escrita marcadamente sentimental: “La noche es hermosa; descansamos solitarios en medio del río; a mi alrededor el sueño ha cerrado todos los ojos. ‘Mis pensamientos vuelan sobre el océano, hacia aquellos que a mi alma ama; hacia ti, mi tío, hacia vosotros mis hermanos, y hacia vuestros queridos hijos!’” (RENGGER, [1835] 2010, p. 284).

Experiências que revelam sentimentos e sensibilidades e que acabam por determinar impressões específicas. O contato com a natureza, seja com o intuito investigativo ou sua simples presença, oferece, inegavelmente, estímulos aos sujeitos. No caso de Johann Rengger, suas descrições do meio natural revelam uma escrita não muito preocupada com as formas estéticas de seu texto. Na comparação com relatos de outros viajantes do período, Rengger produz um discurso que podemos denominar de equilibrado, tanto em relação aos detalhes científicos, como sobre a vivacidade estética da natureza, ainda que, no conjunto de suas obras, seja possível apontar certa predisposição à narrativa científica. Apesar de toda a importância e influência que os escritos de Humboldt tiveram nesse processo de confluência de um discurso científico e estético, nem todos os viajantes o praticaram de forma tão consciente. Rengger é um exemplo de autor que conhecia a obra do viajante prussiano, no entanto, não pode ser considerado um humboldtiano convicto. Enquanto um expoente do paisagismo romântico, Humboldt consagrou paisagens nas quais a interferência humana era despercebida, os lugares desabitados revelavam o protagonismo da natureza com toda sua carga trágica, inacessível e grandiosa, além de destacar as origens e a história das regiões como elementos importantes para o futuro desenvolvimento natural e humano (MARTÍN, 2000). Inseridas em uma concepção cósmica de natureza, as descrições de Humboldt são, para Mary Louise Pratt (1999), influenciadas pela estética do sublime.

¹⁸² Nesta passagem, Rengger refere-se à cordilheira do Jura, que se situa ao norte da Suíça, além de se estender por partes da França e da Alemanha, atingindo os 1720 metros de altitude. O viajante refere ainda, a região histórica da Suábia, na Alemanha, próxima da fronteira com a Suíça, cujo nome deriva do ducado homônimo estabelecido entre os anos de 915 e 1313. Atualmente, a região situa-se entre os estados da Baviera e de Baden-Württemberg.

Ao analisarmos as descrições presentes no relato de Rengger, o que se percebe é que, para além do juízo particular e subjetivo do belo, que, por vezes, as paisagens do Paraguai lhe suscitavam, a natureza observada nem sempre se apresentava como positiva e clara, como no ideal clássico, mas, às vezes, era também agressiva e enigmática, ao estilo romântico (ARGAN, 1992).

No entanto, as semelhanças com o paisagismo romântico não são tão marcantes. Rengger tinha uma verdadeira repulsa pelas paisagens sem movimento; o desabitado não lhe satisfazia. Nestas condições, nem mesmo a vista de uma cachoeira – aprazível para tantos viajantes – foi capaz de lhe sensibilizar. Ao dissertar sobre o rio Aguaray, cujo leito corre pela cordilheira de Mbaracayú e é um afluente do rio Jejuy, Rengger destaca que em seu curso havia “[...] una de las cascadas más altas que se conocen, pero encontrándose hundida en una garganta y completamente rodeada de selva, no ofrece ninguna atracción. Es más bien un espectáculo triste y salvaje, en medio de una naturaleza oscura y desierta” (RENGGER, [1835] 2010, p. 79).

Reforçando a necessidade de uma presença, humana ou não, para animar a paisagem, Rengger deixa transparecer seu alinhamento com o ideal iluminista que defendia a interferência na natureza, a necessidade de o homem corrigir e modificar o meio de acordo com suas necessidades. Nessas circunstâncias, nas quais a paisagem não confere com o seu ideal, Rengger descreve os elementos naturais pelo viés do sublime, apresentando-os como selvagens e hostis. Contudo, a maior parte das suas descrições paisagísticas, nas quais se evidencia uma influência estética, está orientada pela noção de pitoresco, especialmente, quando as paisagens são avaliadas de forma positiva. Conforme Giulio Carlo Argan (1992, p. 12), “para o ‘pitoresco’, a natureza é um ambiente variado, acolhedor, propício, que favorece nos indivíduos o desenvolvimento dos sentimentos sociais”. Ainda que diante da vastidão das planícies ou das alturas das montanhas, a natureza instava os homens a refletir, quer sobre sua origem e funcionamento, quer sobre as angústias humanas, instigando-os, também, a interagirem com o meio e a modificá-lo.

No próximo tópico, abordamos as descrições que Rengger fez dos habitantes do Paraguai que interagiam com essa natureza tão distinta para o viajante suíço. Percorrendo áreas urbanas e também a densa selva, Rengger não apenas teve contato com uma diversidade natural, mas, igualmente, com distintos tipos humanos.

4.3 O homem americano: a etnografia de Johann Rengger

É própria do período moderno a configuração dos relatos de viagens enquanto inventários detalhados das terras visitadas, que recusavam as representações idealizadas e valorizavam a experiência. De acordo com Wilton Carlos Lima da Silva (2003), esse “salto qualitativo” observado nos relatos é reflexo de uma nova concepção de universo e natureza no período, a partir da ideia de superação dos erros (aparência) pela consciência da realidade (verdade/essência), defendida por Platão, e pela crescente matematização da natureza. Assim, “[...] os relatos passam a incorporar os fatos humanos e físicos com igual ênfase, e a própria dinâmica da descoberta, conquista e colonização, baseada em documentos originais e em testemunhos dos protagonistas, se mescla à descrição minuciosa dos nativos, do solo, da fauna e da flora” (SILVA, 2003, p. 62). Considerando essa produção de um discurso sobre o *Outro* e seu espaço, nos debruçamos na continuidade na etnografia produzida pelos viajantes, para, depois nos dedicarmos à análise dos escritos de Rengger sobre o homem americano.

Confirmando o valor de informação e de conhecimento que as narrativas de viagens possuíam, o filósofo alemão Immanuel Kant, em sua obra *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, de 1798, afirmou que:

Viajar, ainda que seja apenas pela leitura de relatos de viagens, é um dos meios de ampliar o âmbito da antropologia. Mas para ampliá-la numa dimensão maior é preciso ter primeiro adquirido conhecimento do ser humano em sua própria terra, por meio das relações com os conterrâneos da cidade ou do campo, se se quer saber o que se deve buscar fora (KANT, 2006, p. 22).

Em sua última publicação, de acordo com Pedro Paulo Garrido Pimenta, o que Kant propõe “[...] é apresentar um método destinado à leitura objetiva de determinadas práticas culturais [...]” adotadas pelos homens em sociedade, diferenciando assim “[...] a antropologia pragmática de um conhecimento fisiológico dos mecanismos pelos quais se constitui a natureza corpórea do homem. O foco é nas técnicas pelas quais o homem vem a ser o que é *no mundo* [...]” (PIMENTA, 2007, p. 129). Kant atribuiu importância ao ato de viajar efetivamente, ou, então, de *ir com os pés dos outros* (DEL VALLE, 2009), por meio da leitura de relatos de viagens. Estes são, para o filósofo alemão, modos viáveis para o alargamento da “[...] doutrina do conhecimento do ser humano sistematicamente composta (antropologia)” (KANT, 2006, p. 21). Mas, ao mesmo tempo em que salienta o valor do viajar para o conhecimento da exterioridade, Kant alerta para o fato de que o observador deve ter conhecimento da sua própria sociedade para então perscrutar o que lhe é externo. Partir do

local para o global foi a orientação dada por ele às pesquisas antropológicas, com o que, como observou Pedro Pimenta (2007, p. 130), “a antropologia do século XIX não teria problemas em concordar [...]”.

As ideias de Kant pertencem a um momento em que a Antropologia não dispunha dos mecanismos teóricos e metodológicos que lhe conferiram a consolidação como um campo do saber autônomo. Esse processo estendeu-se ao longo do século XIX e XX, o que não impediu que, especialmente, os relatos de viagens fossem identificados como uma etnografia, como proposto por Michel de Certeau (1982), em seu estudo sobre a narrativa de Jean de Léry, ou mesmo para Sérgio Cardoso (1988, p. 360), para quem “[...] o verdadeiro viajante é sempre virtualmente etnólogo [...]”. Outros autores, como Ilka Boaventura Leite sustentam que os escritos dos viajantes, devido à ausência de um rigor teórico-metodológico, cujo maior reflexo é a adoção do critério de superioridade e inferioridade em suas descrições, constituíram “[...] um estilo pré-etnográfico não menos importante, já que, inclusive, trará subsídios para o desenvolvimento da etnografia moderna” (LEITE, 1996, p. 94).

Apesar de alertar para o fato de que os relatos de viajantes não formam uma etnografia em si, João Pacheco de Oliveira Filho (1987) destaca a validade de suas contribuições, e chama a atenção para a relação ambígua entre o antropólogo e o viajante, pois, ora se aproximam, complementando-se em seus discursos, e ora se afastam, quer pelas diferenças entre as informações, quer pelas formas empregadas para obtê-las. Para o autor, os relatos de viagem formam:

[...] um inventário mínimo de costumes e instituições não ocidentais – coleção sem a qual a Antropologia não seria possível -, o antropólogo se situa em uma linha de continuidade com o viajante, a ele devendo o seu próprio universo empírico de base. Mas não se trata apenas de reconhecer um vínculo que remeteria ao passado da disciplina, mas de evitar que as pesquisas atuais naturalizem os costumes dos povos estudados, tomando os dados do presente como expressão estática de uma condição natural e originária. Os relatos de viagem, ao contrário, ajudam o antropólogo a imprimir à sociedade estudada uma dimensão histórica mais profunda, reunindo informações que transcendem em muito a capacidade de observação dos etnógrafos durante a sua situação de campo (OLIVEIRA FILHO, 1987, p. 87).

Portanto, a contribuição dos relatos de viagens, assim como de outras narrativas, produzidas por missionários, militares e agentes de governo, por exemplo, residem na dimensão histórica que fornecem ao observador, possibilitando a identificação de continuidades, mudanças e ressignificações das práticas observadas. No entanto, esta

dimensão não deve ser desvinculada da própria natureza do relato, da relação tempo e espaço entre os registros e a publicação, assim como do lugar de enunciação do seu autor.¹⁸³

Em um primeiro momento, os apontamentos da experiência direta com a alteridade são resultados de um método de observação sustentado no olhar e no ouvir, sendo que ambas as faculdades sensoriais mantêm uma intrínseca conexão. Em suas reflexões sobre o trabalho do antropólogo, Roberto Cardoso de Oliveira (2000, p. 21-22) afirma que “[...] o ouvir, complementando o olhar, participa das mesmas condições desse último [...]”, de modo que “Bastaria entendermos que as disciplinas e seus paradigmas são condicionantes tanto do nosso olhar como de nosso ouvir”. Ainda que, no caso dos viajantes, não possamos falar de uma disciplina, é possível afirmar que os seus sentidos foram *domesticados* por relatos anteriores e pela sua cultura de origem – notadamente a europeia – criando, portanto, um jogo de expectativas e realidade que os influenciam no momento em que estabelecem contatos com a alteridade.

Posteriormente, estes registros necessitam ser sistematizados em uma narrativa, cujo objetivo é traduzir o *Outro* e, ainda, fazer-se crível perante seu público leitor. Para tanto, como já salientamos no capítulo anterior, as operações *eu vi* e *eu ouvi* são fundamentais nesse duplo processo de tradução da alteridade e de produção de um discurso *verdadeiro* (HARTOG, 1999). No entanto, devemos atentar para a mudança de contexto entre os dois momentos destacados, isto é, entre o *olhar* e o *ouvir* e o do relato publicado. Enquanto os primeiros implicam a coleta de dados em seu ambiente original, o segundo é produto de uma operação intelectual realizada não mais na realidade à qual se referem as informações. Ou seja, a escrita da obra pressupõe não somente uma retomada das notas de viagem registradas no diário, mas, também, uma nova escrita marcada, nas palavras de Roberto Cardoso de Oliveira (2000, p. 27), “[...] por uma interpretação *de e no* gabinete, faz[endo] com que aqueles dados sofram uma nova ‘refração’ [...]”, estando ainda sujeitos a várias reescritas até a satisfação do autor, na medida em que “[...] o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar” (CARDOSO DE OLIVEIRA, p. 32).

¹⁸³ Recorrendo às reflexões de Pierre Bordieu, a partir do seu conceito de campo, Oliveira Filho afirma que “[...] a obra dos cronistas deve ser pensada enquanto *produção intelectual*, isto é, como um *tipo de produção específica realizada por certos atores sociais, e de acordo com um conjunto de regras e expectativas sociais historicamente definidas*” (OLIVEIRA FILHO, 1987, p. 90). O que, portanto, deve levar a destacar a especificidade da obra e, também do seu autor, pois, “[...] a *produção intelectual não se faz em um vazio social dirigido apenas por certas normas técnicas e ideais de ‘como’ e ‘o que’ fazer, mas sim dentro de um sistema de relações sociais que articula entre si os diferentes tipos de produtores intelectuais, agrupando-os e opondo-os segundo certos papéis e posições, que, aí, assumem, segundo o seu grau de acesso e controle de certos aspectos materiais da produção, segundo a legitimidade própria que possuem e os critérios de hierarquização que dispõem seus produtos face aos de outros*” (OLIVEIRA FILHO, 1987, p.92).

Percorrendo o território paraguaio no início do século XIX, as observações etnográficas presentes na narrativa de Johann Rudolf Rengger, inserem-se na etnologia que podemos caracterizar como produzida pelos viajantes.¹⁸⁴ Um aspecto que chama a atenção em seu relato é que dentre as três pranchas de ilustrações da obra *Viaje al Paraguay*, duas são dedicadas aos indígenas. Roger Chartier (1990), em comentário feito sobre as edições das peças de Molière,¹⁸⁵ já observava que a inserção de ilustrações em um livro impõe uma série de escolhas, entre as quais está a seleção de qual cena ilustrar. Ora, essa mesma questão pode ser feita em relação à publicação de Rengger. Afinal, por que um relato, resultante de uma viagem cujo propósito era estudar a História Natural da região, escolheu tão somente ilustrar utensílios, casas e os tipos físicos dos indígenas? Ainda que seu relato não tenha sido concluído em função de seu falecimento, o que se constata é a dedicação inicial do autor à construção de uma narrativa sobre os indígenas do Paraguai, a partir de suas observações.

Logo no início do capítulo dedicado aos “habitantes primitivos” do Paraguai, Rengger estabelece uma divisão entre os nativos convertidos e os não convertidos ao cristianismo. Considerando os últimos como selvagens, o autor deixa transparecer o critério que observou na escrita do capítulo: “Sólo me referiré aqui a los indios que permanecieron en libertad y cuyas costumbres no han cambiado en nada. Sobre los indios de las misiones, que hoy son todos cristianos, hablaré en el capítulo en que me refiero a la población actual” (RENGGER, [1835] 2010, p. 110). Como o capítulo sobre a população paraguaia referente ao período em que Rengger esteve no país (*la población actual*) não foi redigido, dispomos de um volume muito menor de informações sobre ela. Ainda assim, conforme a introdução do *Ensayo Historico*, é possível inferir que, para Rengger, a população do Paraguai das primeiras décadas do século XIX fosse formada por brancos e *criollos*, mestiços, negros e índios aldeados.¹⁸⁶ Apesar de apresentar-se como um crítico da atuação dos jesuítas e, também, dos posteriores administradores dos aldeamentos, a conversão dos nativos à religião cristã e sua fixação em povoados foram por ele percebidos como indicativo de civilização, razão pela qual os indígenas aldeados foram incorporados à população paraguaia pelo médico-viajante.

¹⁸⁴ Os autores Bartomeu Melià, Marcos Saul e Valmir Muraro, em estudo sobre a etnologia Guarani no Paraguai, alertam para as alterações nas variadas descrições dos indígenas ao longo das épocas, estabelecendo uma sistematização destas etnologias “[...] categorizada a partir do etnólogo e do ‘lugar’ deste” (MELIÀ; SAUL; MURARO, 1987, p.20) propondo, portanto, uma Etnologia de conquista, missionária, dos viajantes, antropológica e etno-histórica.

¹⁸⁵ Jean-Baptiste Poquelin (1622 – 1673) ou Molière, como ficou conhecido, foi um dramaturgo, ator e encenador francês. Destaque na dramaturgia da França, Molière obteve sucesso com suas peças de comédia satírica, nas quais criticava os costumes vigentes em sua época.

¹⁸⁶ É preciso, contudo, observar que Rengger ressalta que a auto identificação da população sob o adjetivo de *paraguaio* aplicava-se somente aos *criollos*, excluindo-se os espanhóis e os índios. (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 1014).

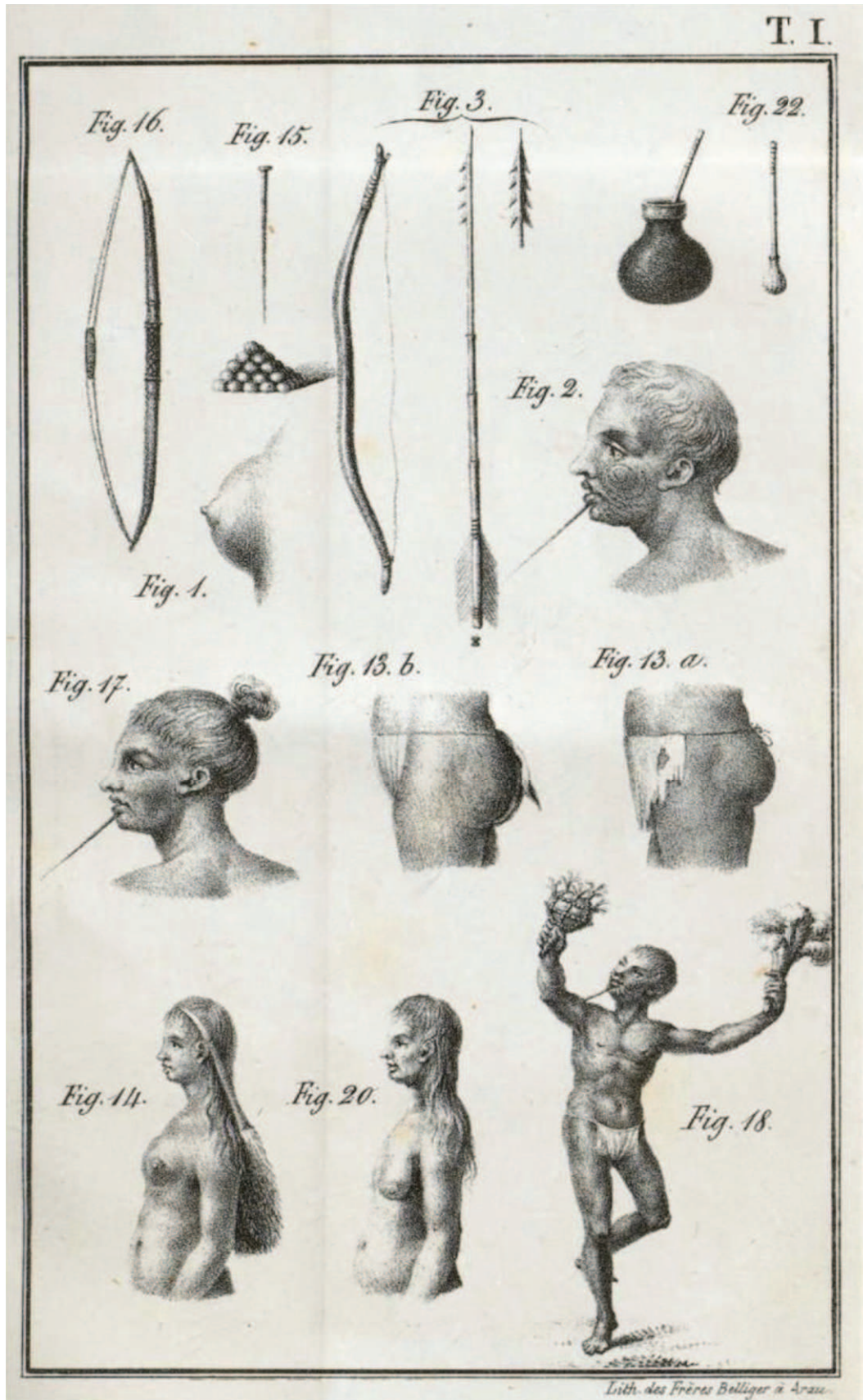
Apesar de fazer uma simples divisão em seu capítulo entre guaranis e payaguás, Rengger chegou a coletar informações sobre outros grupos indígenas, utilizando-se da prática de oferta de alimentos e de presentes, tais como espelhos e facas, como estratégias de aproximação. Além disso, recorreu também à troca de utensílios visando à formação de uma coleção de objetos típicos dos grupos contatados.¹⁸⁷ Preocupado com sua correta identificação, Rengger esforçou-se em distingui-los por meio da língua, dos costumes e do seu porte físico, apesar de defender que, à época da Conquista, os indígenas que viviam no Paraguai eram todos guaranis. Segundo o viajante:

Aunque los guaraníes formaban una única nación en virtud de la identidad de su lengua, de sus costumbres y de su aspecto físico, estaban divididos, sin embargo, en diferentes tribus, cada una con su cacique independiente de los otros. Estas tribus tomaban el nombre de su cacique o del distrito que habitaban, del modo en que lo hacen hasta ahora las que viven en estado salvaje. Ésta es la razón, como señala Azara, por la que los autores españoles que escribieron sobre el Paraguay y en los relatos de los jesuitas se encuentra la enumeración de una multiplicidad de pueblos, aunque, sin embargo, todos ellos eran guaraníes (RENGGER, [1835] 2010, p. 109-110).

Cioso da correta classificação dos grupos indígenas, Rengger critica as antigas divisões que, segundo ele, não haviam sido capazes de perceber os elementos comuns que os uniam, ao invés de separar os grupos nativos. Para o viajante, a língua utilizada pelos indígenas era um sinal claro da supremacia guarani, pois “Su lengua, ampliamente difundida en compensación con los numerosos dialectos del Gran Chaco, es testimonio del gran territorio que poseyeron” (RENGGER, [1835] 2010, p. 253). Enquanto um conhecedor da língua guarani, Rengger justifica que os vários dialetos se deviam aos múltiplos contatos mantidos entre grupos indígenas, espanhóis e missionários durante as etapas da colonização, de modo que “La lengua de los guaraníes que habitan en el bosque (*monteses*) ya es diferente del dialecto de los indios de las misiones, y este último a su vez de la lengua guaraní común en Paraguay” (RENGGER, [1835] 2010, p. 254). Ciente dessas variações linguísticas, o médico suíço solicitou auxílio de um intérprete ao adentrar na serra de San José em busca dos caayguás.

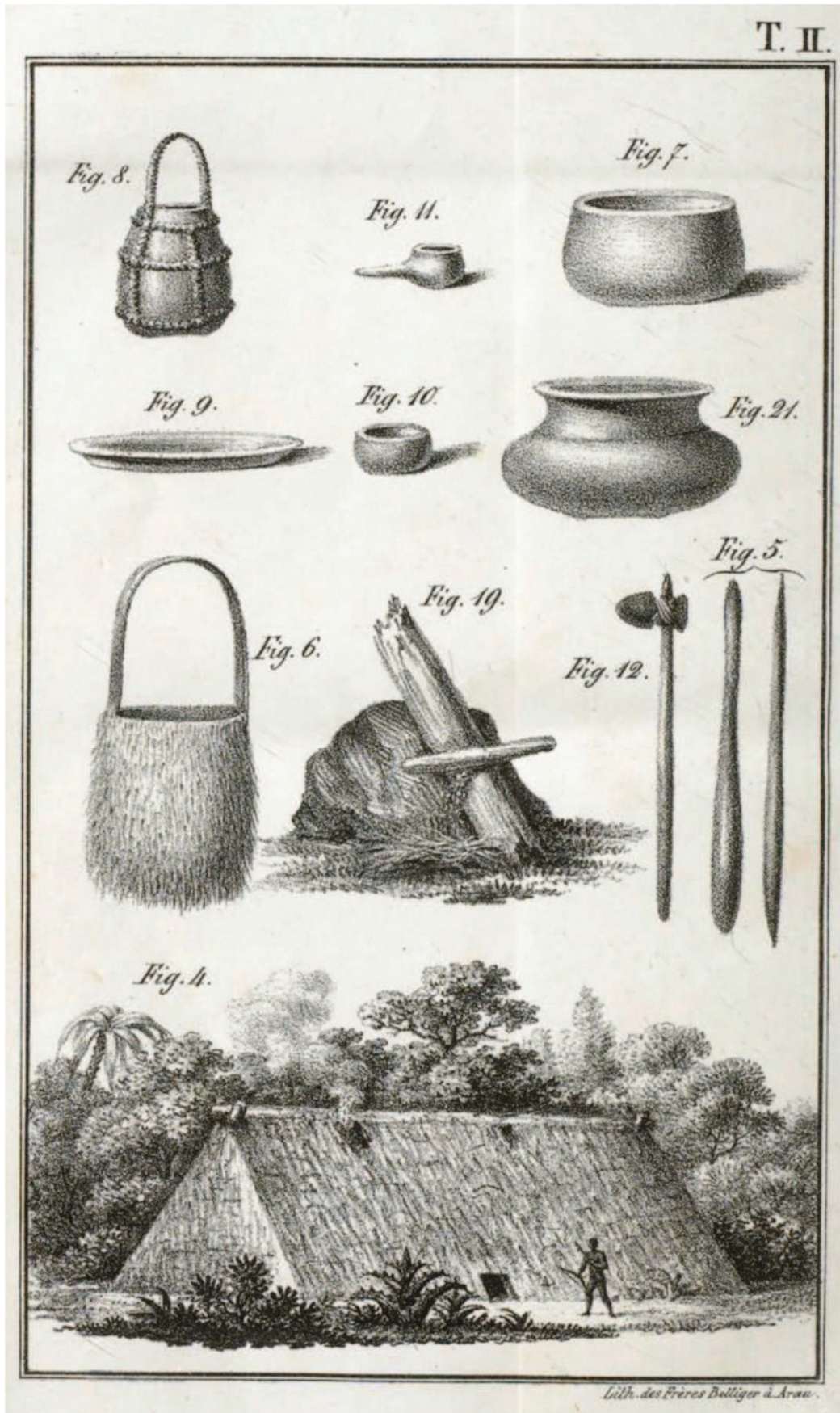
¹⁸⁷ No capítulo “Miscelâneas de conteúdo etnográfico e histórico natural”, Ferdinand Wydler compilou uma série de apontamentos feitos em folhas soltas e que se encontravam nas margens de páginas da obra de Azara. Nelas, há registros dos grupos payaguás, guaranis, guanás, mbayás, guaicurús, lenguas, machicuys, enimagás, guentusés, tobas, mocobies e abipones.

Figura 11 – Primeira prancha de ilustrações da obra *Viaje al Paraguay* de Rengger



Fonte: RENGGER (1835).

Figura 12 – Segunda prancha de ilustrações da obra *Viaje al Paraguay* de Rengger



Diferentemente de todas as demais regiões de colonização espanhola na América, a região do atual Paraguai apresentava a especificidade de uma língua indígena, própria de seus espaços, e que conseguiu se impor frente ao idioma do colonizador, a ponto de os próprios *criollos* e mestiços a utilizarem em sua comunicação cotidiana, ainda que se considerassem espanhóis ou descendentes destes (MELIÀ, 2012). Convertida em uma linguagem mais administrativa do que cotidiana, a língua espanhola, ao longo de todo o período colonial e, mesmo durante o governo de Francia, foi imposta e incentivada em detrimento da língua guarani, que se viu alterada com a inserção de neologismos e espanholismos, resultando em mesclas do espanhol com o guarani e do guarani com o espanhol (MELIÀ, 2012). No entanto, o que é significativo em relação à situação da língua praticada no Paraguai, além da identidade étnica que carregava consigo, é que, em suas viagens pelo Paraguai, Rengger se deparava com a variabilidade que a língua guarani assumia em espaços específicos, não somente pelas divisões entre os grupos indígenas, mas, especialmente, a partir dos variados contatos – com suas distintas intensidades – estabelecidos pelos agentes colonizadores, a ponto de identificar uma língua na região das missões, outra própria dos índios que habitavam as selvas e, por fim, a falada de modo geral no Paraguai.¹⁸⁸

Desconsiderando as dinâmicas sociais próprias de cada grupo nativo do Paraguai, Rengger parte de categorias como a língua, o território e os costumes para descrever e classificar as populações indígenas. Impulsionadas pelo romantismo, a partir da valorização das diferenças entre os ambientes e os sujeitos, tais categoriais foram paulatinamente se definindo entre as últimas décadas do século XVIII e a primeira metade do século XIX. A descrição do médico suíço, para Bartomeu Melià, Marcos Saul e Valmir Muraro (1987, p. 31), parte de um “[...] estilo que anuncia certas características de uma etnografia moderna [...]”, sendo que se percebe a adoção de um padrão de percepção da alteridade baseado na língua, no porte físico e nos costumes dos indígenas. Tal padrão, como vimos, também era a base de diferenciação das etnias para Rengger; ademais a crítica realizada pelo viajante à diversidade de grupos nos induz a refletirmos sobre as bases classificatórias que operaram estes recortes étnicos e que foram sendo construídas e adaptadas desde o século XVI.

Na América espanhola, os agentes coloniais foram ativos na divisão do território indígena, quer por meio da *encomienda*, quer por meio da ação missionária e intelectual da Companhia de Jesus e de outras ordens religiosas. Isto, no entanto, não significou que os grupos nativos não agiram para manter ou expandir a sua área de influência, tanto através de

¹⁸⁸ Sobre a história da língua guarani no Paraguai, desde o início da colonização até os dias atuais, ver o trabalho de Bartomeu Melià (2012).

suas práticas tradicionais, quanto de estratégias propriamente coloniais. No entanto, de acordo com Christophe Giudicelli, as delimitações de nações e parcialidades foram “[...] fundadas, en principio, sobre unos criterios positivos: lengua, territorio y, en un lejano segundo plano, organización política y rasgos culturales” (GIUDICELLI, 2011, p. 348).

O mesmo autor, em estudo sobre a classificação realizada pelos jesuítas na América, destaca a tipologia proposta pelo inaciano José de Acosta, que se utilizando da figura do bárbaro, mescla de homem e fera para o religioso, a sistematiza em três categorias hierárquicas, nas quais a *ausência* era o critério (GIUDICELLI, 2011). A falta de uma estrutura política, de ritos religiosos e de lideranças são os principais norteadores da classificação.¹⁸⁹ Nesta verdadeira “invenção do *Outro*”, permeada por interesses coloniais e missionários, Acosta teria, segundo Guidicelli, concebido:

[...] el sometimiento y la tarea específica de reducción a la *policia cristiana* como dos acciones indisociables y perfectamente complementarias. [...] anticipándose así a muchos cronistas posteriores de la Compañía, es la primera operación que efectúa al escribir: la conceptualización, sistematización y categorización de los bárbaros, de las poblaciones llamadas a mejorar su pobre estado social bajo a la tutela de los misioneros ignacianos (GIUDICELLI, 2011, p. 350).

Estas considerações nos levam a perceber a continuidade de certos padrões classificatórios que foram construídos ao longo do período colonial e, especialmente, na fase inicial do encontro dos europeus com os autóctones americanos, e que se mantiveram ao longo dos séculos seguintes, apesar de readequações.¹⁹⁰

¹⁸⁹ José de Acosta (1539 – 1600) foi um jesuíta espanhol, que atuou entre 1572 e 1586 no Vice-Reino do Peru, retornado a Espanha em 1587. Propôs a sua primeira classificação na obra *De procuranda indorum salute* (1588). De acordo com Guillaume Boccara, a primeira ordem de bárbaros, que não compreendia nenhum grupo indígena, abrangia “[...] las naciones ‘que tienen régimen político estable de gobierno, leyes públicas, ciudades fortificadas, magistrados, comercio próspero y bien organizado, y, lo que más importa, uso bien conocido de las tierras’” (BOCCARA, 2010, p. 107). A segunda ordem que compreendia os grupos mexicanos, peruanos e alguns chilenos era definida por possuírem “[...] régimen de gobierno, tienen asentamientos frecuentes y fijos en los que mantienen su administración política, sus jefes militares y cierto esplendor de culto religioso” (BOCCARA, 2010, p. 107). A última ordem era ocupada por um sem-número de grupos, pois, segundo o jesuíta, “En ella entran ‘los hombres salvajes, semejantes a bestias, que apenas tienen sentimientos humanos. Sin rey, sin ley, sin pactos, sin magistrados ni régimen de gobierno fijos, cambiando de domicilio de tiempo en tiempo y aún cuando lo tienen fijo, más se parece a una cueva de fieras o estables de animales’ [...]” (BOCCARA, 2010, p. 108). Já na obra *Historia natural y moral de las Indias* (1590), Acosta retoma a sua classificação, realizando modificações que, segundo Boccara, passaram a enfatizar “[...] mucho más sobre las formas de gobierno y modifica el contenido de cada una de las categorías. En la cúspide, distingue a los imperios de los mexicanos y de los incas, luego vienen las behetrías que, según escribe ‘forman la mayor parte deste Nuevo Orbe’, y finalmente la tercera clase ‘donde todos mandan y gobiernan’” (BOCCARA, 2010, p. 108).

¹⁹⁰ Podemos citar como uma possível readequação, a classificação de Lineu, tida como a primeira a inserir o ser humano em categorias que anteriormente eram dedicadas exclusivamente à fauna e a flora. Apesar de apregoar a sua classificação como científica, Lineu somou às descrições físicas e temperamentais, os costumes e as organizações políticas dos grupos classificados, aproximando-se, salvaguardadas as especificidades, das primeiras tipologias propostas.

Neste sentido, o relato de Johann Rengger sobre os grupos indígenas paraguaios é bastante ilustrativo. Em sintonia com as descrições iluministas, que procuravam explicações gerais, Rengger afirma que “En todos los pueblos indígenas que llegué a conocer encontré los mismos rasgos característicos; sin embargo, cada tribu tiene sus peculiaridades, por las que puede diferenciarse fácilmente de otras [...]” (RENGGER, [1835] 2010, p. 247). Ao descrever tribos de guaranis selvagens, os caayguás, os carimás e os tarumas, Rengger os define como sendo de aparência feia, especialmente quando “[...] llegan a la edad de 40 o 50 años, se vuelven verdaderamente horribles” (RENGGER, [1835] 2010, p. 112-113). Além disso, segundo o viajante, “Estos hombres viven sólo para comer. Todos sus trabajos y preocupaciones tienen sólo esa finalidad” (RENGGER, [1835] 2010, p. 124), não havendo qualquer preocupação de se estabelecerem em um local fixo. Após seu ingresso na moradia de um cacique, Rengger não deixa de observar que “Estaba construida de la manera más simple” (RENGGER, [1835] 2010, p. 112-119). Com relação aos ritos religiosos, Rengger destaca que lhes falta um líder religioso e que não apresentam uma noção mais apurada de divindade. Para ele, o uso de símbolos cristãos pelos caayguás, como a cruz em sinal de paz, segundo sua interpretação (RENGGER, [1835] 2010, p. 119), evidencia os contatos interétnicos acumulados ao longo de três séculos, mesmo que as relações de trocas comerciais com os *criollos* tenham diminuído após a revolução de independência. No entanto, a partir de uma conversa com o cacique caayguá, Rengger consegue algumas informações sobre suas divindades, mas nada a respeito dos ritos praticados:

‘Nosotros conocemos sólo al *tupa* (espíritu) que vive en las estrellas. Es él quien hace la lluvia, las tormentas, quien envía a los jaguares a cazarnos, quien, por medio de un sortilegio (*payé*) hace que los *Ava-pyta* [mbayás] sean tan temibles, en fin, es *tupa* quien les ha permitido a ustedes apoderarse de nuestras tierras y nos ha reducido a la miseria’. Por más que le pregunté sobre el culto que rendían a este dios no pude conseguir más nada de él. Sin embargo, se advierte por estas pocas palabras que atribuyen a su dios todo lo malo y dudo de que su culto sea diferente del que se practica entre los payaguás, de los que hablaré más adelante (RENGGER, [1835] 2010, p. 129).

Em relação aos índios payaguás, Rengger não nos fornece informações sobre suas práticas religiosas, apenas confirma que “[...] estos indios no conocen ningún tipo de adoración a Dios, y sólo poseen una oscura noción de dos seres superiores, uno benevolente y uno hostil” (RENGGER, [1835] 2010, p. 251). Contudo, acaba por ressaltar a barbárie nativa, ao destacar a falta de lideranças políticas e de leis entre os payaguás, pois, “[...] siguen siendo tan libres como antes de la conquista o, inclusive, lo son más aún, pues entonces tenían caciques a los que estaban sometidos, mientras que en la actualidad no obedecen a nadie, [...]”

Entre ellos no reconocen jefes ni leyes y cada uno hace su propia voluntad (RENGGER, [1835] 2010, p. 133). Apesar de fazer várias observações negativas a respeito dos indígenas do Paraguai, em nenhum momento Rengger modificou a sua convicção de que os índios não eram adeptos de práticas canibais, inclusive, estendendo-a ao período dos primeiros contatos com os europeus.

A partir da análise destes comentários de Rengger, constata-se a manutenção da operacionalidade da tipologia proposta por Acosta. No período independente, o bárbaro americano, ainda é classificado pelo seu aspecto físico, pela sua indolência, que passa a explicar o seu nomadismo e a sua falta de indústria, agravado pelas opacas evidências de religiosidade, governos políticos e de justiça. Portanto, apesar de Rengger validar seus escritos, por resultarem da observação direta e pela utilização cuidadosa dos antigos manuscritos jesuíticos e de outras informações orais de origem duvidosa, sua narrativa não rompe com a lógica classificatória dos indígenas presentes em outros escritos coloniais.

Sua escrita, no entanto, também revela a presença de um discurso vigente na Europa do século XIX, que pautava-se pela classificação do ser humano a partir de características biológicas, que serviriam de lastro para a consolidação do racismo científico ao final do século. A descrição dos corpos, especialmente dos rostos, é uma constante no relato de Rengger, que, adepto da taxonomia de Georges Cuvier,¹⁹¹ afirma que estas características eram hereditárias, portanto, próprias do grupo em questão. Contudo, as descrições que faz dos corpos indígenas abrangem apenas os índios guaranis e payaguás, sendo que, para os primeiros, o parâmetro de comparação eram os europeus, enquanto que os segundos foram comparados com os próprios guaranis, dentro da lógica de um grupo referencial.

Se, no contexto do desenvolvimento taxonômico, a distinção entre os gêneros na fauna e na flora era importante, as descrições de Johann Rengger sobre os indígenas paraguaios também consideraram este aspecto.¹⁹² Apesar do avanço do estudo da anatomia humana ao longo do século XIX e sua contribuição para a consolidação, sob um viés *científico*, da percepção que associava a mulher à natureza e o homem à cultura (ENGEL, 2004), o que se observa nos escritos de Rengger é a não validação dessa dicotomia para os índios. Tal invalidade evidencia, que como representante da cultura europeia, o médico suíço traz

¹⁹¹ Com relação à classificação humana, Cuvier adotava o pressuposto de heranças físicas entre os grupos humanos, sendo que critérios geográficos e raciais foram adotados em sua divisão dos homens nas subespécies caucasiana, etiópica e mongólica.

¹⁹² A diferenciação entre os sexos passa a ser o princípio básico nos sistemas de classificação e, sendo a própria espécie humana incorporada às taxonomias a partir de Lineu, acelera-se o processo que, apoiado na autoridade da ciência, buscava comparar as diversas pessoas associando o sexo e a raça a características determinantes e determinadoras do papel dos indivíduos na sociedade.

consigo o padrão de perfectibilidade definido pelo homem adulto, europeu e culto, considerando, portanto, todos os demais tipos humanos como desviantes. Adjetivados como selvagens pelo viajante, aos indígenas serão imputados uma série de preconceitos e estereótipos observáveis nas descrições tanto em relação às mulheres, quanto em relação aos homens.

Sobre os guaranis *monteses* – descritos como selvagens para Rengger – a descrição é a seguinte:

La talla de estos indios es, en general, menor que la de los europeos. Se ubica entre cinco pies y cinco pies y dos pulgadas. Sin embargo, su cuerpo es rechoncho, su cabeza grande y el cuello grueso y corto. Los hombros y el pecho son anchos, el vientre grande, los brazos y piernas cortos y carnosos, las nalgas salientes, los pies y manos cortas aunque anchas, el miembro viril retraído y los testículos más reducidos que de los hombres de raza blanca. En los indios el tronco es desproporcionadamente grande con respecto a las extremidades, y en los individuos flacos es demasiado grueso. Los rasgos de la cara son los de la raza mongólica, [...] La frente es huidiza. Los ojos negros, pequeños y rasgados, de modo que el ángulo interno se ubica un poco más abajo que el externo. Los pómulos están separados y son salientes. La nariz es alargada sin llegar a ser saliente, y las aletas de las narinas están un poco levantadas. La boca es ancha. El surco que desciende de la nariz en el labio superior está casi borrado y ese labio, sin ser más grueso, sobrepasa a veces al labio inferior, lo que les da aspecto de lavados. La mandíbula inferior es fuerte y su ángulo posterior saliente. El cabello es negro y lacio, aunque no siempre es grueso. Las cejas y pestañas son ralas y negras como la barba y los pelos que rodean a las partes sexuales (RENGGER, [1835] 2010, p. 111-112).

O maior detalhamento dos corpos indígenas parece apontar para um contato muito mais próximo do viajante com grupos guaranis durante suas viagens a San Joaquín e, posteriormente, a Villa Real. Servindo de modelo para as demais descrições, Rengger constrói uma caracterização que se pauta na falta de simetria entre as partes, como entre o tronco robusto e os membros menores, ou mesmo em relação à forma isolada de um membro, por exemplo, os pés e as mãos curtos, porém salientes. A falta de simetria já não seria para Rengger tão acentuada entre os payaguás, reconhecidos como senhores das águas do rio Paraguai. O médico suíço não hesita em reconhecer que o exercício constante do remo era a causa do desenvolvimento dos músculos do peito, das costas e dos braços, o que tornava seus corpos esbeltos e bem proporcionais. No restante, seu comentário é sucinto, ressaltando a continuidade dos traços físicos dos guaranis anteriormente citados e o costume de adornarem seus cabelos com tranças e o fato de serem imberbes.

Já em relação ao corpo feminino das índias guaranis, o médico-viajante realiza uma descrição que toma como referência o corpo masculino indígena. De acordo com Rengger:

Las mujeres jóvenes tienen los mismos rasgos característicos y nacionales que los hombres, aunque su talla es más pequeña y sus formas más redondeadas. Sus pechos, bastante grandes, tienen la peculiaridad siguiente: la aureola (el área del pezón) está levantada y como superpuesta al seno, sobre el que forma un sector esférico en cuyo centro está la punta del pezón. Sus partes sexuales tienen el monte de venus muy en relieve y los labios mayores carnosos y gruesos. Sobre aquél sólo se encuentran algunos pelos ralos y cortos. La pelvis es ancha y las nalgas grandes. Las mujeres tienen los cabellos largos y lacios (RENGGER, [1835] 2010, p. 112).

Vale lembrar que as diferenciações sexuais e a criação de termos próprios para a anatomia de cada corpo encontrava-se em desenvolvimento neste período, sendo que uma das consequências desse processo foi que as comparações realizadas entre corpos femininos, de acordo com Ana Paula Vosne Martins (2004, p. 35), passaram cada vez mais a recair “[...] sobre estruturas e características associadas à sexualidade, como os seios, o desejo sexual mais ou menos acentuado, o tamanho do clitóris e, principalmente, o tamanho da pélvis”. Apesar de compartilharem muitas das características físicas dos homens, as indígenas ganham espaço na narrativa de Rengger, especialmente, a partir de alguns dos elementos destacados acima, tais como os seios e a região genital. O mesmo pode ser observado quando ele se detém na descrição do aspecto físico das indígenas paraguaias, uma vez que ele reitera que, assim como os homens, suas formas eram mais regulares e belas. Mesmo não fazendo referência a uma suposta volúpia sexual por parte das mulheres indígenas, Rengger afirma que elas não poderiam ser responsabilizadas pelas baixas taxas de fecundidade registradas entre os grupos paraguaios. Para o viajante, o fato de as índias terem vários filhos quando se relacionavam com mulatos ou brancos é a prova de que o problema encontrava-se nos índios de sexo masculino. Constatação que, certamente, pode estar associada a pensamentos setecentistas que defendiam o total desinteresse sexual dos índios.

Os comentários feitos pelo médico Johann Rengger sobre o tipo físico e, mesmo sobre a aparência dos indígenas, nos permitem destacar a concepção empirista da medicina, própria do período, que entende o corpo não de forma sacralizada, mas, sim, como algo possível de ser estudado, mensurado e analisado. Além de considerar os indígenas como possuidores de traços faciais típicos da etnia mongol e que “El color de la tez se llama, por general, cobrizo, porque hasta ahora no se ha encontrado término mejor” (RENGGER, [1835] 2010, p. 112),¹⁹³ Rengger ainda levou do Paraguai para a Europa crânios de um índio da tribo mocobí e um da tribo lengua (RENGGER, [1835] 2010, p. 259), o que é ilustrativo desse pensamento que

¹⁹³ Deve-se destacar que a cor de pele cobre é proposta pelo botânico sueco Carlos Lineu nas categorias de homem americano, que, segundo ele, contariam, ainda, com as características de “[...] colérico, ereto. Cabelo negro, liso, espesso; narinas largas; semblante rude; barba rala; obstinado, alegre, livre. Pinta-se com finas linhas vermelhas. Guia-se por costumes” (PRATT, 1999, p. 68). Lineu elaborou ainda outras cinco categorias para o homem, a saber: homem selvagem, europeu, asiático, africano e os “homens monstruosos” (PRATT, 1999).

procura estabelecer comparações entre as estruturas físicas de distintas etnias e que se acentuará ao longo de todo o século XIX. Já na Europa, ao participar da 13ª Assembleia anual da Sociedade suíça para o conjunto de todas as Ciências Naturais, em 1827, Rengger expôs os crânios que havia trazido do Paraguai. Nessa ocasião, encontrou-se com o botânico Augustin Pyrame de Candolle, que fez um curioso registro da conversa que teve com Rengger em seu livro de memórias, publicado em 1862, como informa Lorenzo Ramella e Patrick Perret:

Vi también al Señor Rengger, quien volvía de Paraguay, en donde había visto de cerca al famoso doctor Francia. Había traído una colección de cráneos humanos, destinados a hacer conocer las diversas razas de América meridional, y me la mostraba con complacencia; hablando con él, le pregunté qué precauciones había tomado para asegurarse de la raza a la cual pertenecía realmente cada individuo. ‘¡Pues claro, me dijo, estoy bien seguro de ello; soy yo quien los mató!’ No pude reprimir un gesto de indignación, y agregé: ‘¡Era durante la guerra! Cada vez que el doctor Francia tenía un problema con una tribu, le pedía para servir como voluntario, y completaba mi colección’. Nunca oí hablar de un celo de naturalista tan salvaje (CANDOLLE apud RAMELLA; PERRET, 2011b, p. 427-429).

Apesar de os escritos de Rengger não confirmarem sua participação em expedições militares do governo Francia contra grupos indígenas, é certo que o viajante se valeu de situações próximas para ter acesso às informações que desejava obter. No caso dos índios lengua e mocobí acima citados, cabe observar que ambos foram mortos após uma tentativa frustrada de roubo de cavalos na margem esquerda do rio Paraguai.

As avaliações de Johann Rengger sobre os primitivos habitantes do Paraguai não devem ser consideradas somente como uma preocupação em melhor conhecer a espécie humana. Após os países americanos se libertarem do jugo colonial espanhol e português, os rumos das novas nações foram alvo de reflexões e um aspecto foi tido como fundamental: a contribuição de cada etnia para o desenvolvimento do país. Neste sentido, havia uma inquietação em relação aos negros e aos indígenas, considerados degenerados por muitos estudiosos. Portanto, a observação do corpo do *Outro* e de seus costumes, visava, também, o entendimento dos papéis sociais que deveriam ser cumpridos por cada grupo que compunha a sociedade, bem como a possibilidade de um melhoramento racial. Estas ideias, que teriam o seu ápice na segunda metade do século XIX, com o racismo científico, fortemente influenciado pelo evolucionismo de Darwin, tem a sua origem nos debates sobre a inferioridade americana iniciados ainda no século XVIII e que se fizeram presentes ao longo de todo o século seguinte.

Rengger era partidário da ideia de que os indígenas do Paraguai precisavam ser civilizados, e todas as citações até aqui destacadas deixam claro que a realidade vivida pelos

índios não era compatível com o pensamento do viajante, causando-lhe estranhamento. Incapaz de compreender as dinâmicas das sociedades nativas que conheceu, Rengger permanece atrelado aos seus paradigmas, que são próprios de um sujeito europeu marcado por um pensamento racionalista e oriundo de uma sociedade capitalista. Nesse sentido, suas observações sobre os costumes, as cerimônias, os objetos e as ações dos grupos indígenas são orientadas por um viés negativo, se sobressaindo sua discordância em relação as suas ações e crenças. No seu entendimento, o fato de os índios persistirem em um estado selvagem era a prova da incapacidade dos jesuítas e do império espanhol em levar a cabo um projeto civilizatório, que obviamente incluía a conversão ao cristianismo, a sedentarização e o abandono de seus costumes, ou seja, “[...] el mejoramiento de su estado moral [...]” (RENGGER, [1835] 2010, p. 273). Para Rengger, espanhóis e jesuítas haviam falhado nesta tarefa, por indolência e ganância, respectivamente. O que não significa que os indígenas do Paraguai fossem percebidos por ele como fadados à selvageria, uma vez que a aprendizagem de ofícios manuais no período colonial podia ser percebida como um indício de suas capacidades. Além disso, o médico suíço afirma:

[...] los guaraníes que pasaron su vida libremente entre los blancos, gozando de los derechos de los otros ciudadanos, ni piensan en volver al estado salvaje, al que incluso tienen aversión. Se puede notar así que los indios saben muy bien apreciar las ventajas de la civilización, aunque siendo de carácter inseguro, tienen necesidad de ser vigilados bien de cerca (RENGGER, [1835] 2010, p. 114).

À luz do apresentado no início do presente capítulo, é possível afirmar que Rengger também se posiciona a respeito da “polêmica do Mundo Novo”. Apesar de não tratá-la diretamente em seus escritos, o viajante suíço deixa claro o seu entendimento de que os indígenas da América meridional não eram degenerados, tal como propunha De Pauw ou o Abade Raynal. Nesse sentido, aproxima-se da tese original de Buffon, que considerava que os nativos americanos se encontravam em um estágio inicial de desenvolvimento marcado pela ingenuidade. Em seu diário, logo no início de sua viagem, Rengger deixa transparecer essa ideia, ao afirmar que “Es increíble cuán infantiles son estos indios; les gusta todo aquello que nunca han visto [...]” (RENGGER, [1835] p. 275). Descritos como interessados no novo, bons imitadores e capazes de compreender as vantagens da civilização, os índios, para Rengger, necessitavam ser instruídos e vigiados, pois só assim conseguiriam deixar seus costumes tradicionais. Possuíam, portanto, as condições de progredirem, mas sempre a partir de uma propulsão externa. Contudo, enquanto Buffon aludia ao clima a explicação da diversidade humana, a partir do viés da degeneração, Rengger encontra no clima do Paraguai um

ambiente saudável e propício para seu desenvolvimento. Não podendo ser enquadrados na categoria de degenerados, os indígenas apresentavam-se para o viajante suíço como representantes de um grupo anacrônico, resultado da imobilidade e da estagnação desses povos. Mas por que os povos indígenas, na compreensão de Rengger, se encontravam estagnados?

Margeando todo esse debate, é possível identificar alguns elementos no discurso do médico suíço que encontram ressonância nos escritos de outros viajantes contemporâneos, como von Martius, e que se detiveram com maior afinco nessa questão. Segundo von Martius, havia uma antiga civilização americana espalhada por todo o continente, que, porém, havia degenerado em função do determinismo ambiental e da miscigenação, quadro que se agravou devido às guerras generalizadas e ao prenho homossexualismo e infecundidade presentes entre os índios (NOELLI; FERREIRA, 2007). Concentrando-se no Paraguai, os guaranis seriam para Rengger, o grupo predominante na América do Sul e, apesar de terem feito resistência aos espanhóis, sucumbiram pela falta de coesão devido às constantes guerras com outros grupos e às baixas taxas de crescimento populacional, característica própria dos guaranis, segundo o viajante.¹⁹⁴ Se, por um lado à interpretação histórica dos guaranis feita por Rengger destacava as guerras e o débil desenvolvimento demográfico como causa de sua estagnação, por outro, o argumento do determinismo ambiental é incipiente em seu relato. Se os indígenas possuíam traços mongólicos – evidenciando uma possível origem asiática¹⁹⁵ – não há no relato do médico suíço qualquer afirmação de que um meio tão benéfico fosse responsável pela sua degeneração. Situado entre os românticos e os iluministas, o pensamento de Rengger não informava sobre uma natureza americana tão pujante a ponto de justificar a

¹⁹⁴ A interpretação de Rengger sobre os guaranis não se sustenta, como se pode observar em estudos atuais. Primeiramente, nem todos os grupos pertencentes à etnia guarani resistiram de forma contundente ao domínio espanhol, como parece atestar o aludido êxito das missões jesuíticas com indígenas guaranis. Já as baixas taxas de crescimento populacional dos guaranis não se sustentam diante dos dados do crescimento populacional observado nas reduções entre 1650 e 1730, ainda que as epidemias, os conflitos militares e o uso da força de trabalho dos guaranis pelo poder colonial tenham afetado negativamente esse desenvolvimento. Dentre a vasta e especializada bibliografia que trata do tema das reduções jesuíticas guaranis, destacam-se os trabalhos de Guillermo Furlong (1962) e de Ernesto Maeder (2011), assim como os trabalhos de Robert Jackson (2004; 2005) sobre a demografia nas reduções.

¹⁹⁵ Rengger não menciona as possíveis rotas de imigração de grupos asiáticos para a América, teoria que já se encontrava presente no século XVI nos escritos do jesuíta José de Acosta e que ganhou novas interpretações na primeira metade do século XIX (KALIL, 2015). No entanto, o médico suíço registra a sua admiração diante da “[...] sorprendente semejanza entre dos chinos que vi en Brasil, un indígena de las Filipinas y los indios guaraníes” (RENGGER, [1835] 2010, p. 111). Além disso, após dois meses de estadia no Paraguai, Rengger escreveu em seu diário que “La comparación de Paraguay con China no es entonces incorrecta. La escasez de la aptitudes intelectuales, la falta total de formación científica, en la cual no han avanzado un paso desde el comienzo de la Colonia, esto es, en 300 años, y la antipatía contra todo lo extraño y nuevo, mientras ellos se tienen a sí mismos por el pueblo más adelantado y cultivado, los caracterizan como sus antípodas” (RENGGER, [1835] 2010, p. 111).

negligência com o trabalho – argumento retomado por vários autores do romantismo –, nem tampouco, que ela fosse hostil e estéril, como alguns pensadores iluministas propuseram. Percorrendo as plantações dos caayguás, o médico suíço constatou a fertilidade de suas terras e a baixa oferta de caça e de coleta da região (RENGGER, [1835] 2010, p. 125), cenário que o fez concluir, que os índios seriam indolentes por natureza.

Apesar de definir os indígenas como um povo estagnado, infantil e indolente, o médico suíço tem uma percepção otimista em relação ao destino das populações nativas do Paraguai. Se bem guiados, poderiam progredir na escala civilizatória, o que não seria, portanto, um esforço inútil, ainda que necessariamente constante. No entanto, em uma passagem compilada de suas anotações avulsas Rengger chegou a posicionar-se de maneira mais cética em relação ao desenvolvimento dos índios. A partir das observações feitas por Saint-Hilaire na América portuguesa sobre os indígenas coroados, Rengger afirma acreditar que estes eram descendentes dos guaranis selvagens do Paraguai.¹⁹⁶ Discorrendo sobre o assunto, registrou que:

El señor St. Hilaire considera a estos *Coroadas* aptos sólo para un bajo grado de cultura y alaba el sistema de los jesuitas en las Misiones, mientras dice ya que es completamente imposible conseguir que estos seres humanos valen por el futuro, deben ser gobernados por alguien que asuma esta tarea por ellos. Es que esta propensión a vivir despreocupadamente al día, se encuentra tan profundamente en la naturaleza del indio, que estos seres humanos nunca podrán llegar a ser civilizados y libres como nación; por ello considero que lo mejor es que desaparezcan como pueblos, y que los individuos aislados, mediante mezcla continua y mediante una vida en común con el blanco, sean acercados a la civilización, en lo cual coincido con la opinión de Azara (RENGGER, [1835] 2010, p. 247-248).

Possivelmente marcado pelo impacto do contato inicial, o viajante suíço defendeu que mais do que um acompanhamento vigilante dos índios pela população branca, seria necessário que ocorresse uma miscigenação. Ao propor essa alternativa de integração dos indígenas, Rengger discorda dos métodos de conversão adotados pelas ordens religiosas, elogiados por Saint-Hilaire, e aposta, assim como Azara, em uma ação laica, defendendo, assim, a extinção dos povoados e dos grupos isolados.

Se o radicalismo demonstrado na passagem anterior não é a tônica do discurso do viajante suíço, fica claro, por outro lado, que Rengger não compartilha do ideal rousseauiano do *bom selvagem*. Afinal, ainda que a inserção dos indígenas à civilização possa ser discutida, não restavam dúvidas ao viajante de que esta não poderia prescindir da sua integração à

¹⁹⁶ Como bem destacaram os tradutores da obra de Rengger ao espanhol, o médico suíço equivocou-se ao considerar os coroados como guaranis. Os primeiros são caingangues pertencentes ao tronco-linguístico macro-jê, portanto, distintos linguisticamente e culturalmente dos guaranis.

sociedade. Tampouco as impressões de Rengger sobre o meio natural produziram as mesmas avaliações sobre todos os habitantes do Paraguai. Para o médico-viajante e seu amigo comerciante Andrés Gómez, os *criollos* seriam capazes de trocar as belezas naturais das cercanias de Assunção por uma vara de pano de poncho (RENGGER, [1845] 2010, p. 301). Tal qual na teorização kantiana, a insensibilidade dos índios se manifesta no relato de Rengger. Afirmando jamais ter visto entre milhares de indígenas caayguás, algum com as bochechas rosadas, ressalta, ainda, sua desconfiança sobre se conheciam o sentimento de vergonha que as produzia (RENGGER, [1845] 2010, p. 112). Atônitos e incapazes de sentirem emoções, Rengger registra em seu diário que os paraguaios “Sin conocer a Horacio, parecen haber adoptado como lema el ‘*nil admirari*’ [não surpreender-se com nada]”. No entanto, acrescenta na sequência, que esta característica da população “También esto es todavía, en el fondo, un rasgo de carácter indígena” (RENGGER, [1845] 2010, p. 327).

A centralidade que os grupos indígenas do Paraguai ocuparam no relato de Rengger revela uma inquietação que era muito própria da transição do Setecentos para o Oitocentos, e que diz respeito à origem e ao destino dos índios. É provável que por essa razão – além do fato de a obra não ter sido concluída integralmente por seu autor – os *criollos* e as populações de origem africana tenham sido pouco abordadas na narrativa de viagem.

Sem deter-se em suas características físicas e em seus costumes, Johann Rengger dedicou um breve capítulo aos escravos e à escravidão no Paraguai, fazendo alguns poucos comentários sobre os *criollos* ao longo do seu relato. Mantendo o procedimento descritivo de individualizar as práticas comuns aos homens e às mulheres, as avaliações de Rengger são orientadas por um juízo essencialmente moral.

Reforçando a errônea ideia de que no Paraguai praticamente inexistiam negros, Rengger afirma que, deste pequeno número, a maioria era formada por mulatos ou negros *criollos*, sendo que a constante mestiçagem contribuía para o seu decréscimo populacional.¹⁹⁷ Mas não seria esta a única ideia equivocada endossada pelo médico suíço. Considerando que a escravidão só foi abolida no Paraguai ao final de 1869, Rengger conviveu com este sistema de exploração da força de trabalho, o que, no entanto, não o impediu de afirmar que havia uma igualdade entre os senhores e seus escravos. Estes últimos, na percepção do viajante, gozavam

¹⁹⁷ De acordo com o estudo realizado por Ignacio Telesca (2011), em 1799 havia, entre livres e escravos, 12.546 afrodescendentes no Paraguai, o que representava um pouco mais de 11% de toda a população do país. E se consideramos somente a capital, nesse mesmo ano, o contingente de negros e mulatos livres e escravos representava 42,7% da população total de Assunção, sendo que o restante era dividido entre 53,5% de espanhóis e 3,8% de indígenas. Sobre a temática da escravidão no Paraguai e sobre a historiografia produzida sobre o tema, bem como sobre a presença de afrodescendentes e as estratégias por eles adotadas para evitarem maiores discriminações e exclusões sociais, ver os trabalhos de TELESKA (2008; 2011).

de uma enorme sorte se comparada com a realidade de outros países, como o Brasil, pois ainda poderiam se valer das antigas leis espanholas, que lhes garantiam um melhor trato, o domingo livre e possibilidades de obtenção de sua liberdade. Seus senhores, no entanto, comprometidos apenas com o ensino de orações e a prática da comunhão e da confissão aos seus escravos, os mantinham em um estado moral muito baixo, na visão do médico suíço. As maiores críticas de Rengger recaíram, no entanto, sobre os mulatos. Se os negros demonstravam afeição por seus donos, aqueles eram “[...] en general, orgullosos y pérfidos y es bastante raro escuchar mencionar algún rasgo honorable sobre ellos” (RENGGER, [1835] 2010, p. 104).

De uma forma menos idealizada, porém não menos crítica, Rengger abordou a situação dos *criollos* paraguaios. Apesar de apresentá-los como preguiçosos, mentirosos, incultos e supersticiosos, o viajante reconhece que “Hasta aquí he dicho algunas cosas desfavorables acerca de los habitantes del país; sin embargo también tienen sus cualidades buenas, que deseo enunciar de buena gana. Entre ellas se cuenta especialmente su hospitalidad” (RENGGER, [1835] 2010, p. 320). Definindo a hospitalidade como uma qualidade natural dos paraguaios e não como mera convenção social, Rengger lamenta que a educação não seja uma preocupação dos extratos mais elevados e nem dos mais baixos da sociedade e que o único contato da maioria da população com obras impressas ocorra por meio de livros de orações. Ao mesmo tempo, ele reconhece que, se as mulheres são tímidas e pouco comparecem aos eventos sociais, “No obstante ellas en su comportamiento muestran más urbanidad y soltura que los hombres y un innato sentido de la decencia en el trato” (RENGGER, [1835] 2010, p. 326).

Ainda que as mulheres apresentassem um trato social mais decente e que a hospitalidade fosse uma qualidade de todos os paraguaios, as críticas de Rengger sobre a moral dos habitantes trazem consigo o questionamento sobre a origem dos “desvios” que observou. Se a falta de sensibilidade era uma característica dos indígenas, sendo também perceptível nos *criollos*, os contatos e os cruzamentos poderiam explicar a manifestação de certas atitudes consideradas reprováveis pelo viajante. As evidências de uma suposta insensibilidade e a adoção de certos penteados característicos dos indígenas levaram Rengger a propor que: “Muchos de los primeros conquistadores españoles tomaron por mujeres a indias, en lo cual bien pueden haber tenido su origen varias costumbres indias y rasgos de carácter en la actual población blanca” (RENGGER, [1835] 2010, p. 257). No entanto, seria um erro considerar que todas as más qualidades seriam provenientes dos indígenas. Os próprios espanhóis, de acordo com o médico-viajante, não ofereciam melhores qualidades

morais, como se percebe na passagem em que afirma: “Se reconoce a los hijos de las casas acomodadas, sobre todo españolas, en que son los peores jugadores, bebedores y lascivos, resumiendo, los peores bribones [...]” (RENGGER, [1835] 2010, p. 303). Em sua obra *Ensayo Historico*, Rengger descreve o Paraguai como um país em que a civilização estava em sua infância, em que seus habitantes,

Los paraguayos, dotados generalmente de mucho espíritu natural y de un carácter dulce, son hospitalarios y generosos; pero, indolentes y ligeros, pueden ser arrastrados al mal tan fácilmente como dirigidos hacia el bien. Sin tener el ardor de los habitantes de la zona tórrida, soportan las mayores fatigas con valor y perseverancia, lo que no les impide quedarse muy a menudo meses enteros en la más completa inacción (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 273-274).

Publicada em 1827, a obra *Ensayo Historico* já adiantava as características dos paraguaios que seriam enfatizadas, posteriormente, em *Viaje al Paraguay*. Habitantes hospitaleiros e generosos, mas indolentes pareciam ser a evidência de que o país encontrava-se em sua infância civilizacional, razão pela qual o acompanhamento se fazia imprescindível. Ao mesmo tempo, a crença no desenvolvimento e na prosperidade da civilização do país demonstrava que esta era a medida referencial, a grade de leitura que fundamentava as descrições do viajante. Como se pode constatar, Rengger adotava uma noção de civilização que previa um constante avanço, um movimento sempre “para a frente”, partilhando, portanto, da definição anglo-francesa de civilização, que partia da “[...] consciência que o Ocidente tem de si mesmo [...]” em que “[...] procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de *sua* tecnologia, a natureza de *suas* maneiras, o desenvolvimento de *sua* cultura científica ou visão do mundo, e muito mais”, como apresentado por Norbert Elias (2011, p. 23).¹⁹⁸

Considerando-se as argumentações do autor de *O processo civilizador*, é possível identificar que as avaliações feitas por Johann Rengger sobre a população paraguaia e os grupos indígenas por ele contatados aproximam-se do modo como outros viajantes do período perceberam e descreveram as populações que contataram, como por exemplo, o caso dos viajantes alemães que percorreram as terras brasileiras no início do século XIX, Wied-

¹⁹⁸ Para Elias, o conceito de civilização na acepção dos franceses e dos ingleses difere-se do entendimento dos alemães. Para os primeiros o conceito é universalizante, ao enfatizar os elementos em comum da humanidade e minimizar as diferenças entre as nações, e elitista, ao manifestar a compreensão que as altas ordens europeias tinham de si próprias em comparação com outros povos. Já para os alemães, “[...] *Zivilisation*, significa algo de fato útil, mas, apesar disso, apenas um valor de segunda classe, compreendendo apenas a aparência externa de seres humanos, a superfície da existência humana” (ELIAS, 2011, p. 23). Para o autor, “A palavra pela qual os alemães se interpretam, que mais do que qualquer outra expressa-lhes o orgulho em suas próprias realizações e no próprio ser, é *Kultur*”, sendo este conceito referente aos “[...] fatos intelectuais, artísticos e religiosos [...] não se referindo a fatos políticos, econômicos e sociais (ELIAS, 2011, p. 23-24).

Neuwied, Martius e Rugendas,¹⁹⁹ estudados por Ana Luisa Fayet Sallas (2010). De acordo com a autora,

Quando os viajantes se referiam ao estado de cultura e civilização dos povos indígenas do Brasil, traziam consigo o sentido germânico do termo *Kultur*, isto é, uma expressão da sensibilidade. Quanto ao termo civilização, utilizavam-no no sentido francês (*civilisation*), ou seja, um quadro geral de referência do desenvolvimento da humanidade (SALLAS, 2010, p. 420).

À luz dessas observações, percebe-se que os escritos de Rengger se caracterizam por destacar a falta de determinadas qualidades individuais a partir da valorização de certos valores ocidentais. Não obstante, é possível afirmar que uma das passagens da obra *Ensayo Historico*, na qual o médico-viajante estabelece uma comparação entre os paraguaios e os habitantes das zonas tórridas, marca uma inflexão em seu pensamento. Enquanto que em *Viaje al Paraguay*, de 1835, não encontramos elementos que confirmem uma influência direta do clima e da natureza na constituição do homem americano, quase dez anos antes, em 1827, em sua obra *Ensayo Historico*, o determinismo ambiental se encontrava presente, ainda que com variações – vale lembrar a observação de que os ventos interferiam no humor do Doutor Francia. Se, anteriormente, os paraguaios mostravam-se, ora mais valorosos, ora menos valorosos, mesmo habitando uma região quente, já na página seguinte, o médico suíço é taxativo: “Por otro, la fertilidad del suelo y un cielo trópico les convidaban demasiado a la ociosidad y pereza, que ordinariamente acarrean todos los vicios” (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 275).

Como vimos, a preguiça e a ociosidade também se manifestaram nas descrições que Rengger fez dos habitantes e que se encontram na obra *Viaje al Paraguay*. É preciso, no entanto, ressaltar que as opiniões de Rengger sobre a influência que o clima exercia sobre a população e sobre a natureza não são concordantes em suas duas obras, o que dificulta uma posição mais conclusiva acerca do pensamento que orientava as descrições feitas pelo médico-viajante. Por outro lado, é preciso considerar que suas obras exprimem uma reflexão ainda em construção e, que, infelizmente, foi interrompida com sua morte precoce.

¹⁹⁹ Johann Moritz Rugendas (1802 – 1858) foi um pintor alemão que se destacou por sua produção decorrente da viagem ao Brasil, entre os anos de 1822 e 1825, quando acompanhava como desenhista a expedição de Langsdorff, a qual abandonou em 1824. Em sua obra *Voyage Pittoresque dans le Brésil*, publicada entre 1827 e 1835, procurou retratar os costumes e os povos que observou em sua viagem. Além de viagens pela Europa, especialmente, durante o período de sua formação, Rugendas ainda viajou para o México, em 1831, retornando à América do Sul em 1834, com passagens pelo Chile, Argentina, Peru, Bolívia e Brasil.

4.4 A sociedade: impressões da viagem

Os relatos escritos por Johann Rengger revelam uma imagem do Paraguai que é facilmente encontrada no discurso de outros viajantes contemporâneos e que percorreram outras regiões da América meridional. A natureza, na maioria das vezes, é descrita com encantamento, suscita impressões e sentimentos, que, se não são totalmente positivos, inelutavelmente, reservam a convicção de que o progresso – palavra tão cara aos viajantes oitocentistas – poderá desenvolver-se nessas terras. Maiores contestações sofreram os habitantes americanos, quer fossem eles indígenas ou *criollos* e sua constituição física e moral foi alvo de várias observações e de comentários. Considerando estas constatações, cabe perguntar: que tipo de relações emergem entre o homem e a natureza no Paraguai? Se, até então, nos detivemos na dimensão físico-material (elementos naturais e artificiais) e na dimensão cognitiva-cultural (percepções e interpretações) da paisagem, pretendemos agora, face a estas considerações acrescentar um dos componentes essenciais da paisagem, que é o elemento humano, tendo, novamente, como base as narrativas de Joahnn Rengger.

Contudo, antes de desenvolvermos o questionamento proposto, cabem algumas observações a respeito da relação paisagem, interferência humana e narrativa.²⁰⁰ Como já pontuamos na introdução da presente dissertação, o estudo aqui desenvolvido sobre a paisagem é realizado por meio do que poderíamos denominar de *paisagens de segunda mão* (CORRÊA, 2012), em virtude de somente termos acesso a ela por intermédio de terceiros, neste caso, o viajante Johann Rengger. Integrando a narrativa, a descrição da paisagem segue suas leis. Basta recordarmos certos aspectos desenvolvidos no capítulo anterior, no qual expusemos a estrutura do relato de Rengger, para constatarmos que os capítulos iniciais configuram uma descrição geográfica, enquanto que os demais se concentram nas formas de ocupação humana. Tal separação, construída pelo autor, apresenta equivocadamente ambos os espaços como se fossem desconexos, como identificou Dora Corrêa (2006; 2012), ao analisar a produção historiográfica brasileira da segunda metade do século XIX até a metade do século XX. Nesse sentido, uma leitura e um estudo linear da narrativa somente aprofundaria a separação entre a paisagem e o elemento humano. Para contornarmos tal situação, realizamos um cruzamento entre as informações dos diversos capítulos do relato de viagem de Rengger, na tentativa de integrar o elemento humano à paisagem.

²⁰⁰ A preocupação com a inserção do elemento humano na paisagem vem ganhando destaque na produção historiográfica dos últimos anos, através, especialmente, dos trabalhos da historiadora Dora Shellard Corrêa (2006; 2008; 2012) sobre a América portuguesa e o Brasil. Já o estudo de Guillermina Paula Jacinto (2010) aborda a realidade argentina entre os séculos XVIII e XIX.

O interesse de Rengger pela História Natural, motivação maior de sua viagem ao Paraguai na companhia de Marcel Longchamp, certamente, foi fundamental para uma descrição mais orientada para os elementos naturais da paisagem. No entanto, partindo da instigante sugestão de Denis Cosgrove (2002, p. 64), de que “[...] el paisaje sirve para centrar la atención en lo visual y en los aspectos visibles de esas relaciones”, destacamos que na narrativa de Rengger, a ação humana sobre a paisagem se manifesta, especialmente, em dois momentos: ao abordar os cultivos agrícolas e as cidades e os vilarejos.

Assim como, as montanhas despertaram a atenção do médico suíço, o mesmo ocorreu em relação aos campos cultivados. Se recordarmos a etimologia da palavra paisagem observaremos que, assim como no caso inglês, na cultura alemã um dos significados da palavra *Landschaft* referia-se ao cultivo da terra, o que talvez tenha exercido alguma influência para o destaque dado às práticas agrícolas por Rengger, este mesmo oriundo de uma região de cultura alemã. No entanto, é preciso lembrar também que desde a segunda metade do século XVIII, a agricultura assumiu um protagonismo crescente no discurso de economistas e de naturalistas. Os primeiros, entusiastas das ideias fisiocráticas, defendiam que a economia das nações deveria estar ancorada no desenvolvimento, no cultivo da terra e na valorização do trabalho produtivo. Os segundos, por vezes, não só compartilhavam dessas ideias, como também da preocupação com a garantia de abastecimento²⁰¹ e com a contribuição que a História Natural poderia oferecer à agricultura. Como destacou Lorelai Kury (2001b, p. 108), além da importância que a agricultura assumiu para a sociedade, ela “[...] é vista como uma aplicação da Botânica, constituindo um dos principais objetivos da História Natural”.

Rengger deixou a Suíça em um momento de crise de abastecimento, logo após a Restauração – o que inclusive levou a Sociedade de História Natural de Aargau, da qual o médico faria parte posteriormente, a ocupar-se, em seus primeiros anos, de estudos sobre a produção de alimentos. Chegando a Assunção, Rengger e Longchamp testemunharam a importância que o desenvolvimento da agricultura assumiu no governo de Francia e as alterações que provocaram na paisagem paraguaia. Algumas iniciativas foram tomadas no período em que os médicos suíços estiveram no Paraguai, sendo que os maiores resultados acabaram sendo obtidos após a saída de ambos, em 1825. Nesse ano, Francia decretou que,

²⁰¹ Indicativo dessa preocupação foi a teoria proposta pelo economista britânico e pastor anglicano Thomas Robert Malthus (1766 – 1834), que alcançou grande notoriedade ao longo da primeira metade do século XIX. De acordo com o pensamento malthusiano, a população crescia em progressão geométrica, enquanto que a produção de alimentos crescia em progressão aritmética, do que resultaria em uma severa falta de alimentos e em último estágio a fome generalizada. Alertando para a necessidade do controle populacional, Malthus identificava na fome, na peste e na guerra, artificios reguladores do crescimento demográfico desordenado.

em um prazo de três meses, os proprietários de terras deveriam apresentar os títulos de suas propriedades ao governo, caso contrário, estas seriam incorporadas ao Estado, conforme Luis Galeano (2011). A consequência dessa medida, ainda segundo o mesmo autor, foi que, no ano seguinte, metade das terras da Região oriental estavam sob o controle do Estado, que promoveu a redistribuição de terras por meio de arrendamento, de tal modo, que quando Francia faleceu, em 1840, 13% de toda a população tinha uma propriedade arrendada pelo Estado (GALEANO, 2011).

Ainda que não faça referência à redistribuição de terras ordenadas por Francia, Rengger reconhece o empenho do governante para impulsionar a atividade agrícola no Paraguai. Segundo o viajante, “El gobierno absoluto del doctor Francia produjo pues un resultado muy útil, cual fue el adelanto de la agricultura” (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 70). Para Rengger, o domínio espanhol havia atrofiado a agricultura da região, ao concentrar-se no cultivo de tabaco, cana-de-açúcar, farinha de mandioca e erva-mate, sendo que esta última ainda exigia poucos cuidados. Para reverter esse cenário, de acordo com Rengger, Francia havia acertado ao obrigar os proprietários a diversificarem os seus plantios. Obviamente estas medidas estavam inseridas em um contexto maior, que era o da defesa da autonomia política do Paraguai. Diante do rompimento comercial com as Províncias Unidas do Rio da Prata e do forte investimento no exército, Francia precisou aumentar a produção de alimentos e de equinos, contando para isto, com as fazendas estatais e particulares (VIOLA, 2009).

Considerando que a agricultura podia ser percebida como uma aplicação da botânica e, de forma geral, da História Natural, coube a Rengger, não como naturalista, mas como alguém interessado em seu estudo, o trabalho de identificar as distintas formas através das quais os produtos naturais eram transformados, quais cultivos eram propícios para cada região e qual seu potencial comercial (KURY, 2001b). Para o viajante, a agricultura era “Una de las principales ocupaciones de los habitantes de Paraguay [...] Esta aún, sin duda, en una suerte de infancia, pero lo que falta en empeñidad, experiencia y destreza, lo suple el suelo mediante su fecundidad” (RENGGER, [1835] 2010, p. 139). Nesse sentido, a qualidade do solo assegurava a produtividade dos cultivos, que poderia, facilmente, ser multiplicada por meio do aprimoramento das técnicas e de um maior empenho dos camponeses. Segundo as reflexões do geógrafo Milton Santos (2006, p. 16), “As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”, ou seja, é um elemento constituinte do meio e a principal relação estabelecida entre o homem e a natureza (SANTOS, 2006). Nesse sentido, se o espaço é uma consequência

das técnicas, estas seriam, sob a perspectiva de Michel de Certeau, as operações capazes de conectarem e retirarem de sua estabilidade e isolamento os objetos que compõem o lugar, convertendo-o em espaço, um lugar animado pelas práticas, enfim, “[...] *um lugar praticado*”, como afirma o autor (CERTEAU, 1996, p. 202). Assim posto, o comentário do médico suíço carrega consigo a comparação entre duas naturezas distintas. Uma delas, típica de regiões europeias, em que a industrialização já havia avançado, e a outra, composta, majoritariamente de pequenos arrendatários e de alguns proprietários, ambos em fase de estruturação.

Seguindo na mesma lógica comparativa, Rengger concentra-se nas ferramentas utilizadas pelos camponeses paraguaios. Apesar da distribuição de utensílios e animais para os camponeses pelo governo de Francia, o médico suíço destaca a rusticidade dos instrumentos empregados, tais como enxadas, pás, arados e ancinhos, sendo que nem todos eram feitos de ferro, como no caso de algumas pás construídas a partir de ossos de boi e arados de madeira. Partindo de uma concepção do meio natural como recurso, a forma rudimentar com que o homem paraguaio se relacionava com seu ambiente implicava em um retorno modesto para Rengger. De acordo com Luciana Murari (2015, p. 272), “[...] podemos compreender a ferramenta como um aperfeiçoamento da força e da habilidade do homem, o que nos conduz a compreender que a técnica e a natureza se criam e se alimentam reciprocamente”. Considerando-se as ferramentas enquanto uma extensão do sujeito, a utilização de instrumentos simples reforçava a ideia defendida por Rengger de que o homem americano necessitava de auxílio para o seu pleno desenvolvimento. Existiria, portanto, segundo ele, uma relação de acomodação entre os habitantes e o seu meio natural.

No entanto, nem tudo estaria, na ótica do médico suíço, equivocado na relação dos paraguaios com seu meio natural. O conhecimento acumulado e as técnicas aplicadas na escolha e no preparo do solo não foram contestadas pelo viajante. Independentemente da sofisticação tecnológica envolvida, uma das consequências da técnica é, como mencionado por Luciana Murari (2015), a apropriação do ambiente de uma forma social. Para a autora, com base nos estudos do psicólogo social Serge Moscovici,

Ao transmitir a técnica, o indivíduo unifica seu ser orgânico e social com o meio físico. Assim, a manutenção de qualquer sociedade – suas instituições, seus métodos produtivos, suas visões de mundo – depende da constância dos ciclos naturais e dos processos técnicos que caracterizam seus modos de vida ao longo do tempo (MURARI, 2015, p. 278).

Nesse sentido, o viajante pôde observar que os paraguaios evitavam áreas de planície, devido ao fato de o solo ser muito arenoso e argiloso, suscetível a alagamentos e exposto aos

ventos. De acordo com Rengger, “[...] los habitantes de Paraguay prefieren talar una porción de monte, cuyo suelo siempre contiene mucha tierra vegetal, y disponen allí sus plantaciones, al amparo de los árboles, o las preparan en la ladera de una colina, donde el agua no puede acumularse” (RENGGER, [1835] 2010, p. 139). Reconhecendo a validade do conhecimento utilizado pelos paraguaios em seus roçados, o viajante informa que partes das árvores derrubadas eram utilizadas no cercamento das plantações e as demais eram queimadas, resultando em quantidade de cinzas, que, juntamente, com a terra vegetal, ao serem removidas, tornavam o solo extremamente fértil. A prática das queimadas era usual, conforme assegura Rengger, sendo realizada tanto em áreas novas, como em replantios. Por vezes era adotado um rodízio de terras, com vistas à recuperação de sua qualidade, mas normalmente, o procedimento utilizado era eficaz, dispensando, inclusive, o uso de adubo animal e de irrigação. Em síntese, para Rengger:

Por lo demás, una preparación del suelo, como en Europa, es innecesaria en Paraguay. La tierra vegetal es fácil de remover, y sus capas no son muy gruesas, de modo que mediante una arada profunda sólo se revolverían y traerían a la superficie las capas inferiores del suelo, que se componen de arena y arcilla. Puesto que además el clima de Paraguay es cálido y al mismo tiempo húmedo, la sequía persistente es rara; ya que casi todas las noches cae bastante rocío y ya que finalmente, todas las partes muertas de las plantas se pudren y descomponen en tierra, por el fuerte calor y por la humedad, el abono y el riego de las plantaciones son completamente superfluos (RENGGER, [1835] 2010, p. 140).

Dadas as condições tão propícias para o desenvolvimento da agricultura, Rengger retoma sua crítica à falta de cuidado e de industriabilidade demonstrada pelos camponeses, cujo resultado era a incapacidade em agregar valor ao produto produzido. Um exemplo dessa situação pode ser encontrado no cultivo do trigo. Plantado na região das missões, em virtude do clima mais ameno, a produção segundo Rengger, apenas atingiria o sêxtuplo do possível, em razão da sua exposição a fungos danosos, sendo que “[...] nadie piensa en prevenir este daño mediante el remojo de la semilla en una solución de sulfato de cobre u otras soluciones salinas” (RENGGER, [1835] 2010, p. 152). Ainda de acordo com o viajante, a farinha produzida a partir desse trigo era de qualidade inferior e mais escura do que a importada de Buenos Aires, o que se devia tanto à má qualidade dos grãos como à moenda realizada. Em suas palavras: “Por lo demás, en Paraguay no existen buenos molinos. Muelen muy lentamente, pues son impulsados por medio de una mula, dan una harina sumamente basta y, además de ello, son muy caros, ya que las piedras de moler deben ser traídas desde la Banda Oriental” (RENGGER, [1835] 2010, p. 152). À crítica feita à inexistência de ofícios manuais, que, quando oferecidos eram mal executados, soma-se o desconhecimento do uso de possíveis

defensivos agrícolas. Tais observações manifestam a inquietação de Rengger diante da relação que os homens mantinham com o meio natural, transparecendo em seu discurso a constante necessidade de reafirmar que o ambiente natural era um recurso não explorado em sua plenitude pelos habitantes do Paraguai.

Oscilando entre enfatizar as possibilidades de desenvolvimento e a carência de práticas mais adequadas na agricultura, Rengger passa a detalhar os cultivos que se desenvolviam no Paraguai, descrevendo as formas de plantio, as variedades de sementes, os cuidados durante a produção, a forma de colheita e o uso dado aos alimentos. Chama-nos a atenção o destaque concedido às principais culturas do país, como o milho, a mandioca e o tabaco, seguido das batatas e da cana-de-açúcar. Vale lembrar que, com exceção desta última, todas as demais plantas são originárias da América. Um segundo aspecto é a ausência do principal produto de exportação da economia paraguaia, a erva-mate nas descrições de Rengger. Como já ressaltado, o médico suíço assume uma posição de desprezo em relação ao trabalho nos ervais, “[...] cuyo árbol crece sin cultivo en los extensos bosques del norte y del este” (RENGGER, LONGCHAMP, 18/28, p. 71), omitindo qualquer informação sobre esse cultivo em seu capítulo sobre a agricultura do país. Ao mesmo tempo, percebe-se uma valorização da horticultura, que, apesar de desenvolver-se timidamente, implicava em uma modificação da paisagem natural através da inserção de elementos exógenos ao habitat, tais como repolho, couve, nabo, brócolis, couve-flor, cenoura, beterraba, alface, espinafre, cebola, entre outros, todos originários de regiões da Ásia e da Europa, e que foram incorporados, paulatinamente, desde os primeiros contatos com os europeus.

Ao longo do relato, a agricultura continuará sendo uma chave interpretativa importante das relações dos homens com seu entorno e reveladora dos distintos espaços percorridos por Rengger. Se o governo ditatorial de Francia, por promover o arrendamento de milhares de lotes pela Região oriental do Paraguai e a criação de dezenas de estâncias estatais, reorganizando as estruturas fundiárias, mereceu elogios de Rengger, sua passagem pelo povoado dos caayguás apontou para diferenças e semelhanças em relação ao praticado nas demais regiões. De acordo com Rengger, as plantações dos índios eram semeadas de forma desordenada, e destinavam-se ao plantio de cultivos tradicionais, como mandioca, abóbora, moranga, milho, banana e cana-de-açúcar. Da conversa que teve com o cacique caayguá, Rengger obteve, com o auxílio de um intérprete, informações sobre como se dava o preparo das plantações:

[...] “cuando encontramos un lugar cubierto de bambú (cañas) seco, le ponemos fuego y luego esperamos una lluvia, después de la cual enterramos las semillas abriendo la tierra con la punta de nuestras *macanas*. De este modo nosotros sembramos muchos lugares alejados unos de otros. Desde entonces hasta la cosecha vivimos de la caza, recorriendo la selva y cambiando de lugar hasta que dejamos de encontrar cacería en un lugar. Cuando llega el tiempo de la cosecha vamos a establecernos cerca de una de nuestras plantaciones, donde nos quedamos hasta que no queda nada que comer. Desde allí nos vamos a otra y así siempre. Cuando hemos consumido todos nuestros productos, volvemos a sembrar y, mientras esperamos una nueva cosecha, volvemos a cazar” (RENGGER, [1835] 2010, p. 125).

Apesar de não conhecerem muitos cultivos, as plantações indígenas eram comunitárias. Já Rengger compreendia a agricultura como uma atividade que deveria superar a subsistência e gerar excedentes, o que, no caso dos índios, poderia determinar o fim de seu nomadismo e das crises de abastecimento pelas quais passavam. O cacique, no entanto, reafirmando a lógica da economia de reciprocidade que orientava a produção, o consumo e a reprodução de bens, tanto materiais como simbólicos, dos grupos guaranis, reagiu desta maneira às sugestões feitas por Rengger: “No, eso puede convenirles a ustedes, que son ricos. Nosotros, los *avas* somos pobres y no podemos guardar nada” (RENGGER, [1835] 2010, p. 125).

O contato de Rengger com os indígenas foi, contudo, bem menor se comparado com o que teve com a população *criolla* do Paraguai. Residindo a maior parte do tempo em Assunção, o médico-viajante não descuidou de descrever as cidades pelas quais passou. Em relação à capital, Rengger assegura que o plano da cidade elaborado por Azara, ao final do século XVIII, em nada correspondia ao atual cenário, pois, desde então, a população havia duplicado, atingindo a marca de catorze a quinze mil habitantes, o que teria resultado na construção de várias edificações novas. Atribuindo essa prosperidade ao comércio praticado pelos espanhóis e pelos *criollos*, Rengger afirma que o isolamento comercial adotado por Francia foi fundamental para o êxodo de muitas famílias em direção ao interior, reduzindo a capital a não mais de dez mil pessoas, das quais dois terços seriam brancos e o terço restante composto em sua maioria por mulatos e por poucos índios e negros, reforçando a ideia de uma presença ínfima destes últimos (RENGGER, [1835] 2010, p. 100).²⁰²

²⁰² Dificilmente, a cidade de Assunção teria alcançado a cifra de 14 ou 15 mil habitantes em 1819, conforme afirma Rengger. Para tanto, a população teria que ter duplicado em um período de 20 anos, considerando que, em 1799, a capital tinha 7.404 habitantes, conforme levantamento de Ignacio Telesca (2011). Ao mesmo tempo, a constatação de Rengger de que a ditadura de Francia teria ocasionado uma baixa populacional não condiz com o crescimento obtido entre o início do Oitocentos até 1846, período em que a população teve um acréscimo de 101,5%, alcançando a marca de 233.394 paraguaios (ARECES, 2011). Contando com uma concentração populacional nas redondezas de Assunção, a capital nesse ano contava com 4,09% desse contingente (ARECES, 2011), o que resultaria em 9.546 habitantes, número próximo das dez mil pessoas que Rengger acreditava residirem na cidade vinte anos antes, em 1825.

Outro elemento que contribuiu para a redução populacional da cidade, segundo Rengger, foi a remodelação urbana colocada em prática por Francia. O próprio viajante reconhecia a necessidade de tais obras, pois as ruas eram, no seu entendimento, tortuosas, irregulares, estreitas e sem pavimento, o que as tornavam úmidas, barrentas e esburacadas, além de estarem cobertas de capim e arbustos que serviam de pastagem para cavalos e vacas (RENGGER, [1835] 2010, p. 100-101). Apesar de o modelo colonial espanhol prever um plano urbano quadriculado para Assunção, como apontado por Alfredo Viola (1984), devido a sua configuração topográfica, com a presença de rios, arroios e elevações, a cidade acabou por não adotar este ordenamento.

De acordo com o *Ensayo Historico* de Rengger e de Longchamp (1828, p. 152-158), utilizando-se da mão-de-obra dos presos, Francia ordenou a abertura de novas ruas, formando quadras regulares, a construção e ampliação de praças e o aterramento de áreas de banhado. No entanto, o problema, segundo o viajante, foi a forma como o ditador procedeu para a implantação dessas melhorias. Considerando a manutenção apenas dos prédios públicos no novo traçado das ruas, as casas de particulares deveriam ser demolidas sem nenhuma indenização aos proprietários, medida que, na interpretação do médico suíço, ainda que atingisse a população *criolla*, seria um ataque aos espanhóis residentes na capital do Paraguai. Com essas medidas, realizadas entre os anos de 1820 e 1821, e retomadas em 1837 (VIOLA, 1984), a cidade de Assunção foi, segundo Rengger, profundamente modificada. Dada a sua condição de crítico do governo, as melhorias realizadas acabaram ficando em segundo plano na obra, destacando-se muito mais as consequências das ações irresponsáveis do ditador Francia:

En una palabra, tanta fue la destrucción que al cabo de cuatro años la capital del Paraguay presentaba la imagen de una ciudad que hubiese sufrido un bombardeo de algunos meses. Casi la mitad de los edificios habían desaparecido; solo se veían calles formadas con setos de cañas secas en ambos lados, y las pocas casas que aun subsistían, raramente presentaban la fachada a la calle (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 155).

De acordo com Rengger, a maioria dos prédios de Assunção apresentava apenas um pavimento, sendo possível distinguir três tipos de construções: a primeira, de tijolos de adobe e de telhas, a segunda, construída com paredes de taipa de pilão²⁰³ e telhas e, a última, toda de madeira e telhado de palha. O médico-viajante registra, ainda, que as casas eram contiguas,

²⁰³ A técnica da taipa de pilão consiste em comprimir o barro horizontalmente em formas de madeira, denominada de taipais. Quando a terra comprimida atinge a densidade ideal, acrescenta-se mais uma camada de taipa à estrutura e repete-se a operação.

apenas na região central da cidade, e que as demais, afastadas uma das outras, estavam cercadas com madeiras ou cactos, além disso, chama a atenção de Rengger o fato de que “Es muy poco frecuente encontrar un jardincito junto a una casa, y, si hay uno, está mal cuidado y lleno de malezas” (RENGGER, [1835] 2010, p. 101).

Valorizada desde o início do século XVIII, a jardinagem, inicialmente, tida como uma prática aristocrática, desenvolveu-se em todas as ordens da sociedade europeia, como afirma Keith Thomas (1996, p. 279), de modo que ela “[...] emergia como um meio através do qual as pessoas humildes podiam aspirar a um certo respeito. O cultivo de flores, acreditava-se, tinha efeito civilizador sobre os pobres trabalhadores. Ligava o homem ao lar e difundia o gosto pelo asseio e pela elegância”. Assim como nos campos cultivados, a falta ou a inadequada conservação dos jardins indicava um juízo estético, segundo Rengger, que apontava para o uso adequado do solo, seja para fins produtivos ou de satisfação e bem-estar pessoal. Se recordamos a crítica feita pelo médico suíço aos cultivos desalinados e desordenados dos indígenas, é possível inferir que o seu gosto estético se aproximava do padrão adotado nos jardins franceses, que prezavam pela perspectiva, simetria e organização em sua composição. Na avaliação de Johann Rengger, domínio, uso e estética deveriam orientar as relações entre o homem civilizado e o meio natural.

Em outubro de 1820, quando esteve na cidade de Yhú, Rengger teve contato com populações *criollas* do interior e observou o emprego das mesmas práticas e técnicas agrícolas para o preparo do solo e em relação aos cultivos adotados e anteriormente citados. Em um povoado com apenas 20 casas, uma igreja e uma casa paroquial, as tarefas do campo consumiam a maior parte do tempo das pessoas, razão pela qual registrou que “La mayoría de los habitantes vive en sus chacras y sólo el domingo viene a Yhú” (RENGGER, [1835] 2010, p. 101). Ao longo de um mês, Rengger observou o ritmo de trabalho e as relações com o ambiente que os habitantes de Yhú mantinham, tendo reservado dois dias para conhecer o aldeamento de San Joaquín. Em meio ao processo de expropriação de bens e da consequente centralização estatal promovida por Francia, os aldeamentos de índios se encontram entre as poucas propriedades mantidas pelo ditador, como observa Beatriz González de Bosio (2010).²⁰⁴ Para o médico suíço, a permanência no aldeamento foi importante tanto para a

²⁰⁴ Como bem observa a autora, a questão das terras indígenas foi um problema persistente ao longo da história dos grupos nativos paraguaios. Constantemente explorados, somente em 1618, com a promulgação das Ordenanzas do Ouvidor Real dom Francisco de Alfaro, é que se estabeleceu uma legislação efetiva sobre os direitos indígenas à terra (GONZÁLEZ DE BOSIO, 2010). Ainda segundo a autora, incorporando princípios de legislações anteriores, como de Ramírez de Velazco e de Hernandarias, as Ordenanzas de Alfaro declararam os índios livres e vassallos do rei, não mais sendo obrigados a trabalhar para os encomenderos, passando a ter a posse de suas terras asseguradas, dentre outros direitos. Observando essas Ordenanzas, os aldeamentos de índios

observação do cotidiano do povoado, quanto para seu primeiro contato com grupos indígenas. Segundo registro feito em seu diário, San Joaquín “Es una reducción o colonia bien ordenada de los guaraníes, una pequeña aldea con una casa parroquial y un administrador existentes desde hace ya muchos años” (RENGGER, [1835] 2010, p. 324). Apenas de passagem pelo aldeamento, os nove índios tarumas – três homens, quatro mulheres e duas crianças – foram conduzidos até a casa do administrador, onde se encontrava Rengger, oportunidade em que pôde observar suas vestimentas, porte físico e iniciar uma rápida conversa, que o convenceu de que se comunicavam por meio de uma língua antiga e que pouco se assemelhava ao guarani. Às suas próprias conclusões somaram-se as palavras do administrador do aldeamento, que aludindo a sua experiência com os índios, finalizou, afirmando que:

[...] eran muy haraganes, además de ingratos y ladrones, y que a pesar del buen trato no se lograba hacerlos abandonar su vida errante. Por el contrario, intentaban siempre llevarse junto con ellos a algunos indios del pueblo, lo que lograban con bastante frecuencia si no se vigilaban con atención todos sus movimientos (RENGGER, [1835] 2010, p. 114).

A influência desse primeiro contato – tanto com os índios, como com o administrador do povoado – será determinante nas impressões e avaliações do viajante suíço sobre os grupos indígenas, como já destacamos nas páginas anteriores. Acompanhando a rotina de trabalho e dedicação aos cultivos e às atividades manuais nos aldeamentos, Rengger reflete sobre a queixa do administrador, afirmando que “Es bastante natural que los indios conversos, sobre todo los de un pueblo tan aislado como San Joaquín, prefieran buscar su subsistencia en la selva más que trabajar continuamente para otros sin recibir mejor trato ni alimento que los indios salvajes” (RENGGER, [1835] 2010, p. 114). Se, por um lado, Rengger parte de um pensamento que relacionava o trabalho e os seus ganhos com os constantes deslocamentos efetuados pelos indígenas, por outro, é preciso considerar a existência de distintos espaços com suas próprias dinâmicas sociais, sendo que tanto os indígenas como o administrador do povoado necessitavam utilizar-se de estratégias em favor dos seus interesses para manter a própria unidade dos espaços em que atuavam.

Ao visitar a região das missões, em 1821, Rengger destaca a semelhança entre a diversidade natural da região com a anteriormente observada em Yhú. Uma significativa diferença por ele apresentada foi a existência de sal mineral em determinadas áreas, favorecendo a criação de gado, o que, no entanto, devido à negligência dos administradores

permaneceram até o período independente, sendo supressos somente pelo Decreto de 1848, de Carlos Antonio López. Sobre a sociedade paraguaia e a conformação do Estado, a partir do Decreto de 1848, ver o estudo de TELESKA (2017).

das antigas reduções jesuíticas, não teria sido suficiente para evitar a queda na produção de gado, na comparação com aquela que os religiosos possuíam em suas estâncias. Servindo para a produção de alimentos, couro, sebo e base para outros derivados, a criação de gado, assim como a de cavalos e muares, é ilustrativa da presença e da importância que os animais tinham na sociedade sul-americana do período, não somente como matéria-prima, mas, também, como força de tração.

Compondo a paisagem das ruas de Assunção, dos vilarejos no interior e das estâncias produtoras, os animais domésticos chamaram a atenção de Rengger, assim como os animais selvagens e pouco conhecidos que motivavam suas pesquisas zoológicas. Em seu diário, o médico suíço registrou a violência que caracterizava as relações com estes animais:

La costumbre de ver diario derramar la sangre de distintos animales o de derramarla en persona puede, si no disculpar, al menos explicar, la inclinación a la crueldad tan generalizada que se advierte en los moradores de algunas provincias de Sudamérica. El trato brutal de los animales en general, por ejemplo los de tiro y carga, seguramente también tiene influencia sobre el modo con que se tratan los humanos. Es digno de mencionar que justamente las mujeres son las más ávidas por presenciar el espectáculo, tan inhumano, de las corridas de toros (RENGGER, [1835] 2010, p. 328).

As críticas feitas por Rengger não chegam a ser originais e, tampouco as práticas relatadas se opõem às praticadas na Europa. Conforme o estudo de Keith Thomas sobre as relações entre o homem e o ambiente natural na Europa Moderna:

Certamente não havia nada de novo na ideia de se condenar a crueldade desnecessária com os animais. Tal opinião foi sustentada por muitos moralistas clássicos; foi avançada pelos escolásticos medievais, e reiterada no início do período moderno. Mas ela não nascia de qualquer consideração particular para com os animais; ao contrário, se os moralistas condenavam os maus-tratos aos bichos, era geralmente por pensarem que tinham um efeito brutalizante sobre o caráter humano, tornando os homens cruéis entre si. Dizia-se que os antigos atenienses condenaram uma criança que cegara corvos por pensarem que um dia ela seria cruel com os homens (THOMAS, 1996, p. 179).

Dois aspectos merecem ser destacados das considerações de Thomas e utilizadas na análise dos comentários feitos pelo médico suíço. Primeiramente, Rengger recorre a uma antiga tese de que a crueldade cometida contra os animais seria um indicativo do grau de violência praticado pela sociedade. O segundo aspecto relaciona-se com a ideia de que a humanidade no trato dos animais não deve ser compreendida como uma mudança somente em termos de sensibilidade. Ao analisar os discursos produzidos sobre os animais entre os séculos XVI e XIX, o autor defende que estas bases intelectuais eram estimuladas pelas

transformações sociais (THOMAS, 1996).²⁰⁵ Ou seja, para ele, “O triunfo da nova atitude esteve estreitamente vinculado ao crescimento das cidades e à emergência de uma ordem industrial em que os animais se tornaram cada vez mais marginais ao processo de produção” (THOMAS, 1996, p. 217). Nesse processo de consolidação e readequação das ordens sociais, as relações com os animais não eram iguais dentro da sociedade europeia, existindo inúmeras sensibilidades, o que não passou despercebido pelo autor, que observou como o movimento foi apropriado internamente pela burguesia emergente, ao final do Setecentos, e aplicado na comparação com outros povos. Nesse sentido, segundo Thomas (1996, p. 224), “Não surpreende que a crueldade para com os animais fosse tantas vezes descrita como ‘selvagem’. A piedade, a compaixão e a relutância em infligir dor, fosse em homens ou em bichos, eram identificadas como emoções características dos civilizados”.

Portanto, Rengger, ao observar os maus tratos aos animais no Paraguai, não apenas alude à antiga tese da brutalidade humana, como efetua uma distinção entre a América do Sul e o seu continente de origem. Logo, identificamos nas linhas do diário de Rengger a conformação da imagem de uma Europa sensível e preocupada com os animais e de uma América do Sul formada por províncias, nas quais as relações eram marcadas pela brutalidade com os animais, reforçando o pensamento que defendia a ausência de sensibilidade entre os americanos.

Ainda em sua viagem pelas missões do Paraguai, Rengger passou pelos aldeamentos de índios de Santa María, Santa Rosa e Santiago, constatando que as poucas edificações eram remanescentes do período jesuítico e que se encontravam bastante deterioradas, com exceção da igreja de Santa Rosa e das casas dos índios. De forma semelhante à descrição feita de outros aldeamentos da região, Rengger registra que:

Santa María parece extremadamente arruinada. El colegio y la iglesia no son grandes, las casas de los indios están poco habitadas, y casi más por blancos que por indios. Las viviendas de los tiempos de los jesuitas que aún existen son casas grandes, construidas con piedras sillares y techadas con tejas; las construcciones renovadas desde entonces tienen paredes edificadas con caña y tierra, como los ranchos, pero los techos de tejas han permanecido (RENGGER, [1835] 2010, p. 331).

²⁰⁵ Não cabe, aqui, realizar uma análise mais aprofundada do instigante estudo do historiador inglês. Consideramos, no entanto, importante destacar que Keith Thomas identifica três importantes momentos na construção do discurso contra a crueldade dos animais. O primeiro, ligado a uma argumentação de base teológica cristã, afirma ser responsabilidade do homem cuidar da criação de Deus. O segundo é oriundo do contexto da Revolução Científica e da readequação do lugar do homem, agora não mais como criatura principal do mundo, rompendo com a ideia de que tudo que o circundava devia sua existência à satisfação humana. E, por fim, o terceiro momento, ligado ao século XVIII, no qual se constituiu uma nova sensibilidade, a partir da qual cuidar dos animais passou a ser uma preocupação moral. Identificando-se como um discurso leigo nesse período, sua gênese foi eminentemente religiosa (THOMAS, 1996).

Seguindo para o norte, pelo rio Paraguai, Johann Rengger visitou a cidade de Villa Real, atualmente Concepción. Da capital até o seu destino, o viajante apenas destacou os postos de guarda às margens do rio, que deveriam ficar atentos a eventuais movimentos de índios guaicurus ou mbayás. Destacada produtora de erva-mate, Villa Real, segundo informa Rengger, sofria não só devido à estagnação da produção dos ervais, mas também devido aos ataques dos índios, de tal modo que afirma que “Esta pequeña ciudad parece estar muy desolada, arruinada y no tiene mucho mejor aspecto que uno de los míseros pueblos de los indios en las misiones” (RENGGER, [1835] 2010, p. 342).

Possivelmente, a incipiente urbanização do Paraguai no período possa ajudar a compreender as razões para que Rengger, diferentemente de muitos viajantes do século XIX, especialmente os da segunda metade, não tenha confrontado a cidade ao campo e tampouco tenha externado um sentimento bucólico que identificasse no interior uma qualidade de vida melhor do que a que existia nos centros urbanos. No caso do Paraguai descrito por Rengger, a paisagem, quer seja da capital ou do interior, das cidades ou dos campos, apresentava uma grande semelhança entre si, no que se refere às estruturas artificiais, como as edificações simples, que, frequentemente, suscitavam a impressão de ruína para o viajante. A variabilidade da paisagem, ainda que pequena, era identificada nos elementos naturais. A própria população não apresentava costumes tão diferentes nos registros feitos das viagens, uma vez que Rengger, ora admirava-se com a hospitalidade dos paraguaios, ora registrava o quão facilmente se entregavam aos vícios da preguiça, da mentira, da bebida e aos jogos.

As viagens de Johann Rengger pelo território paraguaio, acabaram por nos legar descrições que incluem desde regiões mais habitadas do que outras, localidades rurais e cidades e núcleos populacionais de *criollos* e, também, de índios. Nesse sentido, as próprias ações humanas sobre a paisagem – como a agricultura e o povoamento – nos permitem perceber a formação de espaços diversos, que possuíam uma dinâmica própria. Ainda que os deslocamentos e as observações de Rengger sobre o Paraguai revelassem a coexistência de formas distintas de relacionamento com o meio natural, tais diferenças não significam que estes espaços estivessem desarticulados entre si. Considerando que os relatos podem ser entendidos também como percursos de espaços, é preciso atentar para uma constante relação entre delimitação e mobilidade nas narrativas, pois

De um lado, o relato não se cansa de colocar fronteiras. Multiplica-as, mas em termos de interações entre personagens – coisas, animais, seres humanos: os actantes repartem lugares entre si ao mesmo tempo que predicados (bom, astucioso, ambicioso, simplório, etc.) e movimentos (adiantar-se, subtrair-se, exilar-se, voltar-se, etc.) (CERTEAU, 1996, p. 212).

A própria leitura dos relatos do viajante nos fornece exemplos dos intercâmbios estabelecidos. Além do contato existente entre os campesinos e os grupos indígenas aldeados, sob o controle de um administrador, os próprios índios considerados selvagens por Rengger mantinham contatos com a população *criolla* e mantinham relações de trocas de mercadorias produzidas. Sobre a região de Villa Real, próximo à serra de San José, o médico suíço destaca a existência de trocas de “[...] cera, goma y plumas por agujas, cuchillos, hacas, baratijas de vidro pintado o un *poncho*”, realizadas pelos índios caayguás (RENGGER, [1835] 2010, p. 111). Antes de o Paraguai ter adotado uma política mais agressiva em relação aos índios da Região ocidental – Chaco –, estes também mantiveram contatos regulares com os asuncenos, como é o caso dos abipones, envolvidos no comércio de gado e de cavalos capturados das fazendas de Santa Fé e de Córdoba, como relatado por Rengger ([1835] 2010, p. 299). Cabe observar que os rios, especialmente, o Paraguai, assim como as matas e as montanhas, são os principais identificadores dos limites entre os diversos espaços articulados na narrativa, o que, novamente, remete à ideia de fronteira e às reflexões de Michel de Certeau, ao identificar um

Problema teórico e prático da fronteira: a quem pertence a fronteira? O rio, a parede ou a árvore *faz* fronteira. Não tem o caráter de não-lugar que o traçado cartográfico supõe no limite. Tem um papel mediador. [...] No relato, a fronteira funciona como um terceiro. Ela é um ‘entre dois’ – ‘um espaço entre dois’ [...] (CERTEAU, 1996, p. 213).

Os contatos e intercâmbios acima mencionados ilustram a articulação entre, ao menos, três grandes espaços que se destacam e se relacionam na narrativa de Rengger. O primeiro é a atual Região ocidental, que, apesar de ter sido considerada fora dos limites do Paraguai e não ter sido explorada pelo viajante, não esteve isenta de contatos entre as populações. O Chaco, para o médico suíço, era uma área desértica e habitada “[...] actualmente por hordas de índios salvajes” (RENGGER, [1835] 2010, p. 44), dentre os quais destaca os guaicurús, os lenguas, os machicuys, os enimagás, os tobas, os mocobís e os abipones. Com um domínio pequeno da agricultura e dedicando-se mais à caça e à coleta, estes grupos, rapidamente descritos por Rengger, foram considerados pelo viajante como seminômades e violentos. Vale lembrar que durante o período de permanência dos dois médicos suíços no Paraguai, os ataques promovidos por alguns destes grupos não apenas impuseram dificuldades ao governo paraguaio, como também a outros grupos nativos, tais como os payaguás, que se viram forçados a abandonarem a margem direita do rio Paraguai, concentrando-se, apenas, na margem oposta (RENGGER, [1835] 2010, p. 132). Com o intuito de conter esses ataques, foram instalados fortes ao longo do rio, que, constituindo-se em uma espécie de fronteira,

evidenciavam o grau de tensionamento entre as regiões. O mapa elaborado por Rengger, inserido em sua obra *Viaje al Paraguay*, registra uma linha de seis fortes e de catorze postos de guarda ao longo do rio Paraguai, além de outro forte e de dois postos localizados no rio Paraná. Concentrados na parte meridional do país, próximas a estas fortificações, se localizavam os principais centros militares, que eram Itapúa, no rio Paraná, uma das raras praças de comércio com o exterior, especialmente, com brasileiros; Pillar, principal acesso ao país pelo rio Paraguai, e a capital Assunção (CHÁVEZ, 1998, p. 192). Considerando que o exército era a principal preocupação de Francia, essa rede de fortes e postos de guarda visava à defesa do território, com especial atenção à fronteira com a província de Corrientes, com o norte, nos limites com a América portuguesa, e, por fim, com os grupos nativos do Chaco.

O segundo grande espaço é composto pelas cidades e pelos vilarejos habitados por *criollos*, espanhóis, negros, mulatos e índios e pelos aldeamentos de indígenas localizados na Região oriental. Diferentemente do Chaco, esses espaços foram os mais explorados pelo médico suíço, ao percorrer os precários caminhos abertos em meio à vegetação e, frequentemente, interceptados por arroios e rios, que tornavam o terreno pantanoso. Todas estas dificuldades, somadas ao uso de técnicas agrícolas rudimentares, na percepção de Rengger, indicavam o quão precário e incipiente era o processo civilizador em curso na região de ocupação mais estável do Paraguai.

O último espaço que destacamos é o ocupado pelos grupos indígenas, que, segundo o viajante, ainda viviam em liberdade e mantinham sua língua e seus costumes originários preservados, como os caayguás, os tarumas e os carimás. Em relação aos primeiros, que se encontravam isolados no meio da mata, sem caminhos visíveis que levassem a sua aldeia, Rengger informa que viviam em um povoamento seminômade que se abastecia com a caça e a coleta, apesar de terem uma terra fértil para plantar, o que faziam de modo simples e pouco produtivo. Igualmente simples eram suas moradias, construídas com bambus e cobertas de palha, com apenas uma entrada que deixava o ambiente demasiadamente escuro, o que era agravado pela concentração de fumaça no interior (RENGGER, [1835] 2010, p. 119).

Articulados, estes espaços não deixavam de apresentar disputas internas pela preservação ou imposição de determinadas práticas sociais próprias de cada grupo. No entanto, ao serem descritos por Rengger, estes espaços são inseridos na compreensão europeia do viajante, que, em meio a críticas, constrói uma narrativa na qual as disputas e as práticas dos grupos que nele habitam vão sendo diluídas e homogeneizadas.

No próximo capítulo, nos dedicamos a análise da atuação de Johann Rengger como médico e naturalista, realizando, ainda, uma reflexão sobre sua atividade como historiador a partir da análise da obra *Ensayo Historico*.

5 PRÁTICAS CIVILIZATÓRIAS: MÉDICO, NATURALISTA E HISTORIADOR

Mandé llamar a Rengger. Vea usted, don Juan Rengo, con sus hierbas ha hecho de mí un león herbívoro. ¿Qué debo hacer con usted? Debo premiarlo con la destitución. Desde hoy deja de ser mi médico de cámara. Límitese a no seguir envenenando a mis soldados y prisioneros. Ayer murieron treinta húsares más a causa de sus purgantes. A este paso me ve a dejar usted sin ejército. Le he pedido que en las autopsias buscara usted en la región de la nuca algún hueso oculto en su anatomía. Quiero saber por qué mis compatriotas no pueden levantar la cabeza. ¿Qué hay de eso? No hay ningún hueso, me dice usted. Debe haber entonces algo peor; algún peso que les voltea la cabeza sobre el pecho. ¡Búsquelo, encuéntralo, señor mío! Por lo menos con el mismo cuidado que pone en buscar las más extrañas especies de plantas e insectos (ROA BASTOS, 2003, p. 129).

Publicada em 1974, *Yo el Supremo*, do escritor paraguaio Augusto Roa Bastos (1917 – 2005), é tida como a principal obra de sua exitosa carreira literária reconhecida com a mais importante condecoração da literatura em língua espanhola, o Prêmio Miguel de Cervantes, em 1989. Escrita no exílio do autor em Buenos Aires, e à sombra do que se passava em seu país baixo a ditadura do general Alfredo Stroessner (1954 – 1989), a obra lida com a ficção, com a realidade e a historiografia produzida a respeito de um dos ícones marcantes da história do Paraguai: o ditador José Gaspar Rodríguez de Francia. Nela, como podemos verificar nas linhas transcritas acima, os escritos de Johann Rengger não só se fazem presentes, como o médico suíço é um dos personagens – assim como Francia – da trama de Roa Bastos. De acordo com o estudo de Damaris Pereira Santana Lima (2013, p. 34), o escritor paraguaio, a partir de obras como as de Rengger, dos irmãos Robertson, de Bartolomé Mitre e dos manuscritos do ditador elaborou um texto não linear, quem tem “[...] a história e o mito como fontes principais: o material historiográfico é transformado em material literário. Faz uma reflexão sobre a natureza do poder, não só do poder político, mas também do poder da palavra e de sua capacidade representativa”. Utilizando-se das imagens construídas sobre o governo de Francia, presentes tanto nas crônicas, quanto na historiografia e no imaginário dos paraguaios, Roa Bastos discute a representação de Francia ora como prócer da pátria, ora como ditador do Paraguai, numa perspectiva temporal que vai desde a independência do país, em 1811, até o momento em que escreve a obra (LIMA, 2013), cujo enredo, segundo Lima, caracteriza-se por uma polifonia em que:

O “yo” do doutor Francia olha a história do presente da escrita superposto ou em disputa com o “yo” do autor, de modo que permaneça em 1840, que por sua vez se localiza nos anos sessenta [1960]. É uma identidade fragmentada, mascarada no “yo” de Francia contido nos documentos, nos “él” dos historiadores e escritores e no “yo” de Roa Bastos leitor de múltiplos textos, pelo qual perde toda a pertinência falar de ‘anacronismos’ (LIMA, 2013, p. 36 – 37).

Além dessas particularidades que contribuíram para o reconhecimento da qualidade literária da obra de Roa Bastos, sua narrativa corrobora a representação mais tradicional de Johann Rengger. Trata-se de um viajante suíço interessado em Ciências Naturais e que atuou como médico de tropas de Francia. Em síntese, a posteridade o identificou como médico e naturalista. No entanto, o próprio método utilizado por Roa Bastos na elaboração de sua narrativa desvela uma *face* de Rengger que ainda não foi reconhecida: a de alguém interessado na história do Paraguai independente, ou mesmo, um historiador diletante, autor de um ensaio histórico.

Se, no início do Oitocentos, o conhecimento e o domínio da medicina e do meio natural por uma sociedade, através da atuação de médicos e naturalistas formados, era apreciado como um indicativo do estágio civilizacional em que ela se encontrava, a história igualmente contribuía para a elevação desses índices. Conforme Manoel Luiz Salgado Guimarães (2000, p. 400), “[...] a história como discurso cronologicamente organizado e hierarquizado dos fatos do passado, é para esta cultura histórica oitocentista sinônimo de civilização”. Nesse sentido, as impressões de Johann Rengger contidas em seus relatos transitam entre o seu conhecimento e atuação como médico, naturalista e como autor de uma obra sobre a história do Paraguai, *faces* de um mesmo sujeito que serão exploradas na continuidade do presente capítulo.

5.1 No campo da Medicina: observações de uma atividade secundária

A historiografia paraguaia tem destacado a importância das ações políticas, econômicas e militares do governo de José Gaspar Rodrigues de Francia (1816 – 1840) para o processo de consolidação da independência do Paraguai. No entanto, o ingresso e a permanência de dois médicos suíços por seis anos no país, sendo que boa parte deles se deu de maneira forçada, suscita nosso questionamento em relação à importância que a saúde e a prática da Medicina tiveram na administração de Francia?

A análise de três obras sobre a história da Medicina no Paraguai, a saber, de Dionisio María González Torres (1968; 1978) e de Alfredo Boccia Romañach e Alfredo Boccia Paz (2011), demonstra que o período compreendido entre a Revolução de Maio de 1811 até o final do governo de Francia é marcado por uma estagnação na área da saúde e da Medicina. Fato esse que não é exclusivo da história paraguaia, como observado por Marcos Cueto e Steven Palmer (2016), ao concordarem com os estudos historiográficos atuais que identificam uma regressão na área médica nos países latino-americanos nos anos 1810 e 1820. Destacam os

autores que a precariedade dos Estados, as crises econômicas após a ruptura colonial, a perda de profissionais médicos nos conflitos militares, seguido do abandono da carreira médica pelo engajamento político de muitos líderes médicos, “[...] foram todos obstáculos ao desenvolvimento institucional e profissional da saúde e da medicina” (CUETO; PALMER, 2016, p. 61).

No caso específico do Paraguai, os conflitos militares pela independência foram menos intensos do que no restante da América espanhola, o que acabou implicando em um número bastante reduzido de baixas no corpo de médicos, decorrentes tanto da participação nos conflitos militares, quanto do engajamento político. Isso, no entanto, não melhorou o atendimento prestado aos doentes no país, pois, o Paraguai apresentava uma escassez histórica de profissionais da saúde desde o período colonial até o governo de Carlos Antonio López (1846 – 1862), conforme González Torres (1968). Durante o período colonial, os enfermos podiam contar com cirurgiões, boticários e sangradores,²⁰⁶ que haviam permanecido no território após as expedições militares, exploratórias e demarcatórias enviadas pela Coroa espanhola e, ainda, com a assistência médica oferecida pelas Ordens religiosas, especialmente, dos jesuítas, e com os saberes e as práticas medicinais dos indígenas e dos escravos africanos introduzidos na região do Paraguai. Todas estas atividades eram fiscalizadas. Primeiramente, pelo Protomedicato²⁰⁷ de Lima, sendo que, após 1776, quando as reformas administrativas dos reis Bourbon criaram o Vice-Reino do Rio da Prata, passaram a ser fiscalizadas pelo Protomedicato de Buenos Aires, criado em 1779, e reconhecido pela Coroa em 1799 (BOCCIA ROMANACH; BOCCIA PAZ, 2010).

Após a emancipação política da metrópole, a estrutura de atendimento aos enfermos e a Medicina pouco avançaram no Paraguai. De acordo com o estudo de González Torres (1968), no interior do país, entre os séculos XVII e XVIII, havia hospitais nas cidades de San Isidro de Curuguaty e Villarica e, na capital Assunção, os hospitais de Santa Lúcia, San Bartolomé, sendo que apenas o último, construído na década de 1760, manteve suas

²⁰⁶ Entre os séculos XVI e meados do século XIX é marcante na história das artes de curar a vigência de uma organização e hierarquização rígida dos ofícios (FLECK, 2014). No topo da hierarquia situavam-se os médicos, que contando com os estudos universitários completos, dedicavam-se a atividades de caráter teórico. Em seguida situavam-se os cirurgiões, autorizados a realizarem procedimentos complexos e que exigiam um maior conhecimento da anatomia humana. A estes sucediam os barbeiros e os sangradores, que se dedicavam a procedimentos mais simples, como a realização de sangrias. Já os boticários, deveriam-se ocupar do preparo das receitas solicitadas pelos médicos.

²⁰⁷ Criados nos principais vice-reinados hispano-americanos, os protomedicatos são conselhos oriundos da Espanha do século XVI (CUETO; PALMER, 2016). Chefiados por um médico sênior, sua função era regulamentar a formação médica, a venda de remédios pelas farmácias, conceder licenças autorizando o ofício a médicos, cirurgiões, boticários, parteiras e sangradores, além de atuarem em casos judiciais, quando necessário (CUETO; PALMER, 2016).

atividades na cidade ao longo do século seguinte, quando passou a se chamar Hospital del Potrero, por assim ser conhecido o terreno em que foi edificado. Sob a administração de Francia, o hospital passou por melhorias para melhor atender as tropas (BOCCIA ROMANACH; BOCCIA PAZ, 2011), que, inclusive, mantinham um destacamento próximo, conforme relata González Torres (1968, p. 154): “En el mismo lugar llamado Potrero había el Hospital y, al otro lado de Arroyo Jardín, el cuartel de caballería construido por Francia y que contaba con enfermería, residencia para enfermos y unas habitaciones para el Supremo [...]”.

Três dias após aportarem em Assunção, em 02 de agosto de 1819, os médicos suíços Johann Rengger e Marcel Longchamp foram recebidos por Francia, que os autorizou a praticarem a medicina e que Rengger realizasse suas pesquisas na área de História Natural. Sua única advertência teria sido, segundo o narrado pelos próprios médicos-viajantes, em seu *Ensayo Historico*, “Hace cuanto os diere la gana, profesad la religión que queráis, nadie os incomodará; pero no os mezcléis nunca de los asuntos de mi gobierno” (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 61). A prática da medicina, autorizada pelo ditador, lhes serviria como um meio de sustento, sendo que Rengger poderia se dedicar às suas pesquisas sobre a História Natural do Paraguai. Depois de alguns dias de ambientação e de sua apresentação à sociedade local, Rengger registrou em seu diário que “Pronto nos vimos sobrepasados de enfermos, a los que sin embargo el señor Longchamp atendía casi solo, porque yo debía ordenar las colecciones hechas hasta ahora y agregar diariamente algo nuevo” (RENGGER, [1835] 2010, p. 297).

Apesar de considerar a atividade médica como secundária dentre suas atribuições no Paraguai, Rengger atendeu a população em geral e as tropas do exército paraguaio, tendo, no entanto, evitado atuar como médico em suas viagens pelo interior, exceto quando considerou tratar-se de um caso de urgência, conforme mencionado por seu tio Albrecht ([1835] 2010, p. 28). Tais atendimentos, em nenhum momento, configuraram uma ocupação integral de Rengger, o que nos leva a concluir que a maioria das informações sobre a saúde dos habitantes e as enfermidades que assolavam o país que encontramos na obra devem ter sido fornecidas por Longchamp.

A atuação dos médicos suíços se deu tanto junto às tropas, quanto nas cadeias, e deve ser compreendida como uma tentativa de Francia assegurar a prestação de serviços médicos aos soldados. Contudo, os poucos registros das atividades médicas prestadas por Rengger e Longchamp ao Estado limitam-se a informar que eles atenderam a alguns soldados enfermos e

a alguns presos nas cadeias.²⁰⁸ Quanto ao atendimento dado às tropas, Rengger menciona em seu *Ensayo Historico*, já prestes a deixar o Paraguai, em 1825, que havia atendido a quarenta recrutas por ordem de Francia, logo após solicitar ao ditador a autorização de sua saída e de Longchamp do país, sendo que já não nutria esperanças em obtê-la, pois “[...] el dictador me habia hecho insinuar que incesantemente seria colocado á la cabeza del servicio de sus tropas, y que me confiaria la direccion de un nuevo hospital militar que queria establecer, habiéndome consultado antes sobre el terreno en que debia construirse” (RENGGER; LOMPCHAMP, 1828, p. 176).

Em relação às informações registradas por Rengger, consideramos importante observar que, muito provavelmente, ele deve ter atendido a pacientes no Hospital del Potrero, de Assunção, ou, então, na enfermaria do quartel militar da capital. Acreditamos, contudo, que sua atuação como médico das tropas tenha sido algo eventual, ocorrendo somente quando se fizesse necessário, já que, desde 1814, o *criollo* guaireño Juan Vicente Estigarribia (1778 – 1869), contratado por Francia, era o cirurgião responsável pelas tropas, cargo que ocupou até 1855 (GONZÁLEZ TORRES, 1968), e administrador do *Quartel del Hospital*, como mencionaremos nas páginas seguintes. Estabelecido em Assunção, Estigarribia não apenas atendeu as tropas, pois manteve uma botica e atuou como médico pessoal do ditador até o seu falecimento, em 1840 (GONZÁLEZ TORRES, 1978). Além de Estigarribia, outros médicos, conforme levantamento realizado por Dionisio María González Tores (1968; 1978), também prestavam serviços às tropas e à população, sendo que, possivelmente, tiveram contato com Rengger. Trata-se dos espanhóis Domingo Bruquez, Patricio Narvaez, Vicente Verduc, Domingo Carrera e Juan de Lorenzo y Ganoa, o paraguaio Antonio Cruz Fernández e o inglês William Parlet.²⁰⁹

Mantendo uma boa amizade com o médico inglês, Rengger não teceu comentários sobre encontros com outros colegas de profissão. O registro abaixo, extraído de seu diário, constitui-se uma das poucas exceções:

²⁰⁸ Dentre a documentação produzida pelo Estado, podemos citar o já mencionado documento *Auto relativo al inventario de bienes de la sociedad de Juan Pérez Bernal y Alejandro Garcia* assinado por Francia em 19 de julho de 1830, que, de forma muito semelhante ao *bando* publicado em 21 de agosto de 1830, no número 273 do jornal *El Lucero* de Buenos Aires, fazia referência à inadequação e à ineficácia de certos tratamentos médicos realizados por Rengger no Paraguai.

²⁰⁹ Não é objetivo do presente trabalho investir no levantamento dos nomes de todos os médicos que atuaram no Paraguai do início do século XIX, mas, certamente, houve muitos outros além dos relacionados, especialmente, no interior do país. Vale lembrar o caso de A. Bonpland, que, em seu aprisionamento em Cerrito, montou um pequeno hospital para atender a população (GONZÁLEZ TORRES, 1968). São ainda mais raras as informações sobre outros profissionais das artes de curar, tais como boticários, sangradores e enfermeiros, cujos nomes nem sempre são citados, salvo em situações como a relatada no documento assinado por Francia, em agosto de 1818, no qual pedia ao Ministro da Fazenda que abonasse o soldo do sangrador Enrique Carvallo, do enfermeiro Leandro Silva e do próprio cirurgião Estigarribia. In: FRANCIA ([18 Ago. 1818], fl. 142).

Hoy fuimos convocados a una consulta, donde tuvo el honor de ver reunida a casi toda la Facultad de Medicina de Asunción. El señor doctor Parlet es el único que hizo estudios, los estudios, los otros son verdaderos charlatanes; uno fue maestro de escuela, otro escribiente, etcétera. Un buen dibujante habría hallado aquí el motivo para un cuadro grandioso. En lugar de transcribir sus banales charlas, sólo deseo señalar que el enfermo para el cual tuvo lugar la consulta, cinco meses atrás había recibido un disparo de escopeta que le destrozó el fémur izquierdo. Durante todo ese tiempo su médico lo había abandonado a la naturaleza, que por fortuna trató al hombre más bondadosamente que el mejor de los practicantes nativos (RENGGER, [1835] 2010, p. 302).

Por sua condição de médico formado, Rengger valorizava a formação acadêmica, referindo-se aos médicos do Paraguai como charlatães, por possuírem apenas conhecimentos práticos. Em sua avaliação, a medicina praticada no país era insuficiente e, na maioria das vezes, equivocada, a ponto de o paciente ser melhor *tratado* pela natureza do que por um médico local.²¹⁰ Esta percepção, no entanto, não o impediu de mencionar a realização, na capital, de encontros de discussão entre estes profissionais, bem como os convites que recebeu para deles participar, o que revela sua aceitação e integração ao meio dos profissionais das artes de curar. O médico-viajante, no entanto, equivoca-se ao fazer referência a uma Faculdade de Medicina na Assunção na década de vinte do século XIX, uma vez que este estabelecimento só seria criado em 1890, juntamente com as Faculdades de Direito, Ciências Sociais e Matemática (BOCCIA ROMANACH; BOCCIA PAZ, 2011).

Além de serem encarregados de cuidar das tropas, Rengger e Longchamp também foram destinados ao atendimento de doentes que se encontravam presos em cadeias do Paraguai. De acordo com o relato dos viajantes, havia cadeias públicas, que eram destinadas a detentos condenados por crimes, e as cadeias do estado, nas quais ficavam aprisionados aqueles condenados pelo regime de Francia. Ambas foram descritas como apertadas, sujas e quentes, mas, na cadeia pública, as celas eram compartilhadas e eram permitidas visitas, enquanto que nas cadeias do estado, o apenado ficava em uma cela isolado, sob o cuidado de sentinelas, com um dos pés atado a um grilhão e sem direito à assistência médica e familiar. De acordo com os médicos suíços:

Muchas veces hemos visitado estas prisiones horribles, tanto por casos de medicina legal, como para socorrer a algún enfermo. Allí se ven mezclados el Indio y el mulato, el blanco y el negro, el amo y el esclavo; allí están confundidos todos los rangos, todas las edades, el delincuente y el inocente, el condenado y el acusado, el ladrón público y el deudor, en fin el asesino y el patriota; muy a menudo están

²¹⁰ De acordo com Rengger, somente “En el año 1816 llegó a Paraguay el Dr. Parlet, un inglés, el primer médico verdadero que pisó el país. El personal médico restante que encontré allí consistía en algunos oficiales barberos españoles, en criollos y negros, quienes sin los menores conocimientos medicinales y, como ellos mismos decían, sólo por la Gracia de Dios se dedicaban a la práctica de la farmacología” (RENGGER, [1835] 2010, p. 242).

sujetos a una misma cadena. Pero lo que pone el colmo a este espantoso cuadro, es la desmoralización siempre en aumento de la mayor parte de los presos, y la feroz alegría que manifiestan cuando llega una nueva víctima (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 203-204).

Mais do que descrever o atendimento aos enfermos e a realização de autópsias nas cadeias, o relato que transcrevemos acima destaca a convivência entre diversos tipos de criminosos e, até mesmo inocentes, com distintas trajetórias e características pessoais. De acordo com Leila Gómez (2009), os médicos suíços perceberam as cadeias paraguaias como um local privilegiado para a observação da conduta moral dos presos e do quadro clínico que se manifestava em tais ambientes:

Aunque el Dr. Francia no se hubiera propuesto clasificar científicamente ni el delito ni al delincuente, los suizos parecían inclinados hacia una incipiente criminología o disciplina combinatoria de una clasificación jurídica y médica. Los viajeros médicos presentan así un estudio positivista de la prisión, en el que unen psiquiatría, medicina y criminología (GÓMEZ, 2009, p. 137).

Se por um lado, para Rengger, a combinação entre as precárias condições das celas e a não separação dos detentos, em função da gravidade dos crimes cometidos, favorecia o surgimento de várias enfermidades e a deterioração moral, não fica claro, por outro, que tenha realizado alguma espécie de análise criminológica. Suas constatações dizem mais à respeito das condições de saúde do Paraguai e, notadamente, a realidade carcerária, do que um estudo acerca da possível origem biológica do delito no sujeito.²¹¹ Considerando que nos interessa identificar e analisar os registros da prática médica, bem como os pressupostos científicos que orientavam a atuação de Rengger, optamos por ampliar o espaço dessa discussão para além da realidade carcerária. Apesar de não ter se dedicado integralmente ao exercício da Medicina, na obra de Rengger *Viaje al Paraguay* encontramos menções a 31 enfermidades e/ou condições médicas, que possibilitaram a elaboração de um quadro das doenças presentes na sociedade paraguaia, e que foram observadas e tratadas pelos médicos suíços, conforme segue abaixo.

²¹¹ Cabe observar que o estudo da criminologia, apesar de ter suas origens no século XVIII, desenvolveu-se de sobremaneira a partir dos estudos do médico italiano Cesare Lombroso (1835 – 1909) e, especialmente, de sua obra *L'Uomo Delinquente*, publicada em 1876. Nela Lombroso defendia que o delito era uma característica nata do delinquente, sendo que a aparência física foi um dos meios defendidos e estudados pelo médico italiano para identificar o criminoso (CARVALHO, 2014). Concentrando-se no sujeito na procura da causa do delito, Lombroso diferenciava-se de pensadores anteriores, que procuravam no meio à origem do delito.

Quadro 4 – Enfermidades e suas causas mencionadas na obra *Viaje al Paraguay*

Enfermidades/Condições médicas	Causas	Categorias (%)
Sífilis	Vida dissoluta dos habitantes, agravada pelo calor	Inflamações (32%)
Inflamações no peito	Vento sul	
Inflamações no fígado	Comum no outono	
Inflamações gástricas	Comum no outono	
Inflamação abdominal	-	
Inflamação de garganta	<i>Influência</i> da primavera	
Apendicite	-	
Encefalite (inflamação do cérebro)	-	
Coleciste (inflamação da vesícula biliar)	-	
Tuberculose	Queda de temperatura e acúmulo de muco	
Tungíase (bicho-de-pé)	Desenvolvimento do inseto por falta de asseio	
Tétano	Extração da tungíase	
Febres biliares	Comum no outono	
Febres intermitentes	Ingestão de laranjas não maduras	
Febre terciana	Ingestão de laranjas não maduras	
Febre mucosa	Temperaturas baixas	
Impulsos febris	Inflamação e o inchaço da picada de mosquitos	
Varíola	-	Vírus (3%)
Picada de cobra	Imprudência humana	Acidentes (13%)
Picada de escorpião	-	
Ferimento com arma	-	
Ferimento com arma branca	-	
Diarreia crônica	-	Diversos (36%)
Dores de cabeça	Vento norte	
Hipocondria	Vento norte em pessoas nervosas e com problemas gástricos	
Problemas gástricos	-	
Raquitismo	-	
Hidrocele	-	
Escabiose (sarna)	-	
Erupção cutânea	<i>Influência</i> da primavera	
Epilepsia	<i>Influência</i> do clima	
Ingestão de terra	-	
<i>Ovos de moscas</i>	Depósito de ovos de moscas na carne e, possivelmente, alguma <i>influência</i> do clima	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Boa parte das enfermidades elencadas acima foram apenas citadas por Rengger em seu diário de viagem, razão pela qual as causas nem sempre foram comentadas. Contudo, cabe

notar que dentre as categorias com índices mais elevados, tais como as inflamações, as febres e as enfermidades diversas, parte significativa delas aparece relacionada com a *influência* do clima ou com a falta de asseio e cuidado da população.

A interferência do clima na saúde humana possuiu uma longa tradição, que remonta aos estudos aristotélicos. Cabe lembrar, aqui, que, no século XVIII, o clima não só passou a ser uma variável fundamental na “polêmica do Novo Mundo”, como teve sua ação alargada às condições de saúde, conformando o ramo da climatologia no século seguinte. Como bem observado por Flavio Edler (2011), a ideia de *influência* nesse período não deve mais ser compreendida como aplicada pela vertente hipocrática, ou seja, de um clima universal, pois,

O clima seria, desde então, constituído pela combinação variada dos elementos meteorológicos próprios a cada região do globo terrestre. Todos esses elementos – a temperatura, o grau de umidade ou de secura do ar, a pressão atmosférica, a força e a direção do vento, o estado mais ou menos nublado do céu, a quantidade de chuva, a quantidade de ozona e eletricidade – puderam ser expressos por meio de cifras. Falava-se então de uma fisionomia meteorológica. A diferença de latitude formou-se, inicialmente, como a causa mais importante da diferença climática, secundada pelos fatores topográficos (EDLER, 2011, p. 36).

Estes dados impulsionados pelos avanços das Ciências Naturais e somados ao desenvolvimento da própria Medicina auxiliaram na constituição de uma nova relação pautada pela interação entre o organismo e o meio (EDLER, 2011).

No tocante à saúde, a consolidação de teorias miasmáticas, que se estenderam ao longo do século XIX, colocou o ambiente no centro das discussões.²¹² Conforme Marcos Cueto e Steven Palmer (2016), as doenças infecciosas, segundo o paradigma miasmático, “[...] tinham origem em vapores venenosos suspensos em partículas invisíveis de matéria em decomposição que só podiam ser percebidas por seu odor fétido”. Os autores acrescentam que a teoria miasmática era complementar ao humoralismo hipocrático, uma vez que a segunda partia do pressuposto da falta de equilíbrio do indivíduo e a primeira versava sobre a falta de equilíbrio do meio ambiente.²¹³ Nesse sentido, focos de água salobra e parada e acúmulos de

²¹² No caso da América do Sul, a influência do clima sobre as condições de saúde esteve presente até meados do século XX, apesar de oscilações de acordo com os novos descobrimentos científicos, como a origem microbiana das doenças ao final do Oitocentos. Nesse período, foram identificadas por médicos e higienistas enfermidades próprias de determinadas regiões, formando, inclusive, uma nova disciplina científica que era a Medicina Tropical. Sobre essa temática na realidade brasileira, ver os trabalhos de Flavio Edler (2010) e Magali Romero Sá (2010).

²¹³ Segundo a teoria humoralista hipocrático-galênica, a saúde consistia no equilíbrio entre os líquidos ou humores que compunham o corpo humano, sendo frequentemente destacados quatro (Sangue, Fleuma, Bília Amarela e Bília Negra). Enquanto que a saúde consistiria no equilíbrio desses humores, as enfermidades seriam o inverso, ou seja, o desequilíbrio originado pelo predomínio ou pela ausência de algum deles sobre os demais (REIS, 2009). Tinha ainda participação nesse processo de desequilíbrio o excesso de calor, de frio, de secura ou de humidade (MICHEAU, 1985). Nesse sentido, as práticas médicas amparadas por esta teoria pretendiam

resíduos e esgotos nas ruas foram identificados como os principais vetores de transmissão de doenças, razão pela qual medidas de higiene e saneamento foram implementadas e estimuladas nas cidades europeias e americanas ao longo do século XVIII e XIX. Dentre essas medidas se destacam a construção de cemitérios fora das cidades, a drenagem de áreas pantanosas, a criação de praças e jardins, a ampliação e pavimentação de ruas e avenidas em favor de uma melhor ventilação e limpeza, a organização de um sistema de coleta e eliminação de resíduos e a supervisão da qualidade dos alimentos e dos serviços de saúde. (CORBIN, 1987; CUETO; PALMER, 2016). No caso da América do Sul, havia um forte agravante, pois, segundo Flavio Edler (2010, p. 344), “Se os trópicos eram um lugar privilegiado de envenenamento miasmático, isso resultava de fato de que a atividade de putrefação encontrava seu *optimum* em condições meteorológicas que reunissem maior quantidade de calor e umidade”.

Apesar de confirmar essa condição de que “[...] el clima de Paraguay es cálido y al mismo tempo húmedo [...]” (RENGGER, [1835] 2010, p. 140), Rengger não percebia nessa combinação um motivo de preocupação em relação à salubridade do país. Ainda assim, e, por experiência própria, para o médico suíço, o europeu recém-chegado ao Paraguai deveria passar por um processo de adaptação ao ambiente, sendo bastante frequente a ocorrência de enfermidades no início da estadia.²¹⁴ Outro indício positivo da aclimatação pode ser observado em relação aos ataques dos insetos. Além de confirmar a paulatina perda de sensibilidade dos europeus às picadas de mosquitos, em virtude de sua ambientação ao clima sul-americano, registrada por Humboldt, Rengger observa que os parasitas que se instalavam nos pés faziam com que os estrangeiros sofressem muito “a causa de ellas al comienzo de su estadía, pero más tarde son mucho menos perseguidos, sin duda porque mediante la influencia del clima tropical el cuerpo pierde una propiedad que anteriormente atraía la nigua” (RENGGER, [1835] 2010, p. 221). No entanto, nem todos os efeitos poderiam ser

restaurar o equilíbrio do corpo por meio da expulsão dos maus humores através do sangue, das fezes, da urina, da transpiração, do vômito e de demais formas de excreção, utilizando-se da purga, de sangrias e de substâncias vomitivas e diuréticas como práticas terapêuticas.

²¹⁴ Conforme o relato biográfico de seu tio Albecht ([1835] 2010, p. 22), “La estadía en Corrientes también le sirvió [a Rengger] para acostumbrar su cuerpo al clima tropical; lo soportó tan bien, después de vencidas algunas enfermedades de aclimatación, que se encontró en mejor estado de salud que en Europa. Atribuyó esto, sobre todo, a la abstinencia o al empleo extremadamente mensurado de bebidas espirituosas, cuyo abuso muy frecuentemente lleva a la pérdida a los nativos, al igual que los pobladores europeos”. Convém observar que essa foi uma questão muito cara a geografia médica que se desenvolveria ao longo do século XIX e, como destaca Flavio Edler (2011, p. 115-116), “É importante ter-se em mente a distinção médica entre os termos aclimatamento e aclimatação. O primeiro referia-se ao processo natural de adaptação do indivíduo a um clima diferente do habitual, decorrente da ação do meio ambiente sobre a economia humana. O segundo indica os procedimentos higiênicos mobilizados para estabelecer um novo equilíbrio entre o organismo humano e o clima circundante”.

contornados, o que demandava certos cuidados, como o de não se expor ao intenso sereno que caía à noite, de observar as mudanças das estações e, especialmente, as alterações de temperaturas, não ingerindo a água gelada de um rio quando estivesse com o corpo quente e observando os ventos, sobretudo, o sul, pois,

Sin embargo, este viento produce un cambio muy considerable en la temperatura de la atmosfera, haciendo bajar el termómetro, en menos de un cuarto de hora, de 29° a 15°. Este cambio súbito es a veces causa de diversas enfermedades que provienen de la supresión de la transpiración cutánea (RENGGER, [1835] 2010, p.89).

Tais observações feitas no relato de Rengger podem ser compreendidas como avisos aos viajantes imprudentes, sendo que todas as possíveis complicações poderiam ser evitadas ou amenizadas com a adoção de cuidados simples, como uso de roupas adequadas e a exposição ao ambiente externo nos momentos corretos. Observações que novamente afastam quaisquer avaliações negativas sobre o clima paraguaio, percepção que Rengger já havia registrado em seu diário seis meses depois de sua chegada: “Tengo por muy sano el clima del país, con excepción de las zonas pantanosas. Se hallan numerosas personas ancianas, sobre todo entre aquellos que llevan un modo de vida algo regular; las enfermedades poseen comúnmente un carácter muy manejable” (RENGGER, [1835] 2010, p. 318).

Conforme a descrição topográfica feita por Rengger, as regiões pantanosas e de terras baixas, que, facilmente, ficavam alagadas, situavam-se na porção meridional do Paraguai, sendo que a força do sol e a presença de saís evitavam que estas águas se tornassem pestilentas em muitos casos. Ainda assim, as ações de drenagem, ampliação das ruas e criação de espaços arborizados na capital adotadas por Francia foram elogiadas pelo médico-viajante, pois tornavam o ambiente mais seco e fresco. Se, por um lado, as enfermidades mais recorrentes não seriam de difícil tratamento médico, por outro, Rengger queixava-se das condições insalubres em que viviam os habitantes do Paraguai, que mantinham, por exemplo, suas casas sujas e levavam uma vida dissoluta, sem cuidados e asseio. Condições que contribuíam decisivamente para a propagação de muitas doenças que acometiam aos paraguaios. Em seu capítulo dedicado ao bicho-de-pé, Rengger assevera, contra outras medidas, que:

El mejor remedio contra la nigua es una gran limpieza en y alrededor de las viviendas, ya que este insecto sólo se reproduce en lugares sucios, y el lavado y examen cotidianos de los pies. Ello porque la nigua prefiere para su permanencia los pies desaseados a los limpios, y con un examen diario de éstos sólo rara vez se la encuentra metida profundamente en la piel, de modo que la extracción se hace más fácil y no está asociada a ningún dolor o a consecuencias malignas (RENGGER, [1835] 2010, p. 221).

Atento às enfermidades e aos problemas ordinários de saúde da população paraguaia, como a tungíase e as intoxicações exógenas, Rengger não apenas contestou alguns dos meios utilizados em sua cura, como certos medicamentos e procedimentos, mas, também, a falta de uma cultura preventiva. A limpeza ajudaria a prevenir a tungíase, não caminhar descalço, usar roupas adequadas e observar o entorno durante a realização de atividades do campo e em suas casas contribuiriam para a diminuição de acidentes e das mordidas de cobras. Uma medida adotada pelos paraguaios em seus ranchos e, observada por Rengger, era o nivelamento do chão arenoso do pátio com um ancinho logo pela manhã, o que lhes permitia observar prontamente eventuais rastros de cobras.

Figura 13 – Casa de campo de um *criollo* de mediana fortuna na obra *Viaje al Paraguay*



Fonte: RENGGER (1835).

Contudo, a mesma prudência não se fazia notar em relação à sífilis, tanto por parte de brancos, quanto por parte de negros e índios aldeados. A exceção seriam, segundo Rengger, os índios não reduzidos. De acordo com o médico-viajante:

La causa de esta gran difusión se encuentra en parte en la vida extremadamente disoluta de los habitantes, en parte en la escasa malignidad que adopta la enfermedad en una región tan cálida, tanto que sólo es atendida cuando ya ha provocado estragos llamativos en el cuerpo, en parte, finalmente, en la falta de médicos, incluso mediocres, pues desde los tiempos en que Paraguay fue poblado por los europeos, hasta 1816 [quando chegou Parlet] no llegó a esta tierra un solo médico que haya sabido tratar la sífilis (RENGGER, [1835] 2010, p. 241-242).

No entanto, é ao comentar o interior das igrejas de Assunção, que Rengger demonstra como as ideias miasmáticas faziam-se presentes em sua avaliação sobre as condições de saúde do Paraguai. Apesar de destacar a beleza da maioria dos adornos religiosos, Rengger não deixa de manifestar sua surpresa e seu descontentamento ao constatar que os interiores das igrejas ainda serviam de cemitérios, o que podia ser observado na irregularidade do piso, constantemente revolvido para a abertura de novas covas e para a retirada de corpos em processo de decomposição. Classificando esse costume como malsão e desagradável, Rengger mostrou-se ainda mais aflito, ao perceber que seu abandono ainda tardaria, pois:

Aunque las clases superiores empiezan a darse cuenta de que esta costumbre es dañosa, el pueblo y una parte del clero están tan apegados a ella que nadie osa protestar contra el abuso. Sin embargo, el obispo que procedió al actual había bendecido un campo en las afueras de la ciudad para que sirviera de cementerio, pero como nadie estaba obligado a enterrar allí a los muertos, ninguno quiso comenzar. Sólo el Dictador podría obrar una reforma tan saludable (RENGGER, [1835] 2010, p. 101-102).

Como se pode observar, o enterro dentro das igrejas era visto de formas distintas. Se para Rengger, o costume deveria ser erradicado, pois já não era mais adotado, por razões de saúde pública, nas principais cidades europeias, para parte significativa da sociedade paraguaia, tratava-se de uma prática cultural significativa. Sendo comuns os enterros nas igrejas ao longo de toda a primeira metade do século XIX, segundo Marcos Cueto e Steven Palmer (2016), sua proibição sofreu resistência por parte do clero e da população, por conservarem “[...] noções essencialmente barrocas sobre doença, morte, vigília e luto [...], manifestando-se nos rituais organizados, especialmente, pelas irmandades, em que se fazia presente o entendimento de que se o corpo fosse sepultado dentro da igreja a alma faria a passagem mais rapidamente do purgatório para o céu” (CUETO; PALMER, 2016, p. 51).

Quanto aos tratamentos médicos realizados por Johhan Rengger no Paraguai, seus escritos indicam uma maior atenção aos sífilíticos e aos intoxicados por veneno de cobras, sugerindo, igualmente, que estas duas moléstias acometiam a maior parte da população. No caso da sífilis, além da sua difusão entre brancos, africanos, afrodescendentes e índios aldeados, Rengger demonstra interesse na polêmica sobre a possível origem americana da doença.

Destacando que, por volta de 1492 e 1493, a sífilis já fazia vítimas no Velho Continente, ou seja, antes do regresso de Cristóvão Colombo à Europa, Rengger defende a procedência europeia da enfermidade.²¹⁵ Para tanto, acrescenta, recorrendo às suas observações e às de Longchamp e de Parlet, que a doença era totalmente desconhecida dos grupos indígenas que viviam isolados, ou mesmo daqueles que mantiveram contatos com outros agentes por meio de guerras ou de comércio, “[...] pero a las que su orgullo nacional no les permite mezclarse carnalmente con seres humanos de otro color, ni siquiera con otras tribus indias” (RENGGER, [1835] 2010, p. 241). Estabelecendo uma espécie de hierarquia dos conhecimentos médicos, na qual os brancos, os africanos e seus descendentes estariam em um estágio mais avançado, restavam aos índios aldeados meios escassos e insuficientes para combater a doença, além de estarem esquecidos pelo restante da população, o que resultou em uma intensa disseminação das formas mais malignas da sífilis.

Para Rengger, a principal forma de transmissão da sífilis era a vida dissoluta de muitos paraguaios e, diferentemente da Europa, na América, a enfermidade não era produzida espontaneamente no organismo, mas, sim, transmitida pelo contato. Cabe, no entanto, mencionar que, no início do século XIX, a sífilis ainda não era totalmente conhecida pela medicina, abrangendo um conjunto variado de sintomas e, inclusive, de outras enfermidades semelhantes, como os cancos moles e duros (OLIVEIRA, 2009). A bactéria causadora da sífilis, a *Treponema pallidum*, foi descoberta somente em 1905, sendo que, dentre as explicações anteriores para a enfermidade, havia a que defendia a existência de uma espécie de “vírus sífilítico”, que atuando e corrompendo, especialmente, o sangue, alastrava-se e contaminava o organismo, cujos fluídos líquidos e feridas seriam capazes de transmitirem o mal a outras pessoas (ROSA, 2016).

Ainda segundo Rengger, o desenvolvimento das úlceras se dava como na Europa, apesar de ser um pouco mais lento, e no seu tratamento eram tradicionalmente utilizadas gotículas de cloreto de mercúrio ou dióxido de mercúrio ou, então, lavagens diárias de decocção de malvaviscos (hibisco) ou de cascas com substâncias empregadas para curtir, que tinham grande eficácia contra as infecções generalizadas, retardando manifestações secundárias em até mais de dez anos. Rengger, no entanto, passou a realizar alguns experimentos com o propósito de comprovar que era possível tratar a sífilis sem o uso de mercúrio. De acordo com o médico:

²¹⁵ Recorrendo a estudos da paleopatologia, Marcos Cueto e Steven Palmer (2016), afirmam que a sífilis, assim como outras doenças infecciosas, como a tuberculose, a leishmaniose, a disenteria e a doença de Chagas já existiam na América antes da chegada dos primeiros europeus.

Por consiguiente traté los chancros sencillos durante su estadio de inflamación, sólo con mucílagos [substância vegetal viscosa] y remedios narcóticos, especialmente con extracto de cicuta, mas tarde con medios astringentes, como decocción de quina con tintura de mirra o con extracto de Saturno [disolução aquosa de acetato de chumbo básico]; purgaba varias veces al enfermo con sales y después le hacia beber una tisana de liganto de guajaci y cocción de zarzaparrilla [decoção de guayaco e raíz de salsaparrilha] durante algunas semanas (RENGGER, [1835] 2010, p. 243).

Apresentando uma gama variada de sintomas ao longo de seu desenvolvimento, a sífilis caracteriza-se por períodos de atividade e de latência, que podem ser divididos em quatro fases: a primária, a secundária, a terciária e a latente (ROSA, 2016). Em sua fase primária, Rengger recorre ao tradicional tratamento mercurial da sífilis, largamente empregado desde o início da epidemia na Europa no século XV (LEITNER et al., 2007), em função do entendimento de que a eliminação das matérias que desequilibravam e corrompiam os humores era facilitada pela capacidade do mercúrio em provocar uma intensa salivação e diurese. Apesar do largo emprego do mercúrio no tratamento de enfermidades de pele, Rengger empenhou-se em encontrar um substituto para ele, sobretudo, devido aos seus fortes efeitos colaterais, tais como paralisias e amolecimento e, ainda, perda dos dentes. No tratamento empregado por Rengger, observa-se a combinação de compostos químicos, como o tóxico acetato de chumbo, com soluções à base de plantas. Dentre estas, com exceção da mirra e da venenosa cicuta, todas as demais são nativas da América do Sul e Central, como a salsaparrilha e, especialmente, o guayaco, cuja resina chegou a ser o principal concorrente do mercúrio no tratamento sífilítico.²¹⁶

Contudo, as experiências realizadas por Rengger comprovaram o que já haviam lhe alertado Parlet e Longchamp: a impossibilidade de êxito de um tratamento não mercurial. Apesar de uma melhoria momentânea em alguns enfermos, outra parte deles teve agravadas suas lesões com fimoses, parafimoses, condilomas e pústulas e, inclusive, em alguns casos, com abscessos no pescoço, erupções cutâneas e dores ósseas, o que fez com que Rengger concluísse que: [...] mediante el procedimiento empleado, la toxina sífilítica de ningún modo era destruida o expulsada del cuerpo, y que en aquellos individuos que aparentemente estaban curados, ésta aún permanecía en el cuerpo y antes o después haría ver (RENGGER, [1835] 2010, p. 243).

²¹⁶ Nativo da América tropical, especialmente, no Caribe, o guayaco (*Guaiacum officinale*) foi receitado por Nicolás Paul, em 1517, em sua obra *Tratamiento del morbus gallicus con guayacus* (LEITNER et al., 2007). Convencido da origem americana da doença, segundo os autores, Paul em sua obra afirma que “[...] Dios había colocado el remedio al lado de la enfermedad [...]” (LEITNER et al., 2007, p. 10), pois, sendo a sífilis de [...] de origen americano se debe combatir con el guayaco, que también es de origen americano. El “lignum vital”, árbol del género guaiacum, cuya resina obtenida de su madera por destilación es usada en trastornos respiratorios y tiene, además, gran acción sudorífera” (LEITNER et al., 2007, p. 9).

Em sua proposição de um tratamento alternativo, Johann Rengger nos revela que compreendia a cura da enfermidade a partir de pressupostos da teoria humoralista hipocrático-galênica, uma vez que propôs o uso de remédios que promoviam a eliminação de líquidos e a prática da purga, tendo reforçado, em suas conclusões, que a sífilis não era “destruída ou expulsa” do corpo acometido sem o uso de mercúrio.

Ideias semelhantes podem ser encontradas em um texto originalmente publicado sob a forma de artigo em uma revista de medicina alemã, em que Rengger faz menções às mordidas de cobras e às terapêuticas por ele utilizadas. No artigo, encontramos informações tanto sobre sua formação médica, quanto sobre seu interesse na História Natural, uma vez que aborda aspectos da anatomia das cobras, faz observações sobre seus venenos, a sintomatologia decorrente da mordida, a forma como tratou os casos que atendeu e os meios que os paraguaios utilizavam para se curar da intoxicação.

Inicialmente, o médico-viajante adverte que não era possível confiar nos remédios antiofídicos usados pelos habitantes do Paraguai, pois estes não diferenciavam as cobras inofensivas das venenosas e desconheciam seu desenvolvimento. Segundo Rengger, a letalidade das mordidas de cobras dependia de uma série de variáveis. As cobras maiores e mais desenvolvidas segregavam mais veneno, além de seus dentes penetrarem com maior profundidade na pele. Um aspecto que precisava também ser considerado era o estado de irritabilidade das cobras, pois quanto mais atizadas, mais fortes seriam as mordidas e mais veneno seria expelido. Era preciso, ainda, considerar que as mordidas em regiões vasculares do corpo tinham maior gravidade, sendo que a efetividade do veneno dependia do porte físico e do temperamento do sujeito mordido, inclusive, no instante do acidente, pois segundo Rengger:

Personas caquéticas y débiles son atacadas por el veneno con mayor intensidad que las sanas y fuertes; los flemáticos o animosos lo soportan mejor que los sanguíneos o temerosos; después de efectuar movimientos intensos y con la circulación de la sangre acelerada, actúa más rápidamente que con frecuencia de pulso lenta (RENGGER, [1835] 2010, p. 227).

Tais ponderações advinham de seus estudos e, especialmente, dos experimentos que havia realizado com cachorros, gatos e galinhas submetidos a ataques de cobras, observando seus efeitos e efetuando autópsias imediatamente após o óbito de suas cobaias. Como já informado, Rengger atuou também como médico legista nas cadeias do Paraguai, sendo que chegou a ser chamado para fazer a autópsia de mortos em decorrência de mordidas de

cobra.²¹⁷ Referindo-se ao atendimento de um de seus pacientes, Rengger informou que, consternados com o falecimento de seu único filho, de aproximadamente três anos de idade, vítima de uma mordida de cobra no antebraço esquerdo, os pais – *criollos* brancos – não autorizaram a realização do procedimento (RENGGER, [1835] 2010, p. 227 – 228).

A partir dessas observações, Rengger sistematizou informações sobre os sintomas observáveis naqueles que haviam sido picados por cobras, e que se iniciavam com o relaxamento dos membros, a diminuição e ritmo irregular dos batimentos cardíacos, a palidez no rosto, o inchaço e a dor na ferida, seguidos de vômitos, dores de cabeça, urina turva e, por vezes, diarreia com evacuação de muita bÍlis. Iniciava-se, então, um suor intenso, sensação de pânico e sede acentuada, a língua passava de uma coloração amarelada para negra, evoluindo para a perda de consciência, acompanhada da diminuição das forças, olhar fatigado, tremores, respiração insuficiente e pulsação ínfima “[...] hasta que por la decomposició n total de los humores su vida se extingue” (RENGGER, [1835] 2010, p. 227 – 228). Esse quadro clínico, segundo Rengger, podia variar de horas até alguns dias e provocava as seguintes alterações no organismo:

En la autopsia de seres humanos y de los grandes mamíferos, los que habían muerto recién algún tiempo después de ser heridos, siempre hallé la medula espinal y también parte de la sustancia encefálica completamente blandas, yo diría con la consistencia del puré. Las cavidades craneana, torácica y abdominal presentaban una masa de líquido sanguinolento-acuoso.

El pulmón, azul, pletórico de sangre extravasada, así como el hígado tumefacto, marrón oscuro, mostraban sitios necrosados aislados. Manchas parecidas se encontraban en el estómago y en el canal intestinal, que tenían, casi ininterrumpidamente, un color azul negruzco. En los alrededores de la herida, marcadamente tumescentes, el tejido celular se había atrofiado por necrosis, y a cada corte surgía de él sangre diluida, a veces también un líquido purulento (RENGGER, [1835] 2010, p. 231).

As observações do médico suíço acerca dos sintomas decorrentes das mordidas de cobras revelam, novamente, a presença de pressupostos da teoria humoralista, especialmente, do óbito como decorrência da decomposição dos humores. Mas, ao mesmo tempo, a realização de autópsias em animais e aquela que conseguiu realizar em uma paciente revelam que Johann Rengger também tinha presente em sua prática médica o enfoque anatomoclínico,

²¹⁷ Em seus relatos – *Ensayo Historico e Viaje al Paraguay* – Rengger menciona a realização de autópsias nas cadeias e, especificamente, de duas que ele realizou. A primeira delas foi feita em uma índia de dez anos de idade mordida na face, e a outra foi feita em um prisioneiro que faleceu vítima de uma inflamação abdominal, decorrente de uma inflamação hepática crônica, que se intensificou após a retomada de ingestão de aguardente pelo paciente, segundo Rengger ([1835] 2010, p. 339). Ainda de acordo com o médico suíço, além da necessidade de autorização do governo, as autópsias deveriam ser realizadas dentro de, no máximo, 24 horas, para que se conseguisse extrair informações, antes que fossem prejudicadas pelo rápido processo de decomposição, que ocorria de forma ainda mais acelerada em um país de clima quente, como o Paraguai.

que, segundo Flavio Edler (2011), foi internacionalmente hegemônico entre os anos de 1820 e 1860. Tal enfoque, bastante presente na França, foi impulsionado pela adoção de novas tecnologias, como o estetoscópio, e de novos métodos de diagnóstico, como o acompanhamento sistemático do paciente e a realização de autópsias (EDLER, 2011). Portanto, uma prática que não mais se baseava apenas nos sintomas relatados, mas que considerava também as alterações orgânicas e o estudo das lesões anatômicas, tidos como fundamentais para o entendimento e o diagnóstico da doença, como apontado por Flavio Edler (2011).

O interesse de Rengger no tratamento de pacientes intoxicados com venenos, possivelmente, tem relação com os estudos realizados por seus antigos professores em Tübingen, os quais cita em seu artigo, reconhecendo suas contribuições. Seu método consistia, primeiramente, na preservação do sistema nervoso e, especialmente, da medula espinhal, e, depois, do sistema circulatório, dos efeitos do veneno. Isso possibilitaria que o primeiro tivesse condições de reagir, para expulsar a substância, por meio de uma inflamação no local do ferimento, estimulada pela adoção de certos medicamentos. Para Rengger ([1835] 2010, p. 233), “Estos principios, fundados en la experiencia, aspiran a servir al médico como hilos conductores para el tratamiento de la mordedura de las víboras venenosas”.

De acordo com o médico suíço, havia dois procedimentos a serem adotados, dependendo do estágio da intoxicação. Caso ela não tivesse afetado o sistema nervoso, Rengger aconselhava o uso da amputação, a fim de deter o veneno, obviamente, se a lesão fosse em um local que permitisse tal procedimento, como nos dedos das mãos ou dos pés. Imediatamente, devia-se cauterizar a ferida com um pedaço de madeira em brasa, ou apenas escarificar o local, colocando um dos três compostos: solução de ácido mineral diluída, amônia ou solução de potássio. Como alternativas, na ausência desses fármacos, ele recomendava:

[...] succionar la herida escarificada o lavarla con agua, ácido cítrico, lejía [solução de sais alcalinos] y aguardiente durante un rato y luego esparcía sobre ella una sustancia irritante, como ají, sal, pólvora, o una variedad de cantáridas, que en Paraguay se encuentran en casi todas as partes, para obtener lo más rápidamente posible una inflamación aguda (RENGGER, [1835] 2010, p. 234).

Cabe destacar que dentre as alternativas indicadas por Rengger, além de muitas serem de uso ordinário, como a pólvora, as pimentas e o sal, algumas já eram utilizadas pelos paraguaios no tratamento de intoxicações – apesar da limitada eficácia que obtinham, segundo

a avaliação de Rengger –, como o suco de limão (ácido cítrico), a aguardente e a própria sucção, prática muito difundida entre os indígenas.

Havia, ainda, um segundo meio para deter o fluxo do veneno, caso este ainda não tivesse atingido o sistema nervoso. Consistia no uso de uma atadura estirada com força para impedir a circulação, sendo aplicável somente nas extremidades e por um período curto de tempo. Não considerado tão eficiente por Rengger, esse procedimento exigia que o veneno fosse expelido através do uso dos mesmos compostos citados anteriormente, utilizados após a amputação.

Por fim, caso a intoxicação já tivesse atingido o sistema nervoso, o procedimento tornava-se mais complexo e exigia uma variedade maior de medicamentos e procedimentos. Dentre os últimos, se destacam os vômitos por meio de chás de ipecacuanha com um pouco de tártaro emético, dois poderosos vomitivos, sendo que o segundo era tido também como um fármaco homeopático com forte atuação depressora sobre o sistema nervoso e circulatório. Ainda atento aos dois sistemas, Rengger ressalta a necessidade de proteger o sistema nervoso do veneno e de acelerar a reação do sistema circulatório. Para tanto, receita a combinação de até vinte gotas de sal alcalina leviana em água morna, seguida de fortes doses de serpentaria, senega e cânfora – sendo as duas primeiras plantas originárias da América do Norte com qualidades antiofídicas – com infusões de plantas, que tivessem azeite etéreo, até que o sistema circulatório reagisse e a ferida apresentasse sinais de inflamação. Caso a intoxicação se agravasse ou o paciente reagisse mal aos medicamentos, apresentando os sinais críticos de diluição dos humores, Rengger informa que acrescentava aos estimulantes anteriores “[...] quina, nafta de vinagre o de vitriolo o elixir de vitriolo (*Spiritus sulphurico-acidus*). Junto a este tratamiento por vía interna colocaba una banda vejigatoria sobre la columna vertebral, y hacia fomentar la herida escarificada con cataplasmas calientes estimulantes” (RENGGER, [1835] 2010, p. 235).

Após a realização do tratamento acima descrito e, caso o paciente apresentasse uma melhora, o passo seguinte era o cuidado do ferimento. Para evitar o desenvolvimento de erisipela e necroses, Rengger indicava o uso contínuo de irritantes e antissépticos, assim como de meios cáusticos para a correta cicatrização. Enfermidades secundárias, derivadas da lesão, podiam aparecer, como erupções cutâneas, cujo tratamento previa o uso de remédios sudoríficos não muito intensos e banhos aromáticos. Outros remédios sudoríficos, diuréticos suaves e tônicos deveriam ser utilizados, caso surgissem inflamações de glândulas na região lesionada e hidropisia.

As receitas e procedimentos indicados por Johann Rengger para o tratamento da sífilis e de casos de mordidas de cobras revelam o uso combinado de medicamentos químicos e naturais, como os compostos de soluções de potássio, mercúrio e vitriolo, com infusões com ipecacuanha e com a aplicação da quina e de suco de limão. Não foram poucas as vezes em que o médico suíço lamentou a limitação de materiais a que estava submetido, especialmente, de remédios, ocasionada pela interrupção do comércio com Buenos Aires. Com dificuldades de acesso a remédios, sendo que muitos dos que se encontravam à disposição estavam já deteriorados, Rengger recorria, frequentemente, aos fármacos de Parlet, situação, que também o estimulou a procurar alternativas nos recursos disponíveis no Paraguai. Esse foi o caso do óleo de amendoim, que ele passou a empregar no preparo de emplastos e unguentos, em substituição ao cada vez mais escasso e caro azeite de oliva (RENGGER, [1835] 2010, p. 146). Para a mesma finalidade, passou a utilizar a cera de abelha, além do mel, que, quando cozido, podia ser utilizado como medicamento (RENGGER, [1835] 2010, p. 263). Outro exemplo foi a extração de uma resina medicinal semelhante à *terra catechu*,²¹⁸ segundo Rengger, de uma espécie de árvore denominada de “quebracho” (pertencente ao gênero *Schinopsis*) (RENGGER, [1835] 2010, p. 215).

Rengger, no entanto, demonstrou certa resistência ao uso indiscriminado de certas plantas nativas, algumas delas largamente empregadas pelos paraguaios, pois, segundo ele, “Mientras en general se da poca importancia a los preparos químicos, casi todas las hierbas son vistas como remedios” (RENGGER, [1835] 2010, p. 319). Não percebe, contudo, nenhum problema na utilização de plantas cujas propriedades medicinais já se encontravam reconhecidas na Europa, como é o caso da ipecacuanha, da serpentaria, da quina e da senega. É preciso, no entanto, observar que os tratamentos por ele indicados estão também associados com os produtos disponíveis e utilizados nas enfermarias do Hospital Militar do Paraguai, no qual ele chegou a atuar. Consultando os relatórios de prestação de contas do cirurgião encarregado, Juan Vicente Estigarribia, referentes ao período de 20/10/1817 a 26/08/1818, portanto, alguns anos antes de Rengger chegar ao país, identificamos o uso de mais 50 itens.²¹⁹ Dentre eles, se encontram algumas plantas utilizadas em infusões, emplastos e unguentos, tais como a cevada, a casca de romã, a salsa, o alecrim, a camomila, rosas, a flor de borragem, o açafraão, a ipecacuanha, o tabaco, a canela, a pimenta, entre outros, seguidas de

²¹⁸ Típico da cultura indiana, a *terra catechu* é um extrato em pó obtido através do processo de fervura e de evaporação de várias espécies de acácia. Por conter uma alta concentração de tanino é considerada um excelente adstringente.

²¹⁹ Estas informações foram extraídas dos *Relatórios de gastos em duas enfermarias* assinados por Estigarribia. A referência completa dos documentos consultados encontra-se ao final do trabalho.

produtos manufaturados, como aguardente, vinho, vinagre, azeite, açúcar, amido, quina, óleo de terebintina, entre outros. Com relação aos compostos químicos, observou-se que eram utilizados o vitriolo, a pedra ume, o azinhavre e o nitro.

Concomitantemente à crescente valorização da química e da botânica nos estudos médicos ao longo do século XVIII, foi consolidando-se o entendimento de que a saúde e a doença eram um fato social, compreensão que se acentuou com o arrefecimento da teoria hipocrático-galênica, como destacado por Jean Abreu (2007). Nesse cenário, o pensamento iluminista, imbuído da compreensão de que o bem-estar da sociedade seria o bem-estar do Estado, identificou na assistência médica e no cuidado material à população um meio de aumentá-la e de melhor utilizá-la em seu benefício, como destacou George Rosen (1994). Para tanto, medidas de fiscalização dos profissionais da área da saúde, a implantação de reformas universitárias e a publicação de compêndios e manuais médicos com o intuito de disseminar seu conteúdo foram incentivadas (ABREU, 2007). As mudanças mais profundas em relação à administração da saúde comunitária, às epidemias, à assistência médica, ao saneamento ambiental e ao suprimento de água foram, no entanto, realizadas somente no século XIX (ROSEN, 1994).

Em seus escritos sobre o Paraguai, Johann Rengger queixa-se tanto da influência negativa que a ditadura de Francia exercia nos costumes e no caráter dos paraguaios, quanto das omissões do governo no atendimento de seus enfermos, com destaque para a negligência em relação aos índios aldeados infectados pela sífilis e para a continuidade dos sepultamentos no interior das igrejas, já mencionada anteriormente. Rengger destaca a ausência de uma política e de uma estrutura de saúde e, especialmente, a escassez de bons médicos no Paraguai. Para ele, as melhorias sanitárias, como drenagens, calçamentos e ventilação – algumas delas implantadas por Francia, mas criticadas pela forma de sua execução – deveriam ser de caráter governamental, tal como praticado em alguns países da Europa. A adoção de uma Polícia Médica nos Estados alemães, desde meados do último quartel do século XVIII, possivelmente, teve influência sobre o pensamento de Johann Rengger, formado em Medicina em Tübingen. A ideia de Polícia Médica pode ser resumida, conforme assinalou George Rosen (1979, p. 166), na “[...] criação pelo governo de uma política médica e sua implementação através de regulamentação administrativa [...]”. Nesse sentido, as ações tomadas, tanto em nível prático, como de legislação, visavam a um maior controle e distribuição da atividade médica, o saneamento do meio e o cuidado com indigentes, que, em consonância com o pensamento vigente no período, objetivava o crescimento populacional e, mais que uma melhoria na saúde dos povos, o fortalecimento do Estado (ROSEN, 1979).

As críticas de Rengger à falta de cuidados com a saúde dos paraguaios por parte do governo deixa transparecer que essa situação devia ser contornada localmente pelos habitantes. Situação que também ocorria na Europa do século XIX, como destaca Rosen (1994), pois, diante da inexperiência dos governos e de qualquer política nacional de saúde no período, questões de saúde e de doença continuavam sendo tratadas em nível comunitário. As menções de Rengger à atuação de xamãs entre os grupos indígenas e de curandeiros nas comunidades *criollas* e afrodescendentes parece comprovar esta solução local. Em relação aos primeiros, Rengger observa que, entre os payaguás, “Su sacerdote o pay es al mismo tempo su médico, al que matan a veces, no obstante, cuando se le han muerto más de diez enfermos” (RENGGER, [1835] 2010, p. 251). Se, por um lado, Rengger posiciona-se criticamente em relação aos procedimentos utilizados e do atendimento prestado aos enfermos tanto pelos xamãs, quanto pelos médicos *criollos*, carentes, segundo ele, de formação, por outro, destaca e valoriza as terapêuticas empregadas pelos escravos africanos que viviam no Paraguai, pois, segundo ele:

Sólo entre los negros nascidos en África se encuentran ejemplos de amputación o extirpamiento de la parte herida; la cauterización y la escarificación de la herida, en cambio, así como su lavado con remedios cáusticos u otros, que destruyen o eliminan el veneno, es desconocido por los habitantes de Paraguay (RENGGER, [1835] 2010, p. 236-237).

Ao desqualificar as práticas curativas nativas e dar destaque à ignorância de certos conhecimentos e tratamentos pelos médicos e curandeiros do país, Rengger delineia a percepção mais tradicional acerca da Medicina praticada na América (CUETO; PALMER, 2016), que se caracterizava por uma multiplicidade de saberes locais e de atores ligados às artes de curar. Rengger, inclusive, ressalta que, ao chegarem ao Paraguai, foram procurados por pessoas enfermas, tanto na capital Assunção, como pelo interior e entre os grupos indígenas, o que acaba por reforçar a ideia de que havia uma generalizada carência de serviços médicos desconsiderando, portanto, as terapêuticas adotadas localmente pela população.

Esta percepção, contudo, não impediu que Rengger se recusasse a prestar, como informado em seu diário, alguns atendimentos, visando preservar sua reputação como médico, face à cultura estabelecida no Paraguai:

Dado que en un pueblo que se encuentra en un peldaño tan bajo de instrucción la reputación de un médico depende de sus primeras curas más que en otras partes, enviamos de regreso a la mayoría de estos pacientes. En Paraguay sólo pocas personas comprenden que el médico no siempre puede curar, sino, más

frecuentemente, sólo procurar alivio, y éste tampoco siempre. Aquí era preciso curar o bien no recibir al enfermo (RENGGER, [1835] 2010, p. 298).

De acordo com Rengger, a população paraguaia buscava muito mais – e de forma imediatista – a cura do que investia na prevenção das enfermidades. A prática médica de Rengger aponta para sua preocupação com a prevenção das enfermidades que acometiam parcela significativa dos habitantes do Paraguai, o que fica evidenciado nas menções que faz à necessidade do cuidado com água a ser consumida e com o correto preparo de determinados alimentos, além dos já citados cuidados com o clima e o asseio pessoal. Para Rengger, as doenças podiam ser ocasionadas por causas naturais, como o clima, e por causas artificiais, oriundas, geralmente, de um contexto social e econômico desfavorável, em que a higiene não era devidamente valorizada.²²⁰ No entanto, no caso do Paraguai descrito por Rengger, este contexto social não fica claramente delineado. Se, por um lado, preocupa-se, em sua argumentação, em expor alguns dos fatores insalubres que impediam o pleno desenvolvimento da sociedade, por outro, não se detém na identificação dos grupos sociais específicos e de suas enfermidades. As menções que faz às doenças e seus efeitos em índios, negros e *criollos* devem-se muito mais ao seu interesse sobre as possíveis variações que elas podiam apresentar nas diferentes etnias, do que o estudo do impacto do vetor social na etiologia da doença em determinados grupos, afastando-se, nesse sentido, da noção de medicina social.

5.2 O trabalho de naturalista: entre ideias e práticas científicas

Johann Rengger partiu para a América do Sul sem contar com qualquer financiamento para a realização de seu maior propósito: o estudo da História Natural. Ao longo da travessia do Atlântico, o mar e algumas espécies marinhas já despertaram sua atenção, a ponto de relatar suas observações em uma carta enviada ao seu antigo professor Autenrieth, em Tübingen (RENGGER, A. [1835] 2010). Foi sobre a natureza americana, com sua diversidade de espécies vegetais e animais, que recaiu o interesse de Rengger durante o período em que esteve na América do Sul, sendo possível identificar atividades de coleta em Buenos Aires,

²²⁰ Conforme destaca Rosen (1979), no início do século XIX, há uma associação causal entre a miséria social e a doença, que seria constantemente reafirmada nos manuais e tratados médicos orientados por uma visão mais social da medicina. Tal corrente, ainda segundo o autor, teve alguns dos seus princípios básicos estruturados no início do século XVIII, sendo que: “Diziam respeito à necessidade de estudar a relação entre a saúde de uma população específica e as condições de vida determinadas por sua posição social, aos fatores insalubres que agem de forma particular ou com intensidade especial em um grupo devido à sua situação social e aos elementos que exercem influência deletéria sobre a saúde e que impedem a melhoria do bem-estar geral” (ROSEN, 1979, p. 2).

Corrientes, em várias localidades do Paraguai e, inclusive, na Bahia e em Pernambuco, durante sua viagem de retorno à Europa. Neste subcapítulo, interessa-nos investigar quais as atividades que Rengger, um médico interessado na História Natural, desenvolveu e quais suas percepções e contribuições para o estudo do meio natural paraguaio.

Cabe ressaltar que o trabalho de um naturalista caracterizava-se por uma complexidade decorrente da ampla definição de História Natural vigente à época. Na Enciclopédia organizada por Diderot e D'Alembert, obra símbolo do pensamento iluminista, o verbete História Natural traz a seguinte definição: “A história natural abrange todo o universo, sendo seu objeto tão extenso quanto a natureza – os astros, o ar, animais, vegetais e minerais do globo terrestre, em sua superfície e profundidade. Essas partes são objeto de muitas ciências que derivam da história tronco” (DIDEROT; D’ALEMBERT apud LEITE, 1995, p. 7). A própria definição apresentada indica a existência de saberes específicos, como a geografia, a botânica, a zoologia, a mineralogia, entre outras, que, em última instância, cooperam para o desenvolvimento de um “saber universal”, ou seja, da História Natural como um todo. Tal consciência também era compartilhada pelos próprios agentes científicos, como menciona Karen Lisboa (1997), que, no caso de Spix e Martius, que se apresentavam como zoólogo e botânico, respectivamente, e também se intitulavam como naturalistas. A própria definição da palavra *Naturalista*, no início do século XIX, ainda remetia à acepção de História Natural setecentista, como podemos depreender do verbete publicado no dicionário da Real Academia Espanhola, de 1817, segundo o qual naturalista era aquele “que conoce, describe y examina las propiedades y analogías de los animales, plantas y fósiles”.²²¹

No entanto, antes das descrições, das analogias e dos exames apurados das espécies, Rengger tinha consciência da importância da viagem para ter acesso aos “‘documentos’ do historiador natural” (LISBOA, 1997). Sem vínculos com academias científicas ou contatos com outros importantes naturalistas, o médico suíço necessitava formar sua própria coleção, o que não apenas subsidiaria seus estudos como possibilitaria sua associação a herbários, jardins botânicos e a museus, o que, posteriormente, veio a ocorrer quando ingressou na Sociedade de História Natural de Aarau, instituição recente, formada por indivíduos locais interessados pela Ciência, e ainda em busca de uma maior relevância no cenário científico europeu. Reunindo em tais espaços uma variedade de objetos oriundos de diversas partes do globo, a prática do colecionismo, assim como a dos relatos, pretendia informar sobre o lugar visitado, constituindo-se em uma representação física do que estava ausente, apresentando, inclusive, a

²²¹ Conforme já adotamos em capítulos anteriores, a referência completa do verbete analisado encontra-se citada ao final do presente trabalho.

vantagem sobre as narrativas de que sua materialidade era entendida como prova incontestável da verdade a que se referiam (MENESES, 1998).

Lugares por excelência para o estudo da História Natural, os museus, os gabinetes, os jardins e os herbários, segundo Karen Lisboa (1997, p. 68), “[...] representavam uma forma ordenada de reconstruir a natureza [...]” na qual os sistemas taxonômicos foram fundamentais. A filiação de Rengger ao sistema de Georges Cuvier é reiterada tanto em sua obra sobre os mamíferos do Paraguai, quanto em seu relato de viagem. Vinculada aos seus estudos de anatomia comparada e de paleontologia, a classificação dos animais proposta pelo naturalista francês partia de seu entendimento sobre a funcionalidade do organismo, ou seja, da permanência de determinadas funções fisiológicas entre várias espécies. Segundo Frederico Felipe de Almeida Faria,

[...] Cuvier expôs claramente suas ideias para um sistema classificatório, que poderia servir inclusive para os vegetais, visto que estava baseado na organização anátomo-fisiológica de todos os seres vivos. Como os caracteres diagnósticos deviam ser os mais constantes possíveis, Cuvier defendeu que fossem utilizados os caracteres mais básicos da fisiologia do organismo, ou seja, aqueles que se alterados, implicariam em uma mudança radical de toda a organização, visto que o corpo organizado tem todas as suas partes funcionando em conjunto e se implicando mutuamente (FARIA, 2010, p. 55).

Nesse sentido, as mudanças na anatomia das diversas espécies seria um aspecto secundário frente a importância da conservação da funcionalidade dos principais sistemas – como o nervoso e o circulatório.²²² Desse modo, sua classificação do reino animal previa quatro grupos separados em função das especificidades que seu sistema nervoso apresentava, os quais, de acordo com Karl M. Lorenz, seriam:

[...] a) os Vertebrados, que têm cérebro e coluna vertebral; b) os Moluscos, que manifestam um sistema nervoso constituído de massas neurais separadas; c) os Articulados, que apresentam um sistema nervoso que consiste de dois cordões ventrais; e d) os Radiados, que englobam os animais com simetria radial, e não simetria bilateral, conforme observado nos animais dos outros três grupos. Cuvier subdividiu os quatro grupos em dezenove classes (LORENZ, 2007, p. 137).

Ao longo dos seis anos em que esteve no Paraguai, Johann Rengger realizou inúmeros estudos das amostras e espécimes que conseguiu coletar, tanto em sua residência em Assunção, quanto em pequenas casas e tendas instaladas durante as expedições realizadas pelo interior e, até mesmo, em embarcações, como mencionou ao dissecar e descrever uma

²²² Cabe destacar que Cuvier era adepto da teoria do catastrofismo, que preconizava que as mudanças geológicas, a extinção das espécies e sua substituição por outras seriam consequências de catástrofes naturais. Portanto, seu pensamento se opunha frontalmente ao gradualismo defendido por Lamarck, que propunha que as mudanças nas espécies naturais ocorriam de forma lenta, gradual e constante.

seriema, ave que prontamente chamou a atenção do médico suíço. No entanto, sua maior preocupação, manifestada em seu diário de viagem, era com a conservação do material por ele coletado. Assim como para muitos outros naturalistas europeus, a análise dos materiais coletados era uma etapa que deveria ser cumprida na Europa, em virtude da disponibilidade de recursos bibliográficos e instrumentos adequados. A correta coleta e armazenamento dos espécimes e das amostras era fundamental para um naturalista e para qualquer viajante. Esta preocupação gerou a publicação de uma série de instruções pelos governos e academias científicas, como a *Instrução para os viajantes e empregados nas colonias sobre a maneira de colher, conservar, e remetter os objectos de historia natural*. Originalmente publicada pelo Real Museu de Historia Natural de Paris, em 1818, o opúsculo foi traduzido e publicado no ano seguinte pelo governo português para que os indivíduos encarregados, mas sem conhecimentos na área, enviassem corretamente suas remessas para o estabelecimento do Real Museu e Gabinete de História Natural e do Jardim Botânico na cidade do Rio de Janeiro.²²³

A leitura do extrato do diário de Johann Rengger revela que a caça foi o principal meio por ele utilizado para aumentar suas coleções. Geralmente, a cavalo e, por vezes, a pé ou em embarcações, o médico suíço realizava rotineiras saídas pelos arredores de Assunção e pelo interior do Paraguai, munido com armas, cães e acompanhado de alguns locais que lhe ajudavam com a bagagem. Nem sempre é possível identificar em seu diário quais foram os resultados destas caçadas, mas há menções à captura de jacarés, tamanduás, capivaras, tatus, quatis, além de variedades de anfíbios, peixes, cobras e aves, como o avestruz e a seriema, além de vários insetos, como mariposas, abelhas, vespas e gafanhotos. O passo seguinte previa a realização de dissecações, descrições e a conservação do material coletado. Por terem sido já contemplados em estudo anterior sobre os mamíferos do Paraguai, poucas são as descrições de animais que encontramos na obra *Viaje al Paraguay*, sendo que as anotações sobre a seriema são as mais completas. Em suas descrições sobre a ave, Rengger segue a estrutura descritiva, apresentando o nome científico e usual do animal no país, suas características físicas, como bico, patas, asas e sua plumagem. Apresenta, ainda, a estrutura interna da ave, com destaque para o sistema digestivo e respiratório. A seguir, descreve os

²²³ Cabe observar que a publicação de obras como as *Instruções* inserem-se em uma política de mudança do governo português em vista de uma aproximação com os sistemas coloniais francês e inglês, como destacou Lorelai Kury (2004). Segundo a autora, apesar do pioneirismo de Portugal, no século XVI, em estabelecer canais intercontinentais de trocas, sua ação rapidamente se deslocou para o sigilo e proteção do comércio do Oriente. Tal cenário só mudaria substancialmente na metade do século XVIII, quando “O modelo imperial português cedeu lugar a outras estratégias internacionais que se haviam tornado hegemônicas, organizadas segundo a lógica de redes tecidas em torno de centros de produção de saber e elaboração e redistribuição de produtos científicos” (KURY, 2004, p. 111).

costumes e os comportamentos da seriema em liberdade, informando sobre seu habitat, sua alimentação, sua forma de dormir e seu canto característico seguido de movimentos com o pescoço. Por fim, ao dissertar sobre o modo de vida da ave quando domesticada e em convívio com as pessoas, informa o leitor que ao longo de cinco anos teve uma dessas aves em sua casa (RENGGER, [1835] 2010, p. 179-181). Para a conservação dos exemplares estudados, Rengger afirma ter se valido do uso de aguardente nas espécies mantidas em vidros e do uso de arsênico em suas coleções de insetos e esqueletos, constantemente atacadas por traças, que danificavam os ligamentos dos primeiros e a integridade dos segundos, demandando um retrabalho de higienização que se estendia por vários dias (RENGGER, [1835] 2010, p. 317).

As atividades próprias de um naturalista acima mencionadas, e das quais Johann Rengger se ocupou, bem como os referenciais e métodos por ele empregados em seus estudos sobre a História Natural são descritos com maior aprofundamento no prefácio a *História Natural dos Mamíferos do Paraguai*. Nesta obra, Rengger esclarece que sua intenção era a de suprir as lacunas existentes nas publicações do príncipe Wied-Neuwied e de Félix de Azara. Apesar de sua profunda admiração pelo militar espanhol – que não tinha conhecimento de História Natural e contava apenas com uma tradução de Buffon para o castelhano –, o médico suíço não deixa de observar que ele havia cometido erros, como a pouca atenção dada à dentição dos animais, seus hábitos em estado livre e às alterações existentes em uma mesma espécie. Além disso, Azara teria feito descrições equivocadas, confundido espécies já descritas e divulgado animais já conhecidos como sendo novas descobertas (RENGGER, 1830, p. VI - VII). Após as críticas, Rengger atenua as falhas de Azara, destacando as dificuldades enfrentadas por aqueles que decidem viajar, nem sempre para fins de estudo:

O naturalista que apenas viaja pelo país encontra, geralmente, apenas alguns indivíduos de cada espécie animal, que, devido a muitas alterações, dificulta fazer um levantamento exato das características de cada espécie, pois ele raramente está a posto para observar melhor. Estas alterações, conforme a idade, gênero e a individualidade do animal, normalmente tão significativas, que o viajante, em sua falta de tempo e dificuldades em acompanhá-los em seu habitat natural, é induzido, contra a sua vontade, a deixar de apresentar tantas espécies peculiares [...]. Outra dificuldade para o naturalista que apenas viaja por um país é que ele só consegue observar superficialmente os costumes dos animais, devendo contentar-se com o conteúdo das poucas declarações dos moradores deste país (RENGGER, 1830, p. VII – VIII).

A partir da identificação de procedimentos falhos adotados, especialmente, por Azara, Rengger destaca os cuidados que adotou como naturalista – para além da coleta, da dissecação e da correta conservação –, tais como a determinação das características, a observação de

alterações conforme o gênero, a idade, a estação do ano e a individualidade, além da identificação de seus costumes em habitat natural e quando domesticados. Segundo Rengger:

Eu consegui obter, das mais variadas espécies de mamíferos, um grande número de indivíduos, após eu determinar quais os traços característicos dos mesmos e as alterações, de acordo com seu gênero, a idade, a estação do ano e individualidade presente, e seguí os animais muitas vezes por dias para conhecer o seu habitat natural e em estado de liberdade. Ao mesmo tempo eu não temia nem trabalho nem custos para obter animais vivos e criá-los em nossa casa, e assim pude observar seus costumes e seu caráter, principalmente as mudanças que eles sofrem com o avanço da idade, e alguns eram em parte excluídos (RENGGER, 1830, p. IX).

Rengger faz questão de ressaltar que não apenas as tarefas próprias de um estudo de História Natural, mas também os desenhos e a escrita do diário haviam sido por ele executadas. Em seu diário, na data de 10 de julho de 1819, ele acrescentaria que os viajantes não deveriam confiar nas informações históricas e naturais relatadas pelos espanhóis, *criollos* ou índios, “Pues ante todo mienten de modo inaudito y además embrollan sus afirmaciones, sobre todo porque comparan a los animales de esta tierra con los del Viejo Mundo, sin que esta comparación y los nombres extraídos de ella sean correctos” (RENGGER, [1835] 2010, p. 286).

Com o porto de Assunção fechado para o comércio internacional, Rengger não pôde enviar suas coleções para a Europa, o que o obrigou a manter em seu poder um número considerável de peles de mamíferos, aves e anfíbios, plantas secas, insetos, esqueletos e outros animais conservados em repositórios de vidro com aguardente. Segundo seu tio Albrecht, após um ano de estadia em Assunção, Rengger havia conseguido reunir centenas de insetos, 350 plantas descritas, 180 mamíferos e aves, dos quais metade com esqueletos completos e outros apenas o crânio e os pés das aves (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 26 – 27). Em um exercício comparativo entre as atividades realizadas e os cuidados tomados por Rengger e as orientações relacionadas na *Instrução para os viajantes* do Museu de História Natural de Paris, constata-se uma significativa aproximação entre ambos, tanto em relação aos modos de se proceder com as coleções, como em relação ao entendimento da História Natural. No tocante ao reino animal, a publicação adverte que o seu estudo “[...] não se-limita á (sic) observação das fôrmas (sic) dos Animaes, e á (sic) descrição dos seus órgãos: ele (sic) tem igualmente por objeto examinar seus hábitos, sua desenvolução, seu instinto, e indagar se-podem (sic) ser de alguma utilidade” (INSTRUCCÃO, 1819, p. 2).²²⁴ Ora, a simples

²²⁴ A menção à utilidade das espécies animais – e o mesmo vale para os demais reinos – suscita o debate acerca do caráter utilitarista que teria marcado a ciência ibérica. No entanto, como destaca Magnus Roberto de Mello Pereira (2013), tal característica era um traço geral do iluminismo presente no pensamento científico e

descrição taxonômica e anatômica tampouco resume a atividade de Rengger que, como vimos, manifestava-se em relação à necessidade da observação das particularidades que envolvem as fases de desenvolvimento do animal, seu gênero e seu comportamento em liberdade.

Diante da impossibilidade do envio das espécies coletadas vivas – como era usual à época – Rengger viu-se obrigado a conservar somente as peles, os crânios e as patas dos grandes mamíferos, as cabeças e patas das aves, os esqueletos de algumas espécies de ambos e peixes, anfíbios e répteis em aguardente. Além do uso de soluções de arsênico para a conservação de suas coleções, como indicado pela *Instrução*,²²⁵ a importância da investigação de determinadas partes dos animais, como da pele, da cabeça e das patas nos mamíferos e da cabeça e das patas no caso das aves, era de conhecimento do médico suíço, tal como se recomendava aos viajantes interessados em contribuir para o estudo da História Natural. Ainda que tenha conseguido levar apenas os esqueletos dos animais menores, os crânios e patas dos maiores, e sua coleção de insetos, no Prólogo de sua obra sobre os mamíferos do Paraguai, Rengger reafirmou a importância destas amostras para seus estudos:

A divulgação sobre estes últimos é ordenada de acordo com o seguinte planejamento. Primeiramente eu descrevi o estado da pele ou do pelo, assim como eu havia as encontrado mais frequentemente em indivíduos adultos, depois eu citei as alterações das cores, que o animal apresenta conforme gênero e idade, ou as derivadas de causas individuais. Então seguiam as dimensões dos mesmos, de vez em quando sua carcaça também, assim como uma descrição de sua aparência e as formas das partes externas. A isso somam-se geralmente alguns comentários sobre os dentes, inclusive os que são dentes de leite, e algumas observações anatômicas. Daí em diante eu vou realmente para a História Natural dos animais e descrevo seu comportamento em liberdade e seus hábitos em estado doméstico. Onde mais espécies do mesmo gênero tinham nomeadamente a mesma família, então eu tenho, para evitar repetições, utilizado observações com as mesmas descrições das espécies isoladas. Por fim, eu menciono ainda a utilidade e o perigo que cada espécie animal pode trazer para os moradores do país, o modo como cada um é caçado e os inimigos, além dos seres humanos, que eles podem perseguir (RENGGER, 1830, p. XIII).

econômico da Europa do final do século XVIII e início do século XIX. O fato de as *Instruções* serem uma publicação original da França corrobora essa interpretação de que não havia “[...] una especie de ‘desvío’ utilitario, que distorsionaba las concepciones de ciencia en España, mientras que, en Francia y en Inglaterra, se desarrollaban las ciencias puras, es decir, las verdaderas ciencias” (PEREIRA, 2013, p. 124).

²²⁵ De acordo com o afirmado na *Instrução*, “O meio mais seguro é o uso do preservativo arsenical, conhecido com o nome de sabão de Becoeur”, em referência ao método desenvolvido pelo ornitologista francês Jean-Baptiste Bécœur (1718 – 1777) (INSTRUCÇÃO, 1819, p. 15). Ainda conforme o documento, o viajante poderia fabricá-lo ao misturar em fogo brando 5 onças de canfora, 2 libras de arsênico em pó e de sabão branco, 12 onças de sal de tártaro e 4 onças de cal em pó. Com a consistência de uma cola após pronto, a quantidade desejada deveria ser diluída em água fria até assemelhar-se a um caldo para então ser utilizada (INSTRUCÇÃO, 1819, p. 15 – 16).

A citação apesar de longa, é ilustrativa do valor que esses materiais tiveram para o trabalho do naturalista e, especialmente, da forma como foram utilizados por Rengger em seu estudo. Além disso, a afirmação do médico suíço de que a observação das características em liberdade seria de fato a História Natural dos animais chama a atenção para um aspecto destacado por Luciana de Lima Martins (2001). A autora, com base nos estudos de Anne Larsen, aborda a distinção entre dois tipos de informações sobre os seres vivos, uma concernente ao seu conteúdo, como cor, forma e hábitos, e a segunda relativa ao seu contexto, como localização e características de seu habitat natural (MARTINS, 2001). Nesse sentido, continua a autora, “[...] o ‘exame detalhado das paisagens era um dos aspectos mais fundamentais da história natural [...]’ sendo essencial “[...] observar, reunir e registrar espécimens (sic) que representassem os traços e as características particulares de uma região” (MARTINS, 2001, p. 115). Esse entendimento já se fazia presente nas *Instruções* e será reafirmado por Rengger em seu estudo sobre os mamíferos do Paraguai.

Apesar de não deixar evidente quais as razões de seu interesse na entomologia, é importante lembrar que, desde a Antiguidade, os insetos vinham sendo estudados em virtude de suas utilidades, das relações que mantinham com o homem, animais e plantas e mesmo para a melhor compreensão de suas características. Diferentemente das descrições sobre a abordagem dada aos mamíferos, Rengger não informa os meios que utilizou para coletar os insetos, se por meio de pinças para aqueles em estágio larval, ou se por meio de redes para os voadores e tampouco a forma como os armazenou. O certo é que montou uma coleção numerada, como se depreende de sua menção a uma vespa como sendo o exemplar de número um (RENGGER, [1835] 2010, p. 280).

Aliás, o cuidado em manter a organização das espécies para que não ocorressem divergências entre o registrado nos apontamentos e seu exemplar físico era fundamental e constantemente reforçado aos viajantes nas *Instruções*, por exemplo. Ainda segundo a orientação do opúsculo, deveriam ser procurados com especial atenção os insetos venenosos, os com propriedades medicinais ou utilizáveis em tinturarias, além de exemplares singulares, sendo também recomendado o envio de um ramo da planta da qual se alimentavam. Sobre seu acondicionamento, o documento orientava que as espécies fossem pregadas com alfinetes em uma chapa de cortiça ou de cera e armazenadas em caixas de papelão, ou, então, para aproveitar o espaço, em uma caixa com os insetos intercalados por uma camada de uma polegada de areia. Observados os estágios de desenvolvimento dos insetos, larvas – e até mesmo insetos adultos – eles poderiam ser acondicionados em vidros com aguardente, à exceção das borboletas (INSTRUCÇÃO, 1819).

Apesar do interesse do médico suíço nos invertebrados, estes ocupam um lugar periférico no conjunto de suas obras. Abstendo-se de qualquer comentário sobre a História Natural do Paraguai em seu *Ensayo Historico* e tendo tratado apenas dos mamíferos em sua segunda obra, os insetos foram abordados em três capítulos de seu relato de viagem, sendo que um deles foi dedicado aos mosquitos, outro às formigas e um deles à nígua (bicho-de-pé). Neles, Rengger alerta para a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre estas espécies tão presentes na sociedade paraguaia, em função da grande quantidade destes insetos e as constantes moléstias que causavam aos viajantes e à população. Segundo o médico suíço,

Los objetos que el naturalista tiene diariamente ante sus ojos a menudo son aquellos cuyo examen más descuida. Este reproche alcanza con frecuencia a los viajeros que visitan tierras extrañas, donde pasan la mirada sobre lo cotidiano con ligereza y tienen por digno de su atención solamente a lo extraño (RENGGER, [1835] 2010, p. 217).

Em sua análise sobre os mosquitos, Rengger ocupa-se do ciclo de desenvolvimento do inseto, observando que o verão, por ser uma estação quente e abafada, era a mais favorável à atividade dos insetos, oferecendo grandes inconvenientes aos humanos, especialmente, aos brancos recém-chegados, que, quando picados, sentiam maior desconforto que os índios e negros, por exemplo. Tal sensibilidade, como já foi comentado, só seria reduzida com a gradual adaptação. Rengger esclarece que o forte e desagradável odor da transpiração, muito próximo do suor dos negros, fazia com que os mosquitos se afastassem (RENGGER, [1835] 2010, p. 1999). Além dos estudos em torno dos modos de proteção contra a ação dos mosquitos, Rengger também se dedicou a estudar sua alimentação, sendo que, depois de reiteradas observações feitas em seu tubo digestivo, concluiu que estes, se nada ingeriam, seriam apenas uma quantidade mínima de sangue e outros líquidos que logo seriam expelidos, de modo que, “[...] la actividad de estos animales, mientras están en su estado completo, se limita casi únicamente a la procreación” (RENGGER, [1835] 2010, p. 198). Aspectos semelhantes foram discutidos por Rengger quando tratou da nígua. Munido de uma lupa, ele observou o processo de penetração do inseto na epiderme humana e a produção de ovos. Segundo Rengger, a nígua atuava de forma mais intensa na primavera e atingia, especialmente, os indivíduos pouco asseados e aos negros. O naturalista suíço encerra o capítulo, comentando as formas utilizadas pelos paraguaios para extrair o inseto parasita.

No tocante às formigas, Rengger afirma que, dada a grande variedade que existia no Paraguai, omitiu informações sobre várias espécies que, segundo ele, somente interessariam ao naturalista em sentido estrito (RENGGER, [1835] 2010, p. 216), não descuidando, no

entanto, de destacar as “hormigas curiosas, algunas de las cuales ejercen una gran influencia sobre la agricultura del país” (RENGGER, [1835] 2010, p. 216). Valendo-se deste critério, o médico suíço apresenta o nome local e científico das espécies de formigas, inclusive, mencionando o gênero e a família de algumas, passando, então, a descrever suas características físicas e os seus costumes e comportamentos em liberdade, como, também, a construção de seus ninhos e como se dava a obtenção de alimentos. No entanto, não deixou de pontuar os estragos causados pela ação das formigas à agricultura, uma vez que destroçavam as folhas dos cultivos e das pastagens e prejudicavam o desenvolvimento das árvores ao expelirem uma substância ácida. Por fim, apresenta quais eram os meios utilizados pelos paraguaios para expulsar as formigas das plantações, como o uso de fumaça ou a colocação de fogo, água fria ou fervente no ninho, os quais nem sempre eram eficazes.

Dentre as outras áreas da História Natural, Johann Rengger demonstrou também interesse na coleta de materiais petrificados e na configuração do solo, bem como de sua relação com a potabilidade das águas dos principais rios do Paraguai. Também as plantas despertaram o interesse do naturalista e se fizeram presentes em suas observações nas viagens realizadas por Rengger.

Apesar de o processo de conservação das plantas ser bem mais simples do que o dos espécimes do reino animal, elas também exigiam cuidados após sua coleta, tanto para o envio de vegetais vivos como de secos, conforme as *Instruções*. Cabe ressaltar que os primeiros eram bastante apreciados na montagem dos jardins botânicos, por permitirem a análise mais detalhada da espécie em seu crescimento, floração e frutificação, superando, portanto, a observação e a descrição circunstanciada que podiam realizar a maioria dos viajantes. Outra possibilidade para o envio de vegetais vivos era a coleção de sementes e seu envio em sacos ou em caixas com camadas de areia, no caso de sementes mais sensíveis (INSTRUCÇÃO, 1819). Dentre as recomendações para a coleta de plantas secas, a preferência seria pelo envio de uma amostra completa com raízes, folhas e frutos conservados entre folhas de papel, podendo estes últimos ser armazenados dentro de vidros com aguardente. Acompanhando as espécies secas, deveriam ser recolhidos, quando possível, outros componentes da planta, como gomas, resinas e pedaços de madeira (INSTRUCÇÃO, 1819). Em relação à coleta de vegetais com propriedades médicas e úteis para a marcenaria, recomendava-se que estes deveriam ser rigorosamente organizados e enviados com informações detalhadas, como as cores originais e o cheiro da amostra juntamente com o registro de que,

Em que Paiz foi colhida; A natureza do Sólo, em que vegéta; A elevação d'este Sólo sôbre o nivel do mar; O nome trivial, que tem no Paiz; Se se-emprega em alguns usos, como alimento, ou na Medicina, e nas Artes; Se a sua história, ou as propriedades que lhe-attribuem, oferecem algumas particularidades notaveis (INSTRUCÇÃO, 1819, p. 25).

Assim que chegou à América, Johann Rengger dedicou-se à herborização²²⁶ e à coleta de outras espécies, sendo vários os registros feitos em seu diário sobre essas tarefas, como se observa nas anotações referentes aos dias entre 24 de outubro e 2 de novembro de 1819, nas quais observou que “[...] en una granja, a nueve leguas de la ciudad, [Assunção] donde me ocupé de botanizar plantas, cazar aves y mamíferos, reducir a esqueletos, coleccionar insectos, etcétera” (RENGGER, [1835] 2010, p. 310). Nem sempre as regiões que percorreu se revelavam tão produtivas como na passagem anterior, sendo comuns em seu diário a presença de apontamentos que evidenciam sua frustração diante do pouco que havia conseguido agregar às suas coleções, quer fossem elas botânicas, zoológicas ou entomológicas. Ainda em seus primeiros dias em Assunção, o médico lamentou o fato de ter perdido para a umidade as plantas até então coletadas e secadas, e, especialmente, a inutilização pelo mesmo motivo das resmas de papel que havia trazido consigo (RENGGER, [1835] 2010, p. 297).²²⁷ A ausência desses materiais na capital e a dificuldade de importar de Buenos Aires, certamente, dificultou o trabalho de secagem das plantas coletadas por Rengger, razão pela qual se viu obrigado a conservar as amostras menores em meio às páginas dos livros que possuía, conforme mencionou Albrecht Rengger ([1835] 2010). Em razão dessas contingências, Rengger não apenas passou a priorizar espécies e objetos que se conservavam mais facilmente, como também se dedicou a desenhar as plantas coletadas. Tal decisão, juntamente com a descrição detalhada dos materiais recolhidos, revela a estratégia adotada pelo viajante para, face às dificuldades, conseguir reunir e levar espécimes e amostras que lhe permitiram, posteriormente, o estudo da História Natural do Paraguai.

O fato é que, diferentemente da zoologia, que mereceu uma publicação específica e foi abordada pelo autor em seu relato de viagem, o reino vegetal recebeu menor destaque por parte de Rengger. Excetuando-se as plantas agrícolas e aquelas com propriedades medicinais, escassas são as menções e descrições de vegetais na obra *Viaje al Paraguay*. Em sua breve trajetória intelectual, Rengger apresentou apenas um trabalho sobre as plantas do Paraguai,

²²⁶ A prática da herborização consiste no processo de preparação do material vegetal coletado com o objetivo de preservá-lo em um herbário. Após a coleta, as plantas ou os ramos são colocados sobre várias folhas de papel para secarem. Devidamente seco, o material deve, então, ser acondicionado.

²²⁷ Seu tio, Albrecht Rengger ([1835] 2010, p. 26), inclusive menciona que Rengger chegou a ter uma coleção de sementes, que também foi danificada por sucessivos ataques de insetos.

que versou sobre a erva-mate, em uma sessão da Sociedade de História Natural de Aargau (RAMELLA; PERRET, 2011b).

Contudo, como demonstram os estudos de Lorenzo Ramella e Patrick Perret (2011a; 2011b; 2012) as coleções botânicas de Johann Rengger, oriundas de regiões do Paraguai, da Argentina e do Brasil, se não foram efetivamente utilizadas pelo viajante, serviram, posteriormente, para a identificação de novos nomes, especialmente, nas famílias *Melastomataceae*, *Gramineae* e *Cyperaceae* (RAMELLA; PERRET, 2011a). Considerando que Rengger, ao deixar o Paraguai, conseguiu levar poucas amostras de suas coleções, os autores acreditam que as plantas que Rengger conseguiu reunir devem ter sido coletadas, em sua maioria, durante sua viagem de regresso. De acordo com os mesmos autores, o conjunto de plantas que Rengger trouxe consigo contemplava 71 espécies, pertencentes a 12 famílias, que atualmente podem ser encontradas em três herbários de diferentes países, apontando para a dispersão de suas coleções (RAMELLA; PERRET, 2012). Segundo Ramella e Perret, o Museu de História Natural de Paris recebeu em 1913, parte das plantas coletadas por Rengger, sendo que algumas espécies da família *Gramineae* foram, posteriormente, enviadas ao *Smithsonian Institution* nos Estados Unidos (RAMELLA; PERRET, 2011a; 2012). Sabe-se que a maior parte da coleção botânica de Rengger encontra-se hoje no Instituto Federal de Tecnologia de Zurique (*Eidgenössische Technische Hochschule Zürich*), junto com as coleções da Universidade de Zurique, sendo que, segundo Ramella e Perret (2012), ela foi provavelmente adquirida diretamente da família de Rengger, em 1859, e disponibilizada para estudos a partir de 1870. Deve-se, ainda, observar que todos os exemplares que compunham o herbário de Rengger não foram por ele etiquetados e sistematizados, o que dificulta o estudo da história de suas coleções e a tipificação completa do material (RAMELLA; PERRET, 2012).

Assim como os animais foram utilizados por Rengger em seus experimentos sobre os efeitos das mordidas de cobras, também variedades de plantas foram com o propósito de avaliar sua aclimação a ambientes distintos. Nesse sentido, o interesse centrava-se nas espécies utilizadas na agricultura, cuja produção ofereceria não só alimentos, como possibilidades de ganhos econômicos ao país. Alguns de seus experimentos, visando ao cultivo de batatas – ainda que o próprio viajante tenha observado o seu intenso cultivo e consumo pelos habitantes –, não lograram êxito, assim como, as tentativas de cultivar cânhamo e linho. Em relação ao primeiro, o insucesso teria sido decorrente do emprego de sementes velhas e do clima quente, que não seria propício para o desenvolvimento da planta. Diferentemente do cânhamo, o linho chegou a ser cultivado, e com bons resultados, por dois

anos, sendo que a plantação foi interrompida com o retorno de Longchamp e de Rengger para a Europa. De acordo com Rengger, o cultivo certamente seria possível no Paraguai, especialmente, nas regiões mais amenas das Missões, devendo contribuir futuramente para a diminuição da dependência paraguaia dos tecidos europeus e norte-americanos (RENGGER, [1835] 2010, p. 168 – 169).

Figura 14 – Espécie *Cuphea pterosperma* Koehne coletada por Rengger



Fonte: Zürich Herbaria e Eidgenössische Technische Hochschule Zürich (ETHZ).

Ao longo do século XVIII, o entendimento de domínio da natureza implicava no controle e no conhecimento das capacidades e técnicas agrícolas, o que demandava do naturalista-viajante a capacidade de identificar potenciais produtos de uma determinada região, como destaca Lorelai Kury (2001b). Nesse sentido, clima e agricultura são dois temas conectados tanto no relato de Rengger sobre o Paraguai, como nos experimentos que realizou

com algumas plantas. Seus escritos revelam não somente as potencialidades – nem sempre observada pelos paraguaios – de aumentar o abastecimento e superar a agricultura de subsistência, como a sua própria inquietação em relação à adaptação de plantas europeias às condições do Paraguai. Segundo Rengger:

Entre tanto, durante el invierno se ve florecer dos veces a los naranjos y la viña florece por primera vez. Las plantas de Europa, como repollos, las lechugas, las claves y el rosal no crecen bien y sólo florecen en la mitad del invierno. Si éste no es muy frío no hay ni repollos ni lechugas y el rosal de pie no florece. En ese tiempo, las coliflores solamente producen hojas, y las zanahorias deben cosecharse muy pequeñas porque sus tallos crecen de manera continua y se vuelven leñosas (RENGGER, [1835] 2010, p. 91).

Outras informações sobre a flora nativa e o desenvolvimento de plantas exógenas no Paraguai são feitas por Rengger em um curto, porém, interessante comentário inserido no capítulo “*Misceláneas de contenido histórico y etnográfico-natural*” de sua obra *Viaje al Paraguay*. Nele, o médico suíço não só retoma a discussão sobre a influência do clima nas plantas, a diminuição das flores no inverno e a importância das chuvas para recuperar o viço da vegetação, bem como a aclimação das plantas europeias na América do Sul, concluindo que estas tinham um melhor desenvolvimento durante o inverno em função da diminuição do calor no Paraguai, enquanto que em Montevideo cresceriam naturalmente. Apesar de nunca ter estado na Banda Oriental, de acordo com Rengger ([1835] 2010, p. 264), “Las plantas que más se han difundido en Montevideo requieren en Paraguay de una esmerada atención para subsistir”. Estes pensamentos, rapidamente registrados por Rengger, revelam sua tentativa de compreender a distribuição fitogeográfica das plantas no espaço platino, como a passagem a seguir evidencia:

Cuando se navega el Paraná aguas arriba o aguas abajo, y en el mismo Paraguay, se nota una gran diferencia en el momento del desarrollo de las plantas, según el grado de latitud en que éstas se encuentran [...] Según mis observaciones la humedad y, simultáneamente con ella, la diversidad de la vegetación, disminuye progresivamente a medida que se asciende por los tres declives de que se compone Paraguay (RENGGER, [1835] 2010, p. 264).

O estudo sobre a distribuição geográfica das plantas era ainda recente e havia sido impulsionado pelos escritos de Humboldt, especialmente, em sua primeira obra *Ensaio sobre a geografia das plantas*, publicada em 1807, em francês e em alemão (WULF, 2016). Paulo Cesar da Costa Gomes (2017) alerta para o fato de não ter sido Humboldt o único viajante-naturalista do período a propor a relação entre o desenvolvimento das plantas e as variáveis geográficas, destacando, por exemplo, as observações feitas por La Condamine. Tendo como

foco a *Naturgemälde* de Humboldt, Gomes afirma que o pioneirismo do viajante prussiano consistiu “[...] em agregar múltiplos fatores situados e a não considerar as plantas apenas isoladamente, mas sim os conjuntos, a fisionomia, como se dizia” (GOMES, 2017, p. 40). Desse modo, a vegetação da montanha era disposta conforme sua altitude sem desconsiderar diferentes informações como a gravidade, a composição química, a temperatura, a pressão atmosférica, entre outros (WULF, 2016). Tal compreensão da natureza em seu conjunto e das múltiplas dependências que se manifestavam entre as partes que a compõem evidencia como a noção de organismo era fundamental no pensamento humboldtiano.

No entanto, ao mesmo tempo em que é possível identificar influências dos escritos de Humboldt no pensamento de Johann Rengger a partir de noções como a interferência do clima, da umidade e do solo no desenvolvimento das plantas ao longo da escala longitudinal, essa aproximação deve ser vista com cautela. Leitor das obras de Humboldt, ainda que não se saiba exatamente de quais, Rengger não acompanhou toda a trajetória intelectual do viajante prussiano. É preciso lembrar que a publicação dos cinco volumes de sua obra *Cosmos*, que pode ser considerada uma síntese de seu pensamento e, talvez uma das mais importantes dentre sua vasta produção, foi iniciada treze anos após o falecimento do médico suíço, entre 1845 e 1862. Ainda assim, o que se percebe é que Rengger tinha conhecimento da produção de destacados viajantes-naturalistas anteriores e coevos, bem como das orientações que deveriam ser observados por naturalistas durante suas expedições, como podemos verificar na aplicação das *Instruções*.

5.3 *Ensayo Historico*: uma narrativa historiográfica?

A história do Paraguai não foi desconsiderada por Johann Rengger. A leitura que fez de autores como Ruy Díaz de Guzmán, Martín Dobrizhoffer, Pierre François Xavier de Charlevoix, Félix de Azara e Gregorio Funes, o colocou em contato com obras que versavam sobre a história da Conquista e da Colonização da América platina. Em seu projeto editorial, Rengger não só previu um capítulo para a história do Paraguai em seu relato de viagem – infelizmente não redigido –, como já havia publicado, em parceria com Longchamp, a obra *Ensayo Historico sobre la Revolucion del Paraguay, y el gobierno dictatorio del Doctor Francia*. No prólogo desta obra, o médico suíço não só destacou a importância dos autores que haviam se dedicado à história do Paraguai, como manifestou seu desejo de inserir-se nesse meio. Segundo Rengger, “Muchos autores han escrito con bastante fidelidad la historia del Paraguay, desde su conquista hasta su emancipación; este era otro de los motivos que

tenia yo, para no dejar perder unos materiales, que podrán servir algún día para continuarla” (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. XII – XIII).

Adotando uma atitude respeitosa em relação aos autores que já haviam escrito a história do Paraguai, Rengger apresenta-se como um continuador, o que revela não só o objetivo da obra que se propunha a escrever, como indica o recorte temporal que pretendia observar. Considerando-se o texto da introdução do *Ensayo Historico*, sua narrativa recua até 1776, com a criação do Vice-Reino do Rio da Prata, abordando brevemente as fronteiras políticas internas de suas províncias e as externas, estabelecidas com o Tratado de Santo Ildefonso, passando pela constituição social da população, a Revolução de 1810 e a criação das Juntas. Tomando como base o estabelecimento das Províncias Unidas do Rio da Prata, Rengger trata da nova configuração política do continente, observando que “[...] el Paraguay forma un estado particular, cuya historia trataré de bosquejar” (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. XXXII). A narrativa constitui-se, como se pode observar nos capítulos que compõem a obra, estreitamente vinculada à viagem que realizou pelo país, razão pela qual se pode afirmar que sua narrativa histórica encerra-se em 1825, quando de seu retorno à Europa.

Em razão disso, a obra de Rengger e de Longchamp tem sido inserida naquilo que se denominou de uma historiografia de viajantes (BREZZO, 2011). Dentre os autores que comentaram o *Ensayo Historico* escrito pelos médicos suíços, está Pedro Somellera, que redigiu, em 1841, um breve apêndice à obra, no qual se detém em corrigir erros históricos e geográficos por ele identificados, como dados estatísticos e a real participação de determinados líderes na Revolução de independência.²²⁸ Somellera discorda veementemente da interpretação de Rengger de que Francia tenha sido fundamental na Revolução, além de contestar vários pontos da biografia do ditador elaborada pelo viajante, afirmando estar repleta de fábulas contadas pelo próprio Francia (SOMELLERA, [1841] 1883, p. 209). Referindo-se várias vezes ao médico suíço como historiador, Somellera concluiu que “Él [Rengger] ha pecado por crédulo; pero no ha mentido á sabiendas y con descaro como lo ha hecho un historiador inglés [John Paris Robertson]” (SOMELLERA, [1841] 1883, p. 213).

Atualmente, os trabalhos que têm se dedicado a analisar a produção historiográfica sobre o período francista dividem-se em relação à obra de Rengger e de Longchamp. Denise

²²⁸ Pedro Alcántara de Somellera (1774 – 1854) foi um advogado e político argentino. Nomeado interinamente pelo vice-rei do Rio da Prata Santiago de Liniers para ocupar o cargo de *Teniente Letrado y Asesor en la provincia del Paraguay*, Somellera permaneceu no posto de 1807 a 1811. Membro do grupo político favorável à união com Buenos Aires, atuou na deposição do governador Bernardo de Velasco, sendo que, após a independência do Paraguai, e com a influência de Francia no novo governo, seu cargo foi extinto. Deposto, acusado e preso temporariamente por aproximação com Buenos Aires, Somellera deixou o Paraguai em novembro de 1811.

Lucía Ríos Zavala e Jorge Manuel Benítez, em artigo recente, ponderam que tanto a publicação de Rengger como a dos comerciantes Robertson,

[...] son básicamente recuentos anecdóticos de lo que habían observado y escuchado durante su estadía en el Paraguay, desde la sesgada perspectiva cargada de los prejuicios de superioridad del europeo de la época. Como obras que no tienen intención científica, sino de mera satisfacción individual, no intentan indagar el porqué de las medidas de gobierno de Dr. Francia, apareciendo estas muchas veces como absurdas e irracionales (RÍOS ZAVALA; BENÍTEZ, 2015, p. 102).

Percepção totalmente distinta é sustentada pelo historiador estadunidense Jerry Wilson Cooney, que identifica na obra *Ensayo Historico* uma qualidade analítica e descritiva sobre o Paraguai da segunda década do século XIX, não superada por nenhuma outra obra da primeira metade do Oitocentos, além de ter influenciado produções de outros autores, como Thomas Carlyle e Alfred Demersay.²²⁹ Para o autor, Rengger e Longchamp seriam

[...] observadores entrenados y el *Essai* [Ensaio] resulta valioso por los recuerdos personales acerca del dictador, su control sobre el Paraguay, el trato a las antiguas elites, los peligros internos para el régimen, y el aislamiento de la República. El gobierno de Francia está bien descrito, tanto en Asunción como en el campo, así como la economía de la República. No existe otro relato de testigos tan ricamente detallado sobre el Paraguay de Francia. Y si bien no dejaron de prestar atención a la crueldad de su gobierno – en particular inmediatamente después de la fallida conspiración de 1820 – eran en general favorables al dictador y su régimen (COONEY, 2005, p. 361 – 362).

Anedóticas ou produto de sagazes observadores, as avaliações sobre o *Ensayo Historico* devem considerar o contexto de produção no qual a obra se insere. Nesse sentido, torna-se pertinente investigar em que medida a narrativa produzida pelos médicos suíços responde às noções próprias da escrita da história vigentes no período.

Enquanto uma ciência que se constituía, a história no Oitocentos é marcada pela atuação de autores formados nas Ciências Médicas e Naturais, na Filosofia, no Direito e na Teologia. Do convencionado “século da história”, Rengger vivenciou apenas as três primeiras décadas, desconhecendo, portanto, escritos de correntes teóricas marxistas, positivistas e da posterior Escola Metódica, todas elas importantes na constituição disciplinar da história. Nesse sentido, entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX, desenvolvem-se, de forma mais destacada, a historiografia liberal e romântica, notadamente

²²⁹ Thomas Carlyle (1795 – 1881) foi um escritor e historiador escocês, autor da obra *El Dictador Francia*, publicada em 1842, com base nos escritos de Rengger e Longchamp e de John e William Robertson (COONEY, 2005). Alfred Demersay (1815 – 1891) foi um médico e naturalista francês, com passagem pelo Paraguai e autor da obra *Le docteur Francia, dictateur du Paraguay, sa vie et su gouvernement*, em 1856. Possivelmente, a influência do *Ensayo Historico* possa ser também estendida às publicações dos irmãos Robertson, impulsionadas pelo sucesso da obra dos médicos suíços.

na França, enquanto que nos Estados alemães consolidou-se o historicismo, conforme François Dosse (2010). Ainda segundo o autor, ambas sofreram influência direta da Revolução Francesa, cujas consequências impuseram aos historiadores a reflexão acerca das origens e dos rumos das nações, tarefa que já não mais poderia ser realizada com base na crônica de feitos memoráveis, de sínteses morais ou da produção erudita dos humanistas. Como observado por Jurandir Malerba (2010, p. 11–12), “[...] o nascimento da história-disciplina é marcado pela extrema ambiguidade de pretender construir-se um conhecimento científico – o que então significava ‘objetivo’, ‘neutro’, ‘verdadeiro’ –, mas no contexto das guerras de construção dos Estados nacionais”.

Dentre as contribuições para o campo da história advindas da escola liberal e romântica, Dosse (2010) destaca um novo entendimento do movimento histórico, a tentativa em conciliar arte e ciência na narrativa produzida e o ensino de história como uma atividade de competência do historiador. O crescente processo de legitimação do historiador como alguém apto a analisar e indicar os rumos da nação também é sintomático da alteração que a Revolução de 1789 promoveu, estabelecendo uma nova relação com o tempo, em que o passado é dado como terminado e o futuro passa a ser orientado pela ideia de progresso (DOSSE, 2010). O historicismo, por sua vez, passa a desacreditar, paulatinamente, a concepção de história como *magistra vitae*, rechaçando exercícios especulativos e teóricos próprios de uma história filosófica desenvolvida ao longo do Setecentos. Para José Carlos Reis (2002, p. 10), as diferenças entre os conservadores historicistas e os revolucionários filósofos se aprofundaram a partir da queda da monarquia na França, de modo que os primeiros entendiam a história como uma “reconstituição fiel do passado” e os segundos a compreendiam como “produção do futuro”. Além disso, a discordância era agravada pela percepção historicista de que o objeto da história deveria ser o real e o concreto e não noções universalistas elaboradas pela Razão, cuja gerência sob o mundo não era evidente (REIS, 2002; BARROS, 2012). Na visão de Dosse (2010), o historicismo, na esteira dos estudos de Wilhelm von Humboldt²³⁰ e de Leopold von Ranke,²³¹ buscou o desenvolvimento de uma prática empírica, positiva e atida aos fatos e não a explicações generalizantes.

²³⁰ Friedrich Wilhelm Christian Karl Ferdinand, Barão von Humboldt (1767 – 1835), foi um importante linguista prussiano e irmão mais velho de Alexander von Humboldt. Além de sua contribuição à linguística, em que se destaca o entendimento da linguagem como um conjunto normativo e não apenas como um simples léxico, Wilhelm atuou como funcionário do governo da Prússia, sendo reconhecido por ter fundado a Universidade de Berlim.

²³¹ Leopold von Ranke (1795 – 1886) foi um dos principais historiadores alemães do século XIX. Suas reflexões metodológicas sobre o uso de fontes primárias e a crítica documental marcaram a formação de muitos historiadores, contribuindo para a consolidação da história como uma disciplina científica ao longo do Oitocentos. Sobre Ranke e seus princípios sobre a escrita da história, ver BENTIVOGLIO (2010).

Enquanto uma disciplina em formação nas primeiras décadas do século XIX, a história apresentava uma complexidade marcada pela consideração ou afastamento de princípios constituintes da história antiga, da história filosófica, da escola liberal e romântica e do historicismo. Nesse processo, os documentos utilizados e a crítica documental se constituíram em pontos fundamentais da investigação histórica. Já ao final do século XVII, com os princípios de Mabillon,²³² procurava-se a identificação dos documentos originais, o que se acentuou no Oitocentos com Ranke, que defendia a primazia das fontes primárias, o uso da crítica e uma escrita pautada pelo compromisso com a verdade, com a objetividade e o constante esforço pela neutralidade. Já em 1765, Voltaire publicou um artigo em que definia história como “[...] o relato dos fatos tidos por verdadeiros; ao contrário da fábula, que é o relato dos fatos tidos por falsos” (VOLTAIRE, 2010, p. 42). Atender a essa definição não apenas implicaria em um exercício metodológico mais sofisticado aos historiadores contemporâneos para Voltaire, como em mudanças nos temas trabalhados: “Exige-se dos historiadores modernos mais detalhes, fatos mais bem contestados, datas precisas, autoridades, mais atenção aos costumes, às leis, aos hábitos, ao comércio, às finanças, à agricultura, à população” (VOLTAIRE, 2010, p. 61). Posicionamento distinto da valorização tão somente dos fatos políticos adotado por Ranke, ou mesmo por Pierre Daunou, que, apesar de entender a importância do estudo desses outros objetos, os vincula imediatamente às ideias políticas (DAUNOU, 2010).²³³

O tratamento das fontes é o ponto mais delicado na obra de Rengger e de Longchamp. A menção aos autores que escreveram sobre o Paraguai revela um domínio bibliográfico por parte dos médicos suíços, tanto da história mais antiga da região, como das informações mais recentes veiculadas, especialmente, em periódicos como o citado *Mémorial Bordelais*. No prólogo do *Ensayo Historico*, Rengger faz referência a sucessivas notícias falsas sobre o governo de Francia no Paraguai divulgadas pelo jornal francês e por outros periódicos europeus, como a que informava que o ditador governaria, inicialmente, em nome da rainha de Portugal Dona Maria I; a que noticiava que ele havia tentado, posteriormente, uma aproximação com Dom Pedro I, bem como aquela que dava conta da presença de um comissário paraguaio em Madri, conhecido como Marquês de Guarani, para negociar com a

²³² O monge beneditino francês Jean Mabillon (1632 – 1707) destacou-se por ser considerado o fundador de duas importantes disciplinas, a paleografia e a diplomática, ambas fundamentais no desenvolvimento da história. Data de 1681, com a publicação da obra *De re diplomática*, o estabelecimento dos primeiros princípios da crítica documental.

²³³ Pierre Claude François Daunou (1761 – 1840) foi um político e historiador francês. Além de sua larga trajetória política, que inicia no período da Convenção e estende-se até 1830, Daunou ministrou o curso de história no Collège de France entre 1819 e 1830. Sobre Daunou e suas concepções sobre a escrita da história, ver KERN (2010).

Corte. Por fim, Rengger concluiu que as notícias que mencionavam as várias saídas de Francia do governo, a formação de um congresso de províncias sob seu comando e até mesmo o início de um conflito com o Brasil eram também falsas. Para chegar a estas conclusões, Rengger empregou um método investigativo que remete aos procedimentos próprios de historiadores da Antiguidade: a visão e a audição.²³⁴ O fato de terem sido testemunhas oculares do que relatavam e o perigo a que estavam expostos era a garantia da veracidade da narrativa para Rengger e Longchamp.

Ao mesmo tempo em que os historiadores oitocentistas dedicaram-se a elaborar novos recursos metodológicos para suas pesquisas, passaram também a ver com desconfiança os procedimentos investigativos utilizados em obras históricas da Antiguidade. Este foi o caso da contestação aos escritos de Heródoto, devido ao uso de fontes orais, conforme afirma Dosse (2012). No entanto, esse movimento de repulsa ao método dos historiadores antigos não deve ser visto de maneira uniforme. Pascal Payen (2011) observa que, ainda, na segunda década do século XIX, é possível identificar na historiografia francesa a vigência e a importância dada aos modelos antigos, como o princípio tucididiano da autópsia, como referido por Daunou:

Entre as relações originais, há aquelas cujo caráter e beleza de suas formas as coloca no grupo das grandes produções da arte de escrever; tais são as obras de Tucídides sobre a guerra do Peloponeso, de Xenofonte sobre a expedição de Ciro, o jovem, os comentários de César, o relato da conjuração de Cailina por Salústio, e aqueles dos livros de Tácito que dizem respeito a eventos ocorridos enquanto ele vivia (DAUNOU, 2010, p. 84).

Valendo-se do *Discurso de abertura do curso de história pronunciado no Collège de France em 13 de abril de 1819*, proferido por Pierre Daunou, Payen observa que, ao estabelecer um critério de “[...] superioridade de certos relatos históricos [...]”, Daunou não optou pela retórica da narrativa, mas, sim, pelo princípio do *ver por si mesmo*, em virtude de sua capacidade de produzir “[...] uma adequação perfeita entre o conteúdo e o estilo, entre os fatos e as palavras” (PAYEN, 2011, p. 119).

Considerando as ideias vigentes neste contexto, o *Ensayo Historico* de Rengger poderia ser objeto tanto de elogios de estudiosos que reconhecessem como válido o princípio da autópsia, quanto de críticas de adeptos do recente historicismo em sua reivindicação pela

²³⁴ No mundo grego antigo, conforme François Hartog (2011), o conhecimento histórico dispunha de dois recursos: o olho e o ouvido. Nesse sentido, Heródoto (485 a.C. – 425 a.C.) fundamenta sua narrativa histórica, primeiramente, no ver, e, após, no ouvir. Tucídides (460 a.C. – 400 a.C.), por sua vez, afirma que o saber histórico só pode basear-se na autópsia, ou seja, no ver por si mesmo, pois, “O ouvido, em compensação nunca é fidedigno; com efeito, o que se anuncia e se transmite não chegou a ser experimentado (*abasanistos*). Por princípio, é impossível basear-se na memória, que esquece ou deforma ou cede, no momento da exposição, à lei do prazer que preside a prática de falar ao pé do ouvido” (HARTOG, 2011, p. 64).

falta de fontes documentais. Ainda assim, é fato que faltou ao prólogo redigido por Johann Rengger uma maior atenção à descrição do método por ele utilizado na escrita do *Ensayo Historico*. Entretanto, se retomamos a ideia do conjunto de suas obras – como abordado no terceiro capítulo – observamos que sua escrita não é marcada pela ausência de método. Em *Viaje al Paraguay*, Rengger não só demonstra o cuidado de cotejar diversas fontes, quer fossem elas escritas, cartográficas ou orais, como revela ter se dedicado à leitura de fontes primárias, como evidenciado no comentário que faz sobre a resistência que os payaguás impuseram aos espanhóis ao longo dos períodos da Conquista e da Colonização: “El *Ensayo histórico del deán Funes* y los documentos que se encuentran en los archivos de Asunción pueden dar una idea de las cosas de que era capaz esta nación” (RENGGER, [1835] 2010, p. 132).²³⁵ Apesar de ter se valido de relatos orais, Rengger não deixou de manifestar sua desconfiança e de referir o cuidado necessário no manejo do que lhe era narrado, afirmando que “[...] nunca se es suficientemente circunspecto con respecto a las informaciones que se recogen en América sobre cualquier tema, porque casi siempre son falsas o cargadas con todo lo que las personas que las dicen han leído o escuchado sobre el tema” (RENGGER, [1835] 2010, p. 130). Tais cuidados deveriam ser observados tanto em relação a informações transmitidas em espanhol e guarani – línguas que Rengger afirma dominar –, como em relação às traduções de línguas nativas realizadas pelos intérpretes. O próprio Rengger (2010, p. 118) fez questão de ressaltar que as falas do cacique caayaguá, por ele transcritas, eram “[...] según la traducción de mi intérprete [...]”, resguardando-se de eventuais erros.²³⁶

Não obstante, se, para Voltaire, o uso de documentos e a crítica documental era uma das exigências feitas aos historiadores modernos, o filósofo não deixou de registrar, como já mencionado, a atenção que deveria ser dada “[...] aos costumes, às leis, aos hábitos, ao

²³⁵ O Arquivo de Assunção, atualmente Arquivo Nacional de Assunção, é o mais antigo de toda a região do Rio da Prata, estabelecido em 1596, por ordem do governador Hernandarias (1561 – 1634), para custodiar a documentação oficial da Província. Já no período independente, o próprio Rengger afirma que a gestão da documentação da administração de Francia era responsabilidade do secretário de Estado denominado *fiel de fechos*, que recebia “[...] los informes, los procesos, y en fin todos los papeles dirigidos al dictador, y los pone entre sus manos. Escribe bajo su dictado; auxiliando de un segundo secretario, sus respuestas, sus decretos y sus sentencias. Los documentos originales, firmados por el dictador, se guardan regularmente en los archivos á cargo del fiel de fechos; y este último expide las copias necesarias para la ejecucion” (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 182). Possivelmente, uma das razões da escassa utilização por Rengger de documentos em seu *Ensayo Historico* deva-se ao acesso restrito à documentação de governo, rigor certamente redobrado em relação aos indivíduos estrangeiros. Sobre o Arquivo Nacional de Assunção e sua organização, ver o trabalho de Caballero Campos (2014).

²³⁶ Rengger refere o uso de intérpretes somente em seus encontros com grupos indígenas, os quais, no seu entendimento haviam preservado uma língua antiga. No entanto, a escrita do relato é um processo de tradução constante, se não pelo próprio viajante, também pelos outros sujeitos nem sempre destacados na narrativa. Conforme Temístocles Cezar, em análise sobre os relatos de viagens de Thevet e de Léry, “[...] é possível pensá-los [os agentes da tradução], talvez, como elementos implícitos do discurso; a tradução seria, neste caso, um documento já constituído sobre o qual o viajante poderia trabalhar” (CEZAR, 2005, p. 32).

comércio, às finanças, à agricultura, à população” (VOLTAIRE, 2010, p. 61). O próprio Chateaubriand, que, além de escritor e historiador, era um viajante, registrou no prefácio de sua obra *Études Historiques*, de 1833, a necessidade de reparar o erro dos historiadores da Antiguidade que “[...] não faziam entrar em seus relatos o quadro dos diferentes ramos da administração, as ciências, as artes, a educação pública [que] eram rejeitadas do domínio da história” (CHATEAUBRIAND, 2010, p. 121). Nesse sentido, o *Ensayo Historico* de Rengger e de Longchamp, ainda que tenha tido como mote central os aspectos políticos da história recente do Paraguai – como seu processo de independência, a figura de Francia, incluindo além das ações de seu governo, capítulos biográficos sobre o ditador –, não desconsiderou temas como o comércio, a instrução pública e as finanças, como proposto tanto por Voltaire como por Chateaubriand.²³⁷

Não obstante, cabe observar que se a ampliação dos temas abordados pelos historiadores foi uma demanda do processo de estruturação da história, a variabilidade temática é uma das características dos relatos de viajantes, categoria na qual também se insere o *Ensayo Historico*. A aproximação entre a história e as narrativas de viagens não só retoma a noção da viagem como um meio de produção de conhecimento, como coloca a narrativa no centro da discussão. Em instigante passagem do prefácio a obra de Manoel Luiz Salgado Guimarães, Paulo Knauss e de Temístocles Cezar afirmam:

O fato de os relatos funcionarem ora como suporte de sonhos e ilusões, ora como guias de ação, não lhes subtraía, entretanto, o valor cognitivo, ou o *efeito de real* que provocavam no leitor. Assim, desde a *Odisseia* e *Histórias*, de Heródoto, o discurso do viajante relaciona-se ao conhecimento histórico: ‘Heródoto, o pai da história, como Homero é o pai da poesia, era como Homero um viajante’, pensava Chateaubriand; ‘Ulisses retornou pleno de espaço e de saber’, sintetiza o poeta Ossip Mandelstam; ‘os viajantes e outros agrimensores não tenderão a ver o mundo através dos óculos de Heródoto? As *Histórias* não se tornarão esse espelho em que eles verão o mundo, crendo descrevê-lo?’, pergunta François Hartog. Michelet na França, Ranke, no que viria ser a Alemanha, e Francisco Adolfo de Varnhagen, no Brasil, encarnam essa dupla figuração de historiador-viajante (KNAUSS; CEZAR, 2011, p. 8 – 9, grifo nosso).

Escritos, em sua maioria, por sujeitos que desempenharam a função de autores e de viajantes, os relatos de viagens, enquanto um gênero híbrido, apresentam, de modo

²³⁷ Cabe destacar, que o escrito de Rengger é um exemplo da alteração do objeto da história política, mas não do total rompimento com o padrão de história política praticado em períodos anteriores. Conforme René Rémond (2003, p. 15), “No Antigo Regime, a história era naturalmente ordenada tendo em vista a glória do soberano e a exaltação da monarquia. As revoluções que derrubaram os regimes monárquicos não destruíram a história política de sua posição proeminente, apenas mudaram seu objeto. Em vez de fixar-se na pessoa do monarca, a história política voltou-se para o Estado e a nação, consagrando daí em diante suas obras à formação dos Estados nacionais, às lutas por sua unidade ou emancipação, às revoluções políticas, ao advento da democracia, às lutas partidárias, aos confrontos entre as ideologias políticas”.

concomitante, formas discursivas distintas e obedecem a códigos específicos utilizados por seus autores, de modo que, para Luis Albuquerque-García (2011, p. 21), “Los ‘relatos de viajes’ se mueven en los límites entre lo literario y lo documental o historiográfico [...]”. Publicadas, as narrativas foram confrontadas às expectativas e aos conhecimentos próprios de seus diversos leitores, gerando novos entendimentos.

No entanto, todo viajante seria um potencial historiador? Entendemos que a resposta a esta questão não deve servir a generalizações, mas, sim, observar atentamente o que se entendia por história em cada momento. Ainda assim, os *historiadores-viajantes* da Antiguidade e os métodos por eles utilizados na composição de seus *relatos-historiográficos* evidenciam a raiz comum que orientou o desenvolvimento da escrita, tanto da história, quanto dos relatos de viagens por um longo período. O que, talvez, possa explicar uma espécie de consciência dos viajantes quanto à proximidade que seu trabalho tinha com o do historiador, como nesta passagem extraída da introdução da obra *Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul*, na qual Arsène de Isabelle afirma: “Um viajante – disse Chateaubriand – é uma espécie de historiador. Seu dever é contar o que viu ou o que ouviu. Não deve inventar, mas também não deve omitir’. E quanto ao velho provérbio: ‘Mente melhor quem vem de longe’, já se tornou ridículo à força de ser repetido (ISABELE, 2006, p.16).

Em relação ao *Ensayo Historico* de Johann Rengger, nos parece estar claro que trata-se de uma obra de testemunho, tal qual são a maioria dos relatos de viagens (ALBUQUERQUE-GARCÍA, 2011). Ainda que a relação entre história e testemunho seja complexa desde a Antiguidade, testemunhar, para Rengger, conferia autoridade ao seu discurso; mais do que ter visto, o testemunho significava narrar de forma fiel o ocorrido (HARTOG, 2011). Em muitos casos, posicionando-se sobre os temas tratados em sua narrativa, e, fazendo-se presente como autor – o que não era consensual à época no que concernia à escrita da história –, Rengger elabora uma história do presente. Sem o recurso da retrovisão (HOBSBAWM, 2013), afinal, o médico suíço “[...] não está distante de seu tema, mas, sim, em seu tema [...]”, como bem definiu Hartog (2011, p. 150) para o caso de Michelet na França. O que não significa que Rengger tenha se restringido somente ao agora. Como em muitos escritos de historiadores do período, pensar o passado não estava desvinculado do futuro. No caso de Rengger, o passado próximo do Paraguai, ou seja, a independência e o governo de Francia, seriam, sob sua perspectiva, decisivos na constituição do Estado e da sociedade paraguaia, quer em suas virtudes, quer em seus vícios. O país, assim como todas as repúblicas da América do Sul, segundo Rengger, alcançaria grande prosperidade, influenciando até mesmo a Europa:

Entonces querrá conocerse á punto fijo de qué modo han entrado en esta carrera, y qué circunstancias han acompañado sus primeros pasos. Así no debe juzgarse de la importancia del Paraguay, segun su estado actual, sino con arreglo á los destinos futuros que le esperan. Cuando de un modo ú otro habrá cesado de existir su gobierno actual, esta provincia se unirá sin duda á la confederacion del rio de la Plata, á donde le llaman antiguos recuerdos, su situacion fronteriza y la desembocadura de sus rios (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. XIII – XIV).

Os ajustes necessários para o futuro do Paraguai passavam, de acordo com Rengger, pelo fim do governo de Francia, o que possibilitaria a reabilitação do comércio e faria progredir a civilização, somando-se às já favoráveis condições naturais, como o clima saudável, o solo fértil, os vastos bosques e a rica hidrografia da região. Se, por um lado, “Todas estas ventajas aseguran, pues, al Paraguay, un lugar sobresaliente entre los nuevos estados de la América del sur [...]”, por outro, Rengger recomendava aos paraguaios que “¡puedan ellos á su turno instruirse por sus desgracias, viendo lo que traen consigo las dictaduras y las presidencias de por vida!” (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. XV – XVI).

Johann Rengger não só compreende a retomada das relações com Buenos Aires como a melhor saída para o desenvolvimento do Paraguai, como manifesta a ideia de que a história forneceria exemplos e lições, apontando para nuances de uma história *magistra vitae* capaz de formar e esclarecer o indivíduo.²³⁸ Nesse sentido, sua crítica às ditaduras – aqui, especialmente, a de Francia – traz consigo uma reflexão sobre o próprio processo revolucionário independentista do Paraguai. De um modo geral, a historiografia da transição do século XVIII para o século XIX ocupou-se, com especial afinco, em pensar as revoluções, muito influenciada pelos efeitos da Revolução Francesa (HARTOG, 2011).²³⁹ Enquanto que sua vertente liberal procurava destacar as mudanças e os limites instaurados desde 1789, conservadores condenavam os excessos que levaram ao solapamento das estruturas políticas e sociais na Europa. É neste contexto que podemos situar o ensaio histórico de Johann Rengger sobre o processo de independência do Paraguai e a primeira década do governo de Francia,

²³⁸ A concepção de história *magistra vitae* persistiu ao longo do XIX, ainda que combatida, especialmente, pelos historiadores e filósofos alemães que propuseram o conceito de *Geschichte*, ou seja, História. Abandonando a narrativa de ações de sujeitos ilustres embasada na retórica, a história passou a ser pensada como um processo, agora estudada pelos historiadores por meio de métodos (HARTOG, 2011). Conforme o autor, na trajetória da história ao longo do século XIX, “[...] desfez-se o velho *topos* das lições da história: como é que esta última poderia continuar sendo exemplar quando – de acordo com Tocqueville confrontado com as convulsões da Revolução Francesa – o passado deixou de iluminar o futuro, quando a distância vai aumentando entre o campo de experiência e o horizonte de expectativa, entre o que é conhecido e o que é pretendido (ou amedronta)? A lógica do progresso implica que o exemplar ceda lugar ao único. O passado torna-se ultrapassado” (HARTOG, 2011, p. 180).

²³⁹ Como observou Michel de Certeau (2011, p. 57), “Um estudo particular será definido pela relação que mantém com outros, contemporâneos, com um ‘estado da questão’, com as problemáticas exploradas pelo grupo e os pontos estratégicos que constituem, com os postos avançados e os vazios determinados como tais ou tornados pertinentes com relação a uma pesquisa em andamento”.

obra escrita, possivelmente, à sombra daquilo que se produzia na Europa após a Restauração. É preciso, no entanto, considerar que, com a crise do sistema colonial e as revoltas de independência no início do Oitocentos, a temática também se fez presente na América, identificável na difusão do uso e do sentido da palavra revolução, passando a abranger desde mudanças políticas e sociais até morais, científicas e intelectuais, como destaca Fabio Wasserman (2008).

Além do protagonismo que Rengger atribui a Francia na Revolução ocorrida no Paraguai, transparecem no *Ensayo Historico* ideias recorrentes em outros escritos sobre as revoluções no Rio da Prata do início do século XIX. Conforme Wasserman (2008), duas questões tornaram-se senso comum nas obras do período, a partir da reflexão sobre a relação entre a revolução e liberdade:

Por un lado, considerar que se trataba de desórdenes esperables ante la falta de hábitos de libertad. Por el otro, la íntima asociación entre revolución y libertad concebida tanto en términos positivos como negativos: mientras se reivindica al proceso revolucionario por permitir que los americanos recuperaran su libertad, se crítica a las revoluciones que le sucedieron [a Revolução de Maio] por encarnar una idea errónea de libertad signada por las pasiones (WASSERMAN, 2008, p. 167).

Em sua obra, Rengger afirma que a revolução ocasionou desordens, que, se não, essencialmente, ligadas à falta da experiência do *viver em liberdade*, deviam-se igualmente às limitações intelectuais dos envolvidos no processo revolucionário, situação que o médico suíço exemplifica, ao relatar o seguinte caso:

En Yquamandia, un capitán de milicias que se había señalado por su zelo revolucionario, quería explicar á sus compatriotas qué cosa era la libertad, pero despues de haber probablemente repasado en su caletre todas las definiciones que de ella había oído, al cabo salió diciendo que no era mas que la fe, la esperanza y la caridad (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 20).

A falta de uma melhor compreensão da noção de liberdade, bem como do sistema político a ser adotado, impuseram, segundo Rengger, dificuldades ao recente país, como o fomento de discórdias entre suas lideranças, afetando diretamente a estabilidade política do Paraguai ao longo do período da Junta Superior Governativa e do Consulado. Se, entre a elite dirigente havia falta de consenso com relação à organização política a ser implementada no país, o médico-viajante suíço recorre, novamente, à alegada falta de experiência da população de *viver em liberdade*, como uma justificativa para a aceitação, em 1814, da instauração de uma ditadura, situação agravada por sua condição de perpétua, decretada em 1816. Para Rengger, “Acostumbrados los Paraguayes al régimen de un gobernador, cuya voluntad les

servia de ley, poco les importaba la definicion del poder de los cónsules y limitar su autoridad; eran como una horda de Indios que elegian sus caciques” (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 22). A falta de experiência ou a adoção de ideias equivocadas de liberdade são apresentadas por Rengger como uma espécie de herança do domínio espanhol sobre os paraguaios, de modo que o próprio governo ditatorial de Francia configuraria uma continuidade das práticas de justiça e política que marcaram o período colonial. Nesse contexto, o relacionamento do poder estabelecido com a sociedade caracterizava-se pelo domínio e pela submissão.

Ao pensar a revolução no Paraguai, Rengger opera de uma forma pendular, como observado por Hartog (2011), quando trata da historiografia liberal pós-revolução. Enquanto um historiador diletante, busca compreendê-la, e, como um indivíduo, orienta suas avaliações a partir de suas convicções pessoais. Quanto ao seu posicionamento político, o viajante deixa explícita sua repulsa aos governos ditatoriais, manifestando sua admiração pelos regimes constitucionalistas, como se pode observar em uma passagem de seu diário, feita no mês de agosto de 1819:

Un francés recién llegado me envió algunos números recientes de la *Minerve*, que leí con agrado y por ello supe que el espíritu constitucional, él único bueno para Francia, crece magníficamente y que, incluso bajo los Borbones, decir la verdad no es más un pecado mortal. La libertad, sea bajo emperadores o reyes, finalmente elevará la altiva cabeza en toda la tierra; ¡inmortalidad para aquéllos que la obtienen para las generaciones venideras! (RENGGER, [1835], 2010, p. 301).

Oriundo de um país com tradição de autonomia política, Rengger prezava pelas garantias individuais dos homens e das mulheres, identificando na existência e no respeito a uma carta constitucional um meio de assegurá-las. Apesar de não ter se posicionado em suas obras em relação às formas de governo monarquistas ou republicanas e às dificuldades políticas que delas poderiam surgir, é possível que Rengger acompanhasse a opinião de outros viajantes e intelectuais contemporâneos, que destacaram a instabilidade dos recentes países sul-americanos, como um produto do regime republicano adotado. Contudo, para Rengger, as dificuldades enfrentadas pelas repúblicas não eram intrínsecas à forma de governo, mas, sim, consequências do nível baixo de instrução da população a ponto de inviabilizar a governabilidade do Estado. Conforme o relato biográfico do médico suíço escrito por seu tio Albrecht Rengger,

Aunque era un ardiente amigo da la libertad, poco después de su llegada al Nuevo Mundo, Rengger arribó a la convicción de que los Estados sudamericanos aún estaban lejos de haber alcanzado la madurez necesaria para organizaciones

republicanas, para cuyo éxito debería desarrollarse una generación más marcada por un perfeccionamiento espiritual y moral. De modo que no le resultó difícil reconocer lo bueno que la administración de Estado del Dr. Francia podía tener para el país, sin dejar de indignarse por sus actos de violencia (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 32 – 32).

Cabe lembrar que Rengger, como discutido no capítulo anterior, afirmava que, devido ao incipiente grau de civilização em que se encontravam os índios e os *criollos* paraguaios, ambos seriam propensos a praticarem tanto o bem, quanto o mal – devendo, por isso, ser constantemente acompanhados –, razão pela qual não deve causar surpresa que tenha, inicialmente, identificado na ditadura de Francia um instrumento capaz de impedir que o Paraguai se tornasse um *teatro de la guerra*, como qualificou a Banda Oriental e a província de Entre Rios que se encontravam sob a influência do movimento artiguista (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 283).²⁴⁰

Contudo, se, no Paraguai, a ditadura de Francia servia como antídoto às sublevações, em uma sociedade em que a civilização se encontrava solidificada, e, portanto, apta a ser governada sob um regime republicano, a influência do Estado, de acordo com Rengger, deveria ser muito menor. Suas críticas ao Estado forte e centralizador paraguaio, controlador da economia, das ações individuais, responsável pela clausura comercial e violador do direito à propriedade, indicam uma aproximação do viajante com as ideias difundidas pelo liberalismo político e econômico, tão em voga no período. O mesmo pode ser percebido em sua condenação à concentração dos poderes relativos à justiça e ao executivo nas mãos do ditador, enquanto que avaliava como positivas as restrições impostas ao clero paraguaio.

A narrativa que Rengger constrói sobre a história recente do Paraguai, na qual é também autor participante devido à viagem que realizou, parece, assim, diluir os limites entre o viajante e o historiador, entre o relato de viagem e a produção historiográfica. Vale ressaltar que para as *duas dimensões* do sujeito – a de historiador e de viajante – e a obra produzida, a memória teve atuação fundamental. Assim como os relatos, que podem ser considerados como atos de memória (REGUERA, 2010), a história igualmente se valeu da memória. No

²⁴⁰ Conforme o escrito dos médicos suíços, “Sin embargo, no hay duda ninguna en que el Paraguay hubiera acabado por sufrir la suerte de la Banda Oriental y el Entre-Rios, si el doctor Francia no hubiese logrado apoderarse de las rendas del gobierno” (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 276). Esta percepção seria novamente registrada por Rengger em seu diário, quando de seu deslocamento de Corrientes até Assunção, em 4 de julho de 1819: “Los hombres que encontré en aquella choza están todos muy conformes con su gobierno; ellos dicen: ‘si no tuviéramos a Francia todo estaría trastornado; en la capital se encuentran muchas familias que desearían gobernar y por su ambición y odio familiar causarían mucho daño’. Comparto esta opinión, y aunque Francia gobierna despóticamente, con ello sólo demuestra que conoce el genio de su pueblo” (RENGGER, [1835] 2010, p. 281). Deve-se observar, que, no momento deste registro Rengger, ainda não havia chegado a Assunção, nem estabelecido contatos e mesmo conversado com Francia, razão pela qual sua avaliação mais positiva sobre o ditador e seu governo contrastam com seus escritos posteriores.

entanto, entre a primeira e a segunda existe um espaço no qual atua o historiador, evidenciando que ambas as noções não configuram sinônimos, nem tampouco oposições radicais, mas, sim, uma relação articulada (HARTOG, 2011). Seguindo essa linha interpretativa, Joël Candau (2013) coloca a memória como uma condição necessária no processo de construção do conhecimento histórico, a despeito de todas as suas diferenças. Para o autor, “Ambas [memória e história] são representações do passado, mas a segunda tem por objetivo a exatidão da representação enquanto a primeira não vai além do seu caráter verosímil” (CANDAU, 2013, p. 74). Maurice Halbwachs, por sua vez, destaca as distinções, diferentemente da lógica articulada defendida por Hartog e Candau, que colocam em oposição a história e o que denominou de memória coletiva.

À memória coletiva, Halbwachs confere o atributo de atividade natural, espontânea, desinteressada e seletiva, que guarda do passado apenas o que lhe possa ser útil para criar um elo entre o presente e o passado, ao contrário da história, que constitui um processo interessado, político e, portanto, manipulador. A memória coletiva, sendo sobretudo oral e afetiva, pulveriza-se em uma multiplicidade de narrativas; a história é uma atividade da escrita, organizando e unificando numa totalidade sistematizada as diferenças e lacunas. Enfim, a história começa seu percurso justamente no ponto onde se detém a memória coletiva (SEIXAS, 2001, p. 40).

A esse passado político, escrito, organizado e unificado na obra *Ensayo Historico* de Rengger, qual seria a sensibilidade suscitada por esta memória oral, múltipla, afetiva e seletiva? Seria possível considerar que a escrita de Rengger esteve sustentada em uma possível memória ressentida, por tudo que seu autor-viajante vivenciou no Paraguai, mas, especialmente, por sua condição de “[...] historiador de seu próprio tempo [...]”, como alguém que está “[...] à mercê de movimentos de prazo relativamente curto do clima histórico, conforme experimentado por aqueles que os vivem”, como afirma Hobsbawm (2013, p. 327)?

Pensar uma escrita permeada pelo ressentimento exige um duplo esforço, primeiro, de uma tentativa de definição desse complexo sentimento, para, então, localizar suas possíveis manifestações no texto. Com relação ao primeiro aspecto, o sociólogo francês Pierre Ansart (2001, p. 18), com base nos escritos de Nietzsche, Max Scheler e Robert Merton, destaca que o ressentimento pode ser definido para esses autores como “[...] um conjunto de ‘sentimentos’ em que predominam o ódio, o desejo de vingança e, por outro lado, o sentimento, a experiência continuada da impotência, ‘a experiência continuamente renovada’ da impotência rancorosa”. Não obstante, Ansart propõe o afastamento de uma noção universalista; adverte que a intensidade do ressentimento difere entre os sujeitos e entre os grupos; aponta para a forte influência das representações, das ideologias, das crenças, dos

imaginários e dos discursos no ressentimento; para o protagonismo de indivíduos e grupos específicos na sociedade como desencadeadores de ressentimento e para as consequências e as formas como se manifesta o ressentimento (ANSART, 2001).

Boa parte do esforço de Pierre Ansart em definir o ressentimento encontra eco nas reflexões do historiador norte-americano David Konstan (2001), para quem o ressentimento pode ser aclarado a partir de três amplas conotações, a psicológica, a social e a existencial. Quanto à primeira, Konstan ressalta que o sentimento não se caracteriza por ser fugaz, mas, sim, duradouro, cultivado e acalentado por aquele que sofre uma desfeita, uma ofensa ou é injuriado, despertando-lhe a raiva e a irritação.²⁴¹ Ao mesmo tempo, o ressentimento poderia decorrer de uma situação de exposição, de desigualdade e de preconceito contra um grupo ou a um de seus membros por outro de nível hierárquico superior, evidenciado o caráter social do ressentimento. Por fim, existencial por ser o ressentimento um produto da constante repressão de sentimentos, como a inveja, a vingança, o ódio e o desprezo (KONSTAN, 2001).

Dada a sua complexidade, a definição de ressentimento pelos autores citados apresenta uma maleabilidade em sua aplicação. Além de suas variadas intensidades e da influência de aspectos culturais no ressentimento, de sua origem em sentimentos como ódio, desejo de vingança, impotência e raiva, e de experiências de humilhação e de medo, este conceito deve ser considerado à luz das situações a que foram expostos os sujeitos em questão. No caso de Johann Rengger, em uma breve retrospectiva, podemos elencar as limitações que teve de circular livremente pelo Paraguai, sua reclusão no país até 1825, a falta de materiais para suas atividades profissionais, em virtude do fechamento do comércio, o que impossibilitou, inclusive, o envio de suas coleções. Esse, possivelmente, tenha sido um fator determinante para que Rengger desenvolvesse e manifestasse certos sentimentos, na medida em que as amostras coletadas eram o objetivo de sua viagem e não poder enviá-las implicava no parcial fracasso de sua expedição à América do Sul. Se essas situações afetaram Rengger diretamente, outras lhe tocaram indiretamente, o que, no entanto, não minimizaria o descontentamento expresso em suas narrativas, como se pode observa na menção feita à falta de liberdade, ao regime ditatorial vigente, à violência praticada pelo governo e às medidas despóticas por ele adotadas, contribuindo, segundo seu entendimento, para a disseminação do sentimento de medo entre a população. Em todas essas situações há um elemento em comum, que é a figura de Francia. A relação entre o viajante e o ditador pode ser, sob esta perspectiva, uma chave explicativa para pensarmos o ressentimento na escrita de Rengger.

²⁴¹ Com relação a estas situações, Pierre Ansart (2001) destaca a importância da experiência da humilhação e do medo como geradoras de ressentimento.

Os relatos de Rengger têm como enredo as observações feitas ao longo de sua viagem por certas regiões do Paraguai. Neles, o médico-viajante é o protagonista, assumindo a condição de narrador-personagem. Com a autoridade de autor, aquele que tem o poder de construir o discurso sobre o *Outro* e seu espaço, Rengger não se intimida diante da nova realidade. Estabelece relações com *criollos* e grupos indígenas, paga para ser ajudado para poder melhor executar suas atividades, dita ordens, troca e compra objetos, descreve e avalia a sociedade paraguaia e seu meio natural, muitas vezes, ainda sob o impacto de um primeiro contato. Contudo, em relação a Francia, tudo é diferente. Ele pode ser percebido como o antagonista da narrativa da viagem realizada por Rengger ao Paraguai, o único capaz de fazer frente ao protagonismo do médico-viajante. É a Francia que Rengger deve reporta-se, solicitar autorizações, uma vez que sua condição de estrangeiro ilustrado pouco valia nesses momentos. Francia também perturba, incomoda, ao se fazer sempre presente por meio de seus informantes. E nas conversas que mantêm com o ditador, suas palavras são calculadas, uma vez que o súbito e o repentino eram sinônimos de risco. A distância, neste caso, permitia melhor julgar.

No entanto, essas experiências e os sentimentos que delas podiam advir, tais como medo, frustração e impotência, entre outros, aparecem de forma contida na obra. No *Ensayo Historico*, o médico suíço adota um tom ponderado, até mesmo quando disserta sobre situações desgastantes, como a de ter que se submeter às autoridades locais, advertindo que “Con todo era preciso conducirse con la mayor circunspeccion, principalmente si uno tenia relaciones con toda especie de gentes y se trataba con hombres de todos partidos [...]”, ao mesmo tempo contemporizava, ao ressaltar que “[...] en cuanto á mi no puedo menos de alabar la buena acogida que me hicieron los comandantes del campo en mis viages en el interior” (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 119-120). O mesmo tom pode ser observado no comentário que faz sobre Francia quando de sua saída do Paraguai: “Debo declarar en honor de la verdad que durante todo este tiempo jamas puso el doctor Francia el mas minimo obstáculo á nuestras ocupaciones; antes al contrario nos dió mas de una vez pruebas de su afecto. ¡Ojalá pudiese decir otro tanto de su administracion!” (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 179).

Estas duas afirmações estão, no entanto, em flagrante desacordo com outras apreciações feitas pelo próprio Rengger ao longo de suas obras e endossadas por seu tio Albrecht em seu escrito biográfico sobre seu sobrinho.²⁴² Chama-nos a atenção o fato de que,

²⁴² Como exemplos dessas contradições, citamos um excerto do prólogo da obra *História Natural dos Mamíferos do Paraguai*, de 1830, no qual Rengger afirma que “Se por um lado a relação com meu trabalho [de médico] era

na última passagem que transcrevemos, Rengger realiza uma curiosa separação entre o indivíduo Francia e sua administração do país, colocando os problemas até então pontuados sob a responsabilidade do segundo, despersonalizando, desta forma, o governo do Paraguai, que, neste momento, apresentava uma ditadura perpétua. Contudo, esse pensamento seria novamente revisto nas últimas páginas da obra, quando o médico suíço afirma que Francia tinha boas intenções antes da revolução de independência, mas que, prontamente, essas deram lugar ao gosto pelo poder, que, combinado com seu caráter duvidoso e violento, produziram um verdadeiro tirano (RENGGER; LONGCHAMP, 1828, p. 278-279), retomando, desta forma, a ideia de que as características pessoais de Francia se faziam presente em sua administração.

Não obstante, o que se percebe é que Johann Rengger realiza um grande esforço para dominar seus sentimentos e de não manifestá-los em suas obras, ainda que estes ressoassem em seus pensamentos, uma vez que a viagem não havia se mostrado totalmente exitosa. Mas, o que poderia justificar esse esforço e a relativização das dificuldades pelas quais passou no Paraguai, juntamente com Longchamp? Uma possível explicação pode ser extraída da pequena biografia escrita por seu tio Albrecht, na qual ele afirma que a obra *Ensayo Historico* de seu sobrinho possui “Esta imparcialidad de juicio [que] también contribuyó a la buena acogida de la obra, que fue objeto de disputas por parte de periódicos franceses y alemanes, no solamente para anunciarla, sino para reproducir gran parte de ella” (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 33). Ou seja, Rengger havia tomado o cuidado de pautar sua obra não por uma subjetividade exacerbada, mas por uma imparcialidade.

Um último aspecto a ser abordado diz respeito à relação entre memória e ressentimento e sua construção coletiva.²⁴³ Nesse sentido, partimos de dois pressupostos: primeiro, de que toda a memória é social, como afirma Jöel Candau (2011), bem como da

favorável, eu tinha do outro lado muitos obstáculos, por vezes insuperáveis, para enfrentar [como naturalista]. Para não despertar a desconfiança do Dr. Francia, o ditador do Paraguai, sempre mal-intencionado e fantasiando conspirações, eu tive que escolher cuidadosamente a época para as minhas viagens, as regiões que eu queria visitar, e as pessoas que eu levava como guias ou apenas ajudantes tinham que ser escolhidas com muito cuidado, podia assim, raramente viajar quando era mais conveniente para mim e realizar minhas pesquisas na temporada mais produtiva, ir a regiões onde os moradores não haviam se retraído para não levantar suspeitas do ditador, ou não ir, ou pelo menos ficar um curto período de tempo e ter como companheiros de viagem pessoas de nível inferior, que sozinhas tinham a incumbência de ajudar com as bagagens e os cavalos e também na caça” (RENGGER, 1830, p. X-XI). Como podemos constatar, todas as dificuldades impostas ao seu trabalho de naturalista estão associadas à vigilância exercida por Francia. Por sua vez, Albrecht Rengger, ao definir o governo do ditador como um governo de horror, arbitrário, despótico e sedento por poder, concluiu que “Bajo este férreo poder, los señores Rengger y Longchamp vivieron seis años completos, mantenidos prisioneros junto con toda la población de Paraguay, como si les hubieran asignado a modo de prisión, en lugar de un extenso país, estrechos calabozos” (RENGGER, A. [1835] 2010, p. 24).

²⁴³ O tema é amplo e repleto de nuances e especificidades, conforme a interpretação dos autores que se dedicam ao seu estudo. Sobre a memória e a noção de uma memória coletiva, ver os trabalhos de Michael Pollak (1992), Jacy Alves de Seixas (2001) e Jöel Candau (2011; 2013).

dimensão social do ressentimento, implicando em uma noção de pertencimento e de compartilhamento com um grupo subordinado hierarquicamente a outro, como destaca David Konstan (2001). Nesse sentido, os contatos que Johann Rengger manteve com estrangeiros instalados no Paraguai acabaram por forjar laços de solidariedade, a partir das experiências semelhantes e da submissão às mesmas regras, ameaças e sanções por parte do governo de José Gaspar Rodrigues de Francia. Portanto, ainda que a memória seja própria de cada sujeito, que os atos de memória (de lembrar) sejam particulares a cada indivíduo, há de se considerar a influência destes vínculos sociais no enquadramento do passado, no processo de construção e na contínua atualização da memória (CANDAU, 2011).

O esquecimento, contudo, acompanha a memória; lembrar e esquecer são processos convergentes. Certamente, há fatos da viagem ao Paraguai que Johann Rengger omitiu de suas narrativas e por variados motivos. Ainda assim, sua viagem não foi um trauma, Rengger não se ressentiu a ponto de não mais querer falar sobre ela. Fez justamente o contrário, dedicando boa parte de seu tempo e, até mesmo quando esteve enfermo, a escrever sobre os resultados dos estudos que havia realizado e sobre suas memórias de viagem. Por que não esquecer? Porque, como bem observou Janice Theodoro (1998, p. 64), “Temos que fazer como Ulisses: vencer. Quanto maior for a epopeia, maior será a glória”. Se os amigos que havia deixado no Paraguai, aqueles que o haviam ajudado a construir e a dar significado às suas memórias, estavam mortos ou se encontravam ainda detidos no país de Francia, Rengger, à semelhança de Ulisses, havia retornado e vencido. E esta era a razão para querer contar o que havia visto, ouvido e vivido, como médico, naturalista e também como um historiador diletante.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“À semelhança de Robinson Crusóé, que, na praia de sua ilha, descobre a marca de um pé na areia, o historiador, também de frente para o mar, sabe que o outro passou; mas, ele sabe, além disso, que o outro não voltará” (HARTOG, 2011, p. 262).

Duzentos anos se passaram desde a chegada de Johann Rengger e de Marcel Longchamp à América meridional, nas primeiras décadas do século XIX. Sabe-se que a exploração e o conhecimento sobre o continente americano avançaram significativamente a partir da segunda metade do século XVIII, momento também marcado pela crise do Antigo Sistema Colonial e pelas primeiras revoltas que desembocariam nos movimentos de independência nas primeiras décadas do Oitocentos. A situação conturbada provocada pelos movimentos emancipacionistas não impediu a vinda de viajantes, diplomatas, comerciantes e engenheiros, atraídos pelos potenciais mercados que se abriam com o fim do monopólio colonial e pelas possibilidades de projetos de emigração. Outros tantos, como os naturalistas, realizaram viagens de interesse científico, tributário, ainda, da Ilustração, aos países recém-independentes.

Johann Rengger se encontrava inserido nesse contexto. Vivendo em um período conturbado da história europeia, abalada pela Revolução Francesa e, logo após, pela Restauração, Rengger circulou pela Suíça, pelos Estados alemães e pela França, países nos quais realizou sua formação. É importante ressaltar que, apesar da importância de Londres e de Paris, dois grandes centros científicos e acadêmicos à época, a região que compreende a atual Alemanha, apresentava também grande desenvolvimento científico e cultural, o que se manifesta em sua produção intelectual. Papel importante na vida de Rengger seria desempenhado por seu tio Albrecht, médico e político liberal moderado, que, além de ter desempenhado a função de pai para Johann, nos legou o texto mais completo sobre a vida do médico-viajante, encarregando-se, também, da edição de *Viaje al Paraguay*.

Tanto durante o seu período de formação, quanto no exercício de suas atividades profissionais, a viagem foi uma constante na vida de Rengger. Na dissertação, consideramos a viagem enquanto um ato de pesquisa, como proposto por Manoel Luiz Salgado Guimarães (2000), ou seja, enquanto um deslocamento que é tanto físico como epistemológico. Associada a um processo de edificação pessoal, a viagem tem no relato o seu desfecho. A narrativa não é apenas uma forma de resistir ao esquecimento em relação ao que foi feito, mas é igualmente um veículo de divulgação de inventários do espaço, dos costumes e da natureza observada, como afirma Ronald Raminelli (2000). Nesse sentido, as viagens de Rengger

sempre foram acompanhadas do interesse em investigar, especialmente, a flora e a fauna das regiões percorridas, desde Buenos Aires, passando por Corrientes, intensificando-se pelo interior do Paraguai e, inclusive, nas adjacências dos portos da Bahia e de Pernambuco, no Brasil, quando de seu retorno à Europa. Contando com a ajuda de locais durante as viagens, a presença destes, ainda que pouco perceptível nos relatos de Rengger, não deve ser desconsiderada, na medida em que atuaram, efetivamente, como colaboradores em suas coletas e como informantes sobre a situação política, social e sobre o meio natural. Ao mesmo tempo, a presença de estrangeiros no território, tão evidenciada nos contatos que Rengger estabeleceu, as precárias relações comerciais e a mobilidade espacial de alguns grupos da sociedade paraguaia, especialmente, de indígenas não aldeados, demonstra que a política isolacionista promovida pela ditadura de José Gaspar Rodrigues de Francia era menos efetiva e rígida do que os escritos dos viajantes suíços procuraram caracterizar.

O fato de terem vivenciado momentos cruciais da história política da América meridional durante o período de sua permanência no Paraguai, certamente contribuiu para a receptividade dos relatos de Rengger e de Longchamp, publicados em um momento marcado pelo crescente consumo destes produtos culturais, tanto como um meio de entretenimento, quanto de instrução dos leitores ou ouvintes. Vale lembrar que os médicos suíços, antes de realizarem sua expedição científica, foram também leitores de narrativas anteriores, como revela a análise que realizamos de suas obras.

Para além das evidências da existência de um projeto que previa a publicação dos estudos realizados ao longo de seis anos,²⁴⁴ Rengger mostrou-se bastante consciente em relação aos seus potenciais leitores – especialistas ou, então, apenas interessados –, na medida em que pretendia firmar-se como um autor com legitimidade reconhecida para falar sobre o Paraguai, tanto em relação a assuntos históricos e políticos, quanto relativos à História Natural. E para assegurar a fiabilidade do relatado foram adotadas determinadas estratégias tanto por parte de Rengger, quanto dos editores das obras. A experiência *in loco*, o registro por meio da visão e o debate com autores contemporâneos ou que percorreram a mesma região, foram alguns dos expedientes utilizados pelo médico-viajante para conferir credibilidade ao seu texto. A análise das evidências de intertextualidade nas obras de Rengger, não apenas indicam o uso da autoridade do nome referido, como o conhecimento dos autores que tratam do tema e as possíveis obras por ele consultadas ao longo da viagem, ou então,

²⁴⁴ A existência desse projeto se expressa tanto no processo de planejamento e de publicação de suas três obras, a saber, *Ensayo Historico* (1827), *História Natural dos Mamíferos do Paraguai* (1830) e *Viaje al Paraguay* (1835), quanto em sua escrita.

durante o processo de escrita de suas obras. Considerando que raramente Rennger mencionou o título das leituras que fez e pouco empenhou-se em realizar [e evidenciar] um diálogo mais aprofundado com elas, pudemos localizar não mais do que apropriações pontuais de outros viajantes.

As estratégias editoriais, por sua vez, se manifestaram nas diversas traduções que a obra *Ensayo Historico* recebeu em um curto período de tempo. Nos dez anos que se seguiram à primeira edição, a francesa, houve mais quatro edições, nas quais nota-se a intervenção de editores e tradutores, que realizaram acréscimos, mudanças e supressões nas obras, visando desde o barateamento das edições até a aproximação com um público específico. Nesse sentido, elementos como índice, ilustrações e epígrafe sofreram alterações nas diferentes edições da obra *Ensayo Historico*.

Entre a segunda metade do século XVIII e a primeira do XIX, os relatos de viagem dialogaram com teorias que abordavam a degeneração do meio natural e do elemento humano americano e com correntes estéticas que procuravam definir o que era sublime e pitoresco. Mas, apesar de apresentar uma escrita despreocupada em relação a uma orientação estética, pode-se identificar a presença de elementos típicos do sublime e do pitoresco nas descrições feitas por Rengger, com um ligeiro predomínio do segundo. A análise das passagens que se referem aos vales da região de Pirayú e Pirebebuy e das localidades marcadas pela cordilheira de Mbaracayú permitiu a identificação das montanhas como um *topos* narrativo do relato de Rengger, bem como de um padrão paisagístico tido como aprazível, caracterizado pela presença de elevações, pela variedade de elementos naturais, por uma vista extensa e animada pela circulação de animais e indivíduos. As observações que Rengger fez das paisagens do Paraguai procuram uma aproximação do visualizado com o padrão acima referido, manifestando frequentemente a possibilidade de interferência no meio natural, tendo em vista uma maior conformidade estética ou mesmo utilitária da natureza. Tais excertos revelam a influência exercida pelo *Olhar* e pela percepção de quem elabora e avalia as paisagens, enquanto um enquadramento de uma cena, seguido da descrição e da organização dos elementos naturais e artificiais que as compõem.

No tocante aos habitantes do Paraguai, Johann Rengger demonstrou entusiasmo em relação ao progresso da civilização no país, na medida em que esta se encontrava apenas em seu início, segundo sua avaliação. Em suas reflexões sobre os papéis da população *criolla*, afrodescendente e indígena na sociedade paraguaia, o médico suíço rechaçou as teorias que pregavam a degeneração dos americanos, inclusive, concedendo grande destaque aos primeiros em suas observações, em contrataste com as resumidas informações sobre os

demais grupos sociais. Procurando realizar uma correta identificação dos grupos que viviam no país, Rengger orientou suas descrições, levando em conta a língua praticada, o porte físico e os costumes dos indígenas, critérios que revelam a presença de bases classificatórias que remontam ao início da colonização, no século XVI e que coexistem com formas *científicas* próprias do seu tempo. Nessa descrição detalhada, que caracterizava o procedimento dos naturalistas do século XIX, que se orientavam pela noção de que a “[...] a ciência devia buscar descrever a totalidade de elementos que atuavam em um fenômeno local”, como afirmado por Lorelai Kury (2001, p. 870), o que se apresenta é um território bárbaro, mas não necessariamente um deserto demográfico, cultural e social, ainda que marcado pela inferioridade em relação à cultura de seu observador. Sob esta perspectiva, o texto de Rengger também elabora *uma estetização do selvagem* (CERTEAU, 1982). As descrições que Rengger faz dos indígenas paraguaios permitem que seu leitor forme a imagem de um indivíduo que, integrante de um grupo coeso, apresenta práticas comuns, enfeita a sua nudez e se deleita no esforço mínimo de uma mera sobrevivência. A lógica do exótico fundamenta esta operação de tradução, que determina a estetização do *Outro* como o inverso simétrico do seu observador, aquele que, por deter o poder do sentido da narrativa, possui o domínio descritivo sobre o *Outro*, como proposto por Michel de Certeau (1982).

Contudo, o estudo da paisagem não se limita apenas à sua dimensão cognitiva-cultural, sendo as relações estabelecidas entre os habitantes com o seu meio natural um dos aspectos também abordados por Rengger em seus relatos. Descrevendo a natureza como pujante e o clima do Paraguai como saudável, as avaliações feitas pelo médico suíço destacam as potencialidades não devidamente exploradas pela população, entendimento que reitera sua interpretação sobre a infância civilizacional em que se encontrava o país. Como naturalista, seu interesse pelos cultivos agrícolas e suas impressões sobre o povoamento das regiões que visitou constituem os principais momentos em que a interferência humana sobre o meio é destacada. Ao identificar uma relação de acomodação entre o sujeito e o meio em que vivia, caracterizada pela falta de indústria, de técnicas apropriadas e de cuidados com a natureza, o viajante acaba por revelar sua ótica de valorização do domínio, do uso e do valor estético da natureza, como aspectos que deveriam ser almejados e alcançados pelos paraguaios. Não obstante, Rengger não deixa de observar a existência de espaços distintos, como o Chaco, as cidades e vilarejos e as aldeias indígenas em meio às selvas, que possuíam dinâmicas próprias, mas articuladas entre si.

Pensar amplamente o Paraguai foi o resultado mais expressivo da viagem de Johann Rengger, o que excedeu em muito o objetivo inicial de seu empreendimento, o estudo da

História Natural. A análise das páginas de suas obras evidencia que, além de se deter na natureza, Rengger ocupou-se também da saúde e das doenças e, ainda, da história do país no qual viveu recluso por decisão de Francia. Influenciado e motivado por sua formação, por seus interesses pessoais, pelas observações, pelos contatos que manteve e pelas atividades que desempenhou, Rengger apresenta-se como um pensador do meio natural, das condições de saúde e da história do Paraguai das primeiras décadas do século XIX.

O atendimento médico que deveria prestar a presos e soldados nas cadeias e nos quartéis é um indicativo do interesse que Francia tinha em manter o médico suíço no Paraguai, visando a melhorias no atendimento médico às tropas. A prática médica, no entanto, foi uma atividade que coube muito mais a Longchamp do que a Rengger, o que não significa dizer que o segundo não observou as condições de saúde das regiões que visitou ou prestou atendimento médico enquanto esteve no Paraguai. Destacando a falta de cuidado e de asseio da população, tanto nos campos como nas cidades, e as condições climáticas nem sempre favoráveis à saúde humana, Rengger evidencia a influência do paradigma miasmático em suas avaliações. As recorrentes menções à ausência de uma cultura preventiva entre os paraguaios e, especialmente, de ações governamentais, algo já posto em prática ao final do século XVIII nas principais cidades europeias, evidenciam a forma como Rengger observa as estruturas locais de saúde e a Medicina praticada no Paraguai. O mapeamento das enfermidades realizado pelo médico suíço indica não apenas uma alta incidência de sífilis no Paraguai, mas também seu interesse no diagnóstico e tratamento da doença e nas intoxicações em decorrência de mordidas de cobras. Nos tratamentos ministrados e descritos pelo médico-viajante, pode-se observar a aplicação de pressupostos próprios da teoria hipocrática-galênica, a partir da adoção de procedimentos que visavam à eliminação de líquidos do corpo enfermo, mediante o uso combinado de plantas e compostos químicos disponíveis no país. Crítico de boa parte das terapêuticas e procedimentos médicos adotados pelos agentes de saúde locais, Rengger realizou experimentos em busca de novos tratamentos, recorrendo, inclusive, a autópsias com o propósito de compreender como as enfermidades agiam e alteravam o organismo humano.

A importância do meio natural em suas atividades médicas, quer na aplicação de plantas como fármacos, quer no estudo das condições ambientais e suas relações com a saúde e as doenças, também está relacionada com o *olhar* atento que Rengger lançou sobre a natureza do Paraguai. Projetada para ser uma viagem de estudos de História Natural, as narrativas do médico suíço dão conta de parte da pluralidade de temas que esta área do conhecimento reunia no início do Oitocentos. Embora Rengger tenha abordado a hidrografia,

a geologia e a vegetação do país, seus escritos e os registros de suas atividades como naturalista evidenciam sua dedicação, notadamente, ao estudo da fauna paraguaia. Sem instruções claras em relação às atividades que poderia desempenhar enquanto naturalista e limitado em sua prática devido à restrição material em que o Paraguai se encontrava, Rengger concentrou seus esforços na caça, coleta, dissecação, conservação e organização das espécies recolhidas, seguindo as orientações de Cuvier no que se referia à taxonomia e identificação dos exemplares. É preciso, no entanto, ressaltar que Rengger partiu de um entendimento muito mais complexo do que apenas a nomenclatura das espécies, na medida em que a observação sobre as diferenças entre os gêneros, as alterações pelas quais passavam os seres em seu desenvolvimento, as relações que mantinham com seu entorno natural e os costumes em liberdade e quando domesticados foram aspectos também por ele considerados. O cuidado na realização de suas atividades de coleta e conservação e a exigência de uma observação mais completa são indicativos de que as concepções teóricas e a prática do médico suíço estavam alinhadas com as premissas a serem observadas e as expectativas em relação ao trabalho de um naturalista no início do século XIX, como o cotejo com as *Instruções* evidenciou. Vale lembrar que o médico suíço realizou ainda uma série de experimentos direcionados à adaptação de determinadas plantas e à distribuição fitogeográfica da vegetação da região platina, dos quais não resultaram novas publicações, devido ao seu precoce falecimento. O rigor do método adotado por Rengger, com certeza, poderia ser verificado através de uma análise mais detida da obra intitulada *História Natural dos Mamíferos do Paraguai*, da qual só tivemos acesso ao prólogo, uma vez que inexistem traduções do original em língua alemã.

Rengger dedicou-se, ainda, à escrita de uma história do Paraguai, que contemplou o período compreendido entre 1776 e 1825. A obra *Ensayo Historico sobre la Revolucion del Paraguay, y el gobierno dictatorio del Doctor Francia* tem sido alvo de críticas e de avaliações elogiosas desde sua publicação. Reconhecido como historiador por alguns críticos do século XIX, Rengger redigiu a obra – possivelmente, em parceria com Marcel Longchamp – em um momento de construção da ciência histórica, no qual métodos, estilo, temas e fontes estavam sendo definidos, não sem recuos, avanços e contestações entre os estudiosos. Apesar de pouco ater-se na explicitação do método utilizado na construção de sua narrativa – dificultando uma análise mais aprofundada de sua prática historiográfica –, Rengger não descuidou de esclarecer a importância do *ver* e do *ouvir* como meios de produção do conhecimento, enfatizando os necessários cuidados que deveriam ser tomados, especialmente, em relação ao último. Enquanto produto de uma viagem, não surpreende a dimensão dada ao

ver e ao *ouvir* na obra, procedimentos aos quais Rengger agregou a consulta a documentos em arquivos de Assunção e a obras de outros autores, o cotejo e a leitura crítica, evidenciando, assim, a existência de um método na escrita do *Ensayo Historico*.

A obra apresenta uma variabilidade temática considerável, ainda que essencialmente voltada à história política do Paraguai recente, o que não significa que seus autores não tenham refletido sobre as possibilidades de desenvolvimento futuro do país, em que o passado é compreendido como modelos de exemplos e de lições, como preconizava a história *magistra vitae*, ainda vigente no período. Nesse sentido, as avaliações políticas do constitucionalista e liberal Rengger revelam sua percepção de que a falta de experiência do *viver em liberdade* dos sul-americanos tinha relação com a instabilidade política vivida pelas recentes repúblicas, sendo que, no caso do Paraguai, a ditadura de Francia teria evitado a generalização da violência no país.

Esta percepção, contudo, não o impediu de, em muitos momentos, denunciar as arbitrariedades que caracterizavam o governo de Francia, fazendo menção às restrições que ele e Longchamp haviam sofrido e a permanente vigilância sobre suas atividades e contatos. Em várias passagens das obras de Rengger, constata-se que o ditador paraguaio foi tomado como seu antagonista e como o responsável pela situação vivida pela sociedade paraguaia nas primeiras décadas do século XIX. Considerado por muitos historiadores como um dos iniciadores de uma literatura antifrancista, Rengger parece ter, no entanto, conseguido controlar seus sentimentos e prováveis ressentimentos, o que se traduziu em uma escrita que podemos denominar de contida, como a análise que realizamos de suas obras demonstrou. Nelas, a busca pelo reconhecimento e pela valorização de suas observações, coletas e experimentos se sobrepuseram às percepções mais subjetivas, respeitando o desejo de narrar e de cumprir com o maior propósito da viagem, o de contribuir com os estudos da História Natural.

REFERÊNCIAS

Fontes

AZARA, Félix de. **Viajes por la América Meridional**. Tomos I e II. Buenos Aires: El Elefante Blanco, 1998.

DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de Los Abipones**. Tomos I e II. Argentina: Universidad Nacional del Nordeste, 1967.

EL LUCERO – Diario político, Literario y Mercantil, n. 272, 20 Agosto 1830.

EL LUCERO – Diario político, Literario y Mercantil, n. 273, 21 Agosto 1830.

EL LUCERO – Diario político, Literario y Mercantil, n. 278, 27 Agosto 1830.

ESTIGARRIBIA, Juan Vicente. [3 Jan. 1818] Relatório de gastos em duas enfermarias de 20 de outubro de 1817 até 3 de janeiro de 1818. Assunção, 3 de janeiro de 1818. Localização: ANA, Sección Nueva Encadernación, Vol. 2917, fl. 2.

ESTIGARRIBIA, Juan Vicente. [11 Mar. 1818] Relatório de gastos em duas enfermarias de 3 de janeiro de 1818 até 11 de março de 1818. Assunção, 11 de março de 1818. Localização: ANA, Sección Nueva Encadernación, Vol. 2917, fl. 19.

ESTIGARRIBIA, Juan Vicente. [3 Jun. 1818] Relatório de gastos em duas enfermarias de 12 de março de 1818 até 3 de junho de 1818. Assunção, 3 de junho de 1818. Localização: ANA, Sección Nueva Encadernación, Vol. 2917, fl. 38.

ESTIGARRIBIA, Juan Vicente. [26 Ago. 1818] Relatório de gastos em duas enfermarias de 12 de março de 1818 até 3 de junho de 1818. Assunção, 26 de agosto de 1818. Localização: ANA, Sección Nueva Encadernación, Vol. 2917, fl. 52.

FRANCIA: 1762 - 1840. Vol. I, II e III. Edición comentada, aumentada y corregida por Guido Rodríguez Alcalá, Margarita Durán Estragó, Martín Romano García. Asunción: Tiempo de Historia, 2009, 2010.

FRANCIA, José Gaspar Rodrigues de. Apuntamientos hechos á la obra de los señores Rengger y Longchamp, titulada “Ensayo historico sobre la revolucion del Paraguay y el Gobierno Dictatorial del doctor Francia”. In: **La Revista de Buenos Aires**. Ano VI, n. 58, p. 181-201, fevereiro, 1868.

FRANCIA, José Gaspar Rodrigues de. [18 Ago. 1818] Ordem para o Ministro da Fazenda abonar o soldo dos *abanderados* Federico Otazú, Tomás Gill y Juan Silvestre Rivas, ao cirurgião Juan Vicente Estigarribia, ao sangrador Enrique Carvallo e ao enfermeiro Leandro Silva. Assunção, 18 de agosto de 1818. Localização: ANA, Sección Nueva Encadernación, Vol. 2920, fl. 142.

FRANCIA, José Gaspar Rodrigues de. [19 Jul. 1830] Auto relativo al inventario de bienes de la sociedad de Juan Pérez Bernal y Alejandro García. In: **Francia: 1817-1830**. II Vol. Edición comentada, aumentada y corregida por Guido Rodríguez Alcalá, Margarita Durán Estragó, Martín Romano García. Asunción: Tiempo de Historia, 2009, p. 1070-1074.

INSTRUCCÃO para os viajantes e empregados nas colonias sôbre a maneira de colher, conservar, e remetter os objectos de historia natural. Arranjada pela administraçã do R. Museu de Historia Natural de Paris. Traduzida por ordem de Sua Magestade Fidelissima, expedida pelo Excellentissimo Ministro e Secretario de Estado dos Negócios do Reino do original francez impresso em 1818. Rio de Janeiro: Na Impressão Regia, 1819.

LOZANO, Pedro. **Descripcion Chorographica del Terreno, Rios, Arboles, y Animales de las dilatadifsimas Provincias del gran Chaco, Gualamba:** y de los Ritos, y Costumbres de las innumerables Naciones barbaras, è infieles, que le habitan: con una cabal Relacion Historica de lo que en ellas han obrado para conquiftarlas algunos Governadores, y Miniftros Reales: y los Miffioneros Jefuitas para reducir las á la Fé del verdadero Dios. Córdoba: Joseph Santos Balbás, 1733.

NECROLÓGIO, Johann Rudolf Rengger. In: **Verhandlungen der Allgemeinen Schweizerischen Gesellschaft für die Gesammten Naturwissenschaften**, n. 18, p. 146-152, 1833.

OETTLI-PORTA, Max. Johann Rudolf Rengger: 1795-1832. **Jahresschrift der Historischen Gesellschaft des Kantons Argovia**, Aarau, n. 65, p. 265-268, 1953.

RENGGER, Johann Rudolf; LONGCHAMP, Marcel. **Essai historique sur la révolution du Paraguay, et le gouvernement dictatorial du docteur Francia**. 2. Ed. Paris: Hector Bossange, 1827.

RENGGER, Johann Rudolf; LONGCHAMP, Marcel. **Historischer Versuch über die Revolution von Paraguay und die Dictatorial-Regierung von Dr. Francia:** ein Abschnitt der Reise nach Paraguay. Stuttgart; Tübingen: J. G. Cotta'schen Buchhandlung, 1827.

RENGGER, Johann Rudolf; LONGCHAMP, Marcel. **The Reign of Doctor Joseph Gaspard Roderick de Francia, in Paraguay; being an account of a six years residence in that republic, from July, 1819 – to May, 1825**. Londres: Thomas Hurst, Edward Chance & Co., 1827.

RENGGER, Johann Rudolf; LONGCHAMP, Marcel. **Ensayo Histórico sobre la revolución del Paraguay, y el gobierno dictatorial del Doctor Francia**. Paris: Imprenta de Moureau, [1827] 1828.

RENGGER, Johann Rudolf; LONGCHAMP, Marcel. **Il Dottor Francia ed il Paraguay**. Milão: Tipografia Pirotta e C., [1827] 1837.

RENGGER, Johann Rudolf. **Naturgeschichte der Säugethiere von Paraguay**. Basel: Schweighauserschen Buchhandlung, 1830.

RENGGER, Johann Rudolf. **Reise nach Paraguay:** in den Jahren 1818 bis 1826. Aarau: H.R. Sauerländer, 1835.

RENGGER, Johann Rudolf. **Viaje al Paraguay en los años 1816 a 1826**. Tradução, prólogo e comentários por Alfredo Tomasini e José Braunstein. Assunção: Tiempo de Historia, [1835] 2010. Tradução de Raise nach Pargauay in den Jahren 1818 bis 1826.

RENGGER, Albrecht. Breve bosquejo del currículum vitae del Dr. Johann Rudolf Rengger. In: RENGGER, Johann Rudolf. **Viaje al Paraguay en los años 1816 a 1826**. Tradução, prólogo e comentários por Alfredo Tomasini e José Braunstein. Assunção: Tiempo de Historia, [1835] 2010, p.19-41. Tradução de Raise nach Pargauay in den Jahren 1818 bis 1826. p. 19-41.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de São Paulo e Resumo das viagens do Brasil, província Cisplatina, e Missões do Paraguai**. São Paulo, Martins, 1945.

TOMÁS GILL, Juan. [11 Nov. 1825] Correspondência de Juan Tomás Gill a José Gaspar Rodrigues de Francia. Villa de Pilar de Ñeembucú y Curupayti, 11 de Noviembre de 1825. ANA, Sección Historia, Vol. 393, fl. 21.

Bibliografia

ABREU, Jean Luiz Neves. A Colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das 'luzes' e as informações sobre as enfermidades da América portuguesa. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 761-778, jul.-set. 2007.

ALBUQUERQUE-GARCÍA, Luis. El 'relato de viajes': hitos y formas en la evolución del género. **Revista de Literatura**, Madri, v. LXXIII, n. 145, p. 15-34, jan.- jun. 2011.

ALTAMIRANO, Carlos. Idéias para um programa de História intelectual. **Tempo Social**. São Paulo, v. 19, n. 1, p. 11-17, jan.- jun. 2007.

ALTEZ, Rogelio; CHUST, Manuel. Nuestro Largo siglo XIX. In: _____; _____. (Eds.). **Las Revoluciones en el largo siglo XIX latinoamericano**. Madri: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert; AHILA, 2015. p. 9-19.

ALVES DE BRITO, Thiago Macedo. Aproximações entre natureza, ciência e arte em Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**. João Pessoa, v. 7, n. 2, p. 05-23, jul.-dez. 2016.

AMADO, Jorge. **Mar Morto**. 80. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 15-36.

ARECES, Nidia R. El Paraguay durante el Gobierno del doctor Francia. In: _____; GONZÁLES DE BOSIO, Beatriz. **El Paraguay durante los gobiernos de Francia y de los López**. Assunção: El Lector, 2010. p. 13-69.

ARECES, Nidia R. De la Independencia a la Guerra de la Triple Alianza (1811-1870). In: TELESCA, Ignacio. (Coord.). **Historia del Paraguay**. 2. Ed. Assunção: Taurus, 2011. p. 149-197.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BARROS, José D'Assunção. Historicismo: notas sobre um paradigma. **Antíteses**, Londrina, v. 5, n. 9, p. 391-419, jan.-jul. 2012.

BENTIVOGLIO, Julio. Leopold von Ranke. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 133-154.

BERTRAND, Michel. De la familia a la red de sociabilidad. **Revista Mexicana de Sociología**, Cidade do México, v. 61, n. 2, p. 107-135, abr.-jun. 1999.

BOCCARA, Guillaume. Antropología política en los márgenes del Nuevo Mundo. Categorías coloniales, tipologías antropológicas y producción de la diferencia. In: GIUDICELLI, Christophe. (Ed.). **Fronteras Movidizas Clasificaciones coloniales y dinámicas socioculturales en las fronteras americanas**. México. CEMCA - El Colegio de Michoacán A. C., 2010. p. 103-135.

BOCCIA ROMANACH, Alfredo. Crónicas de viajes en el Paraguay independiente (1811 – 1869). In: ACADEMIA Paraguaya de Historia. **Historia Paraguaya**. Anuario de la Academia Paraguaya de Historia. v. L. Assunção: La Academia, 2010. p. 211-268.

BOCCIA ROMANACH, Alfredo. **Historia general del Paraguay**. El Paraguay independiente. Tomo II. Assunção: Fausto Ediciones, 2013.

BOCCIA ROMANACH, Alfredo; BOCCIA PAZ, Alfredo. **Historia de la medicina en el Paraguay**. Assunção: Servilibro, 2011.

BONATO, Tiago. **Viagem do olhar: relatos de viajantes e a construção do sertão brasileiro (1783-1822)**. Guarapuava: Unicentro, 2014.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 183-191.

BREZZO, Liliana M. La historiografía paraguaya: del aislamiento a la superación de la mediterraneidad. **Diálogos**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 157-175, jan.-dez. 2003.

BREZZO, Liliana M. ¿Aislamiento e independencia? Algunos pasos recientes de la historiografía en Paraguay. **Diálogos**, Maringá, v. 13, n. 3, p. 533-552, set.-dez. 2009.

BREZZO, Liliana M. La historia y los historiadores. In: TELESCA, Ignacio. (Coord.). **Historia del Paraguay**. 2ª Ed. Assunção: Taurus, 2011. p. 14-32.

BURKE, Peter. **A arte da conversação**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento: De Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BURKE, Peter. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. In: _____; HSIA, R. Po-chia. (Orgs.). **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 13-46.

CABALLERO CAMPOS, Herib. **El proceso de la Independencia del Paraguay, 1780-1813**. Assunção: El Lector, 2010.

CABALLERO CAMPOS, Herib. El Archivo Nacional de Asunción. In: SALINAS, María Laura; QUIÑONEZ, María Gabriela (Comp.). **Fuentes para la historia social: nuevas miradas y perspectivas**. Rosario: Didascalía, 2014. p. 321-329.

CANCINO, Hugo. (Coord.). **Los intelectuales latinoamericanos entre la modernidad y la tradición, siglos XIX y XX**. Cuadernos de Historia Latinoamericana, n. 11. Madri: AHILA; Iberoamericana; Vervuert, 2004.

CANCINO, Hugo. Introducción. In: _____. (Coord.). **Los intelectuales latinoamericanos entre la modernidad y la tradición, siglos XIX y XX**. Cuadernos de Historia Latinoamericana, n. 11. Madri: AHILA; Iberoamericana; Vervuert, 2004. p. 9-18.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDAU, Jöel. **Antropologia da Memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto (Org.). **O olhar**. São Paulo. Companhia das Letras, 1988. p. 347-360.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2. Ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2000.

CARDOZO, Efraím. **Historiografía Paraguaya**. Cidade do México: Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 1959.

CARDOZO, Efraím. **Paraguay Independiente**. 2ª Ed. Assunção: Industrial Gráfica Comunerros, 1988.

CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. Cesare Lombroso e Raimundo Nina Rodrigues entre as ciências do século XIX: o estudo do negro como criminoso. **Chaos e Kosmos**, Roma, n. XV, p. 1-23, 2014.

CASTRO, Demian Garcia. **Significados do conceito de paisagem: um debate através da epistemologia da geografia**. 2009. Disponível em: <www.pucsp.br/diamantino/paisagem>. Acesso em: 12 fev. 2017.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.

CERÍACO, Luis Miguel Pires; BRIGOLA, João Carlos Pires. Colecionismo naturalista na Évora do século XIX: as coleções como fundamento da teologia natural no discurso de frei Manuel do Cenáculo. In: GESTEIRA, Heloisa Meireles; CAROLINO, Luís Miguel; MARINHO, Pedro. (Orgs.). **Formas do Império: ciência, tecnologia e política em Portugal e no Brasil, século XVI ao XIX**. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 275-304.

CERTEAU, Michel de. Etno-grafia. A oralidade ou espaço de outro: Léry. In: _____. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 211-242.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 1 Vol. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CEZAR, Temístocles. Thevet e Léry: visão, crença e história no Brasil do século XVI. Ensaio sobre historiografia e relatos de viagens. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 37, p. 27-43, jan. -jun. 2005.

CHACHAM, Vera. O lugar da América na história. História natural, estado de natureza, objeto de cobiça dos homens. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 19, n. 30, p. 95-111, jul. 2003.

CHARLE, Christophe; VERGER, Jacques. **História das universidades**. São Paulo: UNESP, 1996.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. São Paulo: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 211-238.

CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros**. Brasília: Editora UNB, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

CHARTIER, Roger. “Escutar os mortos com os olhos”. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 7-30, set.-dez. 2010.

CHARTIER, Roger. História Intelectual do autor e da autoria. In: _____. FAULHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (Orgs.). **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012. p. 37-64.

CHARTIER, Roger; FAULHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (Orgs.). **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.

CHATEAUBRIAND, François-René de. Prefácio (Études Historiques). In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 119-131.

CHÁVES, Julio César. **El Supremo Dictador**. Assunção: El Lector, 1998.

CHUST, Manuel. La independencia en Hispanoamérica. Reflexiones, revisiones y cuestiones ante los Bicentenarios. **Anuario de Historia Regional y de las Fronteras**, Bucaramanga, v. 12, n. 1, p. 385-414, jan.-dez. 2007.

COLOMBI NICOLA, Beatriz. El viaje y su relato. **Latinoamérica**, Cidade do México, n. 43, p. 11-35, jul. -dez. 2006.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

COONEY, Jerry Wilson. Las diversas caras de “El Supremo”: historiadores, historia y el Doctor Francia. In: ACADEMIA Paraguaya de la Historia. **Historia Paraguaya**. Anuario de la Academia Paraguaya de Historia. v. XLV. Assunção: La Academia, 2005, p. 359-388.

CORBIN, Alain. **El perfume o el miasma**. El olfato y lo imaginario social. Siglos XVIII y XIX. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

CORRÊA, Dora Shellard. Historiadores e cronistas e a paisagem da colônia Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 63-87, jan.-jun. 2006.

CORRÊA, Dora Shellard. Descrições de paisagens: construindo vazios humanos e territórios indígenas na capitania de São Paulo ao final do século XVIII. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p. 135-152, jan.-jun. 2008.

CORRÊA, Dora Shellard. História ambiental e a paisagem. **Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña - HALAC**, Belo Horizonte, v. III, n. 1, p. 47-69, jan.-jun. 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 92-122.

COSGROVE, Denis. Observando la naturaleza: el paisaje y el sentido europeo de la vista. **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles**, Madrid, n. 34, p. 63-89, jul.-dez. 2002.

CUETO, Marcos; PALMER, Steven. **Medicina e Saúde Pública na América Latina: uma história**. Rio de Janeiro: Editora. FIOCRUZ, 2016.

DANTES, Maria Amélia M. Introdução: uma história institucional das ciências no Brasil. In: _____ (Org.). **Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. p. 13-22.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DARNTON, Robert. **Censores em ação**: como os Estados influenciaram a literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DAUNOU, Pierre. Discurso de abertura do Curso de História pronunciado no Collège de France em 13 de abril de 1819. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 72-89.

DE CRISTÓFORIS, Nadia Andrea. Extranjeros, nativos y ciudadanos en las miradas de los viajeros de mediados del siglo XIX. In: FERNÁNDEZ, Sandra R.; REGUERA, Andrea (Orgs.). **Imágenes en plural**. Miradas, relatos y representaciones sobre la problemática del viaje y los viajeros. Rosário: Protohistoria Ediciones, 2010. p. 111-131.

DE LA MORA, Rogelio V.; CANCINO, Hugo (Coords.). **La historia intelectual y el movimiento de las ideas en América Latina, siglos XIX-XX**. Veracruz: Universidad Veracruzana, 2015.

DEL VALLE, Ivonne. **Escribiendo desde los márgenes**: colonialismo y jesuitas en el siglo XVIII. Cidade do México: Siglo XXI, 2009.

DEPETRIS, Carolina. La literatura en la ciencia: un oscilante equilibrio. **Elementos**, Puebla, v. 22, n. 100, p. 7-14, out.-dez. 2015.

DIOGO, Maria Paula; AMARAL, Isabel Maria. Introdução. In: _____; _____ (Coords.) **A outra face do império: ciência, tecnologia e medicina (Séc. XIX e XX)**. Lisboa, Colibri, 2012. p. 7-16.

DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 15-31.

DOSSE, François. **A história**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

EDLER, Flavio Coelho. Medicina tropical: uma ciência entre a Nação e o Império. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Orgs.). **Ciência, civilização e república nos trópicos: 1889-1930**. Rio de Janeiro: Muad X; Faperj, 2010. p. 339-356.

EDLER, Flavio Coelho. **A Medicina no Brasil Imperial**: clima, parasitas e patologia tropical. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.

EHRENSPERGER, Peter Christoop von. Chronik der ANG 1811-1986. **Mitteilungen der aargauischen Naturforschenden Gesellschaft**. Aarau, n. 31, p. 457-469, 1986.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume 1**: uma história dos costumes. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. Ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 322-361.

FALCON, Francisco. História das Ideias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FARIA, Frederico Felipe de Almeida. **Georges Cuvier e a instauração da Paleontologia como ciência**. 2010. 212 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2010.

FARIA, Frederico Felipe de Almeida. A carta de Cuvier à J.-C. Mertrud: uma introdução à Anatomia Comparada. **Filosofia e História da Biologia**. São Paulo, v. 8, n. 3, p. 475-491, jan.-jun. 2013.

FAULHABER, Priscila. Uma leitura da história do autor e da autoria. In: CHARTIER, Roger; _____; LOPES, José Sérgio Leite. (Orgs.). **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012. p. 25-35.

FEBVRE, Lucien. O homem do século XVI. **Revista de História**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 3-17, mar. 1950.

FERNÁNDEZ, Sandra R.; REGUERA, Andrea (Orgs.). **Imágenes en plural**. Miradas, relatos y representaciones sobre la problemática del viaje y los viajeros. Rosario: Protohistoria, 2010.

FERREIRO, Oscar. Naturalistas en el Paraguay. **Revista de la Sociedad Científica del Paraguay**. Assunção, Tomo VIII, n. 2, p. 53-69, abr. 1965.

FILHO, Pedro Holanda. Um fenômeno do além-túmulo: as sensibilidades relacionadas à experiência da morte em Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH-Rio, 16., 2014, Rio de Janeiro - RJ. **Saberes e práticas científicas**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; USU, 2014. v. 1. p. 1-18. Disponível em: <http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400181514_ARQUIVO_TRAB_COMPLETO_Pedro.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2018.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. **Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII)**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014.

FRANCO, Stella Maris Scatena. **Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no Século XIX**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz: EDUNISC, 2008.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; _____ (Orgs.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa Vol. II**. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2011. p. 62-86.

FRANÇOZO, Mariana de Campos. **De Olinda a Holanda: O gabinete de curiosidades de Nassau**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

FURLONG, Guillermo, S.J. **Cartografía Jesuítica del Río de la Plata**. Tomos I e II. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 1936.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GALEANO, Luis A. Los campesinos y la lucha por la tierra. In: TELESKA, Ignacio (Coord.). **Historia del Paraguay**. 2ª Ed. Assunção: Taurus, 2011. p. 357-374.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos: la literatura en segundo grado**. Madri: Taurus, 1989.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006.

GERBI, Antonello. **O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750 – 1900)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GIUDICELLI, Christophe. Las tijeras de San Ignacio: Misión y clasificación en los confines coloniales. In: WILDE, Guillermo. (Ed.). **Saberes de la Conversión**. Jesuitas, indígenas e Imperios coloniales en las fronteras de la cristiandad. Buenos Aires. SB., 2011. p. 347-373.

GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GÓMEZ, Leila. **Iluminados y tráfugas: relatos de viajeros y ficciones nacionales en Argentina, Paraguay y Perú**. Madri: Iberoamericana Editorial; Frankfurt: Vervuert, 2009.

GONZÁLEZ DE BOSIO, Beatriz. El Paraguay bajo el Gobierno de los López. In: ARECES, Nidia R.; _____. **El Paraguay durante los gobiernos de Francia y de los López**. Assunção: El Lector, 2010. p. 71-138.

GONZÁLES TORRES, Dioniso María. **Temas médicos**. Historia de la medicina en el Paraguay. Vol. VII. 2. Ed. Assunção: Imprenta Nacional, 1968.

GONZÁLES TORRES, Dioniso María. **Boticas de la Colonia**. Y cosecha de hojas dispersas. 2. Ed. Assunção: Casa América, 1978.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Divisas Coloradas: Radicais e Federalistas na Formação dos Estados Nacionais, Espaço Platino (1811-1828). In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA - ANPUH RS, 12., 2014, São Leopoldo: **História, Verdade e Ética**. São Leopoldo: UNISINOS, 2014. v. 1. p. 1-19. Disponível em: <http://www.eeh2014.anpuh-rs.org.br/resources/anais/30/1405390306_ARQUIVO_DIVISAS-ANAIS.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 391-413, jul.-out. 2000.

HARTMANN, Adolf. Geschichte der Aargauischen Naturforschenden Gesellschaft während des ersten Jahrhunderts ihres Bestandes. **Mitteilungen der aargauischen Naturforschenden Gesellschaft**. Aarau, n. 12, p. 8-31, 1911.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HARTOG, François. **Evidência da História**: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HIRSCH, August. "Emmert, August Gottfried Ferdinand". In: **Allgemeine Deutsche Biographie**. Vol. 6, p. 88, 1877. Disponível em: <<https://www.deutsche-biographie.de/gnd116471107.html#adbcontent>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

HIRSCH, August. "Gmelin, Ferdinand von". In: **Allgemeine Deutsche Biographie**. Vol. 9, p. 267, 1879. Disponível em: <<https://www.deutsche-biographie.de/gnd10014974X.html#adbcontent>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HUMBOLDT, Alexander von. **Cosmos**: ensayo acerca de una descripción física del mundo. Vol. II. Traduzido por Bernard Giner y Jose Fuentes. Madrid: Imprenta de Gaspar y Roig. Editores, 1874.

ISABELLE, Arsène. **Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul**. Brasília: Senado Federal, 2006.

JACINTO, Guillermina Paula. Imágenes territoriales. La reconstrucción de los lugares a través de la mirada del viajero. In: FERNÁNDEZ, Sandra R.; REGUERA, Andrea (Orgs.). **Imágenes en plural**. Miradas, relatos y representaciones sobre la problemática del viaje y los viajeros. Rosario: Protohistoria, 2010. p. 79-92.

JÚNIOR, Euler Sandevile. Paisagem. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n. 20, p. 47-60, jul.-dez. 2005.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: _____; FRANCO, Stella Maris Scatema (Orgs.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa Vol. II**. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2011. p. 44-61.

KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. Traduzido por Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

KERN, Daniela. Pierre Daunou. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de História**: o caminho da ciência no longo século XIX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 63-72.

KLÜPFEL, Karl. "Kielmeyer, Karl Friedrich von". In: **Allgemeine Deutsche Biographie**. Vol. 15, p. 721-723, 1882. Disponível em: <<https://www.deutsche-biographie.de/gnd119018527.html#adbcontent>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

KNAUSS, Paulo; CEZAR, Temístocles. O historiador e o viajante: itinerário do Rio de Janeiro a Jerusalém. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. p. 7-21.

KONSTAN, David. Ressentimento – história de uma emoção. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 59-81.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. VIII (suplemento), p. 863-880, 2001a.

KURY, Lorelai. Entre utopia e pragmatismo: a história natural no iluminismo tardio. In: SOARES, Luiz Carlos (Org.). **Da Revolução Científica à Big (Business) Science: Cinco Ensaio de História da Ciência e da Tecnologia**. São Paulo: HUCITEC; Niterói: EdUFF, 2001b. p. 105-153.

KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 11 (suplemento 1), p. 109-129, 2004.

KURY, Lorelai. Saint-Hilaire: viagem e botânica filosófica. In: GESTEIRA, Heloisa Meireles; CAROLINO, Luís Miguel; MARINHO, Pedro. (Orgs.). **Formas do Império: ciência, tecnologia e política em Portugal e no Brasil, século XVI ao XIX**. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 305-330.

LAFUENTE, Antonio; CATALÁ, José Sala. **Ciencia colonial en América**. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Naturalistas viajantes. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. I, n. 2, p. 7-19, fev. 1995.

LEITNER, R M C. et al. Historia del tratamiento de la sífilis. **Revista Argentina de Dermatología**, Buenos Aires, v. 88, n. 1, p. 6-19, jan.-mar. 2007.

LIMA, Damaris Pereira Santana. **O Intelectual exilado em Augusto Roa Bastos**. 2013. 192 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2013.

LISBOA, Karen Macknow. **A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

LORENZ, Karl M. A zoologia filosófica no Brasil: explorando as modernas correntes do pensamento científico no Collégio de Pedro II em meados do século XIX. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 133-158. jan.-abr. 2007.

LORIGA, Sabrina. A biografia como problema. In: REVEL, Jaques (Org.) **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 225-249.

LYNCH, John. **Las Revoluciones Hispanoamericanas: 1800-1826**. Barcelona: Ariel, 1976. p. 14.

MALERBA, Jurandir. Prefácio. In: _____ (Org.). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 7-14.

MARTÍN, Pere Sunyer. Humboldt en los Andes de Ecuador. Ciencia y Romanticismo en el descubrimiento científico de la montaña. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 4, n. 58, p. 1-15. jan.-dez. 2000.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

MARTINS, Jefferson Teles. **O Instituto Histórico e Geográfico e o espaço social dos intelectuais: trajetória institucional e estudo das redes de solidariedade (e conflitos) entre intelectuais (1920-1956)**. 2015. 279 f. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2015.

MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos viajantes: O olhar britânico (1800-1850)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MELIÀ, Bartomeu. Historia de la lengua guaraní. In: TELESCA, Ignacio (Coord.). **Historia del Paraguay**. 4ª Ed. Assunção: Taurus, 2012.

MELIÀ, Bartomeu; SAUL, Marcos Vinícios de Almeida; MURARO, Valmir Francisco. **O Guaraní: uma bibliografia etnológica**. Santo Ângelo: Fundação Missioneira de Ensino Superior, 1987.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89 -103, jan.-jun. 1998.

MICHEAU, Françoise. A idade do ouro da medicina árabe. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **As doenças têm História**: Lisboa: Terramar, 1985. p. 57-77.

MINDLIN, José. E. Viajantes no Brasil: viagem em torno de meus livros. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 35-54, jan.-jul. 1991.

MOURA-FÉ, Marcelo Martins de. Historicidade e contemporaneidade do conceito de paisagem. **Tamoios**, São Gonçalo, Ano 10, n. 2, p. 101-114, jul.-dez. 2014.

MURARI, Luciana. **Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)**. São Paulo: Alameda, 2009.

MURARI, Luciana. “O ambiente perdido do distante sertão”: homem e natureza na prosa de Bernardo Élis. In: SILVA, Sandro Dutra e; SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero. (Orgs.). **Vastos sertões: história e natureza na ciência e na literatura**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015. p. 267-285.

NATURALISTA. In: INSTITUTO de Investigación Rafael Lapesa de la Real Academia Española. **Mapa de diccionarios 1817**. Disponível em: < <http://web.frl.es/ntllet>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

NAVARRETE, Eduardo. Construção e funcionamento do Autor: Barthes, Foucault e Chartier. **Revista Urutágua**, Maringá, n. 27, p. 95-111, nov. 2012.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil**. Brasília: Editora UnB, 2004.

NICOULIN, Martin. **A Gênese de Nova Friburgo: Emigração e colonização suíça no Brasil (1817-1827)**. Rio de Janeiro: Fundação da Biblioteca Nacional, 1995.

NOELLI, Francisco Silva; FERREIRA, Lúcio Menezes. A persistência da teoria da degeneração indígena e do colonialismo nos fundamentos da arqueologia brasileira. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1239-1264. set.-dez. 2007.

OLIVEIRA, Daniel. Doença ou estigma social? Enfermos venéreos em hospitais de Porto Alegre no final do século XIX. **Revista Historiador**, Porto Alegre, n. 2, Ano 2, p. 57-78, dez. 2009.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Do testemunho à prova documental: o momento do arquivo em Capistrano de Abreu. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (Org.). **Estudos sobre a escrita da História**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. p. 216-239.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. Elementos para uma sociologia dos viajantes. In: _____ (Org.). **Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987. p. 84-148.

PALTI, Elías J. La nueva historia intelectual y sus repercusiones en América Latina. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 11, n. 3, p. 297-305. set.-dez. 2007.

PAREDES, Rogelio C. Introducción. Dominio y reflexión, o los sutiles caminos del mestizaje. In: GANDINI, María Juliana. et al. **Dominio y reflexión**. Viajes reales y viajes imaginarios en la modernidad temprana (siglos XV a XVIII). Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2011. p. 5-23.

PAYEN, Pascal. A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança? **História da historiografia**. Mariana, n. 6, p. 103 -122. jan.-jun. 2011.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. **A viagem como vocação: Itinerários, Parcerias e Formas de Conhecimento**. São Paulo: Fapesp; Editora Universidade de São Paulo, 2015.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. “Las cosas singulares de piedras, animales, plantas”: La formación y el funcionamiento de la red imperial española de remesas científicas en el Virreinato del Río de la Plata. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 91-138, jan. – jun. 2013.

PESTRE, Dominique. Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. **Cadernos IG/UNICAMP**, Campinas, v. 6, n. 1, p. 3-56, 1996.

PIERINI, Margarita. La mirada y el discurso: la literatura de viajes. In: PIZARRO, Ana (Org.). **América Latina: palavra, literatura e cultura**. 2 Vol. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994. p. 161-183.

PIMENTA, Pedro Paulo Garrido. A antropologia na encruzilhada. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, São Paulo, n. 9, p. 127-140, jan.-jun. 2007.

PIMENTEL, Juan. **Testigos del mundo**. Ciencia, literatura y viajes en la Ilustración. Madrid: Marcial Pons Historia, 2003.

PINTO, João da Rocha. **A Viagem: Memória e Espaço - A Literatura Portuguesa de Viagens**. Os Primitivos Relatos de Viagens ao Índico, 1497-1550. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul.-dez. 1992.

PRADO, Maria. Lígia Coelho. **América Latina no século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo: EDUSP; Bauru: EDUSC, 1999.

PRAIA, Felipe Schulz. **Para que cada Pueblo se gobierne por si: modernidade política e atores indígenas na região do Rio da Prata (1810-1821)**. 2017. 135 f. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2017.

PRATT, Mary Louise. Humboldt e a reinvenção da América. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p.151-165, jul.-dez. 1991.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império**. Relatos de viagem e transculturação. São Paulo: Edusc, 1999.

PUIG-SAMPER, Miguel Ángel; Las expediciones científicas españolas en el siglo XVIII. **Canelobre**, Alicante, n. 57, p. 20-41, jan.-dez. 2011.

RAISE. In: GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Deutsches Wörterbuch**. Leipzig: S. Hirzel, 1854-1961. Disponível em: <<http://www.woerterbuchnetz.de/DWB?lemma=reise>>. Acesso em: 21 set. 2017.

- RAISEN. In: GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Deutsches Wörterbuch**. Leipzig: S. Hirzel, 1854-1961. Disponível em: <<http://www.woerterbuchnetz.de/DWB?lemma=reisen>>. Acesso em: 21 set. 2017.
- RAMELLA, Lorenzo; PARRET, Patrick. Las colecciones de Johann Rudolph Rengger (1795-1832) en Argentina, Brasil y Paraguay. I. Enumeración y características. **Candollea**. Ginebra, v. 66, n. 1, p. 215-220, jan.-jun. 2011a.
- RAMELLA, Lorenzo; PARRET, Patrick. Las colecciones de Johann Rudolph Rengger (1795-1832) en Argentina, Brasil y Paraguay. II. Elementos biográficos y bibliografía. **Candollea**. Ginebra, v. 66, n. 2, p. 426-433, jul.-dez. 2011b.
- RAMELLA, Lorenzo; PARRET, Patrick. Las colecciones de Johann Rudolph Rengger (1795-1832) en Argentina, Brasil y Paraguay. III. Tipificación de los nombres descritos a partir de los herbarios Rengger. **Candollea**. Ginebra, v. 67, n. 2, p. 349-363, jul.-dez. 2012.
- RAMINELLI, Ronald. Viagens e inventários. Tipologia para o período colonial. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 32, p. 27-46, jan.- jun. 2000.
- REGUERA, Andrea. La experiencia del reconocimiento. Las miradas de los viajeros y las representaciones de los viajes. In: FERNÁNDEZ, Sandra R.; _____ (Orgs.). **Imágenes en plural**. Miradas, relatos y representaciones sobre la problemática del viaje y los viajeros. Rosário: Protohistoria Ediciones, 2010. p. 15-27.
- REGUERA, Andrea. Objetividad y subjetividad – la biografía y su capacidad de explicación histórica. In: MARTINS, Maria Cristina Bohn; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (Orgs.). **Uma história em escalas**. A microanálise e a historiografia latino-americana. São Leopoldo; Oikos; Editora Unisinos, 2012. p. 73-94.
- REICHEL, Heloisa Jochims. Relatos de viagens como fonte histórica para estudo de conflitos étnicos na região platina (séc. XIX). In: VÉSCIO, Luiz Eugênio; SANTOS, Pedro Brum (Orgs.). **Literatura e História: perspectivas e convergências**. Bauru: EDUSC, 1999. p. 55-77.
- REIS, Ivoni Freitas. Um mapa da medicina antiga: Entre a cura através dos contrários e a cura através dos semelhantes. **Revista de historia de la medicina y epistemología médica**, - Buenos Aires, v. I, n. 1, p. 1-14, jan.-jun. 2009.
- REIS, José Carlos. O Historicismo: a redescoberta da história. **Locus – Revista de História**. Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 9 -27, jan.-jun. 2002.
- RÉMOND, René. Uma história presente. In: _____ (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 13-36.
- RÍOS ZAVALA, Denise; BENÍTEZ, Jorge Manuel. Una reflexión epistemológica sobre la historiografía francista. **Revista Paraguay desde las Ciencias Sociales**, Buenos Aires, n. 6, p. 100-108, jan.-dez. 2015.
- ROA BASTOS, Augusto. **Yo el Supremo**. Assunção: El Lector, 2003.

ROSA, Bruno Chepp da. **Redefinindo um conceito: a sífilis sob o olhar do médico oitocentista e sob a pele do povo da capital da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (1843-1853)**. 2016. 93 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em História) – Curso de Licenciatura em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2016.

ROSEN, George. **Da polícia médica à medicina social: ensaios sobre a história da assistência médica**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

ROSEN, George. **Uma história da saúde pública**. São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 1994.

ROSSI, Paolo. **O nascimento da ciência moderna na Europa**. Bauru: EDUSC, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Júlia ou a Nova Heloísa**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SÁ, Magali Romero. A ciência, as viagens de coleta e as coleções: medicina tropical e o inventário da história natural na Primeira República. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Orgs.). **Ciência, civilização e república nos trópicos: 1889-1930**. Rio de Janeiro: Muad X; Faperj, 2010. p. 227-244.

SAFIER, Niel. Natureza narrada: representando o mundo natural nas expedições setecentistas. In: Furtado, Júnia Ferreira (Org.). **Sons, Formas, Cores e Movimentos na Modernidade Atlântica: Europa, Américas e África**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig; PPGH-UFMG, 2008. p. 293-317.

SAFIER, Niel. Como era ardiloso o meu francês: Charles-Marie de la Condamine e a Amazônia das Luzes. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 29, n. 57, p. 91-114, jan.-jun. 2009.

SAID, Edward Wadie. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 289-310, jul.-dez. 2002.

SALLAS, Ana Luisa Fayet. Narrativas e imagens dos viajantes alemães no Brasil do século XIX: a construção do imaginário sobre os povos indígenas, a história e a nação. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 415-435, abr.-jun. 2010.

SANTOS, Cláudia. **Narrativas de viagem e escrita da história: os franceses no processo abolicionista brasileiro (1850-1899)**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª Ed. 2ª Reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história. Problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 37-58.

SELLÉS, Manuel; PESET, José Luis; LAFUENTE, Antonio (Orgs.). **Carlos III y la ciencia de la Ilustración**. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

SERRATO, Andrés Felipe. **Pedro de Angelis y el diario El Lucero (1829-1833)**. Pensamiento ilustrado, política y sociedad en Buenos Aires. 2016. 92 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas Espanhola e Latinoamericana) – Maestría en Literaturas Española y Latinoamericana, Universidade de Buenos Aires (UBA), Buenos Aires, 2016.

SILVA, Clarete Paranhos da. **O desvendar do grande livro da natureza: um estudo do mineralogista José Vieira Couto, 1798-1805**. São Paulo: Annablume; Campinas: Unicamp, 2002.

SILVA, Sued Ferreira da; CRUZ, Luciana Saboia Fonseca; MEDEIROS, Ana Elizabete. Poéticas da paisagem: do sublime ao pitoresco no movimento *Land Art*. **Revista Estética e Semiótica**. Brasília, v. 6, n. 1, p.175-195, jan.-jun., 2016.

SILVA, Vicente de Paulo da. Paisagem: concepções, aspectos morfológicos e significados. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 19, n. 1, p. 199-215, jun. 2007.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. **As terras inventadas: discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton**. São Paulo: UNESP, 2003.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

SOMELLERA, Pedro. Notas del doctor don Pedro Somellera, sobre la parte del Ensayo Historico Relativo á la Revolucion del Paraguay. In: RENGGER, Johann Rudolf; LONGCHAMP, Marcel. **Ensayo Histórico sobre la revolución del Paraguay**. Edicion Especial precedida de la biografía del tirano Francia, y continuada con algunos documentos y observaciones históricas. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, [1827] 1883. p. 185-218.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TELESCA, Ignacio (Coord.). **Historia del Paraguay**. 2ª Ed. Assunção: Taurus, 2011.

TELESCA, Ignacio. Afrodescendientes: esclavos y libres. In: _____ (Coord.). **Historia del Paraguay**. 2ª Ed. Assunção: Taurus, 2011. p. 337-355.

TELESCA, Ignacio. La historiografía paraguaya y los afrodescendientes. In: LECHINI, Gladys (Ed.). **Los estudios afroamericanos y africanos en América Latina: herencia, presencia y visiones del otro**. Córdoba: CENTRO de Estudios Avanzados, Programa de Estudios Africanos; Buenos Aires: CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2008. p. 165-186.

TELESCA, Ignacio. Estado e povos indígenas no Paraguai do século XIX. **Escritas**, Araguaína, v. 9, n. 2, p. 168-193, jul.-dez. 2017.

THEODORO, Janice. Memória e esquecimento: nos limites da narrativa. **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 135, p. 61-73, out.-dez. 1998.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800**. São Paulo; Companhia das Letras, 1996.

TODOROV, Tzvetan. **As Morais da História**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1991.

TOMASINI, Alfredo; BRAUNSTEIN, José. Juan Rengger en el ojo del gigante. Prefacio a la edición en castellano. In: RENGGER, Johann Rudolf. **Viaje al Paraguay en los años 1816 a 1826**. Tradução, prólogo e comentários por Alfredo Tomasini e José Braunstein. Assunção: Tiempo de Historia, [1835] 2010. Tradução de Raise nach Pargauay in den jahren 1818 bis 1826. p. 9-16.

VÁZQUEZ, Fabricio. Las nuevas regiones. In: TELESCA, Ignacio (Coord.). **Historia del Paraguay**. 2ª Ed. Assunção: Taurus, 2011. p. 33-47.

VIAGEM. In: SILVA, António de Moraes. **Diccionario da lingua portuguesa: recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado**. Vol. 2. Lisboa: Lacerdina, 1813, p. 849.

VIAJANTE. In: REAL Academia Española. **Diccionario de la lengua castellana por la Real Academia Española**. 7ª Ed. Madri: Imprenta Real. 1832, p. 765.

VIAJANTE. In: SILVA, António de Moraes. **Diccionario da lingua portuguesa: recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado**. Vol. 2. Lisboa: Lacerdina, 1813, p. 849.

VIAJE. In: REAL Academia Española. **Diccionario de la lengua castellana por la Real Academia Española**. 7ª Ed. Madri: Imprenta Real. 1832, p. 765.

VIAJERO. In: REAL Academia Española. **Diccionario de la lengua castellana por la Real Academia Española**. 7ª Ed. Madri: Imprenta Real. 1832, p. 765.

VILLAR, Diego. “RENGGER Johann Rudolph, *Viaje al Paraguay en los años 1818 a 1826*”. **Journal de la société des américanistes**, Paris, v. 97, n. 2, p. 410-413, jul.-dez. 2011.

VIOLA, Alfredo. **Doctrina, economía, obras públicas y la iglesia durante la Dictadura del Dr. Francia**. Assunção: Clásicos Colorados, 1984.

VIOLA, Alfredo. **Dr. José Gaspar Rodríguez de Francia**. Defensor de la independencia del Paraguay. 2. Ed. Assunção: Servilibro, 2009.

VOIT, Carl. "Autenrieth, Ferdinand von". In: **Allgemeine Deutsche Biographie**. Vol. 1, p. 695-696, 1875. Disponível em: <<https://www.deutsche-biographie.de/gnd116388439.html#adbcontent>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

VOLTAIRE. História. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 42-62.

VOYAGE. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome Second L=Z. Paris: Paul Dupont, 1835. p. 766-767.

VOYAGER. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**. Tome Second L=Z. Paris: Paul Dupont, 1835. p. 767.

WASSERMAN, Fabio. Revolución. In: GOLDMAN, Noemí. **Lenguaje y revolución: conceptos políticos clave en el Río de la Plata, 1780-1850**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008. p. 159-174.

WHITE, Richard Alan. **La primera revolución popular en América**. Paraguay (1810 – 1840). Assunção: Carlos Schauman editor, 1989.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WITTMANN, Reinhard. ¿Hubo una revolución en la lectura a finales del siglo XVIII? In: CAVALLLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). **Historia de la lectura en el mundo occidental**. 2 Ed. Madri: Taurus, 2004. p. 495-537.

WULF, Andrea. **A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt**. São Paulo: Planeta, 2016.

ZEISSIG, Hans. **Neuer Geschichts- und Kulturatlas**. Von der Urzeit zur Gegenwart. Frankfurt; Berlim; Hamburgo; Munique: Atlantik-Verlag Paul List, 1954. p. 93.

ZERMEÑO, Guillermo. La historia, una ciencia de Estado. Notas sobre la función social del historiador en México en el siglo XIX. In: CANCINO, Hugo. (Coord.). **Los intelectuales latinoamericanos entre la modernidad y la tradición, siglos XIX y XX**. Cuadernos de Historia Latinoamericana, n. 11. Madri: AHILA; Iberoamericana; Vervuert, 2004. p. 19-33.

ZÜRICH Herbaria e Eidgenössische Technische Hochschule Zürich (ETHZ). Espécie *Cuphea pterosperma* Koehne. Coleção Rengger. Disponível em: <<http://www.herbarien.uzh.ch/en/belegsuche.html>>. Acesso em: 23 maio 2018.